

**10 000 Milhas
para Te
Encontrar —
Bali #2**

Mercedes Ron

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

**10 000 Milhas
para Te
Encontrar —
Bali #2**

Mercedes Ron

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

MERCEDES RON

DA AUTORA DE CULPA MINHA

2 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

10 000 MILHAS

PARA TE

Encontrar

BALI #2

 PRESENÇA

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

MERCEDES RON

DA AUTORA DE *CULPA MINHA*

2 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

10 000 MILHAS

PARA TE
Encontrar

BALI #2

 PRESENÇA

Título: *10 000 Milhas para Te Encontrar – Bali #2*

Título original: *10.000 millas para encontrarte (Bali #2)* Autora:
Mercedes Ron

Copyright © 2023, Mercedes Ron

Copyright © 2023, Penguin Random House Grupo Editorial S. A. U.,
Travessera de Gràcia, 47-49, Barcelona 08021

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2024

Tradução: *Isabel Andrade*

Revisão: *Filipa Soares/Editorial Presença* Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *So a Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição em papel, Lisboa, setembro, 2024

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Para a minha irmã Belén, que lutou para que esta história visse a luz do dia.

PRÓLOGO

Recostado em cima da cama, o olhar perdido revelava que algo o preocupava. Mesmo que tivesse acabado de se divertir com uma rapariga linda com umas pernas compridas e umas curvas incríveis. A preocupação que começara a sentir há dois meses intensificava-se à medida que o lho dos Lenox se aproximava perigosamente da verdade.

Pegou no telemóvel que estava em cima da mesa de cabeceira e pesquisou o seu nome na Internet. Recentemente, tornara-se público que ele seria nomeado o novo diretor-geral da Lenox Executive Aviation, e, do que tinha conseguido averiguar, o lho não tinha muito que ver com o pai, Richard Lenox.

Não havia dúvidas de que não demorariam muito a conhecer-se.

Embora mentisse a quem lhe perguntasse, dizendo que esperava ansiosamente por aquele momento... Algo dentro de si lhe dizia que, daquela vez... Daquela vez, as coisas não se resolveriam com a contratação de um bom assassino.

O Alexander Lenox não era como o irmão... E a ameaça que pairava sobre ele tinha provocado o inconcebível: conseguira tirar-lhe o sono.

CAPÍTULO 1

NIKKI

Nos meus olhos, re etia-se a luz das chamas que ardiam à minha frente.

Fiquei imóvel a ver como o corpo do meu tio Kadek era engolido pelas chamas e, ao meu lado, senti a minha avó a tremer, sacudida pelo choro. No hinduísmo, os corpos dos mortos são cremados para ajudar as almas a reencarnar numa nova vida. Acredita-se que o fogo é sinónimo de puri cação e libertação, e, por um instante, quis acreditar nisso com todas as minhas forças.

Ao meu lado, os meus amigos continham a respiração perante o que era, sem dúvida, um ritual ao qual não estavam habituados.

Acreditava-se que a morte não devia ser uma coisa triste, pelo menos neste canto do mundo. Em Bali, acreditamos na reencarnação, celebramos a morte e recordamos os falecidos com grandes banquetes...

Nunca, em toda a minha vida, odiei tanto a religião como naquele momento.

Estava completamente destroçada... O meu coração só conseguia acolher tristeza e um ódio in nito por quem decidira que me devia ser novamente arrancado aquele que, sem a menor dúvida, tinha sido como um pai para mim.

Os médicos que o encontraram disseram que tinha sido um enfarte...

Um «enfarte»... Seria eu a culpada? Teria a minha rebeldia quando me fui embora com o Alex feito com que o meu tio morresse de um ataque cardíaco?

Não podia pensar nisso. Não podia pôr essa cruz em cima dos meus ombros, não se queria conseguir superar a perda, não se não queria que a culpa me devorasse completamente. Mas havia qualquer coisa dentro de mim que não conseguia parar de pensar no que teria acontecido se eu tivesse estado ao seu lado, ao pé dele...

E não era só eu: a ilha inteira também estava mergulhada na tristeza.

O seu líder tinha morrido e bastava-me olhar para os dois lados para comprovar que o meu tio tinha sido prezado e respeitado ao longo dos anos. Praticamente todos os habitantes da ilha estavam ali para se despedir dele.

De acordo com as tradições do hinduísmo, durante dez dias após o funeral, devíamos andar de luto. Os homens não podiam cortar o cabelo nem fazer a barba, e as mulheres também não podiam lavar o cabelo, ir a templos ou a lugares sagrados.

Optei por me fechar em casa.

Decidi deixar-me consumir pelo medo e pela tristeza e afastei todos aqueles que tentaram impedir-me de o fazer. A única razão pela qual me levantava da cama era para ir visitar a minha avó, que, aos oitenta anos, acabava de viver o que era perder os seus dois únicos lhos.

Ajoelhávamo-nos e rezávamos juntas... Quer dizer, ela rezava, e eu... Tentava perceber que, numa questão de horas, a minha vida tinha mudado de uma forma tão drástica.

Depois da morte do meu tio, só tinha conseguido parar para pensar no que tinham sido as minhas últimas horas com aquele homem irresistível que tinha levado consigo uma parte do meu coração. Tentei com todas as minhas forças guardar o Alex e as suas verdades numa

gaveta fechada à chave num compartimento da minha mente que só abriria quando estivesse preparada. Porém, apesar de o guardar muito fundo, as recordações, as suas palavras, as suas carícias e os seus beijos também surgiam todos os dias no meu subconsciente,

consolando-me como sabia ou acreditava que ele faria se estivesse comigo.

No entanto, era apenas imaginação minha. Não tínhamos voltado a falar.

Para quê?

Ele tinha-se ido embora, e eu tinha de enfrentar a segunda maior desgraça que acabara de atingir a minha família. Não havia nada sobre o que falar.

No princípio, ainda me escreveu, mas, com tudo o que aconteceu, assim que regressei à ilha, quando li as suas mensagens, já era tarde para tentar manter algo que claramente tinha terminado. Não me sentia su cientemente forte para encurtar mentalmente a distância, e não apenas física, que nos separava. Ele pertencia a outro mundo e não ia deixar tudo por esta ilha, por mim. E eu sentia o mesmo. A nossa ligação era incrível, mas eu sabia que tinha de a manter naquela gaveta fechada à chave. Deve-se saber renunciar ao que é impossível.

Londres não era o meu sítio, era uma realidade completamente diferente. As suas últimas palavras antes de partir continuavam a ressoar-me na cabeça como um mantra que parecia não ter m.

«Há vinte anos, um avião privado *Gulfstream V* caiu quando sobrevoava o Mar do Norte, vindo de Amesterdão e com destino a Londres.» «Nesse avião, viajavam o Jacob Leighton, o seu lho Adam, de sete anos, e a suposta ama do menino...» «Creio que não estamos perante um mero acidente de avião, Nicole. Estou convencido

de que se passava muito mais...»

Por mais que quisesse seguir em frente, ignorando o que ele me tinha dito, era impossível. Quando relaxava, quando baixava as defesas, sobretudo quando estava quase a adormecer, as palavras do Alex surgiam para me atormentar e não me deixavam descansar.

«Suponho que o teu tio teme pela tua vida. Deve descon ar ou saber que o acidente foi provocado. Tal como muitos britânicos, deve estar consciente de que alguém queria livrar-se do teu pai e do seu herdeiro.

Talvez esse alguém seja a pessoa que gere agora a empresa farmacêutica.»

«Se o que descobri estiver correto, e apostaria que está... Nicole, tu

serias a legítima herdeira do império Leighton, entendes? Seria tudo teu.»

Fechei os olhos com força, tentando afastar aquelas palavras da minha cabeça.

«Seria tudo teu.»

Tudo... O que era tudo? Eu não queria nada, só queria que o meu tio voltasse, que os meus pais voltassem, queria viver tranquilamente, não pretendia reclamar nada, não queria nada...

A última mensagem que o Alex me tinha enviado dizia o seguinte: Teria gostado imenso de voltar a ouvir a tua voz, nem que fosse pelo telefone, Nikki. Compreendo que as descobertas feitas te tenham magoado profundamente e que, em parte, isso te tenha levado a não querer saber mais nada sobre mim. Não te voltarei a incomodar, respeito a tua decisão de continuares a viver como até agora... Nem todos nascemos para enfrentar a verdade, e o teu lugar é aí, em Bali.

Vou ter saudades da tua companhia, do teu sorriso e da tua boca na minha.

Desejo-te o melhor.

Não lhe respondi.

Não podia.

Nem lhe tinha dito o que acontecera ao meu tio nem quisera alimentar o monstro que começava a crescer e a crescer à minha volta, ameaçando acabar com tudo.

Ler que tinha saudades de sentir a minha boca na sua despertou em mim o desejo que tinha estado muito adormecido desde que o meu tio morrera. Nem sequer tinha conseguido fantasiar com as últimas recordações que tinha do Alex, dos dois a passear de mãos dadas pelos arrozais, dos seus beijos roubados sempre que tivera a oportunidade de o fazer, sem perder tempo, porque tempo era precisamente aquilo que não tínhamos.

Acordava algumas vezes com o coração acelerado, com a memória enterrada das suas mãos a acariciarem a minha pele, da sua língua a fazer-me estremecer e dos nossos corpos unidos num só, fazendo-nos chegar a um prazer inexplicável e tremendamente viciante.

Nessas noites, mexia-me de um lado para o outro, encharcada em suor, roçando-me contra os lençóis, o meu corpo a procurar no meio das pregas da roupa a possibilidade de qualquer recordação dele, pedindo às minhas mãos, apesar de sonolenta, que replicassem o que as suas me tinham feito tantas vezes. Contudo, não era a mesma coisa.

No entanto, ainda sentia o seu toque na minha pele. Deve ser verdade o que dizem sobre o corpo ter memória, porque o meu se lembrava de cada dobra, cada recanto, cada centímetro onde ele tinha estado. Poderia ter desenhado um mapa com as várias rotas que os

seus lábios tinham feito no meu corpo. Acabava excitada e triste, com uma profunda nostalgia por aquela ligação que me tinha feito ir a lugares inesperados.

Contudo, tudo aquilo acabara num abrir e fechar de olhos. E tinha de me lembrar de que tinha sido um sonho. Quando ele aqui estivera, de facto, na ilha, tinha sido um sonho. Se queria seguir em frente, era assim que tinha de pensar em tudo aquilo.

Não podia pensar nele. Isso só acontecia no meu subconsciente, e, nesses períodos em que a minha cabeça se desligava da tragédia e percorria caminhos proibidos...

Finalmente, regressei à minha vida, voltei ao trabalho, aos meus animais, às minhas aulas de ioga, mas sem conseguir esquecer-me do que se tinha passado. A minha mente e o meu corpo preparavam-se, mesmo sem eu o saber, para o momento em que ganharia coragem e enfrentaria a verdade.

Um mês depois da morte do meu tio, a minha avó pediu-me ajuda para arrumar as suas coisas em caixas, organizar a casa e escolher o que íamos dar e o que íamos guardar como recordação. Ela não era capaz de se desfazer de nada, por isso, eu vim para a ajudar a tomar as decisões difíceis.

Não foi fácil entrar no quarto do meu tio, violar a sua privacidade e escolher o que íamos guardar, dar ou as coisas de que nos íamos desfazer. Não foi fácil, tratando-se de uma pessoa tão reservada como ele sempre fora. Senti-me como se estivesse a fazer algo mau, senti-me uma menina a fazer diabruras, mesmo sabendo que existiriam consequências se fosse apanhada.

As suas gavetas estavam cheias de papéis, envelopes, faturas, cartas de amigos... até encontrei cartas de uma namorada que teve e que eu

desconhecia. Era difícil descobrir facetas do meu tio Kadek que nunca tinha chegado a conhecer, nem nunca viria a conhecer, como, por exemplo, que guardava um sem- m de cigarros debaixo da cama, apesar de nos ter jurado, a mim e à minha avó, que tinha parado de fumar há mais de um ano. Sorri com nostalgia e cheirei um cigarro para poder sentir o seu aroma. Cheirava a ele... Era uma fragrância muito característica. Pareceu-me curioso que, naquele momento, uma coisa que sempre tinha criticado e odiado zesse com que o sentisse tão próximo de mim.

Guardei alguns no bolso, sem dizer nada à minha avó sobre aquilo, e percebi que, se o meu tio estivesse a ver-me naquele instante, certamente acabava de revirar os olhos.

No terceiro dia que passei a escolher as suas coisas e a trabalhar no seu quarto, encontrei algo diferente que consegui deixar-me com o coração apertado. Percebi que era uma coisa diferente só pela caligrafia, mesmo antes de comprovar que a carta estava escrita num inglês elegante.

A carta dizia o seguinte:

Caríssimo Kadek,

É reconfortante para mim ter chegado tão depressa a um acordo que agrade a ambas as partes. Compreendo que não queiras que a tua sobrinha que exposta a uma vida que, sem dúvida alguma, faria dela alguém que não desejamos que seja.

Concordo contigo que a Nicole estará melhor e mais segura a viver convosco, longe do caos que se gerou aqui em Londres e do qual seria muito difícil excluí-la se acabássemos por decidir criá-la em Inglaterra.

É importante que compreendas isto: a Nicole não pode regressar à Grã-Bretanha.

Recai sobre ti toda a responsabilidade de cuidar dela e de a manter afastada de tudo isto. Não gostaria de car a saber que aqueles que assassinaram o meu irmão também conseguiram acabar com a vida da minha única sobrinha viva.

Avisei o Jacob de que isto aconteceria se não fosse cauteloso e, infelizmente, tinha razão. Vou começar uma investigação para tentar descobrir o que aconteceu com o acidente aéreo que nos levou os nossos entes queridos e informar-te-ei de qualquer descoberta que faça sobre isso.

Sei que a vida da Nicole será plena, feliz e maravilhosa ao vosso lado, longe da recordação constante a que estaria sujeita aqui e que a perseguiria a vida toda.

Acredito que consigas explicar à nossa sobrinha as razões pelas quais nunca deve abandonar a Indonésia.

Deus queira que não lhe aconteça nada.

Desejo-vos tudo de bom, sinceramente.

DEVON LEIGHTON

Li a carta três vezes seguidas.

E, então, percebi.

Era tudo verdade.

Tudo.

Foi como se, por m, me retirassem a venda dos olhos. E, ao mesmo tempo, como se toda a minha vida tornasse a passar diante de mim, mas reinterpretando-se.

Tive de me sentar no chão, porque tive medo de desmaiar.

Não cheguei a desmaiar. O que sentia era uma mistura estranha de sensações. Acabava de encontrar a peça de um *puzzle* que desconhecia que faltava. Foi difícil saber que havia tanto sobre mim mesma que desconhecia. Era como se as pessoas de quem se falava na carta pertencessem a outro mundo, como se não tivessem nada que ver comigo. No entanto, eram da minha família. Eu é que tinha vivido deslocada noutro mundo que não era o meu. Apesar de agora o ser.

Tudo aquilo que eu acreditava ser, que amava, tinha estado assente numa mentira. Tive de reinterpretar a minha situação no mundo e doe-me como se me arrancassem a única coisa à qual tinha pertencido.

Mas, ao mesmo tempo, foi um alívio sentir que, nalmente, obtinha respostas de uma fonte credível e não de alguém que, pura e simplesmente, mas dizia, esperando que eu acreditasse nelas. Não estou a dizer que tivesse pensado que o Alex estava a tentar enganar-me, mas é difícil acreditar numa coisa de tamanha magnitude apenas porque no-la dizem, especialmente se essa coisa nos põe a vida de

pernas para o ar.

Antes de se ir embora, o Alex tinha-me pedido para falar com o meu tio, para lhe fazer algumas perguntas.

Pois bem, o meu tio já cá não estava, mas estava aquela carta e nela... Porra, nela tinha descoberto que havia alguém muito longe dali que se tinha dado ao incómodo de pensar no que era melhor para mim.

O Devon Leighton era meu tio, como o fora o Kadek, e eles tinham decidido esconder-me a verdade para meu bem.

Isso incomodava-me?

Claro que sim.

Eu mudaria o meu passado, a minha educação e a minha infância?

Não.

Cresci como uma menina feliz, sem pais, mas feliz.

Não fazia a menor ideia do que faria a partir de agora. A morte do meu tio tinha-me deixado destroçada, e, mais do que nunca, sentia a necessidade de encontrar respostas e de nir as minhas origens. Sempre sentira curiosidade por conhecer essa parte de mim, o meu sangue inglês, como seria viver numa cidade como Londres, e o medo tinha-me paralisado, forçando-me a contentar-me com o que tinha e o que conhecia, mas a morte súbita do meu tio...

Sentia que havia muito mais para descobrir, para saber...

E, não vou mentir, tinha imensas saudades do Alex. Nestes últimos dias, tinha aberto e fechado o *chat* do telemóvel umas cem vezes.

Ouvir a sua voz teria sido como um ibuprofeno para a alma, mas não queria começar algo que só causaria mais sofrimento aos dois, porque... Qual era a probabilidade de nos voltarmos a ver?

Continuei a remexer nas coisas do meu tio, mas não encontrei mais nada que o ligasse ao Devon nem aos meus pais. Acabei por guardar todas as suas coisas em caixas, classi quei o que era importante manter como recordação, apesar de saber que nem a minha avó nem eu voltaríamos a passar pela dor que implicava tirar dali os objetos pessoais do meu tio, e o resto demos ou deitámos fora.

Foi difícil ver o quarto do meu tio vazio, e foi ainda mais difícil deixar

a minha avó sozinha, mergulhada na sua dor e sem querer fazer outra coisa senão rezar. Porém, precisava de estar um bocadinho sozinha com os meus pensamentos, deixar-me sentir.

Naquela tarde, fui para o meu lugar seguro, decidi vestir o fato de banho e pegar na prancha de *surf*. Há semanas que não ia à praia e, nalmente, tive forças para o fazer.

Não avisei ninguém, apesar de os meus amigos estarem ansiosos por me ver a fazer qualquer coisa que não chorar ou estar com a minha avó, mas precisava de estar sozinha.

Estar na água ajudou-me. Não surfei muito, cando simplesmente sentada em cima da prancha a observar o horizonte até o sol se começar a pôr e encher tudo de cores impressionantes.

Sem ter consciência disso, olhei para trás, para o sítio onde estava a varanda do quarto do Alex...

Senti um aperto horrível no peito. Lembrei-me daquele primeiro encontro, quando, sem saber porquê, deixei que aquele desconhecido me visse nua em cima das rochas que estavam um pouco mais distantes. Veio-me à cabeça a ligação, a força do seu olhar que me deixou deslumbrada mesmo ao longe, e, depois, sorri ao lembrar-me do dia em que lhe roubei a onda e falámos pela primeira vez.

Não voltaria a sentir nada tão intenso por ninguém... Sabia-o e era triste pensar nisso. Isso não queria dizer que nunca mais voltaria a apaixonar-me, obviamente. Havia milhões de habitantes no mundo, não podia haver apenas uma pessoa para mim, mas as circunstâncias que tínhamos vivido, o momento e o lugar... Eu sabia que isso não podia repetir-se, porque são coisas que só acontecem uma vez na vida.

Uma dor profunda no meio do peito obrigou-me a fechar os olhos.

Sofria imenso... Pelo meu tio, pelo Alex, por nunca mais voltar a vê-lo, por ter perdido tanto em tão pouco tempo...

Saltei da prancha e mergulhei, procurando oxigénio num sítio que me daria tudo menos isso, mas que, de certa forma, me dava paz.

Desci, descí, era boa a fazer mergulho livre. Quando já não aguentava mais, impulsionei-me com os pés na areia e subi, soltando o ar em pequenas bolhas. Ao vir à superfície, respirei como se

nalmente o ar me entrasse nos pulmões, após semanas sem o fazer

verdadeiramente. Olhei para a margem e vi que, no bar, já estavam bastantes pessoas a beber cerveja... O *Batú*, sentado, esperava pacientemente que eu regressasse para junto dele. Nunca tinha gostado de me ver nadar mar adentro. Suspirei com força e voltei a subir para a prancha, que se tinha afastado um pouco durante a minha pequena viagem debaixo de água. Remei devagar para a costa e, quando saí do mar, segurei a prancha debaixo do braço. O *Batú* cumprimentou-me com entusiasmo e, juntos, aproximámo-nos do Mola Mola, onde encontrei os meus três melhores amigos a beber cerveja e a observar-me de olhos muito arregalados.

Ao aproximar-me deles, z os possíveis por ignorar as suas expressões surpreendidas. Retirei a toalha da mochila e envolvi-me nela, tremendo um pouco de frio.

— Como vai isso? — perguntei, ignorando a forma como me olhavam e que parecia ter-se tornado a preferida de toda a gente, com pena e preocupação.

Não suportava aquilo.

A Maggie olhou para o Eko e para o Gus e, depois de gaguejar no princípio de qualquer frase, acabou por se dignar a dizer algo coerente:

— Podias ter-me avisado de que ias fazer *surf* para eu te acompanhar.

— Apetecia-me estar sozinha — respondi-lhe, abanando a cabeça quando o Gus me trouxe uma cerveja. — Do que estão a falar?

Os três voltaram a trocar olhares.

— Então... Do casamento — replicou o Eko.

O casamento... O casamento ao qual, por ser covarde, eu iria faltar, o casamento de dois dos meus melhores amigos, o casamento a que eu não iria assistir por causa da minha fobia de aviões...

Pensar em aviões fez-me pensar no Alex, e, como era inevitável, isso fez-me pensar outra vez na carta... Na ditosa carta. A carta com a verdade, a carta que revelava que o Alex tinha tido razão em tudo.

Peguei no telefone e abri a nossa conversa, que, na verdade, nunca tinha chegado a sê-lo, porque só ele me tinha escrito.

Deveria contar-lhe?

Deveria contar-lhe que tinha descoberto que, de facto, era lha do Jacob Leighton?

Mas como podia escrever-lhe quando já passara um mês desde que me tinha enviado a última mensagem?

Raios partam.

Por alguns instantes, lamentei a decisão de ter saído da minha zona de conforto. Sentia-me mais segura com a minha avó, a partilharmos a nossa dor e afastadas do mundo.

— Já temos data — disse o Gus. Também usou aquele tom de voz entre a pena e a cautela que começava a irritar-me, mas depois voltou a captar a minha atenção.

Esbocei um sorriso forçado.

— Ah, sim? Quando? — perguntei, levando a cerveja aos lábios.

— Então, queremos casar-nos na primavera, portanto, escolhemos o dia catorze de abril.

— Isso é fantástico — repliquei, sentindo uma pontada dolorosa no peito.

Os meus amigos entreolharam-se.

— Estivemos a pensar... — começou o Eko a dizer, passando o dedo indicador pelo gargalo da garrafa. Fazia isto sempre que estava nervoso.

— Sim, estivemos a falar sobre isto e achamos que tens de vir, Nikki.

Permaneci calada durante alguns segundos e a Margot aproveitou para intervir.

— Andei a informar-me acerca de uns cursos muito bons para superar fobias... Sabias que o medo de voar é um dos mais pedidos?

Normalmente, eles registam noventa por cento de sucesso, Nikki.

Acho que devias experimentar, não queremos que percas isto.

Ultimamente, pensava nisso com mais frequência. Desde o preciso momento em que o Alex me deixara no porto de Sanur, sabendo que não voltaria a vê-lo, que o considerava.

Se acreditava num curso para perder o medo de voar?

Nem por isso... Mas e se funcionasse?

Caso conseguisse controlar o terror que me invadia só de me imaginar a entrar num avião, poderia assistir ao casamento dos meus amigos, poderia viajar para Londres... Poderia... Poderia voltar a ver o Alex e talvez... Talvez pudesse encontrar respostas sobre a minha família, sobre o meu pai, sobre o que provocou o acidente de avião.

— Vou pensar nisso — disse, sem me aperceber de que os meus amigos olhavam uns para os outros esperançosamente. Não percebi que a Maggie abria os olhos com esperança, nem que o Gus e o Eko reprimiam o seu entusiasmo para não me deixarem angustiada. Não me apercebi de nada disto, porque, por um brevíssimo instante, vi-me a ser outra pessoa, uma mulher que viajava pelo mundo, vi-me a ser a lha do meu pai, imaginei-me a ser como os milhares de turistas que passavam pela ilha todos os anos, e a imagem que projetei não me agradou.

Eu não era essa pessoa, nunca o seria.

Despedi-me dos meus amigos, interrompendo a conversa, sem esperar por uma resposta. Peguei na mota e na prancha e voltei para casa.

Já tinha tido o su ciente para um só dia.

CAPÍTULO 2

ALEX

Cravei os olhos nas centenas de transeuntes que passavam por baixo do The Shard e tentei que deixassem de me parecer formigas a mover-se apressadamente. Há duas semanas, tínhamos mudado a localização da empresa para o arranha-céus mais alto da Europa, e não com rmo nem desminto que tivesse sido ideia minha.

Num trabalho cem por cento executivo, era a coisa mais próxima de voar. Apesar de, na maior parte dos dias, o céu estar tão nublado que, de facto, parecia que estávamos no ar, sem conseguirmos vislumbrar o que havia por baixo de nós, obviamente, não era a mesma coisa.

Regressara de Bali há um mês. Desde então, abandonara o meu trabalho de piloto a tempo inteiro... Já não podia deixar-me levar por entre as nuvens. Só me tinha aproximado de um hangar para observar os pormenores da compra de dois aviões que aumentariam a faturação da empresa do meu pai. Ou melhor, da minha empresa. No entanto, custava-me assimilá-lo e tinha de me corrigir. Há um mês que era o diretor-geral, um mês desde que passava os dias fechado naquela torre de vidro opulenta na companhia de homens cinquentões que precisavam de algo de mim ou me exigiam alguma coisa.

Tornar-me o diretor-geral da Lenox Executive Aviation sempre tinha sido uma possibilidade. Remota, é certo, mas, enquanto lho do meu pai, sempre tinha sentido que uma mão me agarrava no pescoço e me ameaçava de que me afogaria a qualquer momento.

O facto de eu não ser o primogénito não me tinha livrado de responsabilidades, longe disso, mas a verdade era que tinha tido mais liberdade do que o Ryan, o meu irmão mais velho. Depois de concluirmos os respetivos cursos, eu, o de Aviação, e o meu irmão, o de Engenharia Aeronáutica, ambos tínhamos tido de estudar Gestão e Economia, e, quanto a isso, não havia qualquer margem para negociação. Pelo menos, o meu irmão tinha gostado do caminho que os meus pais tinham construído tão meticulosamente para ele. Porém, apesar de eu sempre ter tido a possibilidade de herdar uma parte daquele império, só tinha demonstrado interesse em voar.

Nunca me importei muito com o facto de «defraudar» as expectativas dos meus pais, recusando o que, para muitos, seria o lugar de uma vida. Na verdade, nunca me importei com isso, e eles também não, porque o Ryan estava lá.

Mas quando deixou de estar... Bem, aí começaram os problemas.

Bateram à minha porta e percebi que era o meu pai ao ver que nem esperou por uma resposta para entrar.

Virei-me na minha poltrona e vi aquele homem alto, de cabelo branco e com algumas entradas, de fato e com um ar assustador, a aproximar-se da minha secretária.

— Bom dia, pai — cumprimentei-o, fazendo-lhe sinal para se sentar conforme ele puxava a cadeira para trás.

Apesar de ter afrouxado as rédeas da empresa há algum tempo, continuava a movimentar-se por ali como se fosse o chefe, coisa que,

tecnicamente, sempre seria, embora todas as decisões passassem por mim.

— Já falaste com a tua mãe? — perguntou-me assim que se sentou.

Tornei a girar o meu cadeirão e a concentrar-me nas «formigas». Em Londres, era raro haver um dia tão soalheiro como aquele, e não queria perder nenhum pormenor.

— Estás a referir-te a hoje? — retorqui com a voz cansada.

— Ela disse-me que continuas a não aceitar o seu convite para jantar, Alexander.

— Jantei convosco na sexta-feira, pai.

— Sabes perfeitamente a que me re ro.

Suspirei ruidosamente.

— A Lilia começou agora o ano, pai. Não posso ir buscá-la ao colégio sempre que vocês a quiserem ver.

— Ainda nem sequer a conhecemos!

— Conhecê-la-ão quando eu achar conveniente — declarei, virando-me para o encarar de novo e dando ao meu tom de voz uma seriedade que poucas vezes usava com ele.

— Ela está há um mês em Inglaterra. É nossa neta, pelo amor de Deus! A nossa única neta!

E a única que terão, pensei.

— Está a adaptar-se... Temos de lhe dar o tempo de que precisa.

— Fechá-la no colégio não vai apagar a realidade, Alexander!

Contraí os lábios, perdendo a paciência.

— A realidade é que sou eu o pai dela e farei o que achar melhor — respondi, usando o mesmo tom de voz.

O meu pai observou-me enquanto eu desviava o olhar para o computador.

Tinha muito que fazer e só estava a atrasar-me nas minhas tarefas.

— Não quero saber quão zangado estás com o mundo, é-me indiferente que estejas tão focado em ti próprio ao ponto de não veres mais nada à frente do nariz. Este sábado, a tua mãe faz sessenta anos e tu vais trazer-lhe a neta para ela a conhecer.

Tornei a tá-lo.

— Vou considerar a hipótese de levar a Lilia aos anos da mãe, mas deixa-me dizer-te uma coisa, pai: que esta tenha sido a última vez que entraste no meu escritório a exigir-me coisas que são um assunto exclusivamente meu. Percebeste? — ameacei, levantando-me.

O meu pai levantou-se, furioso. Abotoou o botão de cima do casaco e dirigiu-se para a porta, mas, antes de sair, virou-se para me encarar novamente.

— Às vezes, ainda me pergunto o que é que eu e a tua mãe te zemos para merecermos isto.

— E eu pergunto-me todos os dias porque é que quem morreu naquele acidente de mota não fui eu em vez do meu irmão. Assim, as coisas seriam muito mais fáceis, não achas, pai?

Arrependi-me das minhas palavras assim que as disse, mas não voltei atrás.

O meu pai tou-me com os olhos humedecidos, dando-me a sensação de que havia ali qualquer coisa que me escapava.

— Nada é fácil quando perdemos um lho — replicou, olhando-me com um ar penoso. — Espero que nunca tenhas de sentir uma dor semelhante, e por isso mesmo te peço que venhas aos anos da tua mãe.

Ver-te e conhecer a sua neta é a única coisa que a fará levantar-se da cama.

O meu pai foi-se embora e tornei a sentar-me. Os meus olhos desviaram-se para a fotogra a que estava ao pé do meu computador.

Nela, dois rapazes ruivos sorriam para a objetiva da máquina fotográfica. Ambos com chapéus e óculos de aviador, e, ao longe, via-

se uma pista de aterragem e uma avioneta vermelha.

Éramos nós, o Ryan e eu. Ele com dezasseis anos acabados de fazer e eu com oito. Lembro-me perfeitamente daquele dia e do momento em que nos tiraram a fotografia. Tínhamos acabado de sair da avioneta, o nosso pai levava-nos a voar e o Ryan tinha pilotado pela primeira vez.

Estávamos ambos cheios de adrenalina e de felicidade, tínhamos desfrutado como nunca.

O meu irmão também se tinha apaixonado por voar, mas estava mais interessado em tudo o que se relacionava com a parte técnica dos aviões: o seu funcionamento, o seu desenvolvimento... O seu desejo de se querer envolver na empresa da família tinha vindo a crescer desde que era miúdo, embora esse sonho tivesse sido frustrado quando, devido ao acidente dos pais da Nikki, o meu pai teve de fechar toda a parte da engenharia e car só com a empresa dos voos privados.

Apesar desta desilusão, o meu irmão aceitou fazer parte da empresa e ocupou o lugar do meu pai nos dois primeiros anos, antes de morrer.

Sempre me senti a ovelha negra da família. O lho que chegou de repente e lhes complicou todos os planos.

Quem me dera poder ser como tu, Ryan, pensei bem no fundo de mim mesmo. Quem me dera poder seguir em frente sem olhar para trás, quem me dera ser menos egoísta.

Não me orgulhava das minhas ações, não aplaudia as minhas decisões nem me convencia de coisas que não eram verdade.

E a verdade era que eu não era uma boa pessoa.

Se alguma vez o fui, foi durante trinta dias, a milhares de milhas, com uma rapariga que conseguiu encontrar o meu coração para pegar nele e o levar consigo.

Olhei para o telemóvel e voltei a entrar no *chat*.

Nem uma palavra.

Por vezes, torturava-me vê-la *online* e sentia um formigueiro nos dedos por querer mandar-lhe uma mensagem novamente, mas já lhe tinha dito que não o voltaria a fazer. Não depois de me ter ignorado durante semanas...

Desde essa altura, tinha um mau pressentimento, todo o assunto dos Leighton, o facto de a Nikki ser a herdeira, tudo o que eu tinha

descoberto...

Abri a gaveta que estava à minha esquerda e retirei o *e-mail* impresso com a ameaça que tinha recebido assim que chegara de Bali.

«Estás morto, Lenox.»

Cerrei a mandíbula com força.

Não era a primeira vez que recebia uma ameaça, é comum quando se é uma gura pública e as pessoas sabem que possuímos quantias obscenas, mas aquela carta... Aquela carta tinha uma tinta diferente, de tal maneira que eu tinha reforçado a segurança da minha casa e andava quase sempre acompanhado do motorista, um condutor qualificado para matar, se fosse preciso.

Aquilo não me agradava... Não me agradava mesmo. Não tinha falado sobre isso com ninguém, além do Carter, a única pessoa a quem eu tinha recorrido em busca de respostas.

— Disse-te que não era boa ideia remexer naquele assunto —

dissera-me quando lhe ligara para ver o que achava.

— É preciso descobrir a verdade — respondera entre dentes.

— Mas não me metas nisso — replicara o Carter. — Não quero saber mais nada sobre esse assunto, tu tens dinheiro para pagar a um guarda-costas, mas eu vivo numa casa geminada, e eu e a minha mulher estamos à espera de um lho. Dispensio dramas.

Em parte, tinha razão.

Percebera que não conseguiria obter mais nada dele, por isso, agradecera-lhe e desligara a chamada.

Os dias passaram e a ameaça continuou a pairar sobre os meus ombros. Fiquei preocupado com a Nikki, mas tudo apontava para que ninguém soubesse da sua existência, nem mesmo o próprio Devon Leighton. Se soubesse, já teriam matado a Nikki há imenso tempo, como tinham matado os seus pais e o seu irmão, Adam.

A Nikki estava em perigo... Só de pensar nisso, tinha vontade de apanhar um avião e ir pessoalmente ver se ela estava bem, mas devia afastar-me daquilo tudo. Devia concentrar-me em mim e respeitar a sua decisão de permanecer no anonimato. Eu, melhor do que

ninguém, percebia os sarilhos em que uma pessoa se metia por viver uma vida que não queria viver.

A sexta-feira chegou mais depressa do que teria gostado. Era o dia em que o colégio da Lilia permitia a saída das alunas ao m de semana, avisando sempre com uma semana de antecedência, coisa que, obviamente, eu não tinha feito, porque até àquele momento não tinha decidido se a ia a levar à festa de aniversário da minha mãe.

— Peço desculpa, senhor... Não encontro o nome da sua lha no registo das saídas deste m de semana — disse-me uma rapariga nova, devia ser uma professora estagiária.

— Sim, em relação a isso... Não pude avisar, porque esta foi uma decisão de última hora.

A rapariga levantou os olhos da prancheta, para a qual não parava de olhar, e cravou-os em mim, constrangida.

— Mas, senhor Lenox, parece-me que está ciente das nossas regras...

As alunas não podem...

— Sair sem avisar com uma semana de antecedência, bem sei, mas ela é minha lha e preciso que saia este m de semana.

A rapariga voltou a pestanejar, confusa.

Oh, por favor, meu Deus.

— Posso falar com a diretora?

Nessa altura, o seu semblante pareceu empalidecer. Claro que a última coisa que aquela rapariga queria era que eu a deixasse numa situação complicada perante a sua chefe, mas, para ser sincero, isso não me importava.

— Cla... Claro, senhor, venho já.

Enquanto aguardava, o meu olhar foi percorrendo as instalações. A última vez que ali tinha estado tinha sido há precisamente treze anos, no dia em que concluíra o curso. Jurara não voltar a pisar aquele espaço, mas ali estava eu de novo. Já era um homem feito, pelo menos, parecia um, e tinha uma lha de onze anos que não via há quase um mês, desde que a tinha trazido de Boston para vir viver comigo, porque a sua mãe tinha morrido de cancro... Uma mãe que

nunca me tinha informado da sua existência.

Reparei nas fotografias de ex-alunos que estavam penduradas na parede. Procurei o meu ano e, justamente quando começava a procurar o meu nome no meio dos outros, chamaram-me.

— Senhor Lenox?

Girei sobre os calcanhares e deparei com a mulher com quem tinha comunicado durante meses por *e-mail*.

— Senhora Simmons — cumprimentei-a, forçando os lábios a abrir-se apenas numa linha, obrigando-me a sorrir brevemente. — É um prazer conhecê-la pessoalmente.

A senhora Simmons era uma mulher de uns cinquenta anos, alta, elegante, bem-vestida, com óculos e um puxo perfeito preso na nuca.

— Igualmente, senhor Lenox — respondeu com um sorriso tão tenso como o meu, ou até mais.

Era evidente que não gostava nada de mim. Pois, bem-vinda ao clube.

— O que o traz por cá?

— Vim buscar a minha lha — disse-lhe, apesar de me custar dizer aquelas últimas palavras. «Minha lha.»

Porra, eu tinha uma lha.

— A menina Clemens disse que ela não está registada para sair este mês de semana, senhor.

Por dentro, deixei escapar um suspiro profundo.

— Bem sei, foi uma coisa de última hora.

A diretora comprimiu os lábios.

— Senhor Lenox, as normas deste estabelecimento são feitas por uma razão... Achamos que retirarem os jovens do colégio sem aviso prévio os desestabiliza e os faz perder atividades que programamos de forma específica para cada aluno.

— Eu sei, minha senhora, eu estudei aqui, não sei se se recorda disso, mas preciso que a Lilia venha comigo este mês de semana.

Prometo-lhe que não voltarei a vir buscá-la sem aviso prévio, está bem?

A diretora observou-me por uns instantes com cara de poucos amigos, mas a realidade era que não me podia proibir de ir buscar a minha lha. Será que podia expulsá-la por má conduta parental? Sim, claro. Fá-lo-ia? Claro que não, sobretudo quando os donativos que a minha família tinha entregado àquele colégio eram tudo menos diminutos.

— Menina Clemens, vá buscar a menina Lenox e diga-lhe que o pai está aqui para a levar a passar o m de semana com ele.

A jovem afastou-se imediatamente dali e sorri satisfeito para a diretora, que continuou a observar-me com atenção.

— Aproveitando que está aqui, senhor Lenox, e enquanto a Lília arruma as suas coisas para o m de semana, gostaria muito de poder falar consigo sobre a situação da sua lha.

Oh, merda.

— Que situação? — perguntei.

— Vamos passar para o meu gabinete, onde estaremos mais à vontade.

Segui-a, sentindo que, de repente, tinham armado uma cilada.

O gabinete era de uma opulência enorme, a combinar com a de um colégio cuja propina custa quinze mil libras por trimestre.

Sentei-me numa das cadeiras vitorianas de veludo e entrelacei os dedos das mãos.

— Conte-me lá.

— Bem, primeiro, quero que saiba que todos no colégio estamos cientes da situação difícil em que a sua lha teve de viver nos últimos meses. Perder a mãe, mudar-se para outro país, mudar de colégio, de amigos, conhecer o pai...

Mantive-me impassível enquanto a ouvia falar.

— Estamos muito conscientes de que todos estes traumas podem levar um aluno a descer o seu nível de desempenho e estamos dispostos a dar à Lília a oportunidade que merece, sobretudo tendo em conta que o senhor é um ex-aluno de Hampton. No entanto, acreditamos que a Lília deveria ser vista por um terapeuta, nem que seja durante algum

tempo, para a ajudar a superar as mudanças que

teve de enfrentar em tão tenra idade. Talvez com essa ajuda, o seu desempenho suba para o que consideramos o nível mínimo para se estudar aqui.

Franzi o sobrolho de forma automática.

— Está a dizer que, se a Lilia não tiver melhores notas, o seu lugar aqui está em perigo? — Não acreditava naquilo.

— Somos um dos melhores colégios de Inglaterra, senhor Lenox. Do que estava à espera? A sua lha nem sequer fez a prova de admissão.

Há uma lista de espera de mais de dez anos para se estudar aqui.

Fizemos um esforço enorme para ter a sua lha connosco, mas...

— Parece-me que tive de ser eu a fazer o esforço, senhora Simmons.

Se não me engano, os donativos que o colégio recebeu da parte da nossa família aumentaram muitíssimo nos últimos meses, ou estou enganado?

— E estamos muito gratos por eles, senhor Lenox, mas quero que compreenda que...

Levantei-me. Não ia continuar a ouvir parvoíces.

— A minha lha é perfeitamente capaz de acompanhar os padrões deste colégio, minha senhora. Agora, se me dá licença...

Saí do gabinete e regressei ao vestíbulo. Ali, com o uniforme azul-marinho e verde vestido, com um rabo de cavalo alto e uma bolsa ao ombro, estava a Lilia.

— Trazes tudo aquilo de que precisas? — perguntei-lhe em jeito de cumprimento e ela anuiu em silêncio. — Pois, então, vamos lá.

— Senhor Lenox, deve assinar o registo de saída — disse-me a menina Clemens.

Aproximei-me e assinei o dito registo.

— Boa tarde. Vamos, Lilia.

Sáímos juntos para o exterior. O sol tinha quase desaparecido no

horizonte e estava muito frio.

Olhei para a Lilia.

— Não trazes um casaco, além do *blazer* do colégio?

— Deixei-o car lá em cima, subo para o ir buscar?

Credo, nem pensar.

Não ia voltar a esperar naquele sítio, Deus me livrasse de ter de aturar a diretora novamente.

— Não, entra no carro, vamos comprar outro — repliquei enquanto o carro se abria e entrávamos nele.

Liguei o aquecimento e olhei na direção da Lilia por um instante antes de arrancar.

— Está tudo bem? — perguntei, e os seus olhos azuis desviaram-se da janela e concentraram-se em mim.

— Porque vieste buscar-me ao colégio? — replicou sem responder à minha questão.

Avançámos para a estrada e avaliei bem as minhas palavras antes de abrir a boca.

— Os meus pais... Quer dizer, os teus avós querem conhecer-te.

Obtive silêncio como resposta e virei-me para a ver.

— É o aniversário da minha mãe, ela faz sessenta anos. Vão fazer uma festa e querem que vamos... juntos.

— Foi por isso que me foste buscar? — perguntou.

Assenti e, por algum motivo, senti-me culpado ao dar-lhe aquela resposta.

Abri a boca uma vez e fechei-a. Voltei a fazê-lo e tornei a fechá-la.

— Pode ser bom para nós, não achas? Podemos conhecer-nos um pouco, sabes como é... Conversarmos sobre aquilo de que gostas e do que não...

— Não é preciso — disse, sem mais, olhando pela janela.

Porra.

— Ouve, Lília, sei que passaste por algo muito difícil e sei que, para ti, sou um desconhecido, mas... — Respirei fundo antes de continuar, porque me custava muito dizer aquelas palavras em voz alta. — Ao m e ao cabo, sou o teu pai... Estou a tentar sê-lo o melhor que consigo.

A menina voltou a desviar o olhar da janela para poder olhar para mim.

— Tu gostas de mim? — indagou, então, deixando-me um bocado surpreendido.

Porra... Será que gostava dela? Não a conhecia, mas havia qualquer coisa dentro de mim que a reconhecia como minha, que me deixava em pânico por poder acontecer-lhe alguma coisa, preocupava-me com ela...

— Claro que gosto de ti — a rmei, tentando parecer sincero.

— Então, deixa-me voltar para o meu avô — disse, de repente, surpreendendo-me uma vez mais. — Não quero estar aqui, não gosto deste colégio para onde me levaste, não gosto daquelas pessoas, não gosto de Inglaterra, está frio, está sempre nublado, não tenho nenhum amigo aqui, não quero continuar aqui.

Chiça.

— Sei que é complicado, mas vais fazer amigos.

— Não quero fazer amigos! — O seu grito sobressaltou-me.

— Ouve, Lília, não grites — repreendi-a, sem conseguir evitá-lo.

— Tu não me queres aqui, não gostas de mim! Mentiste quando disseste o contrário.

— Não é nada disso.

— Eu sei quando alguém mente, vejo-o nos olhos dessa pessoa. Tu não gostas de mim, mas tens de fazer isto, há uma grande diferença.

Estávamos a chegar a Primrose Hill e começou a cair uma chuva torrencial, como se lhe desse razão.

— Iremos aprender a gostar um do outro — declarei, sem saber muito bem o que mais poderia dizer ou acrescentar.

— Eu não quero aprender a gostar de ti! Quero voltar para a minha casa.

Estacionei e desliguei o motor do carro, carregando no botão da ignição.

— Agora, esta é a tua casa, Lilia.

— Não tenho nenhuma casa aqui — disse, saindo do carro.

Chovia bastante e apressei-me a sair do carro ao mesmo tempo que abria o guarda-chuva para não me molhar.

— Lilia, vem cá! — chamei-a, vendo que cava encharcada.

Tocou à campainha e, enquanto me aproximava dela, a Hannah abriu a porta.

Ficou admirada ao ver a menina ali e o seu sorriso gelou quando a Lilia passou por ela a correr e subiu a escada, dirigindo-se de imediato para aquele que lhe tínhamos dito ser o seu quarto quando estivesse ali em casa.

— Senhor Lenox, o que aconteceu? — perguntou-me, a ita, com o olhar xo nas escadas.

— Não te preocupes, Hannah. Só está um pouco zangada comigo.

Sacudi o guarda-chuva e estendi-lho para depois despir a gabardina.

— Estarei no escritório — anunciei.

— Não vai subir para falar com ela, senhor?

Voltei-me para encarar a minha empregada.

— Está chateada, não me parece que queira falar comigo, Hannah.

— Mas, senhor...

— Gostaria de jantar cedo. Estou cansado, hoje tive um dia esgotante.

A Hannah comprimiu os lábios com força e foi-se embora.

Fantástico... Naquele dia, todos pareciam estar aborrecidos comigo.

Olhei momentaneamente para a escada branca e hesitei, pensando se deveria tentar falar com ela, mas o meu instinto dizia-me para me afastar dali.

Em breve, iria habituar-se a viver ali. Ainda era cedo, mas isso acabaria por acontecer.

Quando cheguei ao escritório, recebi uma chamada. Retirei o telemóvel do bolso de trás das calças e vi que era o Nate.

Estranhei, porque mal tínhamos falado desde que havíamos regressado da viagem, e eu estivera tão ocupado com as coisas todas que envolviam a Lilia, os meus pais, a empresa, que...

Atendi a chamada.

— Estou no Garden com a Giselle, vem cá ter para tomarmos um copo juntos! — Os seus gritos sobrepuseram-se ao barulho da música que soava no fundo.

Que raio, quem era essa Giselle?

— Não posso, esta noite está cá a Lilia — respondi.

— Quem? — perguntou. — Ah, sim, sim! Porra, a lhota! Ainda não a conheci...

— Tenho de desligar, Nate.

— Espera! — tornou a gritar. Suspirei com força. — Não podes deixá-la com a empregada? É sexta-feira, já há mais de um mês que

não te vejo... Assim, estamos um bocado juntos, anda lá!

Hesitei, porque sabia que, no dia seguinte, me esperava uma tortura com a minha família, hesitei, porque, desde que tinha voltado de Bali, não tinha tido um momento para mim, nem uma hora para desconectar e hesitei, porque sabia qual seria o plano do Nate. Desde que tínhamos regressado de Bali, estava em modo autodestrutivo, o que signi cava que caria bêbado e a divertir-se com miúdas, algo que eu ainda não estava preparado para fazer, sobretudo quando continuava a pensar na Nikki.

— Anda lá, homem! Bebes dois copos e regressas cedo, prometo —

insistiu.

Hesitei, porque sabia que, se casse em casa, o plano seria jantar com uma pré-adolescente aborrecida. Acabei por aceitar o seu convite.

Tornei a sair do escritório e detive-me um instante em frente à escada. Não podia ir-me embora sem lhe dizer nada.

Subi, sentindo um nó no estômago.

A sua porta cava ao fundo do corredor. Eu tinha pedido a um decorador para preparar um quarto de uma menina de onze anos naquela parte da casa, porque tinha uma bonita vista para o jardim.

Detive-me em frente à sua porta e, cuidadosamente, chamei-a.

Estava sentada precisamente na varanda que dava para o jardim, com os joelhos encostados ao peito e envoltos pelos braços. O

decorador tinha posto ali uma cama de dossel, pintara as paredes com bonitos tons de amarelo pastel e uns laivos de cor-de-rosa. Pensara que conseguissem dar um pouco de luz a um sítio onde raramente ela entrava pela janela.

Havia uma secretária com um *Mac* novo em cima, uma estante com livros que ela não tinha trazido, mas que eu tinha pedido para

colocarem no seu quarto. Havia alguns clássicos como Jane Austen, Lewis Carrol ou Thomas Hardy e coleções que me tinham fascinado em criança, como Harry Potter ou os contos de *As Mil e Uma Noites*.

Tentara verdadeiramente que se sentisse confortável e aconchegada...

Levantou os olhos da janela e dirigiu-os para o sítio onde eu estava.

Tinha os olhos vermelhos por ter estado a chorar e não pude deixar de me sentir um pouco culpado.

— Vinha dizer-te que vou sair por um bocadinho.

Voltou a desviar os olhos para a janela sem dizer uma única palavra.

No entanto, ainda usava o uniforme do colégio, e as únicas coisas que estavam diferentes no seu traje era o facto de já não ter o casaco vestido nem a gravata posta e a camisa estar por fora da saia. Aquilo lembrou-me da festa da minha mãe e ocorreu-me que a Lília não devia ter a roupa com que seguramente os meus pais esperavam ver a sua

única neta.

— Apetece-te sair amanhã para irmos às compras? — perguntei-lhe, um bocado desconfortável só de pensar em estar sozinho com ela durante um tempo ilimitado. Ela e eu... Mais ninguém.

Os seus olhos voltaram a xar-se em mim, desta vez, com algum interesse.

— Às compras? — perguntou, hesitante.

O facto de me responder sem franzir o sobrolho já era um passo em frente, pensei. Aproveitei a oportunidade para lhe agradecer um pouco mais.

— Podemos ir ao Harrods. Se não me engano, as raparigas gostam muito de lá ir. Podemos almoçar lá, compramos aquilo de que precisares e, já agora, aproveitamos e escolhemos um vestido para levares ao aniversário da minha mãe.

— O que é o Harrods? — indagou baixinho.

— Um centro comercial muito grande e muito luxuoso — respondi.

Observou-me por alguns instantes, como se me zesse um raio-X.

— Porque não vamos à Zara? A roupa de lá é muito gira.

A Zara... Pois. A minha mãe não ia aprovar nada de lá.

— De certeza que no Harrods há coisas dessas, não te preocupes.

Um sorrisinho apareceu no seu semblante.

— Está bem — retorquiu, animada e um pouco menos aborrecida.

Pronto, ao menos tínhamos avançado ligeiramente.

— A Hannah vai preparar-te qualquer coisa para jantar. Podem ver um lme lá em baixo, se vos apetecer, não voltarei muito tarde.

Assentiu em silêncio, eu imitei o seu gesto e fechei a porta atrás das costas.

Bom, não tinha sido assim tão horrível.

Saí de casa, entrei no carro e dirigi-me para o edifício onde cava o Sky Garden. Preferia outros sítios menos turísticos para tomar um copo, mas as miúdas adoravam aquele género de lugares, por causa da vista e por poderem tirar boas fotogra as. Já me tinha esquecido do que era ter um encontro em que a rapariga não pegasse automaticamente no telefone sempre que nos serviam um prato de comida.

Detestava isso.

Subi até ao último andar do edifício depois de mostrar o meu cartão, e, ao sair, deparei com um parque a cento e sessenta metros de altura.

Era bonito, está bem, mas não era melhor do que outras centenas de locais onde nos divertíamos em Londres.

Olhei de relance para a zona do bar e encontrei o Nate numa mesa

com outras quatro pessoas. Não havia dúvida nenhuma de que já tinha bebido demasiado, porque estava de pé a gesticular com os braços, a contar uma história qualquer que supus que achasse divertidíssima. Todos os outros também se riam, e alguns chegavam mesmo a aplaudir. Percebia-se que o Nate tinha acabado de passar o ponto de não retorno, ia querer que a noite se prolongasse ao máximo. Não o censurava, eu mesmo o tinha acompanhado em muitas dessas saídas noturnas de copos por não querer olhar para trás. Foi assim que percebi que se calhar naquele dia a minha missão era controlá-lo um pouco, porque os outros estavam claramente tão distraídos que nem se apercebiam disso.

Avancei e, ao aproximar-me deles, os meus olhos arregalaram-se assim que vi a rapariga loura que estava sentada no sofá, com as pernas compridas cruzadas e um vestido elegante e curto colado ao corpo.

Amanda.

Merda.

A minha ex.

Porra.

CAPÍTULO 3

NIKKI

Os dias passaram e não fui capaz de continuar a ignorar a grande

verdade que tanto receava aceitar.

Precisava de saber mais.

Mais sobre a minha família.

Mais sobre o meu tio.

Mais sobre a morte dos meus pais.

E mais importante ainda: queria voltar a ver o Alex.

Era uma cobarde, sim, mas pelo menos já não negava o que aprendera a aceitar: não me era indiferente como sempre me tinham feito crer, tanto a mim própria como às pessoas que me rodeavam e conheciam um pouco da minha história.

Era um passo, suponho, juntamente com o facto de ter aceitado fazer o curso relacionado com o medo de voar que a Margot tanto tinha insistido para fazer.

Apesar da minha relutância e da pouca fé que tinha em que me servisse de alguma coisa, tinha de admitir que a ideia de entrar num avião já não me parecia tão impossível como antigamente. Porém, sentia-me em pânico só de pensar em fazer isso, mas, pelo menos, conseguia imaginar-me a chegar ao aeroporto.

Já era alguma coisa.

Estava na clínica veterinária, a recolher e limpar o sangue deixado por um cão que tivera de operar. Não tinha sido fácil, nunca

conseguia juntar todo o dinheiro de que precisava para construir uma zona de trabalho esterilizada em condições, mas ao menos conseguia que funcionasse: o cão estava vivo e descansava numa das jaulas veterinárias onde os colocava para recuperarem da anestesia ou de uma cirurgia como aquela.

O dinheiro para o operar tinha saído exclusivamente das minhas poupanças, que começavam a diminuir cada vez mais. Estava preocupada que o dinheiro não durasse até ao fim do mês. Devido à inflação, os preços tinham aumentado e não ia demorar até a renda da clínica veterinária ser ajustada a essa nova subida.

A minha situação era cada vez mais precária, e não ter conseguido manter os meus cinco empregos durante as últimas semanas, por

causa da morte do meu tio, tinha-me deixado praticamente na bancarrota. Continuava a dar as minhas aulas de ioga e também ajudava no hotel, mas, depois do que acontecera ao meu tio, não tinha conseguido meter-me debaixo de água e guiar outros praticantes de pesca submarina. A última vez que o zera, sentira uma claustrofobia como nunca tinha sentido a praticar um desporto que me apaixonava.

Segundo a Margot, aquilo era stress. E nunca mais me tinham voltado a chamar para trabalhar no *spa* depois do que se passara com o Alex.

Tinha de pensar num plano e pô-lo em prática depressa.

— A tua família é multimilionária, Nikki — dissera a Margot depois de saber de tudo o que o Alex me tinha contado e também depois de lhe explicar o que estava na carta. — Vês! Tens de te meter num avião e ir reclamar o que é teu.

— Não quero ser milionária, Margot. Sempre fui feliz com pouco, a opulência não condiz comigo.

— Mas podias fazer o que quisesse com esse dinheiro, Nikki!

Poderias abrir uma clínica veterinária a sério, poderias contratar pessoas quali cadas para te ajudar! Não precisarias de ter cinco empregos nem de trabalhar de sol a sol, não terias de olhar para o preço das coisas sempre que entras numa loja e, o mais importante, minha amiga, terias mais tempo para estar connosco. Mal te vemos!

Andas sempre a correr de um lado para o outro.

— Pois é, porque tenho de ganhar a vida, obrigada.

— Mas, Nikki, se tudo o que dizes é verdade, o que o teu tio herdou, na verdade, é teu. A empresa era do teu pai, o problema é que não cou ninguém a quem a deixar.

Aquelas palavras zeram-me pensar no irmão que tive e que morreu com os meus pais naquele acidente. O Alex tinha-me dito, e tinha conseguido con rmar na Internet, que se chamava Adam. Era louro e tinha olhos verdes, como pude comprovar em fotogra as que tinham aparecido em publicações, fotogra as essas que, até àquele momento, eu nunca tinha visto. Se soubesse que parte da vida do meu pai estava na Internet...

Havia imagens dele a pescar com gente importante, indivíduos de grandes empresas, até havia uma com o primeiro-ministro do Reino

Unido. Havia imagens suas em festas, em que estava vestido com elegância, e uma rapariga loura linda no braço... Seria a mãe do Adam? De certeza, porque era constantemente fotografada com eles, porque, pelos vistos, levavam-no sempre para onde quer que fossem.

Uma fotografa em especial chamou a minha atenção. Tinha sido tirada mesmo antes de entrarem num avião privado. Nela, via-se o meu pai com o Adam bebé, sentado ao colo, a mãe estava ao lado e sorria para a objetiva da máquina fotográfica, enquanto, à sua direita,

um senhor mais velho, de cabelo grisalho, com uns quarenta anos, também sorria, acompanhado de um menino no máximo com cinco anos.

Estremeci quando percebi que aquele menino era o Alex em pequeno. No avião, lia-se perfeitamente «Lenox Executive Aviation».

De certeza que o pai dele tinha sido amigo do meu, o mesmo Alex que me informara que era um dos seus melhores clientes.

Comprovar que tudo aquilo que me dissera era verdade deixava-me uma imensa vontade de lhe ligar, mas tenho de admitir que me sentia envergonhada pela maneira como o tinha tratado, pela forma como tinha deixado que se fosse embora por eu estar furiosa, quando a única coisa que ele zera tinha sido contar-me a verdade.

Também me falara sobre as acusações que tinham sido feitas contra a sua empresa e contra os seus aviões quando os meus pais morreram no acidente. Era verdade que tinham saído em vários jornais e revistas, era verdade que tinha sido aberta uma investigação, era verdade que tinha sido arquivada por falta de provas, era verdade que, todavia, ninguém tinha pagado pela morte da minha mãe, do meu pai, do meu irmão e da tripulação do avião que nunca devia ter saído de Amesterdão com destino a Londres. Mas continuava a haver coisas que eu não conseguia compreender.

Segundo o Alex, tinham encontrado a caixa negra. Do que ouviam nela, deduziram que o avião sofrera graves problemas técnicos que os pilotos não tinham conseguido detetar nem resolver. O Alex defendia a ideia de que tinha sido um acidente provocado, que o avião tinha sido manipulado para cair... Podia ser verdade, sim, mas tudo apontava para uma explicação desesperada para não aceitar que a sua empresa tinha sido muito simplesmente a causadora do acidente.

Eu não o defendia, mas compreendia-o. Compreendia a sua família e a necessidade de limparem uma mácula que, sem dúvida, poderia ter

acabado com o negócio da família. Ficara completamente furiosa com ele quando me confessara aquilo, mas agora já conseguia percebê-lo, apesar de o erro cometido pela sua família ter acabado por dar cabo da minha.

E tudo isto me rodopiava na cabeça quando bateram à porta da clínica veterinária.

— Entra — disse, lavando muito bem as mãos no pequeno lavatório que havia no canto.

— Até que em m que te encontro — replicou o Gus, fechando a porta atrás de si.

— Onde havia de estar senão aqui? — respondi, secando as mãos numa toalha um bocado suja.

— A Maggie e o Malcolm meteram-se numa alhada — declarou, deixando-me paralisada de surpresa.

— Como?

— Estiveram aos gritos no Mola Mola, foi uma barracada. O pior é que tive de intervir. O Malcolm passou-se, porque foi a Maggie que o deixou, e não ele, como, pelos vistos, gostaria de ter feito. O idiota pegou na cerveja e atirou-a ao chão e um dos vidros cortou a Maggie no pé...

— Como? — repeti, angustiada e sem conseguir acreditar naquilo.

— Pediu-lhe logo desculpa e quis ajudá-la, mas o Gus e eu tirámo-lo dali. Não me interessa se ele não queria fazer-lhe mal, já lho tinha feito!

Assenti ao mesmo tempo que levava a mão à boca.

— Como está a Maggie?

— Bem, acredites ou não, está mais irritada do que triste.

Isso deixou-me mais descansada, embora ainda fosse muito cedo para analisar os sentimentos da minha amiga. A nal, aquilo tinha-se passado com o marido dela... Não estava muito admirada. Depois de o Malcolm ter cado a saber que a Maggie tinha dormido com o Nate e ela ter sabido que ele passara um ano inteiro a mentir a toda a gente, a relação deles tornara-se um desastre. Não con avam um no outro e

já se via uma rutura a aproximar-se, embora eu nunca tivesse imaginado que aconteceria numa discussão da qual a minha amiga saísse literalmente ferida.

Que grandessíssimo idiota.

— Já terminaste o trabalho aqui? Acho que lhe faria bem ver-te.

Olhei à minha volta. Teria gostado de acabar de limpar aquilo, sobretudo, porque, se não o zesse naquele momento, teria de o fazer no dia seguinte, antes da minha primeira aula de ioga. Isso signi cava que teria de madrugar, mas a minha amiga precisava de mim, e isso era muito mais importante.

— Vamos lá — disse ao Gus, dirigindo-me para a porta.

Descemos a colina com as motas quase em ponto morto e o *Batú* a correr ao meu lado. Desde a morte do meu tio, nunca mais se separara de mim. Era como se soubesse que eu estava triste e quisesse reconfortar-me com a sua companhia constante, e eu estava grata por isso, porque a sua presença arrancava-me sempre um sorriso.

Olhei para ele pelo espelho retrovisor da mota e, ao ver como corria cheio de energia, com a língua de fora e a ladrar, feliz, não consegui conter um sorriso.

Dirigimo-nos para as *suites* da Maggie, porque ela morava mesmo ao lado, num pequeno apartamento que os pais tinham construído

para quem gerisse o hotel.

Quando batemos à porta, uma voz masculina gritou para que esperássemos.

Era o Eko.

— Como é que ela está? — perguntei, em jeito de saudação, quando nos abriu a porta.

— Queixosa — respondeu, franzindo logo o sobrolho.

Entrei no vestíbulo e avancei até chegar ao espaçoso salão onde predominava a pedra branca e as almofadas coloridas. Num canto, havia um pau de incenso a arder, inundando a divisão naquele aroma que conhecíamos tão bem. No outro canto, havia um buda bastante grande que nos observava com um olhar imperturbável. Já tinha

perdido a conta às religiões que a Maggie tinha decidido seguir ou aos deuses a que rezava todas as noites. Segundo ela, sentia o chamamento nos momentos menos esperados, e, quando o fazia, a sua decoração ajustava-se aos seus costumes.

A Maggie estava deitada no sofá, com a cabeça onde deviam estar os pés e os pés onde devia estar a cabeça.

— Olá — cumprimentei-a, um pouco confusa. Vi que tinha o pé manchado de sangue.

Inclinou a cabeça para trás para me conseguir ver melhor.

— Já soubeste? — perguntou-me e vi algumas lágrimas cair na direção contrária ao habitual e misturarem-se com o seu cabelo, em vez de lhe escorrerem pelas faces.

Assenti em silêncio.

— O que fazes sentada dessa forma? — indaguei, observando-a sem conseguir acreditar.

— É idiota — respondeu o Eko do seu lugar. — Acha que assim vai deixar de sangrar.

— Estou a deixar que a gravidade cumpra a sua função.

Pousei a minha bolsa em cima de uma mesinha e sentei-me ao pé dela enquanto o Eko, na parte de trás do sofá, tentava limpar-lhe a ferida com uma gaze.

— É profunda? — perguntei-lhe, examinando a ferida.

Ele abanou a cabeça, negando-o.

— Felizmente para o imbecil do Malcolm, não. Não é — replicou à medida que pegava num curativo e numa gaze e começava a tratar-lhe do pé.

— Deixei-o — disse-me a Maggie, embora eu já o soubesse. — Já não aguentava mais: as discussões, os gritos... Não íamos recuperar do que... Tu sabes — declarou, olhando-nos com remorsos. — Dou cabo de todas as minhas relações... Não sei como faço isto, mas todos os homens de quem gosto acabam por se afastar de mim.

Antes de conseguir dizer-lhe alguma coisa, o Eko deu-lhe uma

palmada na perna.

— Acorda, Maggie! — disse-lhe. — Não são eles que se afastam de ti, és tu que os afastas, porque nenhum deles é su cientemente bom para ti.

— Uma bonita forma de ver as coisas, mas todos sabemos que não é isso que se passa — retorquiu e reparei que o Gus se sentava do outro lado do sofá, tando-a, ao mesmo tempo que, em silêncio, abanava a cabeça.

— Devias concentrar-te nas coisas que correram mal e tentar aprender com elas, para que, da próxima vez, não te aconteça o mesmo.

— Da próxima vez? — perguntou, sentando-se direita quando o Eko acabou de lhe fazer o curativo no pé. Agradei por voltar a vê-la na vertical. — Dispenso. Estou a pensar fazer um retiro espiritual, vou tornar-me lésbica ou algo assim, mas nunca mais me vou relacionar com nenhum homem.

— Uma mulher não se pode tornar lésbica, Maggie, é-se e ponto nal.

— Garanto-te que, se me envolvesse com uma mulher, as coisas correriam melhor.

— Primeiro, para te envolveres com uma mulher, terias de gostar delas.

— E gosto, está bem? Fico toda arrepiada com a Beyoncé e a Dua Lipa...

— Todos camos arrepiados com a Beyoncé e a Dua Lipa, mas isso não signi ca...

— Podes deixar que me junte a uma fulana e pronto? — resmungou.

Decidi intervir antes que iniciassem uma discussão sem sentido.

— Aqui, o importante é que tu decidiste deixá-lo, Maggs. Se o zeste, foi porque re etiste bastante sobre isso. Eu conheço-te e não farias uma coisa destas sem teres re etido bem sobre o assunto.

A Maggie calou-se e olhou para as unhas, distraída.

— Não éramos felizes... Havia muitas divergências na nossa relação, o Malcolm sabia, ou, pelo menos, eu sentia... Não esqueci o Nate. Foi

esse o maldito do problema.

O Eko, o Gus e eu entreolhámo-nos com cumplicidade.

A história do Nate e da Maggie parecia não ter fim e já raiava a obsessão.

— Felizmente, o Nate está muito longe daqui — disse o Eko, tentando pôr um ponto nal naquele assunto, mas o semblante da

minha amiga fez com que os três voltássemos a trocar olhares.

— Há uma coisa que tenho de vos contar... — a rmou, conseguindo que os três voltássemos a car tensos ali sentados no sofá.

— Não me venhas cá com merdas de querer voltar para ele! —

exclamou o Eko, sem conseguir acreditar no que ouvia.

— Não podes fazer isso, Maggie, ele não te merece! — acrescentou o Gus.

Permaneci em silêncio.

Não gostei mesmo nada da cara da minha amiga...

— O que queres dizer-nos? — perguntou o Eko após alguns instantes de silêncio.

A Maggie inspirou pelo nariz e olhou para mim antes de falar.

— Estou grávida.

CAPÍTULO 4

ALEX

Levantou-se do sofá assim que me viu.

Tive de me aproximar dela para a cumprimentar, não podia fazer de conta que não a tinha visto, porque, porra, estava sentada com o Nate e outras três pessoas.

— Alex — cumprimentou-me. Não nos tínhamos encontrado muitas vezes desde a nossa separação, há um ano, mas fazia sempre a mesma coisa: pousava a mão ao de leve no meu peito e os seus lábios roçavam na minha face. Desta vez, tornou a fazê-lo.

Cheirava, como sempre, ao perfume *J'adore*, da *Dior*, de que tanto gostava e que me tinha feito oferecer-lhe todos os natais que passáramos juntos, que tinham sido três, juntamente com mais alguns caprichos bastante caros que me informava sempre que desejava um mês antes das festividades natalícias. Eu tinha perdido a conta às carteiras *Chanel*, *Louis Vuitton* ou *Jacquemus* que tivera de pedir à minha secretária para lhe comprar, para lhe agradar. Não a criticava, dera-me prendas igualmente caras, dinheiro não lhe faltava. Era lha do dono da cadeia de hotéis W. Também era amiga de infância do Nate, uma vez que os seus pais se dedicavam à mesma atividade. Por esse motivo, tínhamo-nos conhecido através do Nate.

O que eu não percebia era por que raio o Nate me zera ir até ali quando sabia que a nossa relação não tinha terminado da melhor forma, mas, pensando bem nisso, será que alguma relação acabava realmente bem?

Pensei automaticamente na Nikki e que, inclusivamente com ela, a única mulher com quem tinha conseguido mostrar-me tal como era, sem medo de ser rejeitado, com quem me tinha dado incrivelmente bem e que tinha desejado mais do que qualquer outra, a nossa relação tinha acabado de uma forma estranha.

— Amanda — disse, forçando um sorriso, mas falhando na tentativa.

Com o olhar, fulminei o Nate, que se levantou apressadamente, passando um braço pelos meus ombros e sorrindo para os outros.

— Muitos de vocês conhecem o meu amigo Alex — declarou, entusiasmado —, mas poucos sabem que, há apenas um mês, o meu queridíssimo amigo se estreou como pai.

A Amanda olhou-me, incrédula.

Foda-se, Nate.

Uma das razões pelas quais nos tínhamos separado era por eu não querer ter lhos, ao contrário dela.

— O nosso querido Alex é pai de uma menina de onze anos! Não é maravilhoso?

Afastei-o e levantei a mão para chamar o empregado de mesa.

A música estava muito alta e os que estavam à mesa connosco não

souberam o que fazer ou dizer. Dois deles deram-me os parabéns e outro rapaz, que só conhecia de vista das várias festas que o Nate organizava no seu sótão, cou calado, parecia ter consciência da tensão repentina que emanava do meu corpo.

— Um uísque duplo com gelo — pedi-lhe —, uma garrafa de água e qualquer coisa para este imbecil comer.

Em seguida, virei-me para o meu amigo.

— Fizeste-me vir aqui sabendo que estavas com uma piela? —

perguntei-lhe, mostrando-me cada vez mais irritado à medida que os segundos iam passando.

O Nate olhou-me com um ar divertido.

— Estou bem, Alex, não exageres — replicou e aproveitou para me apresentar à rapariga que estava sentada ao lado dele. — Esta é a Giselle, a miúda de que te falei. — Se se referia àquela de quem me tinha falado ao telefone há mais ou menos uma hora...

— Tudo bem? — indaguei e ela sorriu ao mesmo tempo que passava um braço em volta da cintura do Nate.

Pelo canto do olho, vi a Amanda pedir licença e afastar-se, caminhando até ao bar.

Eu sabia que aquilo que o Nate tinha acabado de dizer a tinha afetado.

Praguejei entre dentes e levantei-me para ir atrás dela.

Ela sentiu a minha presença nas suas costas, mas não se virou.

— *Barman* — chamei, aproveitando a minha altura, que se destacava por cima das pessoas que aguardavam para pedir uma bebida. Ele aproximou-se logo. — O que queres? — perguntei à Amanda, que não respondeu. — Um *Cosmopolitan*, por favor — pedi-lhe, porque sabia que aquele era o seu *cocktail* preferido, pelo menos quando estava comigo.

Girou sob si própria até car com as costas apoiadas no balcão e encaixada entre ele e eu.

— Uma lha? — perguntou no mesmo tom incrédulo que toda a gente usava quando lhes contava.

— A tua expressão de surpresa é muito parecida com a minha quando eu soube — respondi. Peguei no Cosmopolitan, entreguei-lho

e aceitei o uísque duplo que pedira.

— Não sabias? — questionou para se certificar, embora eu tivesse acabado de lhe confirmar que só tinha cado a saber há pouco tempo.

— Achas que se soubesse que tinha uma lha por aí algures não o terias sabido durante os três anos em que estivemos juntos?

— Quem é a mãe? — quis saber sem responder à minha pergunta e vi como os seus lábios se franziam, como fazia sempre que estava com ciúmes ou aborrecida.

Não lhe devia nenhuma explicação, já devia saber isso, mas compreendia que quisesse perguntar-me aquilo.

— Era uma rapariga com quem andei na faculdade.

— Era? — perguntou, apercebendo-se do verbo no pretérito imperfeito.

— Morreu há sete meses de cancro no pâncreas — respondi e bebi um gole da minha bebida.

A Amanda arregalou os olhos, surpreendida.

— Tiveste de car com ela? — replicou.

Não fui apanhado desprevenido por não mostrar nenhuma empatia pela morte da mãe da Lília e não me surpreenderia se casse aliviada por saber que uma provável ex-namorada minha tivesse conseguido regressar à minha vida.

— Além do avô, que tem oitenta e cinco anos, sou a única pessoa que ela tem.

A Amanda afastou-se do balcão do bar e caminhou até uma zona onde havia uns pequenos sofás, onde se sentou.

— Incrível — comentou.

Também me sentei e acomodei-me enquanto acenava a cabeça e acabava a minha bebida de um só trago.

Chamei o empregado de mesa, levantando a mão. Ergui o meu copo e

pedi-lhe outro.

— Como se chama?

— Lilia — respondi.

Olhou-me, surpreendida.

— De todos os homens por quem estive apaixonada, foste o único a quem nunca desejei nada de mal, sabes? — confessou e não pude deixar de erguer as sobrancelhas. — Acabámos precisamente porque tu não querias ter lhos, e agora...

— Para ser franco, Amanda, e tal como te disse naquela altura, acho que estavas apaixonada por uma idealização da maternidade que nada tinha que ver com a realidade.

— Lá vens tu outra vez com essa conversa — disse, negando-o conforme abanava a cabeça, mas não cou furiosa, como tinha acontecido há um ano.

— Não és uma mulher que queira ceder a sua liberdade e o seu tempo para criar um bebé, e tu sabe-lo bem.

Endireitou as costas e suspirou.

— Sempre gostei da ideia de estar grávida, de decorar o quarto do bebé, de lhe comprar roupa, de escolher o melhor carrinho, o berço mais bonito...

— Um bebé não é um brinquedo.

Fitou-me, aborrecida.

— Já sei disso, Alex — respondeu, cortante, e, em seguida, suspirou.

— Mas tens razão, vi isso com algumas das minhas amigas... É

horrível não ter tempo para nada, já nem lhes apetece ir a festas, estão sempre com os lhos, passa-se sempre qualquer coisa com eles...

Sempre pensara isso.

Ela gostava da ideia de um bebé perfeito, que podia vestir com roupa de marca, mas não tinha qualquer instinto maternal.

— Ei, meninos! — chamou-nos o Nate com a sua nova namorada de

braço dado com ele. — Vamos mudar de pouso — disse com um sorriso que lhe ocupava a cara toda.

Achei graça que usasse a palavra «pouso». O Sky Garden era tudo menos um pouso, e muito menos o eram os lugares frequentados pelo Nate.

Como eu sempre tinha dito, o Nate era um betinho com ar de *hippie*.

— Acho que me vou embora — anunciei enquanto me levantava.

— Como?! — exclamou o Nate conforme, ao meu lado, a Amanda também se levantava. — Nem pensar, vamos mas é para a farra!

Abanei a cabeça.

— Prometi vir tomar uns copos e já bebi dois — respondi-lhe, abotoando o casaco com a intenção de voltar para casa. Em primeiro lugar, não deveria ter ido ali, não sabia o que me tinha passado pela cabeça... Talvez estivesse a tentar desligar-me de tudo o que se passava em casa, mas a única coisa que se tinha passado desde que ali chegara tinha sido falar justamente do que tinha em casa.

— Anda lá um bocadinho, Alex — disse a Amanda atrás de mim à medida que punha a mão ao de leve no meu antebraço. — Também me vou embora daqui a pouco e assim mantemo-nos juntos para nos irmos embora sem o Nate fazer ta. É melhor serem dois contra um.

Hesitei.

— Anda lá! Há mil anos que não saímos e andamos por aí... —

Tinha toda a razão.

Acabei por aceitar, porque, por um instante, senti pânico de voltar

para casa, onde uma menina de onze anos esperava algo de mim que eu não era capaz de lhe dar.

Fomos a uma discoteca do Soho que frequentávamos com assiduidade, ou, pelo menos, fazíamos-lo antes de tudo ter acontecido.

Deixaram-nos entrar assim que nos viram chegar, o Nate era cliente VIP e sabiam perfeitamente quem nós éramos, o que gostávamos de beber e o espaço reservado em que cávamos sempre.

A música estava alta, mas pelo menos no espaço reservado não

tínhamos as colunas acima da cabeça.

O Nate pediu champanhe, brindámos e bebemos. Aproximei-me do varandim para ver as pessoas a dançar, estavam ali em baixo umas quinhentas pessoas agarradas como lapas sem conseguirem respirar, mas pareciam felizes.

Senti uma presença ao meu lado.

— Sempre gostei de ver como observas os outros, como se todos aqueles que estão ali em baixo fossem um mistério difícil de decifrar

— disse a Amanda, captando a minha atenção.

Virei-me para ela e veri quei que o azul dos seus olhos reluzia quando as luzes da discoteca se re etiam neles.

Era muito bonita. Era o género de rapariga que só era abordada por um homem muito con ante.

E eu era esse tipo de homem.

— Para mim, são. As pessoas em geral... Custa-me perceber qual é o divertimento de andarem agarradas umas às outras e dançarem todas suadas com desconhecidos.

A Amanda pôs-se em bicos de pés e aproximou-se do meu ouvido para que eu pudesse ouvi-la:

— Porque é divertido — respondeu simplesmente, mantendo-se muito perto de mim.

Pensei automaticamente na Nikki.

Tinha saudades dela... Da sua doçura, da sua simplicidade, dos seus olhos sem rímel e da sua pele bronzeada sem maquilhagem.

A Amanda era muito bonita, mas andava sempre maquilhada, mesmo quando tínhamos dormido juntos. Era uma coisa ridícula, porque era bonita e não precisava de se maquilhar, mas aí estava a questão.

A Nikki era diferente, era pura nesse sentido mais amplo do termo, porque não tinha sido corrompida por uma sociedade materialista, super cial e simplista, na qual eu próprio me incluía.

— Desculpa — disse-lhe, afastando-me na direção da casa de banho.

Não podia continuar a pensar na Nikki, não podia fazê-lo, porque ela pertencia a outra realidade, a outro mundo que cava muito longe dali.

Eu tinha feito uma asneira com ela ao tentar revelar-lhe segredos que ela não estava interessada em saber. Não precisava de toda a merda que havia aqui em Londres nem da fortuna que eu sabia que lhe era devida. Não precisava disso tudo, porque estava noutra nível, porra.

Saí da casa de banho e deparei com o Nate, que voltou a passar um braço pelo meu pescoço e me falou ao ouvido.

— Olha lá, não estás chateado comigo, pois não?

— Não mereces que desperdice o meu tempo a chatear-me contigo, Nate.

— A Amanda chegou logo a seguir, não sabia que ela ia car —

admitiu e, por algum motivo, acreditei nele. — Estás muito taciturno... — comentou, observando-me xamente enquanto nos aproximávamos do balcão do bar e pedíamos outra bebida.

— Estou a lidar com imensa coisa, Nate.

— Precisas de te desligar, como zeste em Bali — disse, e, pela minha expressão, calculo que percebeu que acabava de tocar num assunto delicado.

— Não continuas a pensar nela, pois não? — perguntou-me.

— Tu não pensas na Maggie? — retorqui e percebi que não a devia ter mencionado.

— Essa fulana não merece nada de mim, nem os meus pensamentos

— declarou num tom de voz muito mais frio do que dantes.

— Sabes que isso não é verdade, mas não és capaz de o admitir. Eu sim, penso nela, claro que o faço. Ela é uma rapariga incrível, uma mulher com quem, pela merda de uma vez na minha vida, me senti livre para ser quem queria ser e não quem devia ser.

Levantámos os nossos copos e dei um grande trago.

Retirei o telefone do bolso para ver as horas. Era uma da manhã.

— Vocês continuam a falar? — perguntou-me, e, sem esperar pela

minha resposta, tirou-me o telemóvel da mão.

— Dá-mo, Nate — exigi, chateando-me por alguns segundos.

Vi-o mexer no meu telemóvel como se fosse seu.

Não sei em que merda de momento achei que era boa dar-lhe a minha palavra-passe.

— Oh... Não te respondeu, não foi? — perguntou, vendo as minhas mensagens.

— Dá-me já o telefone, Nate, estou a falar a sério.

— Meu, mandaste-lhe mensagens todos os dias durante uma semana e ela nem se deu ao trabalho de te responder!

Fiquei calado, porque ele tinha razão e não podia ngir que aquilo não me magoava ou não me fazia sentir um idiota.

— Dá-me o telefone — repeti.

O Nate olhou para mim e presumo que, de certo modo, viu nos meus olhos que aquilo me afetava.

Antes de eu conseguir fazer alguma coisa, ele começou a teclar só Deus sabe que merda e depois passou-mo.

— Pronto.

— Que merda é que lhe disseste? — perguntei, irritadíssimo.

— Nada — foi tudo o que disse.

— Não me lixes, Nate.

— Apaguei o número dela e as vossas conversas — admitiu sem a menor hesitação.

Fiquei calado por um instante.

— O que zeste? — questioneei, com os batimentos cardíacos acelerados sem perceber muito bem porquê.

— Temos de nos esquecer de Bali e das merdas todas que aconteceram por lá.

— Por as merdas todas que aconteceram por lá, referes-te à Nikki e à Maggie? — perguntei-lhe, cerrando os punhos com força.

— Eu libertei-te. Quem me dera que alguém tivesse feito isso por mim quando estava obcecado pela Margot e lixado com ela. Assim, não vais cair na tentação de lhe falar, na expectativa de algo que nunca vai acontecer. Pertencemos a mundos diferentes. Aquelas raparigas não são para nós e...

O meu punho voou diretamente para a sua cara sem me aperceber de que o fazia.

Sacudi a mão ao ver o Nate no chão, e o pior de tudo foi o facto de não me importar absolutamente nada com isso.

Cheguei a casa com uma irritação como há muito tempo não sentia.

A impotência de entrar no meu telefone e ver que o número da Nikki já não estava nos meus contactos, saber que já não podia falar com ela... Maldito Nate, porra.

Agora, se quisesse saber dela, teria de esperar que a Nikki falasse comigo, coisa que não tinha feito desde que nos tínhamos separado.

Aquilo magoava-me, não podia ngir que não doía. Conseguia perceber que as condições em que nos tínhamos separado não tinham sido as melhores, mas tínhamos convivido durante praticamente um mês inteiro, tínhamos estado juntos nos últimos dias, como se fôssemos namorados, tínhamo-nos comportado como um casal...

Como é que ela conseguia não responder às minhas mensagens? A única explicação que eu via era ela continuar aborrecida e descontente com as revelações que eu tinha feito, mas já passara mais de um mês desde que nos tínhamos separado... Acho que, pelo menos, podíamos ter trocado um: «Olá, como estás?»

Entrei no meu quarto a sentir-me incrivelmente patético. Embora nunca o admitisse em voz alta, ter eliminado o único o que ainda me unia a ela talvez não tivesse sido assim tão má ideia. A nal, o Nate tinha razão quando dizia que pertencíamos a mundos completamente diferentes. Eu não conseguia imaginar a Nikki aqui, em Londres.

Lembrei-me das mesmas palavras que ele me tinha dito naquela altura quando estávamos em Bali, a propósito da Maggie:

«As pessoas daqui... Não compreendem a nossa maneira de viver.

São diferentes, mais... Não sei, estão ligadas a coisas que nunca entenderei. Imaginei a Margot em Londres, com o trânsito, a chuva, o frio e, subitamente, senti que estava a arrancar uma or de um lindo jardim para a meter num frigorí co cinzento, frio e triste.»

Compreendi perfeitamente as suas palavras.

A Nikki não pertencia a este lugar e, quanto mais cedo o aceitasse, mais depressa poderia seguir em frente, mais depressa poderia deixar de car à espera de uma coisa que nunca iria acontecer.

Devia focar-me na Lilia, nas minhas novas responsabilidades, devia certi car-me de que a ameaça contra a minha vida, que tinha recebido há um mês, continuava a ser infundada...

Entrei no meu quarto, dirigi-me à casa de banho, tomei um duche rápido e adormeci, exausto, assim que pousei a cabeça na almofada.

Já tinha muito com que lidar no dia seguinte em casa dos meus pais.

Tal como tinha prometido à Lilia, logo de manhã, bem cedo, entrámos no carro e fomos para o Harrods. Reparei que ela usava umas calças de ganga, as mesmas *Converse* brancas com que tinha chegado ao aeroporto de Heathrow e uma camisola que, sem dúvida, já tinha visto melhores dias.

Calculo que, sendo eu seu pai, a minha obrigação fosse comprar-lhe tudo aquilo de que necessitava, e, não vos vou mentir, senti-me tentado a dizer-lhe para ir ao centro comercial com a Hannah, mas não podia continuar a evitá-la. Devia passar tempo com ela, nem que fosse algum tempo. Tinha de aceitar a minha nova realidade.

Começava a descobrir que ela era uma miúda muito reservada e calada, até mesmo tímida. Na sua idade, eu não era nada assim, era um turbilhão insuportável e muito travesso, talvez até demasiado, embora tenha deixado essas características para trás à medida que fui crescendo. Além disso, desde a morte do meu irmão, custava-me muito conectar-me a coisas com que, antigamente, me conectara sem o menor esforço. Sem dúvida, era precisamente isso que se passava com a Lilia, e, ao perder a mãe numa idade tão jovem, isso teria acabado por condicionar a sua personalidade.

Deixei o carro num parque de estacionamento próximo e de con ança e caminhámos pela Hans Road até chegarmos à Brompton Road, onde cava a entrada principal do Harrods. O céu estava bastante nublado, embora não me parecesse que fosse chover. À nossa volta, os

transeuntes iam e vinham, uns com sacos, outros com câmaras nas mãos e outros ainda, como eu, pareciam apenas ter de chegar a algum lado. Londres era uma cidade muito bonita, mas estava sempre cheia de turistas. Tinha sido sequestrada por eles, e isso era uma coisa que eu detestava, sobretudo quando me apetecia passear tranquilamente pela cidade, coisa que já quase não fazia.

Observei a Lilia a olhar boquiaberta para tudo o que a rodeava.

Apercebi-me, então, de que não conhecia Londres e de que eu era uma porcaria de pai, mas não tinha tempo para andar a dar passeios turísticos com ela. Raios, teria de contratar uma ama, ou algo do género, para a levar a lanchar, ao parque ou aonde quer que as miúdas de onze anos quisessem ir.

— Queres que eu compre roupa aqui? — perguntou-me, olhando para o luxo que havia à sua volta.

— Anda lá por aqui — indiquei-lhe com muito pouca paciência.

Odiava mesmo ir às compras.

Subimos no elevador até ao andar da roupa de criança.

Um letreiro que dizia «Pequenas marcas de luxo» deu-nos a indicação de que estávamos no sítio certo.

Uma rapariga magra, jovem e bastante bonita aproximou-se de nós com um grande sorriso. Lançou-me um olhar de censura bastante descarado, mas ignorei-a, pondo uma mão nas costas da Lilia.

— Bom dia, em que posso ajudá-los? — perguntou, sorrindo para a menina de uma forma excessivamente meiga.

— Precisa de coisas para vestir... Sobretudo um vestido para levar a uma festa hoje à noite e um casaco adequado para a ocasião.

A Lilia virou a cabeça para olhar para mim.

— Um vestido?

— A tua avó há de querer que sigas a etiqueta, sim.

— Claro, senhor... — disse a funcionária, terminando a frase num tom interrogativo.

— Lenox — respondi talvez com demasiada frieza.

— Senhor Lenox, há alguma coisa em concreto de que goste?

Franzi o sobrolho. Olhei para a Lília, que observava a mulher como se fosse uma marciana.

— Pergunte-lhe a ela — repliquei. — Estarei no café do quinto andar. Lília, qualquer coisa, liga-me.

Fitou-me como se, naquele momento, o marciano fosse eu.

— De que telefone? — perguntou.

Merda.

Não tinha telemóvel? Ainda era demasiado pequena para o ter?

— Não se preocupe, senhor Lenox, eu ajudarei a sua...

— Filha — respondi e voltei a sentir-me estranho a pronunciar aquela palavra.

Os seus olhos revelaram surpresa e também não a censurei. Não tinha idade para ter uma lha de onze anos... Um bebé talvez, mas não uma menina de onze anos.

— Ajudarei a sua lha, vamos escolher tudo aquilo de que precisar e, quando tivermos acabado, ligar-lhe-ei para que possa descer e vir buscá-la.

Assenti, satisfeito, sem me aperceber da artimanha.

— Pode dar-me o seu número de telemóvel?

Esforcei-me para não revirar os olhos.

Mais tarde, bloqueá-la-ia, já estava mesmo a ver de onde vinham os comentários.

Dei-lhe o número, passei pela zona da tecnologia e subi logo para o café, onde z algumas chamadas de trabalho e aproveitei para tomar um café.

Uma hora depois, mais ou menos, um tempo excessivamente longo para se comprar algumas peças de roupa, ligaram-me de um número desconhecido.

— Já terminámos, senhor Lenox — disse a voz da empregada de

balcão.

Paguei o café e desci para o andar da roupa infantil. Quando cheguei, vi a Lilia sentada num banco com várias caixas e sacos à volta.

— Compraste tudo aquilo de que precisavas? — perguntei-lhe.

A Lilia anuiu com um aceno de cabeça.

— Escolhemos algumas peças de roupa para o dia a dia, senhor Lenox, bem como o casaco e o vestido de que precisa para o aniversário da avó.

— Muito bem. — Com um aceno de cabeça, estendi-lhe o meu cartão de crédito. — Têm o serviço de entregas ao domicílio? —

indaguei, olhando para a quantidade de sacos que ali estava.

— Sim, senhor.

— Perfeito, então, enviem tudo para esta morada.

A rapariga apontou-a, a Lilia pegou no casaco que tinha comprado, um cor-de-rosa da *Ralph Lauren*, e pô-lo debaixo do braço com um sorrisinho.

Estava contente... Eu estava a fazer com que a minha lha sorrisse, nalmente. Oxalá não fosse por lhe ter comprado coisas, mas também não estava a queixar-me.

Sáímos do Harrods e dirigimo-nos logo para o carro. Afastei-me do centro e parei para poder almoçar num dos meus restaurantes preferidos, um que não cava muito longe de casa.

Já sentados à mesa, retirei uma caixinha do bolso interior do meu *blazer*.

— Toma — disse, estendendo-lhe o telefone que tinha parado para comprar enquanto ela escolhia as peças de roupa.

Os seus olhos arregalaram-se de espanto.

— Um *iPhone*? — perguntou, como se estivesse a dar-lhe ouro líquido.

— Assim, da próxima vez, não tenho de dar o meu número de telemóvel a uma desconhecida.

A Lília levantou os olhos do telefone e cravou-os em mim.

— Ela gostou de ti — disse-me enquanto abria o invólucro e retirava do interior o *iPhone* branco. — Perguntou-me muitas coisas sobre ti.

Fazia-o de forma dissimulada, mas era óbvio que queria saber mais sobre ti.

Credo.

— Não te devia ter perguntado nada, és uma menina.

Os seus olhos azuis voltaram a elevar-se para olharem para mim.

— A minha mãe não me deixava ter um *iPhone* — a rmou, mudando de conversa e deixando-me um pouco desconfortável.

Estaria a fazer mal ao comprar- lhe um telemóvel?

No entanto, depois, percebi que não podia substituir a sua mãe. Eu não era ela, e a Lília precisava de ter um telefone, caso surgisse alguma emergência, fora ou dentro do colégio.

— Bem... Tendo em conta as circunstâncias, certamente não se iria importar que tivesses um.

— Que circunstâncias?

Hesitei um segundo.

— Ouve, Lília, eu sou um homem muito ocupado. Não sei se sabes, mas agora sou o diretor-geral da empresa da nossa família. Também sou piloto, viajo muito e, embora neste momento não me pareça que continue a pilotar aviões, vou estar muito ocupado. Estou a dar-te o telefone para poderes comunicar comigo, caso precises de alguma coisa.

Anuiu em silêncio e foi tudo o que fez. Dirigiu a atenção para o seu telefone novo e comemos em silêncio, cada um imerso nos seus próprios pensamentos. Apesar de não ter sido tão horrível como tinha imaginado, já sentia necessidade de a deixar em casa e me concentrar nos meus assuntos.

Paguei a conta e voltámos para casa.

— Posso ir ao parque para passear o *Camilo*? — perguntou-me, apontando para a colina que havia ao lado da casa. Regents Park era

um parque lindo com uma colina com vista para os edifícios de Londres.

Não tinha a certeza se devia deixá-la ir sozinha...

— Está bem, mas diz à Hannah para te acompanhar.

Franziu o sobrolho.

— Posso ir sozinha, cá mesmo ali ao lado.

Olhei um momento para o sítio para onde apontava e acabei por abanar a cabeça, recusando.

— Com a Hannah, Lilia.

Comprimiu os lábios com força, mas não disse mais nada. Agradei que a sua explosão da véspera tivesse cado no passado. Não sabia o que lhe diria se voltasse a pedir aos gritos para voltar para sua casa...

CAPÍTULO 5

NIKKI

O sol entrava pelas enormes janelas da *suite* da Maggie, banhando tudo com um calor que não correspondia ao momento que estávamos a viver depois da bomba que a nossa amiga acabara de largar.

Acompanhada dos meus três melhores amigos, nunca imaginei que, ao ir consolá-la por ter deixado o marido, acabaria por descobrir aquela loucura.

A revelação da Margot deixara-nos perplexos.

Não podia ser verdade.

— E quem é o pai? — perguntei, sentindo o coração começar a acelerar por achar que sabia a resposta àquela pergunta.

A Maggie devolveu-me o olhar com os olhos cheios de lágrimas.

— Tendo em conta que a última pessoa com quem dormi foi o Nate...

— Chça, Margot! — exclamou o Eko, deixando-se cair contra o encosto.

O Gus estava calado, o que só agravou a sensação de alarme que acabava de se apoderar daquela divisão.

— Nem sequer sei como aconteceu... Usámos proteção.

Aproximei-me da Maggie e abracei-a.

— Tem calma, vai correr tudo bem — disse-lhe, tentando dar às minhas palavras toda a sinceridade e a calma que consegui reunir, mas sabia que não estava a ser sincera.

A Maggie, grávida de um lho não desejado e ainda por cima do Nate... Poderiam as coisas ter-se complicado mais?

— E o que vais fazer, Maggie? — indagou, nalmente, o Gus.

A minha amiga enxugou as lágrimas e virou-se para ele.

— Estás a referir-te a quê? — perguntou, e eu sabia ao que o Gus se referia.

— Vais tê-lo? — replicou, e os três olhámos para a Margot com a respiração suspensa.

A minha amiga inspirou fundo antes de falar. Pela maneira como o seu olhar endureceu, cou claro que tinha tomado uma decisão.

— Acho que nunca me perdoaria se pusesse m a esta gravidez, mas... Não sei se sou capaz de me encarregar dela sozinha, de enfrentar o Nate, de saber que, se ele descobrir, talvez não queira responsabilizar-se, e, se o zer, saber que o terei na minha vida para sempre, de uma maneira ou de outra...

Compreendia-a. Se ela tivesse o bebé e o Nate se encarregasse do seu lho, a relação deles nunca mais terminaria, para o bem ou para o mal. Teriam de se continuar a ver pelo lho, e, no caso de o Nate não querer fazer parte da vida dela, a minha amiga louca teria de enfrentar a possibilidade de criar um lho sozinha.

— Pensa bem nisso, Maggie — disse o Eko. — Sobretudo porque todos sabemos como o Nate é.

A Maggie olhou para o teto, tentando conter as lágrimas.

— Compreendo que o odeies, a sério que compreendo isso, mas também gostava que vocês conseguissem ver o homem incrível que ele é... Não me teria apaixonado tão perdidamente por ele se não fosse

assim...

— Nós nunca achámos que o Nate era má pessoa, Maggs — disse-

lhe e agradei que a Maggie estivesse a olhar para mim em vez de olhar para o Gus e o Eko, porque eles trocavam olhares que mostravam bem que não concordavam comigo. — Simplesmente, é imaturo e uma pessoa que não é de con ança, porque não cumpre a sua palavra.

— Não sei se lhe devo contar. Tento pensar no que é melhor e acho que tenho de car fora da equação. Se decidir ter o bebé, tenho de dar ao Nate a oportunidade de assumir o seu papel... Tem de o fazer, não vou privar o meu lho de ter os dois pais, por muito difícil que possa ser para mim tornar a vê-lo, voltar a tê-lo na minha vida.

— É evidente que não deves fazer isso sozinha, a criança é dos dois, mas, Maggie... Tu queres ser mãe? Parece-me que as poucas vezes em que falámos disso, sempre disseste que era uma coisa de que não tinhas a certeza, ao contrário da Nikki, que está ansiosa por ter bebés

— disse o Gus, olhando para mim com um sorriso divertido. Revirei os olhos, mas não o contradisse.

— Ainda não tinha pensado nisso a sério. Tenho vinte e três anos, era uma coisa que estava a deixar para os trinta, os quarenta, sei lá...

— Independentemente do que zeres, nós vamos apoiar-te, coração

— declarou o Eko, pondo-lhe uma mão na cabeça.

A Maggie sorriu com os olhos a encherem-se de lágrimas, sem lhe dar tréguas.

— Bolas, não consigo parar de chorar — disse, tentando parar, mas fracassando redondamente.

— São as hormonas, querida — explicou-lhe o Gus com um sorriso forçado. — Estás de quanto tempo exatamente?

A Maggie inspirou pelo nariz.

— De umas sete semanas, mais ou menos.

— O que signi ca que tens de decidir o quanto antes... — a rmei um pouco angustiada por estar a pensar no caso de ela decidir abortar.

A Maggie olhou para mim e pousou as mãos na barriga.

— Acho que já decidi — disse, olhando para nós.

Não foram precisas mais explicações. Bastava olharmos para os seus olhos para percebermos que aquela centelha de entusiasmo já estava instalada no seu olhar... Aquela centelha que ia crescendo e ganhando força à medida que as semanas iam passando e a sua barriga ia crescendo cada vez mais.

Os rapazes foram-se embora, e eu decidi car a dormir com ela.

Conversámos um pouco acerca de tudo e, quando fomos para a cama, uma cama muito maior do que a que eu tinha em minha casa, olhámo-nos diretamente nos olhos, cada uma com a cabeça pousada numa almofada diferente.

— Sabes que eu vou estar aqui para ti, não sabes? — perguntei, pegando-lhe na mão.

A Maggie sorriu.

— Somos irmãs do coração, não é?

— Irmãs do coração, sempre — respondi, sorrindo.

A Maggie pegou-me na mão, depois, disse-me a última coisa que eu estava à espera de ouvir.

— Vem comigo a Londres. Preciso que venhas comigo, não consigo fazer isto sozinha.

Fez-se silêncio entre nós as duas.

Não... Não podia estar a pedir-me a única coisa que eu não lhe conseguia dar.

— Não me peças isso, Maggie — quase lhe supliquei, fechando os olhos.

— Sei que não devia, mas, se o faço, é porque, na verdade, acho que não sou capaz de lhe dizer sem estares ao meu lado.

Deitei-me de costas e cravei os olhos no teto.

O destino não parava de me enviar sinais, de fazer incidir a luz a milhares de quilómetros, e, por muito que olhasse para outro lado,

esta parecia empurrar-me naquela direção.

— Por favor, Nikki, vem comigo. Prometo-te que vai correr tudo bem — disse-me, aproximando-se mais de mim e aconchegando-se ao meu lado.

Respirei fundo antes de falar, antes de me decidir.

— Está bem, vou contigo, desde que me prometas uma coisa.

A Maggie ergueu-se e apoiou-se nos braços para poder ver-me melhor.

— Tudo o que tu quiseses.

— Se formos a Londres, temos de voltar... juntas. Promete-me isto.

A Maggie percebeu perfeitamente o que estava a pedir-lhe.

A minha vida estava toda na ilha... A minha vida não era em Londres, nem a herança de pais falecidos, nem tios que apareciam à última da hora, nem um inglês incrivelmente atraente que me deixava sem fôlego...

A minha vida estava em Bali e não podia esquecer-me disso.

— Prometo-te.

Fechei os olhos e tentei adormecer.

A semana seguinte, não foi fácil. Terminei o curso contra o medo de voar, mas, apesar disso, continuava a sentir um enorme pavor só de me imaginar a entrar num avião. A Maggie tinha insistido que estaria comigo a agarrar-me na mão durante todo o percurso, prometeu dar-me um comprimido que deveria ajudar-me a dormir para não ter

medo e, antes de eu dar por isso, já ela tinha comprado os bilhetes.

Se tivesse sido eu a escolher, teria viajado mais tarde, teria esperado um pouco mais, mas a Maggie corria contra o tempo. Não podia continuar à espera, a sua gravidez não ia esperar que eu fosse mais corajosa e perdesse o medo de voar, portanto, foi isso o que nalmente me levou a aceitar a ideia de entrar num avião.

— Enquanto lá estivermos, temos de ir à procura da tua família, Nikki — disse-me a Maggie no dia em que tínhamos comprado os bilhetes a partir do seu computador, em casa dela. Oferecera-se para pagar o meu, apesar de eu lhe ter prometido que lhe devolveria o dinheiro aos

poucos. Naquele momento, não podia gastar tanto dinheiro a comprar um bilhete de avião, muito simplesmente, porque não o tinha.

— O importante é que tu possas falar com o Nate... Passei a vida toda sem saber nada sobre a minha família e parece-me que posso esperar mais um pouco — a rmei, apesar de, na verdade, não acreditar nisso. Não fazia a menor ideia do que aconteceria se regressasse a Londres, só sabia que a verdade podia vir sempre à luz do dia desde que eu estivesse disposta a revelá-la, coisa de que ainda não tinha a certeza.

Dizer à minha avó que ia a Londres foi mais fácil do que inicialmente imaginara. Foi como se ela estivesse à espera disso.

— Desde que os teus pais morreram, sempre soube que acabarias por querer lá ir à procura de respostas — disse-me, apesar de eu nunca lhe ter dito nada acerca disso. — Mas tem muito cuidado, querida...

A tua mãe apaixonou-se por tudo aquilo e talvez se tenha esquecido um pouco de que o seu coração pertencia ao oceano e à na areia branca.

Sorri.

— Não precisas de te preocupar com nada, avó — garanti-lhe. —

Ficas bem? — perguntei, porque detestava deixá-la.

A minha avó forçou os lábios a desenhar um sorriso.

— Sempre que tu estiveres bem, eu também estarei.

Abracei-a com força, sabendo que a deixava num momento mau.

Cheguei mesmo a duvidar se deveria ir com aquilo para a frente ou recuar na decisão, mas não podia deixar a Maggie sozinha naquele estado, sabendo que contar ao Nate o que se passava poderia acabar de mil maneiras, e, seguramente, nenhuma seria boa. A minha avó caria bem, a sua dor não era física e, mesmo estando eu ali, ela continuava destroçada... Tinha perdido os seus dois lhos, como se supera uma coisa dessas?

Falei com o Gus para que ele tomasse conta da clínica veterinária e do *Batú* e assegurei-me de que ia visitar todos os meus doentes caninos antes de ter de me ir embora. Reparti doses de medicamentos, z visitas de acompanhamento e desparasitei todos os cães que consegui para não me sentir tão culpada.

Uma parte de mim sentia que os abandonava.

Desejava ter os recursos para contratar alguém para o meu lugar, pagar a uma pessoa para continuar a fazer o meu trabalho, mas era impossível, tendo em conta o estado das minhas poupanças. Em alturas como aquela, começava a pensar de uma maneira diferente em relação à forma como seria poder dispor de todo o dinheiro necessário para trabalhar em condições.

«Tens todo o direito do mundo de herdar o que, um dia, foi do teu pai, não podes pura e simplesmente ignorar isso», insistiu a Maggie numa das poucas vezes em que o assunto da minha família voltou a

surgir entre nós.

Acho que tinha razão. Não que me movesse pelo dinheiro, nada disso, sempre tinha conseguido viver bem sem ele, mas não podia ignorar que outros precisassem mais dele do que eu. Se, de facto, havia alguma coisa na herança dos meus pais para mim, usá-la-ia para melhorar a clínica veterinária e para tratar de tantos animais quanto conseguisse.

Os dias foram passando e a data assinalada a vermelho no calendário foi-se aproximando cada vez mais. A minha ansiedade foi aumentando e as dúvidas começaram a acumular-se na minha cabeça sem me dar tréguas.

Uma noite, quando já só faltavam alguns dias para partirmos, peguei no telefone na escuridão do meu quarto e procurei o Alex nos meus contactos. Se ia viajar para Londres, tinha de o avisar. Não podia não lhe contar que estava a ganhar mais coragem, que, por m, me tornara su cientemente forte para conseguir entrar num avião. Queria que se orgulhasse de mim, que as últimas palavras que tínhamos trocado antes de ele se ir embora fossem apagadas e pudéssemos reencontrar-nos na sua cidade para que, da mesma forma que eu tinha feito com ele aqui, também ele me mostrasse a sua vida, os seus lugares preferidos e a sua cultura.

Abri o *chat* e escrevi-lhe.

Tinha o coração a bater descompassadamente. A minha respiração acelerou assim que me enchi de coragem e lhe enviei a primeira mensagem.

Estava ciente de que não tinha agido bem ao ignorar as suas, mas tinha-as recebido quando o meu tio acabara de morrer. Estava tão

consumida pela tristeza que ler as suas mensagens apenas intensi cara

a minha dor. Não tinha forças para falar com ele. Para ser sincera, estava zangada por se ter ido embora, por me ter deixado ali sozinha a viver o pior momento da minha vida, sem estar ali para me abraçar.

Fui irracional, agora sei-o, e descobri que era capaz de cometer os mesmíssimos erros quando se tratava de ter uma relação com um homem, erros pelos quais pagaria caro.

Foi estranho não receber uma resposta... Foi doloroso ligar-lhe e as minhas chamadas irem diretamente para o *voice mail*.

Foi difícil aperceber-me de que me tinha bloqueado.

O mais difícil, porém, foi entrar num avião sem o ouvir dizer que ia correr tudo bem.

O nosso voo saía às onze horas da noite. Um voo de nove horas que nos levaria diretamente para Doha, a capital do Qatar, onde iríamos apanhar outro voo de oito horas até chegarmos ao aeroporto de Stansted, em Londres.

Viver numa ilha tão turística como a minha e ter amigos europeus tinha-me ajudado a abrir a mente e a perceber bem os estrangeiros...

Ou, pelo menos, era nisso que eu acreditava até pisar o aeroporto.

Nunca tinha estado num, e os meus olhos não paravam de se maravilhar diante da enorme quantidade de pessoas diferentes que podiam juntar-se no mesmo espaço.

O Gus e o Eko acompanharam-nos até Denpasar, de onde sairia o voo. Os três foram muito atenciosos comigo, talvez por esperarem que eu pudesse querer voltar para trás no último segundo.

Não vos vou mentir, senti-me tentada a sair dali a correr. Estava apavorada, e não era só medo que sentia, mas algo que ia além disso... Uma dor física, uma dor no meio do coração que me pressionava os pulmões e di cultava a respiração.

Antes de passar a zona de segurança, antes de termos de nos despedir dos nossos amigos e chegar a um ponto de não retorno, tive de lhes pedir para esperarem.

— Preciso... — comecei por dizer enquanto levava uma mão ao peito.

— Preciso de me sentar um bocadinho.

Os meus amigos aguardaram, preocupados.

— Não te preocupes, Nikki.

— É ansiedade... — disse o Gus.

— É um ataque de pânico — contrariou-o o Eko.

— São gases e já passa — replicou a Maggie, porque queria pôr uma pedra sobre o assunto. — Respira fundo — pediu, então, agarrando-me na mão.

O que estava eu a fazer?

— Querida, vai correr tudo bem, vamos fazer tudo com calma, passo a passo. Primeiro, tem de se passar pela segurança, depois, vem a melhor parte, o *duty free*! — disse a Maggie num tom tranquilo. —

Consegues visualizar essas duas coisas?

Tentei fazer o que me pedia. Durante o curso de controlo do pânico, também nos diziam qualquer coisa do género: não nos devíamos concentrar no momento de voar, mas sim em passarmos por cada etapa com calma, por cada fase de uma viagem aérea.

Alguns minutos depois, consegui car mais calma. O Gus e o Eko abraçaram-nos em frente às las para passar a segurança e até onde lhes era permitido estar, e eu também os abracei com força, quase a desfazer-me em lágrimas.

— Vai correr tudo bem, vais car bem — sussurrou-me o Eko quando o abracei.

— Vou cuidar de todos, não te preocupes— insistiu o Gus quando

lhe pedi pela oitava vez para cuidar dos meus cães e do *Batú*.

— Vocês vão revolucionar Londres, sabem disso, certo? — comentou o Eko a sorrir, olhando para nós as duas.

A Maggie tou-me e um sorriso desenhou-se no seu rosto.

Sem dúvida que ela iria mudar a vida do Nate... No meu caso, o Alex e eu éramos uma grande incógnita. Porém, se deixasse o medo de parte, tinha de admitir que sentia uma certa emoção: ia viajar para a

cidade onde o meu pai tinha nascido e crescido. As minhas raízes estavam lá, o meu único tio vivo estava lá... Não fazia a menor ideia de como ia chegar até ele, mas, tal como estava a fazer com o voo, faria tudo aos poucos.

Divertimo-nos um pouco no *duty free*, mais a Maggie do que eu, devo admitir, e bebemos um café no Starbucks do aeroporto. Sempre tinha gostado dos *frappuccinos* daquele *franchising* e só os tinha bebido quando estava a estudar na faculdade, no centro de Denpasar, a capital de Bali.

À medida que os minutos passavam, a hora do embarque foi-se aproximando cada vez mais até só faltarmos nós para entrar no avião.

— Meninas, têm de entrar já ou vão perder o voo — insistiu a hospedeira pela quarta vez enquanto eu metia a cabeça entre as pernas e tentava inspirar para evitar vomitar.

Não ia conseguir entrar.

Não ia conseguir fazer aquilo.

Ia deixar a minha melhor amiga grávida viajar sozinha para ir ter com o pai do seu bebé. Ia deixar todas as incógnitas do meu passado por resolver e todas as possibilidades do meu futuro por descobrir, e não voltaria a ver o Alex...

O Alex... Desejei que estivesse ali para me dar a mão, me explicar as

coisas, me dizer que ele seria o meu remédio para voar, como uma vez me dissera para tentar convencer-me.

A minha primeira viagem de avião devia ser com ele... Ou, pelo menos, tinha-me dito isso quando ainda éramos su cientemente ingénuos para acreditar que a nossa relação ia durar mais do que umas férias de trinta dias.

— Desculpem, tenho de fechar as portas — insistiu a hospedeira.

Olhei, desesperada, para a minha amiga.

— Desculpa... — disse, com lágrimas a escorrer-me pela cara.

A Maggie observou-me, olhando para a hospedeira e para mim.

Ela tinha de viajar.

Não podia perder aquele voo, tinha gastado quase todas as suas poupanças para comprar os nossos bilhetes.

— Qual é o problema? — Ouvi, então, um homem perguntar.

— Tem fobia de voar, comandante — respondeu a hospedeira.

Oh, meu Deus, o comandante tinha vindo cá fora para me vir buscar.

Como podia ser tão patética?!

Voltei a respirar fundo, tentando que o pânico não se apoderasse de mim, e uns sapatos pretos apareceram por baixo dos meus olhos. Eu continuava com a cabeça enterrada entre as pernas.

— Menina, tem de se acalmar — pediu-me num tom calmo.

Respirei fundo, baixinho. Fiz o que me pedia, inspirei e expirei, enchi o peito de ar e esvaziei-o três vezes seguidas. Então, senti as suas mãos pegar-me nos braços e voltar a pôr-me na posição vertical.

Uns olhos verdes devolveram-me o olhar.

Pestanejei várias vezes, focando a visão, e concentrei-me seguramente no único comandante capaz de atrasar a saída do seu voo

para ajudar uma passageira a não perder a cabeça.

— Chamo-me Erik — disse com um sorriso. — Sou o comandante deste voo. Como se chama? — perguntou-me.

— Nikki — respondi-lhe, vendo que era lindo.

O cabelo louro e comprido dava-lhe pelas orelhas e estava penteado para trás. Trazia vestida uma camisa branca, uma gravata e um casaco com aquelas coisas às riscas por cima dos ombros. Ao todo, contei quatro riscas, e, por um instante, consegui distrair-me do meu grande problema.

— Nikki é um nome muito bonito. Se não te importas, vou tratar-te por tu — disse, e anuí em silêncio, procurando continuar a respirar. —

Vais entrar neste avião, vais sentar-te e pôr o cinto. A tua amiga vai-te dar um dos calmantes que tenho a certeza de que traz na carteira.

Depois, vais fechar os olhos e tentar descontraí-te, aliás, vais dormir algumas horas e, sem dares por isso, estaremos a aterrar em Doha. O

que te parece?

Aquilo parecia tão fácil vindo dos seus lábios.

— Vem comigo, anda — disse, pegando-me na mão.

A Maggie apressou-se a pegar nas nossas coisas e a mostrar os passaportes. O comandante não parecia nada preocupado por se ter antecipado à hospedeira, chegando mesmo a abanar negativamente a cabeça para a rapariga que me indicou amavelmente que o meu lugar no avião era o 60E, atrás de toda a gente.

— Vamos passá-las para a executiva, Mandy — disse, virando à direita, em vez de à esquerda.

A tal Mandy olhou para ele sem perceber.

— Há lugares vagos, não é? — perguntou o tal Erik.

— Sim, mas...

Vi que se aproximava dela e lhe sussurrava ao ouvido:

— Não quero que tenha um ataque de pânico e assuste os restantes passageiros. Assim, cará à frente e vigiada.

A Mandy acenou com a cabeça e, incrédulas, levaram-nos a ambas para lugares na classe executiva.

Atrás de mim, a Maggie estava doida, sem conseguir acreditar.

Sentámo-nos numa espécie de cabinas e reparei que havia um ecrã médio, uma manta, uma almofada tão grande como a que eu tinha na minha cama, uma espécie de mesinha de apoio, uma bolsa de higiene e um sem- m de botões incrustados no assento no lado direito.

— Instalem-se e ponham-se confortáveis, e, Nikki — disse o comandante —, qualquer coisa de que precisas, avisa a hospedeira e sairei dali para vir responder a alguma pergunta que queiras fazer ou resolver alguma inquietação tua. Vai correr tudo bem — declarou e, ao olhar para a Maggie, fez-lhe sinal como se tomasse um comprimido.

Arrancou-me um sorriso.

— No próximo voo, fazes a mesma ceninha, nunca tinha viajado em executiva!

Fulminei-a com o olhar.

— Toma — disse-me, dando-me um Lorazepam, que me ia ajudar a descontraír e, com sorte, a dormir durante o voo todo.

Eu não gostava de tomar medicamentos, a verdade é que eram raras as vezes em que tomava um ibuprofeno, a não ser que estivesse com muitas dores, mas, naquela ocasião, peguei no comprimido que me estendeu e engoli-o sem nenhuma objeção.

Pus o cinto e fechei os olhos enquanto, ao meu lado, a Maggie tocava em todos os botões, acendia o ecrã, se recostava, voltava a

endireitar-se...

— Isto é incrível — a rmou, entusiasmada. — Estás bem? —

perguntou-me, mas eu não lhe disse nada.

Comecei a fazer as minhas respirações e resolvi contá-las mentalmente para não pensar em mais nada.

Reparei que o comprimido não demorou a fazer efeito e, quando nos perguntaram se queríamos beber alguma coisa, pedi um copo de vinho e bebi-o de um trago.

Se aquilo não me pusesse a dormir, não sabia o que me poria.

Felizmente, para a minha saúde mental, estava ferrada quando o avião descolou. Quase perdi as instruções de segurança e não cheguei a bisbilhotar aquela cabina da classe executiva.

Os meus olhos fecharam-se e, no meu íntimo, abracei-me com força ao mesmo tempo que me sorria.

Tínhamos conseguido fazer aquilo.

Tinha superado o meu maior receio.

Abri os olhos quando faltavam apenas duas horas para chegarmos e foi porque me acordaram para me dar o pequeno-almoço.

Ao meu lado, a Maggie sorriu-me.

— Como estás? — perguntou, e senti-me tranquila.

Mal sentia o avião mover-se, era como se estivéssemos parados.

— Menina, o que deseja comer ao pequeno-almoço? Temos ovos com salsichas e *bacon*, *noodles* com legumes e frango ou iogurte com fruta, *muesli* e torradas.

Pedi a última opção e pressionei o botão para me sentar. Calculei que tivesse sido a Maggie a encarregar-se de baixar as costas da minha cadeira até car na horizontal e também de me tapar com a manta.

Precisamente quando acabava de tomar o pequeno-almoço e

levantavam a minha bandeja, vi que abriam a porta da cabina onde sabia que estavam os pilotos.

O Erik passou a mão pelo cabelo e, quando me viu a olhar para ele, sorriu-me e veio ter comigo.

— Então, como vai isso, Nikki? — perguntou, sorrindo também para a Maggie.

— Acho que vai bem — respondi, devolvendo-lhe o sorriso.

O Erik olhou para trás e sentou-se na cabina vazia que estava ao meu lado, deixando car o corredor entre nós.

— Tiveste sorte, este foi um voo muito tranquilo — disse com amabilidade.

— Não sei se ia aguentar um voo que não fosse tranquilo —

repliquei em resposta a tudo o que me disse.

O Erik voltou a sorrir.

— Deves pensar apenas que a turbulência é necessária e absolutamente normal num voo. Quando andas de carro, ele vibra e mexe-se contra o asfalto, não é? Aqui acontece a mesma coisa com o ar.

— Dito assim até parece simples.

— E é... O avião é o meio de transporte mais seguro que há.

Quando disse aquilo, lembrei-me de que o Alex me tinha dito exatamente as mesmas palavras.

— Para onde estão a viajar? — quis saber, curioso.

— Para Londres — respondi.

— Vão de férias? — perguntou. — Eu vivo lá, vão numa boa altura, o frio ainda não penetra nos ossos.

— És de lá? — indaguei, um pouco admirada, não tinha reparado no seu sotaque.

— Sou australiano, mas vivo lá desde os quinze anos.

Acenei com a cabeça.

O Erik voltou a sorrir e retirou um papelinho do bolso de trás das calças.

— Se quiseres ir beber alguma coisa ou que te mostre a cidade — disse, estendendo-me o papel —, este é o meu número. Podíamos divertir-nos.

Não estava à espera daquilo e quei um bocado em choque.

— Ela ia gostar muito de se encontrar contigo — disse a Maggie ao meu lado, respondendo por mim.

O Erik endireitou-se e esboçou um sorriso.

— Tenho de voltar para ali — disse com simpatia.

Assenti, mostrando um sorriso forçado, como o seu, e ele desapareceu por trás da porta da cabina.

— Ficou caidinho! — exclamou a Maggie, espiando-me da sua cadeira para conseguir ver-me melhor.

Abanei a cabeça.

— Estava só a ser amável.

— Pois, está bem. Ficou todo derretido contigo, bastava ver a maneira como olhava para ti. Vais pôr os ingleses malucos. Estão fartos das raparigas louras e de olhos azuis e cam todos derretidos com as morenas de pernas compridas.

Abanei novamente a cabeça.

— Estás doida.

— Era muito atraente — continuou a insistir. — Não é tão giro como o teu inglês, mas olha que não lhe ca muito atrás.

— Não é o meu inglês — retorqui, levando à boca o copo de água com que tinha cado depois de tomar o pequeno-almoço.

— Vais encontrar-te com ele? — perguntou-me depois de uma curta pausa em que julguei que já tinha esquecido aquele assunto.

— Com quem?

— Com o Alex, com quem havia de ser?

Suspirei.

— Não — respondi simplesmente.

— Porque não? Sei que ainda pensas nele... Aliás, ainda dormes com a camisola dele, admite-o. Ainda nem a lavaste desde que ele se foi embora!

Era verdade, e o facto de ela se ter apercebido disso irritava-me.

Devia ter tido mais cuidado, mas sim, eu tinha dormido com ela vestida. Ainda restava um pouco da sua fragrância, daquele perfume tão particular de que eu tanto gostava e que, sem perceber porquê, sempre me tinha transmitido calma e segurança.

— Escrevi-lhe há poucos dias, queria que soubesse que ia viajar para Londres.

A Maggie escutou-me com atenção.

— E? O que é que te disse?

— Nada — respondi.

— Nada? — replicou.

Fiquei calada durante uns segundos.

— Ele bloqueou-me, Maggie. É evidente que já se esqueceu de mim.

A minha amiga devolveu-me o olhar sem conseguir acreditar no que ouvia.

— Como assim? Estás a brincar?

— Escrevi-lhe, mas as minhas mensagens não foram entregues.

Experimentei ligar-lhe, e a chamada vai logo para o *voice mail*... Se isso não é bloquear, o que pode ser?

A Maggie cou durante calada alguns instantes, que me pareceram eternos. Por um lado, eu queria que me dissesse que estava enganada, a tirar conclusões precipitadas, mas não foi isso que ela disse.

— Ele bloqueou-te, está bem, mas porquê?

— Já te disse... Seguiu em frente, e não o censuro. Ele escreveu-me e eu não lhe respondi, as semanas passaram e a coisa esfriou, é normal em casos como o nosso.

— Em casos como o vosso?

— Amores de verão... Diz-me um que dure mais do que algumas tentativas falhadas de fazerem videochamadas de vez em quando...

— Eu não sou a melhor pessoa para te aconselhar sobre como se deve manter uma relação à distância, basta ver como terminou a minha com o Nate. Claro que não fui eu quem o deixou e voltou de quatro em quatro meses, mas percebo o que queres dizer.

— Vou acompanhar-te a Londres para poderes falar com o Nate, vou apoiar-te em tudo isto, e, entretanto, vou tentar encontrar-me com o meu tio... Gostava de o conhecer, de falar com ele... Não sei, mas, depois disso, regressarei a Bali e continuarei a viver a minha vida.

— E o que lhe vais dizer, se voltares a vê-lo?

— Ao Alex?

A Maggie assentiu.

— Não lhe guardo rancor, Maggs, com ele, foi o mais próximo que estive de estar apaixonada por alguém. Foi o rapaz com quem perdi a virgindade, e hei de recordá-lo sempre como a recordação que foi, uma boa recordação... Mas não o vou procurar. Não vou bater à porta dele nem tentar começar nada, porque não quero voltar a sentir-me destroçada.

— Pareces tão serena, tão segura de ti — disse, deixando-me na dúvida pelo tom de voz que usava.

Até podia parecê-lo, era boa a esconder os sentimentos, sempre tinha sido reservada em relação a eles, mas, no fundo, estava apavorada.

Não sabia como iria reagir se nos voltássemos a ver, não fazia ideia do que lhe diria nem do que ele me diria... Estaria aborrecido? Era por isso que me tinha bloqueado? Eu também não sabia como ele era no seu quotidiano, não podia esquecer-me de que nos tínhamos conhecido num ambiente e numas circunstâncias que estavam muito longe de serem habituais na vida do Alex.

Eu não sabia nada sobre a sua família nem sobre o seu passado, absolutamente nada. Éramos estranhos, e não podia esquecer-me disso. Por mais incríveis que tivessem sido aquelas quatro semanas com ele, por mais maravilhosos que tivessem sido aqueles beijos, aquelas carícias, as conversas, os entardeceres, os seus abraços, a verdade era que eu não sabia quem ele era em Londres. Para ser sincera, tinha tanto medo de me desiludir que preferia não tornar a vê-lo. Não queria manchar as bonitas recordações que tinha dele, nem tão-pouco iludir-me com uma coisa que sabia que nunca poderia funcionar.

Nunca imaginei que, ao chegar, descobriria tudo aquilo que sempre me escondeu, porque se havia coisa que o Alexander Lenox tinha eram segredos... Tantos que, no meio de todos eles, foi difícil reconhecer o mesmo homem que jurou ser o melhor remédio para os meus medos... Então, o que importavam os meus medos quando os seus acabariam por ameaçar tudo?

CAPÍTULO 6

NATE

A Giselle era lindíssima... Era a brasa com quem andava a divertir-me à brava há semanas. Saíamos quase todos os ns de semana em que eu não voava, mas, como era comissária de bordo, também nos víamos no trabalho. Não vou mentir, dizendo que não fodíamos como coelhos no cubículo minúsculo do avião de Joy Foster, mas também não vos vou dar pormenores.

Só pensava nela e, desde que tinha regressado da pior viagem da minha vida, não me tinha permitido pensar em mais nada. Movia-me como se fosse um robô, tinha silenciado uma parte do meu cérebro para me concentrar completamente nas coisas básicas.

Comer, foder, cagar, dormir, voar e sair para me divertir. Na minha cabeça, não entrava a possibilidade de fazer absolutamente mais nada.

Não pensava naquela pessoa cujo nome começava por M, nem sequer no lho da puta cujo nome também começava por um M.

Porra do M, odiava aquela letra... Odiava tudo o que tivesse que ver com eles e doía-me tanto pensar neles que pura e simplesmente os tinha eliminado da minha mente...

A farra, o álcool e estar a trabalhar mais do que alguma vez tinha trabalhado na vida ajudavam, não vou negar. Portanto, perguntei-me umas dez vezes seguidas o que raio fazia eu na festa de aniversário da mãe do Alex, com a Giselle pendurada num braço e a minha própria mãe pendurada no outro.

Odiava a merda daquelas festas, porque tinha de estar sóbrio e, além disso, tinha de me portar bem.

Porra.

— Então, és comissária de bordo... — dizia a minha mãe naquele preciso momento à rapariga loura ao meu lado. — O Nate não nos tinha falado de ti.

— Mãe, acho que a Rose está a chamar-te, ainda não lhe deste os parabéns — interrompi-a antes que me arranjasse problemas.

Como era evidente, não lhe tinha falado da Giselle. Ela era gira e divertíamos-nos muito, mas não havia mais nada além disso: era só diversão. Na verdade, era mais uma distração, e ela sabia o que havia entre nós, eu deixara isso muito claro, aliás, só depois de me dizer com toda a clareza que tinha percebido bem aquilo é que dormimos juntos. Eu tinha-a levado à festa, porque, supostamente, tinha de ir acompanhado. Felizmente, não precisei de ir sozinho! E a verdade é que tinha sido a única rapariga disponível quando a avisei com menos de vinte e quatro horas de antecedência.

A minha mãe virou a cabeça para a sua amiga e pediu-nos licença para ir ter com a Rose.

Suspirei, aliviado, e comecei à procura do Alex.

Ele era o único que podia salvar aquela noite.

Onde se teria metido?

Desde quando é que eu chegava primeiro à festa de anos da sua própria mãe?

— Pedes-me um gim tónico? — perguntou-me, então, a Giselle.

Olhei para ela e voltei-me para o bar que tinham montado no salão de festas de um dos hotéis mais bonitos e elegantes da cidade... Claro que era o hotel Olivieri. Os meus pais tinham cedido o melhor à mãe

do meu amigo para que pudesse festejar os seus sessenta anos, e reparei que o bar estava apenas a três metros.

— Olha, estás a ver aquele ali? — perguntei à Giselle, indicando-lhe com um dedo para que ela o pudesse ver. — Chama-se empregado de mesa... Pede-lhe a ele, porque tenho a certeza de que to servirá.

Enquanto isso, com licença — declarei, retirando a sua mão do meu braço e afastando-me de toda aquela gente.

Precisava de apanhar ar.

Quando saí para o exterior, o Ramón, o paquete, cumprimentou-me e devolvi-lhe o cumprimento com um aceno de cabeça enquanto acendia um cigarro. Ao expelir o fumo, vi o *Tesla* do Alex chegar à porta do hotel.

Vi-o desligar o carro e sair. Também vi o Ramón aproximar-se da porta do lugar do passageiro e abri-la, deixando sair uma menina ruiva que não media mais de um metro e vinte.

Fiquei quieto e deixei-me car a observar o Alex com a lha durante alguns instantes, sem que eles me vissem. A menina trazia um vestido *bordeaux* e um laço a cruzar-lhe a cintura e a cair-lhe nas costas.

Tinha o cabelo apanhado num puxo elegante no alto da cabeça, e nos pés trazia umas sabrinhas da cor do vestido.

O meu amigo vinha de fato, elegante como sempre. Ele não precisava de estar uma hora ao espelho para fazer o nó da gravata nem para pentear a melena até conseguir domá-la e car com um ar decente... o Alex era elegante por natureza, o típico galã inglês que chamava a atenção onde quer que fosse. Sempre invejara a maneira inata como atraía os olhares das outras pessoas, sobretudo das raparigas. Não quero dizer que me custasse atraí-las, atraía-as bastante, até o fazia com facilidade. Tinha o físico, a cara e,

sobretudo, o bom caráter. Eu fazia as miúdas rirem-se, mas, pelo menos antes, precisava de preparar o terreno para conseguir que se apaixonassem por mim. O Alex, porém, tinha esse dom de atrair a

atenção sem querer, a facilidade de conseguir o que bem lhe apetecesse, bastando-lhe pedir. Era aquele tipo de homem que as pessoas escolhiam para as che ar numa catástrofe ou que seguiriam sem hesitação se o mundo tivesse de enfrentar uma invasão de *zombies*. Sei lá, vocês percebem onde quero chegar. No entanto, o pior era que parecia sempre que isso não lhe importava minimamente. O

Alex só tinha de aparecer para ser o centro das atenções.

Porém, apresentar-se ali com uma lha de onze anos diante de todos os amigos dos seus pais...

Chica, no dia seguinte, o Alex sairia em todos os jornais.

Estudei a menina com mais atenção. Os seus olhos corriam as coisas de alto a baixo, observando tudo com curiosidade, enquanto o pai dava uma gorjeta ao paquete e lhe pedia, sem dúvida, que tivesse cuidado a estacioná-lo. A Lilia agarrava com força um telemóvel, como se isso lhe desse a coragem de que necessitava para enfrentar as próximas horas... A nal, ia conhecer os avós, que só tinham ouvido falar da neta há dois meses.

O Alex aproximou-se dela, a menina ergueu os olhos, e juro que vi a sua mão elevar-se por um instante, e quase pegou na do Alex. Ele nem se apercebeu, mas vi-a baixar a mão, como se se permitisse ter um instante de fraqueza infantil.

Tive pena dela.

Então, deitei fora o cigarro, depois de lhe dar uma última passa, e decidi tornar a noite daquela menina um pouco mais fácil. Entretanto, também ajudaria o meu melhor amigo, que certamente estava

aterrorizado.

Quem me dera ter sido o único a observá-lo de longe naquela noite.

CAPÍTULO 7

ALEX

Tinha chegado o momento, e, por muito sereno que eu parecesse estar, na realidade, estava assustado. Já não podia atrasar mais aquilo, era «agora ou nunca». Sabia o rebuliço que ia provocar quando a alta sociedade inglesa se apercebesse de que tivera uma lha ilegítima e da qual nada tinha sabido durante onze anos.

Muitos pensariam em que raio teria acontecido para eu decidir apresentar a minha lha num ambiente festivo como aquele, mas eu sabia que assim os meus pais teriam de se conter e de se abster de fazer comentários inoportunos. Aliás, dessa forma, livrar-me-ia de um raspanete que, naquele momento, não me apetecia nada ouvir.

Baixei os olhos para a Lília e observei-a por um instante. Estava muito bonita... Ou melhor, aos meus olhos, parecia estar muito bonita. Sei lá, era o pai dela, certo? Era normal que achasse a minha lha bonita ou, de facto, ela era linda?

A sua mãe fora-o. Uma mulher alta, de pernas compridas, pele branca quase translúcida e uns enormes olhos azuis. Lembrei-me com exatidão do instante em que a vi entrar na faculdade. Não estudava lá, trabalhava no café, mas metade da faculdade andava louca por ela.

Lembro-me de que, assim que a vi, disse a mim mesmo que ela tinha de ser minha. Não foi pelo seu corpo bonito nem pelo seu puxo despenteado e preso com uma caneta, foi o seu sorriso, mais concretamente, as suas covinhas, o que me fez apaixonar por ela

naquele mesmo instante. Um amor de juventude, um amor apaixonado, daqueles que nos toldam o raciocínio, mas que vão perdendo força à medida que as semanas vão passando.

Fui um idiota... Estava zangado com o mundo, porque me tinham obrigado a ir para Boston fazer um mestrado que não me interessava.

Tinham-me afastado da minha paixão, dos meus aviões, do ar, da adrenalina, da sensação de estar vivo, e tinham-me fechado em Harvard para me preparar para uma vida que não me interessava.

Saímos durante alguns meses e, no fim, acabei com ela, porque não estava, nem queria estar, preparado para uma relação. Sei que lhe parti o coração e também sei que, naquele momento, não me importei nada com isso.

Perturbava-me pensar que talvez fosse a frieza com que a tinha deixado que a levava a não querer falar-me da nossa lha... A nal, pertencíamos a mundos muito diferentes. Ela era empregada de mesa, eu estudava Economia em Harvard para adquirir os conhecimentos necessários no caso de, no futuro, ser preciso avançar para a liderança de uma das empresas privadas de aviação mais importantes do mundo.

Para mim, aquilo foi diversão... Para ela, calculo que tenha sido a

oportunidade de conseguir entrar num mundo do qual nunca acreditou sequer chegar a ter a chave. Ou, pura e simplesmente, talvez se tenha mesmo apaixonado por mim.

Não sei porque me custava tanto acreditar que alguém fosse capaz de se apaixonar por mim. Sempre senti que as mulheres me queriam pelo que eu representava e não pela pessoa que eu era. Custava-me com ar, inclusive com a Nikki, não tinha sido capaz de me abrir completamente, de lhe contar quais eram e quais tinham sido os meus

demónios. Nem sequer lhe tinha explicado que tinha perdido o meu irmão num acidente de mota!

Enquanto observava a Lilia, concentrando-me nela, a única rapariga que tinha deixado entrar em minha casa para ali viver, senti-me como se também lhe tivesse dado a chave de todos os meus segredos. Sentia-me exposto, não me sentia confortável, porque ser pai não era uma coisa que quisesse fazer daquela forma, e isso irritava-me.

Porque não mo disse?

— Finalmente chegaram! — exclamou uma voz atrás de mim.

Virei-me para cumprimentar o Nate.

— Nate — quase perguntei. Não estava à espera de o encontrar ali, não depois do murro que lhe tinha dado na noite anterior.

— Não me vais apresentar a minha nova sobrinha? — questionou, sorrindo para a Lilia e ignorando o tom da minha voz.

— É teu irmão? — perguntou-me a Lilia, fazendo com que o meu coração doesse ao pulsar contra uma ferida que ainda continuava aberta.

O Nate tornou a olhar para mim e pareceu pressentir que tinha acabado de meter a pata na poça.

— Sou o melhor amigo dele, mas gostamos um do outro como irmãos, não é, Alex? — replicou, com esperança de receber o mais próximo de umas tréguas da minha parte.

Comprimi os lábios com força. Continuava irritado por causa da Nikki.

— Lilia, este é o Nathaniel Olivieri — respondi brevemente.

A minha lha olhou para o meu amigo e, depois de hesitar um instante,

estendeu a mão para se apresentar.

— Encantada, Nathaniel — disse educadamente.

O Nate sorriu, tentando ignorar a frieza que emanava de todos os poros da minha pele.

— Podes tratar-me por Nate — a rmou ele.

— E tu podes tratar-me por Lili — retorquiu, apertando-lhe a mão.

Ela deixava que todos a tratassem por Lili menos eu?

Aceitei aquela rejeição com estoicismo, mas não podia negar que me incomodava.

— Vamos para dentro, os teus avós estão à nossa espera — declarei, virando-me e entrando num dos hotéis da família do Nate.

— Gosto do teu laço — disse o Nate à Lilia enquanto ambos me seguiam.

— O que te aconteceu ao olho? — perguntou ela.

Houve silêncio atrás de mim, mas continuei a andar até ao salão onde a festa estava a ser celebrada.

— Fui de encontro a uma porta muito dura, como uma rocha forte

— disse o Nate.

Fiz um esforço para não revirar os olhos.

— Como podes ver, lha, há alturas em que uma pessoa consegue ser muito estúpida, para bater com um olho numa porta — a rmei enquanto virava à direita e o barulho da música da festa chegava aos meus ouvidos.

— Uma vez, caí e magoei o olho, e não é por isso que sou estúpida

— respondeu ela, então, em desa o.

Virei-me para a Lilia.

— Claro que não és estúpida. És minha lha.

Fez-se silêncio entre nós, interrompido uns segundos depois por uma

voz doce que eu conhecia muito bem.

— Já estava a ver que vocês não vinham — disse a voz da Amanda atrás de mim. A minha ex usava um vestido comprido prateado, bonito e elegante. Não quei admirado por a encontrar ali, a minha mãe tentava voltar a juntar-nos sempre que podia, e a Amanda aproveitava-se dessa vantagem com a mesma frequência. Contudo, encontrá-la duas vezes no mesmo m de semana já era de mais.

— Amanda — cumprimentei-a. — Não esperava encontrar-te aqui hoje.

Ela esboçou um sorriso doce, aproximou-se de mim e deu-me um beijo na cara. De seguida, dirigiu a atenção para a Lilia.

— Tu deves ser a menina de quem tanto tenho ouvido falar — disse, falando com ela com modos muito ternos.

— Olá — cumprimentou-a Lilia com um sorriso forçado.

— Uau! Adoro o teu vestido, é lindo!

— Obrigada — replicou, sorrindo com sinceridade.

— Quando tinha a tua idade, a minha mãe queria que eu andasse sempre com vestidos com lantejoulas e brilhos, e eu só queria vestir vestidos de meninas mais velhas. Tens muita sorte por o teu pai te deixar vir com um vestido tão incrível como este.

A Lilia olhou para mim durante um instante e, depois, baixou os olhos para o vestido e o seu sorriso aumentou.

Eu tinha- a deixado vir com um vestido de menina mais velha?

A Amanda virou-se para mim e estudou-me.

— Tu também estás muito giro — disse, insinuando-se com muita subtilidade.

— Obrigado... Estás linda, como sempre — respondi-lhe, e era verdade.

Ao nosso lado, o Nate ergueu as mãos.

— Então, esta noite eu não recebo elogios de ninguém? — comentou

de repente, ngindo-se ofendido.

A Lilia riu-se, e a comissura dos lábios elevou-se um bocadinho.

— Tu tens andado excessivamente convencido, Nate, não vou in amar ainda mais o teu ego.

O Nate preparava-se para responder, mas, nessa altura, fomos interrompidos por uma voz.

— Até que en m que vocês chegaram! — exclamou o Richard Lenox, atravessando a sala e dirigindo-se para nós.

Atrás dele, consegui ver a minha mãe a sair de trás de um empregado de mesa com copos de champanhe numa bandeja. Entregou-lhe o seu, pediu licença à pessoa com quem tinha estado a conversar, levantou o vestido para não o pisar e veio ao nosso encontro com o olhar cravado na menina que estava atrás de mim.

— Oh, meu Deus! — exclamou, aproximando-se de nós com uma mão na boca, bastante emocionada.

— Feliz aniversário, mãe — disse-lhe, tentando fazer com que aquela cena não se transformasse numa situação incómoda.

— Tu deves ser a Lilia, não é? — perguntou o meu pai, detendo-se à frente dela.

A Lilia anuiu com timidez.

— És linda — a rmou a minha mãe, pondo as duas mãos sobre as faces da menina. — Eu sou a tua avó Rose.

O Nate trocou um olhar comigo e percebi imediatamente o que me dizia.

A Lilia estava incomodada, estava tensa. Bastava olhar para os seus ombros e as mãos penduradas de ambos os lados do corpo, sem ter a menor intenção de devolver o abraço que a minha mãe não tardou a dar-lhe.

— Mãe, porque não mostramos à Lilia onde está a comida? Ela estava a dizer-me que estava com fome — intervim e a minha mãe soltou-a.

— Claro, claro — concordou ao mesmo tempo que chamava um empregado de mesa para que se aproximasse de nós. — Traga bebidas para o meu lho e a minha neta...

— Fico feliz por teres conseguido vir, lho — comentou o meu pai, olhando-me com aprovação.

Não lhe respondi, limitando-me a pegar num copo de champanhe que o empregado de mesa nos trouxe, como tinham feito todos os outros, exceto a Lília, que pegou num copo de sumo de laranja, que acompanhava os nossos copos.

— Façamos um brinde — sugeriu o meu pai.

De repente, toda a sala pareceu dirigir as atenções para nós. A música parou, e os restantes convidados concentraram-se em ouvir o que o meu pai queria dizer.

— Queridos amigos, hoje estamos aqui reunidos para festejar os sessenta anos da Rose, a minha mulher linda e incrível. Anda cá, querida — chamou a minha mãe, que, envergonhada, mas radiante, se aproximou dele. — Hoje, celebramos não só o seu aniversário, mas também damos à nossa querida neta, Lília Lenox, as boas-vindas à nossa família.

Todos os olhares se dirigiram para a Lília.

Olhei-a por alguns instantes e percebi que tudo aquilo não tinha sido boa ideia.

As pessoas aplaudiram, um fotógrafo tirou-nos uma fotografia para imortalizar o momento e vi que todos recomeçaram a conversar e a observar-me de soslaio.

— O que te apetece comer, Lília? — perguntou a minha mãe, tornando a dirigir a atenção para a sua neta.

— Nada — respondeu a minha lha, apertando com força o telemóvel contra o peito.

— Tens de comer alguma coisa — insistiu, mas eu detive-a.

— Mãe...

— Nem imaginas quão felizes estamos por te conhecer —

interrompeu-me. — Lamentamos sinceramente termos perdido onze anos da tua vida, mas quero que saibas que tens aqui uma avó para tudo aquilo de que precisares.

— E um avô — acrescentou o meu pai, orgulhoso. — Vou ser o melhor

avô do mundo para ti, pequenina.

Preparava-me para abrir a boca, mas a Lilia adiantou-se:

— Eu já tenho um avô, e ele é que é o melhor avô do mundo — disse, e saiu a correr daquele espaço.

Porra.

— O que é que eu disse? — perguntou o meu pai, olhando perplexo para mim.

— Oh, coitadita! — exclamou a Amanda, tando o sítio por onde a minha lha se escapulira.

Apertei a cana do nariz com dois dedos e respirei, tentando não perder a calma.

— Ela tem saudades do avô, pai — a rmei, dirigindo-me aos dois.

— Vocês não se podem esquecer de que, para ela, somos estranhos, não a podemos forçar a sentir uma coisa que não sente...

— Mas nós somos a família dela! — exclamou a minha mãe, indignada.

— E, com o tempo, ela vai aceitar isso, mas, por agora, o melhor é darem-lhe espaço. Por isso é que não queria trazê-la, mãe. Não está preparada, não está pronta para nada disto! — exclamei, olhando em volta.

As pessoas já tinham voltado às respetivas conversas e talvez apenas os cuscus estivessem a prestar atenção àquela pequena discussão.

— Não estás a pensar ir buscá-la? — perguntou-me o meu pai com os olhos cravados no sítio por onde a menina tinha desaparecido.

Inspirei fundo e suspirei.

— Já venho — anunciei, dirigindo-me a todos em geral.

— Eu acompanho-te — disse o Nate, pondo-se ao meu lado ao mesmo tempo que íamos à procura de uma menina carrancuda. A Amanda cou a falar com os meus pais.

— Não precisas de vir — a rmei num tom seco. Não me apetecia estar na sua companhia. Na verdade, não me apetecia estar com ninguém.

— Estás chateado, compreendo — disse o Nate, sem fazer o que lhe pedia. — Desculpa aquilo da Nikki, mas -lo a pensar em ti, tenho estado preocupado contigo... Desde que chegámos, tens estado ainda mais fechado, e não queria que continuasses agarrado a alguém que não vai poder ajudar-te de maneira nenhuma.

Parei e virei-me para ele.

— Vais dar-me lições sobre sentimentos inconvenientes, Nate? —

perguntei-lhe.

— Estou só a tentar...

— Para de tentar. Parem todos de tentar, porra! — exclamei, elevando a voz. — Sou um homem responsável, z tudo o que achavam que devia fazer para cumprir o meu dever. Para cumprir o meu dever de lho, para cumprir o meu maldito dever de pai, estou à

frente da empresa... Deixei a minha empresa, já nem sequer sei quando vou voltar a voar! Tenho uma lha de onze anos que nem me quer ver e, para ser sincero, também não tenho muito interesse em vê-la! Mas aqui estou eu, a apresentá-la à minha família, a abrir-lhe as portas da minha casa, a comprar-lhe tudo aquilo de que precisa e a dar-lhe a melhor educação que se pode ter. E de que me serviu tudo isto? — Fiz uma pausa e tei-o, completamente exaltado. — Não te devias ter metido entre mim e a Nikki! Ela é um assunto meu! Deixa-me ao menos isso! A nossa relação é um assunto meu, mesmo depois de ter terminado, mesmo que ela não me tenha mandado sequer a merda de uma mensagem a dizer que não quer voltar a saber de mim!

E, se me apetecer estar na merda, deixa-me estar, porque essa é a única coisa que me resta! Os meus malditos sentimentos!

O Nate calou-se e, então, vi a Lilia aparecer por trás do meu amigo.

Vinha com a cara molhada.

Merda.

— Podemos ir embora agora? — perguntou, inspirando pelo nariz.

O Nate virou-se para ela sem dizer nada.

— Sim, vamos— repliquei, aproximando-me dela.

Ambos deixámos o Nate car para trás e encaminhámo-nos para a porta.

Os meus pais não nos viram sair e, quando pedi o carro e entrámos nele, tive de respirar fundo várias vezes para me passar a irritação.

Seguimos em silêncio até casa e, quando estacionei em frente à entrada, a Lilia nalmente abriu a boca.

— Podes levar-me amanhã cedo ao colégio — declarou, abrindo a porta do carro e saindo.

Fiquei ali alguns instantes a perceber que era um pai de merda e, pior ainda, não tinha forças para ser melhor.

CAPÍTULO 8

NIKKI

Chegámos a Londres numa segunda-feira chuvosa depois de termos voado durante outras oito horas na classe económica. Naquele voo, não tive um Erik simpático que se dava ao trabalho de vir ver se eu estava bem e de nos passar para a classe executiva. Eu também não tinha contado com isso.

Tenho de admitir que o segundo voo não me custou tanto, porque já tinha superado o primeiro. Tive de tomar um comprimido, sim, mas pelo menos não quei com a respiração descontrolada antes de entrar no avião. Desta vez, consegui entrar no avião como os restantes passageiros e, antes de me aperceber, já estávamos a sobrevoar a Europa em direção àquele país rodeado de água que tinha visto nascer o lado paterno da minha família.

Senti uma impressão no estômago quando, nalmente, aterrámos.

Sendo sincera comigo mesma, não foi porque tinha superado o medo nem por chegar àquele sítio que, sem dúvida, teria sido o meu lugar se os meus pais continuassem vivos. Não foi nada disso que me deixou inebriada, mas sim saber que o Alex e eu voltaríamos a estar no mesmo país, na mesma cidade, e não a dez mil milhas, separados por vários oceanos.

Eu não disse nada disto à Maggie, não ia admitir em voz alta tudo o

que andara a esconder do resto do mundo: que estava apaixonada pelo Alex Lenox e o meu coração sangrava devido às saudades que

tinha dele.

Não fazia a menor ideia do que faria se o voltasse a ver e nem sequer sabia se o destino faria com que nos encontrássemos, mas o meu subconsciente já começava a imaginar diversos cenários onde nos podíamos cruzar. Em todos eles, o nosso encontro era bonito e especial, tal como tinha sido a nossa relação durante aquelas quatro semanas.

Sem conseguir evitá-lo, lembrei-me da sensação das suas mãos a abrir-me o biquíni, o toque dos seus dedos a deslizar pela parte inferior das minhas cuecas para, aos poucos, irem subindo e acariciando-me as pernas... Sempre que me tinha tocado, zera-o com devoção e admiração.

Tinha gravado na memória todas as vezes que nos tínhamos beijado, que tinha dormido nos seus braços com os seus dedos a acariciar-me o cabelo, todas as vezes que, naquelas últimas semanas, me tinha acordado com a sua boca entre as minhas pernas e as suas mãos nas minhas ancas a obrigar-me a estar quieta para o deixar fazer aquilo que lhe apetecia ao meu corpo, sem nenhuma objeção da minha parte, porque cada uma das suas carícias era deliciosa.

Não me tinha esquecido dele e até tinha medo da intensidade dos meus sentimentos por ele. Eu sabia que ele não podia ser meu, que não podíamos ter uma relação, mas, embora estivesse consciente de tudo isto, a minha cabeça começava a contar os dias que faltavam para que talvez nos voltássemos a encontrar.

— Está ali — disse a minha amiga, apontando para um grupo enorme de pessoas que aguardavam para ver os familiares ou amigos a sair pelas portas do aeroporto.

— Quem é? — perguntei.

— O do gorro verde.

Foi então que o vi.

Um rapaz alto, magro e, de facto, com um gorro de lã verde que levantava a mão para que o víssemos. Quer dizer, para que a Maggie o visse. Presumi que fosse o amigo a quem ela tinha pedido para nos vir buscar. Íamos car em casa dele.

— Anda — disse a minha amiga, empurrando o carrinho em cima do qual tínhamos posto as nossas malas.

— Deixa-me levá-lo, Maggie — ofereci-me, preocupada com ela para que não zesse esforços desnecessários. Às vezes, era como se a Maggie se tivesse esquecido completamente de que estava grávida.

A Margot abraçou aquele rapaz com força quando chegaram ao pé um do outro.

— Estou tão contente por te ver, Maggs — declarou o rapaz e reparei na forma como ele a observava.

Segundo aquilo que a Maggie me tinha contado, o Chad era um rapaz com quem tinha tido uma aventura na ilha há vários anos. Uma coisa de uma noite que tinha divergido para uma amizade à distância, que ambos tinham mantido até àquele momento, mas, vendo a maneira como o tal Chad olhava para a minha amiga, percebi que de amizade havia pouco, pelo menos, da parte dele.

— Esta é a minha amiga Nikki — apresentou-me a Maggie assim que se separaram.

Reparei que tinha uns olhos castanhos bonitos, «olhos amáveis» foi a primeira coisa que me ocorreu.

— Muito prazer — cumprimentei-o, estendendo-lhe a mão.

— Tudo bem? — devolveu-me a saudação. — O comboio ca para ali, vamos.

Entrei no comboio e não gostei muito da experiência. Segundo me disseram, àquela hora, tive a sorte de estar praticamente vazio, mas não queria imaginar como seria em hora de ponta. Preferia viajar de outra maneira.

Demorámos mais ou menos uma hora a chegar a casa do Chad, que, a nal, partilhava o espaço com outros dois amigos, uma rapariga e um rapaz.

— Não se preocupem com eles, a Nina é enfermeira e está quase sempre fora de casa. Quando cá está, costuma passar o dia a dormir.

O Michael trabalha o dia inteiro a partir de casa, é engenheiro informático.

Assentimos e fomos para o quarto que ele nos informou que seria o nosso.

— Como te disse, Maggs, vou-me embora daqui a poucos dias. Não se preocupem, eu durmo no sofá e assim vocês podem usar o meu quarto.

Aquele rapaz ia ceder- nos o quarto dele numa casa que já partilhava com outras duas pessoas para ir dormir para o sofá?

— Nós podemos dormir no sofá... — comecei por dizer, mas ele interrompeu-me, agitando a mão.

— Não te preocupes, a sério. Acabo por adormecer sempre no sofá a ver televisão, quase não uso o meu quarto, a não ser para mudar de roupa ou dar uma queca...

Vocês estão a imaginar a minha cara.

A Maggie evitou olhar para mim e entrámos no quarto em questão.

Pelo menos, parecia arrumado e limpo.

— Mudei os lençóis esta manhã — disse-nos e arrependi-me de o ter julgado tão depressa. — Vou deixar-vos para descansarem, devem estar exaustas.

Foi-se embora e cámos sozinhas. A Maggie deu uma gargalhada.

— Devias ter visto a tua cara!

Olhei-a com cara de poucos amigos.

— A sério que vamos roubar o quarto ao coitado do rapaz?

— Não te preocupes, é para isso que servem os amigos, não te parece?

— Parece-me que este tipo quer ser mais qualquer coisa do que apenas teu amigo.

— Bem, deixemo-lo iludir-se tudo o que ele quiser. Daqui a uma semana, vai-se embora não sei para onde e, nessa altura, sentir-nos-emos menos culpadas.

Deixei-me cair em cima da cama, comprovando que cheirava a limpo, e fechei os olhos.

Estava esgotada, não aguentava mais.

Os nervos que tinha tido, as longas horas de espera nos aeroportos, as noites passadas nos aviões, as contraturas nas costas e a hora de comboio que tínhamos demorado até chegarmos, carregando as nossas malas até aqui, tudo isto tinha acabado com a minha energia.

— Amanhã, vou-te mostrar Londres. Vais gostar muito da cidade —

declarou a minha amiga enquanto fazia o mesmo que eu e se deixava cair sobre o colchão ao meu lado.

Não sei em que momento adormecemos, sem sequer nos descalçarmos, só para terem uma pequena ideia do nível do nosso cansaço.

Acordei muito cedo, demorei um pouco a perceber que aquilo tinha que ver com o *jet lag*. Nunca tinha tido aquele problema, porque nunca tinha mudado de fuso horário, e devo admitir que, como toda a gente dizia, era uma merda. Continuava cansada, mas estava bem desperta, como se fossem cinco horas da tarde.

A Maggie continuava a dormir ao meu lado, pelo que tentei não fazer barulho quando me levantei da cama e peguei numa roupa desportiva que tinha trazido enquanto preparava uma chávena de café.

Ao sair de casa, levei com um duro golpe de realidade.

Que frio!

Credo.

A Maggie tinha-me avisado em relação ao clima e obrigara-me a comprar roupas de inverno, algo de que eu nunca tinha precisado, mas nem a camisola com capuz, nem as calças compridas, nem o casaco que trouxera vestido no avião conseguiam evitar que congelasse imediatamente. Ao vesti-lo, reparei que, no bolso, estava um cigarro do meu tio Kadek. Num impulso, tinha-o metido ali enquanto fazia a mala. Para o caso de, em algum momento, precisar de uma recordação de quem me tinha levado até ali.

Comecei a correr na esperança de que o desporto me aquecesse por dentro e reparei que não era a única que saía para correr àquela hora.

Corri pelas redondezas, sem me afastar muito, mas comecei a alucinar com a maneira como tudo era tão diferente em comparação à minha

ilha.

Para já, ali, as ruas estavam bem pavimentadas, e as casas, perfeitamente construídas e pintadas, erguiam-se imponentes umas ao lado das outras. Eram todas iguais, idênticas, a única coisa que as distinguia eram as diferentes cores das fachadas: umas eram de um verde pastel, outras, cor-de-rosa, azuis, brancas... Predominavam as brancas com os portões negros, como a casa onde estávamos a car,

mas, em geral, eram todas muito bonitas.

Eu sabia que tinha muita coisa para ver antes de decidir se gostava de Londres ou não, contudo, do pouco que via, estava entusiasmada.

Continuei a correr e cheguei a um pequeno parque. O sol já tinha nascido no horizonte e começava a haver mais gente nas ruas, pessoas a correr, a passear os cães... Pareceu-me estranho ver todos os cães tão bem tratados, com as suas coleiras e as suas trelas...

Apesar de não saber se o *Batú* gostaria que eu o passeasse preso num jardim, sem o deixar andar a correr e a explorar. Ficaria louco enquanto não o soltasse, porque, tanto ele como quase todos os cães da ilha iam e vinham a seu bel-prazer, uma vez que tinham sido criados com toda a liberdade.

Finalmente, cheguei a um cafezinho que havia à saída do parque.

Ali, pedi um café com leite de amêndoa num copo descartável e, antes de me sentar num banco pequeno, qualquer coisa na banca dos jornais captou a minha atenção.

Era uma revista, chamada *Hello!*, e o seu nome brilhou no meio de todos os outros títulos, causando estragos no meu coração.

O título dizia o seguinte:

Alexander Lenox... vai casar?

O meu coração bateu várias vezes com força enquanto pegava na revista e continuava a ler:

Alexander Lenox, o solteiro de ouro, põe m ao celibato e apresenta-se na festa dos sessenta anos da mãe com a sua lha de onze anos e a namorada, a modelo Amanda Waldorf. Apesar dos rumores que diziam terem-se separado no último Natal,

ambos sorriem para a máquina fotográfica muito juntinhos numa festa que, sem a menor dúvida, reunia toda a alta sociedade londrina. No entanto, não foi esta reconciliação que nos deixou de boca aberta, mas a recente descoberta de que Alexander Lenox tinha uma lha de onze anos perdida algures. Lilia Rosseli, uma menina encantadora e muito parecida com o seu recém-descoberto pai, mostrava-se deslumbrante e muito risonha num serão onde esteve apenas uma hora. O pai decidiu apresentá-la a todos os amigos, aproveitando a festa de aniversário da sua mãe, mas abandonou a festa pouco depois de ter chegado.

Desconhecemos quanto pagou pela custódia da lha, mas testemunhas próximas da família garantem que há mais de quatro meses que ele sabe da sua existência, algo que certamente o terá deixado tão perplexo como a nós. Será que, por fim, vemos o rebelde da família Lenox assentar, pôr um anel no dedo da namorada e viver feliz? Só o tempo o dirá.

Deixei-me cair no banco, com a respiração a car acelerada. O

coração também me batia a mil à hora e palpitava com força, ameaçando saltar-me do peito.

Porra, como aquilo me magoava.

Doía-me o coração.

Será que o coração doía?

Será que estava a ter um enfarte ou algo do género?

Respira, disse a mim mesma, tentando não perder o controlo.

O Alex tinha uma lha...

Uma lha de onze anos, ainda por cima.

Seria aquela mulher a mãe da menina?

Os meus olhos voltaram a tar a fotogra a que estava por cima do artigo. Caramba, o Alexander Lenox era su cientemente importante e conhecido para ter quase a maldita página inteira de uma revista cor-de-rosa a falar dele.

Na fotogra a, estavam seis pessoas.

Reconheci logo o Alex. Não sorria, muito pelo contrário, parecia estar zangado... nunca o tinha visto com aquela expressão. Talvez quando

discutimos daquela vez se tenha assemelhado àquela atitude na fotografia, mas a verdade era que nem de perto nem de longe se aproximava dele. Estava incrivelmente bonito, vestido com aquele fato... Nunca o tinha visto todo aperaltado, na ilha, andara sempre de calções e polos ou camisas de linho. Vê-lo assim, imponente... Parecia alguém completamente diferente do Alex que eu tinha conhecido há alguns meses. Ao seu lado, estava uma rapariga incrivelmente linda, loura, com uns lábios bonitos e olhos pequenos e claros. O seu cabelo louro estava apanhado num puxo e envergava um vestido lindíssimo, mas não me detive muito nela. Não... Os meus olhos voltaram para aquela que diziam ser a sua lha.

Uma menina de olhos tristes olhava para a objetiva sem sorrir. Era linda, ruiva como a Maggie e com uns grandes olhos azuis. O nariz e a boca eram do Alex, eram muitíssimo parecidos, pelo que nem sequer pude tentar convencer-me de que talvez aquela revista tivesse inventado a história para vender exemplares, porque bastava olhar para ela para saber que o que dizia era verdade. Era lha dele.

O Alex tinha uma lha.

Na fotografia, também estava o Nate e duas outras pessoas mais velhas que supus serem os pais do Alex.

Não acreditava.

Como podia ele ter-me enganado daquela forma?

Como conseguira mentir-me de modo tão deliberado? Dormiria comigo quando tinha namorada!

*

Sentia-me humilhada, tão magoada interiormente que, pela primeira vez, compreendi a minha amiga Margot. Compreendi o que era ter um desgosto amoroso e terem-no feito de uma forma tão humilhante como aquela.

O Alex nunca imaginou que eu veria aquela revista, obviamente, nunca acreditou que eu pudesse viajar para Londres. Por que razão havia de me dizer a verdade? Que rapariga dormiria com ele sabendo que tinha uma namorada e uma lha em casa à sua espera?

Seguramente, eu não... Porra, eu disse-lhe que era virgem, sabia que para mim não se tratava apenas de uma queca, fez-me acreditar que não se tratava só disso.

Senti as lágrimas cair-me pelas faces abaixo e limpei-as depressa, zangada e magoada por tudo, por me ter deixado enganar. A Maggie tinha razão! Os homens só queriam uma coisa, e eu tinha caído na conversa daquele homem e estava ali a chorar como uma idiota, a chorar quando ainda há poucas horas tinha estado a fantasiar em voltar a vê-lo.

Merda.

Acabaria por saber que eu estava ali em Londres? Sabê-lo-ia pela Maggie, caria a saber disso assim que ela falasse com o Nate para lhe contar do bebé...

Ter-me-ia bloqueado por isso?

Teria sido por esse motivo que decidira cortar de forma radical o único laço que nos mantinha unidos? Porque tinha namorada.

Voltei para casa, fazendo uma caminhada. Comprara a revista com as poucas libras que levava comigo e aproveitei o caminho de regresso para tentar acalmar-me, para tentar convencer-me de que não devia dar importância àquilo. A nal, que futuro teria eu com aquele homem?

Todavia, não era o simples facto de saber que as possibilidades de voltar a ter alguma coisa com ele tinham desaparecido por completo da minha cabeça, erradicadas como quem extirpa um cancro de um corpo doente, mas estar a sentir-me usada.

Ele usara-me e mentira-me, tinha-me usado para trair aquela mulher e eu não tinha podido decidir nada!

Porém, em seguida, começaram a passar-me pela mente todas as recordações que tinha de quando estivera com ele, todas as conversas...

A certa altura, dissera-me que tinha receio de que, se alguma vez eu descobrisse como ele era realmente, não gostasse dele como naquele momento.

Estaria a referir-se a isto? Que obviamente o odiaria se descobrisse todas as mentiras, ou melhor, todas as omissões que zera na minha presença?

O que podia esperar do melhor amigo do Nate Olivieri? Não podia esquecer-me de que rapazes como eles achavam que tinham o mundo

a seus pés. Eram ricos, ricos e arrogantes, fornicavam quando queriam e depois, quando se cansavam, atiravam tudo para o caixote do lixo sem o menor cuidado, nem remorsos nenhuns.

E a minha amiga estava à espera de um bebé de alguém assim.

Cheguei a casa meia hora depois e, durante todo aquele tempo, não consegui fazer nada que me ajudasse a sentir-me melhor nem dissipar a minha raiva.

Muito pelo contrário. Quanto mais pensava naquilo, mais irritada cava, e quanto mais irritada cava, mais triste me sentia, porque eram raras as vezes em que me aborrecia com alguém, raras tinham sido as vezes em que me tinham magoado ao ponto de sentir o que estava a sentir naquele momento.

Que merda de receção que acabas de me fazer, Londres, pensei. Se calhar, estás a dizer- me para pegar nas minhas coisas, sentar o rabo num avião e ir- me embora daqui o quanto antes.

CAPÍTULO 9

MAGGIE

Não conseguia parar de dar voltas e voltas à cabeça.

Estava à espera de um bebé.

Caraças, eu estava à espera de um bebé.

Um bebé do Nate.

O que estás a tentar dizer- me, destino? , não consegui deixar de perguntar ao Universo.

Todos os sinais que me enviara ao longo dos anos diziam claramente o mesmo: deixa-o, esquece-o, segue em frente com a tua vida, ele não te quer, não te valoriza...

Sim, eu ia ter aquele bebé, teria de o ver sempre e, o pior de tudo, seríamos pais separados. Seríamos como aqueles casais que nunca conseguem avançar, porque a recordação constante de que alguma vez existiram os persegue, espiando-os até ao m, recordando-lhes o fracasso. Se este bebé nascesse, teria de lho deixar aos ns de semana ou durante as férias. Nem sequer sabia como seria toda a questão da custódia, vivendo eu em Bali e ele em Londres... Teria de lhe deixar o

meu bebê durante semanas? Levá-lo para dentro de um avião e car à espera de que ele ou outra pessoa cuidasse dele, como nunca o fariam as minhas mãos?

Estes pensamentos assustavam-me, porque sempre tinha imaginado que teria um bebê quando estivesse casada... Aliás, falara sobre isso com o Malcolm, embora nunca tivesse acreditado que teríamos lhos,

para ser sincera. Não porque não quisesse, mas porque certamente o teríamos atrasado, até ser demasiado tarde ou termos perdido a vontade.

Agora, com o Nate...

Caraças... Será que havia algo dentro de mim que não estava a funcionar bem, por sentir borboletas no estômago só de pensar que estava a gerar o seu lho dentro de mim?

Eu amava-o.

Amá-lo-ia sempre, por mais que me zesse sofrer, por muito mal que eu lhe zesse, éramos aquele género de casais que vêm e vão e nunca encontram o seu momento.

A pergunta era: será que eu queria que o meu bebê crescesse num ambiente em que o seu nascimento nunca seria um momento feliz?

Eu sabia que o Nate estava magoado e compreendia-o. O seu melhor amigo tinha-lhe mentido, tinha-se casado comigo, mas ele também não o quis fazer!

Respirei fundo e pus as mãos em cima da barriga.

Tinha de lho dizer, independentemente de quão mal estivéssemos, do ódio, do rancor, das mentiras, dos enganos, das oportunidades perdidas, das ilusões que nunca chegaram a ser mais do que isso...

ilusões. Tudo isto não interessava, porque, no fundo, eu sabia que o Nate ia amar o seu bebê, o nosso bebê.

Endireitei-me na cama, pensando como raio lhe ia dizer aquilo, como raio ia encontrar o momento adequado... Eu sabia onde ele vivia, tinha a sua morada das vezes em que, há anos, tínhamos trocado cartas, quando gostávamos um do outro e nos queríamos bem, mas não fazia ideia de qual seria a sua reação, nem se, eventualmente, me deixaria entrar para lhe poder contar o que era

importante.

O Nate conseguia ser muito cruel quando o magoavam. Tanto quanto pode ser uma pessoa a quem foi ensinado desde tenra idade que só se é merecedor de carinho se nos comportarmos dessa forma, caso contrário, a pessoa simplesmente não existe. Eu conhecia-o melhor do que ninguém e não sabia se estava preparada para suportar o seu desprezo, a sua ira e a sua indiferença.

Enquanto conversava comigo mesma, tentando organizar todos aqueles sentimentos e pensamentos confusos, a porta do quarto abriu-se e a minha melhor amiga entrou.

Comecei por lhe mostrar um sorriso forçado, não queria que me visse preocupada, mas ele congelou-me no rosto assim que os nossos olhares se cruzaram.

Tinha acontecido alguma coisa.

A Nikki deixou-se cair em cima da cama, de barriga para baixo, escondendo a cara no meio dos braços. Ao seu lado, estava a revista *Hello!* .

— Que ideia foi essa de comprares imprensa cor-de-rosa? —
perguntei-lhe, mas, depois, algo captou a minha atenção.

«Alexander Lenox... vai casar?», dizia o título.

Como?

— Mas que porra? — indaguei, abrindo a página onde estava o artigo e lendo-o apressadamente. Senti o coração car acelerado.

— Ele mentiu-me, Maggie — disse a Nikki, erguendo-se para que eu pudesse vê-la.

— Isto só pode ser mentira — a rmei, mas quei a tar a fotogra a.

Pelo menos aquilo da lha tinha de ser verdade, ela era a cara chapada dele. Caraças, o Alex tinha uma lha!

Não pude deixar de estremecer ao ver o Nate na fotogra a, estava muito giro e exatamente como eu sempre o tinha imaginado no seu meio. Gravata, camisa, casaco e o cabelo cuidadosamente penteado...

Onde tinham cado os bonés com as palas viradas para trás, os calções

até aos joelhos, os chinelos e as *T-shirts* da *Billabong*?

Todos na ilha se tornam pessoas diferentes, disse-me o meu subconsciente e tinha razão.

Todos mudamos quando estamos de férias.

Tornei a ler o artigo.

— Aqui dizem que ninguém sabia da existência da lha... — tentei justificar, mas sabia que era escusado.

— Ele sabia, Maggie... Estivemos juntos um mês. Admito que não me contasse a sua vida toda logo no princípio, mas nas duas últimas semanas... Não sei, foi especial, senti... Senti que conseguia ler-me, que nos ligávamos de uma forma única. Ele mesmo me disse que comigo era como sempre tinha querido ser. Porque não me disse que tinha uma lha?! E aí dizem que ele tem uma namorada, Maggie! E se ele a traiu comigo?

Abanei a cabeça, negando-o.

— Não tires conclusões precipitadas, no artigo também diz que, pelos vistos, eles tinham terminado, ou melhor, que voltaram a juntar-se há pouco tempo, embora...

— O quê? — replicou.

— Olha para aqui, a rapariga, esta... Amanda Waldorf, está a posar com toda a família dele...

— Achas que não me apercebi disso? Ainda por cima, é lindíssima, é modelo. — Eu nunca tinha visto a Nikki com ciúmes... Aquilo foi estranho para mim, mas compreendi-a perfeitamente. Ninguém gosta

de ver o seu rapaz posar numa revista com uma modelo e ainda por cima ler que estão juntos, quando, há um mês e meio, ele andava a dormir connosco.

— Devia ter-te dado ouvidos — concluiu, então, sentando-se na cama e abraçando os joelhos.

— Estás a referir-te a quê?

— Envolvi-me com ele em termos sentimentais... Não o deveria ter feito, ignorei todas as tuas regras... Sou uma idiota.

Revirei os olhos.

— Se tu és idiota, então eu sou uma idiota ao cubo, amiga. Ou tenho de te recordar de que traí o meu marido com um ex que me

espezinhou mais vezes do que as que consigo contar só com uma mão e ainda por cima quei grávida?

A Nikki abanou a cabeça e vi uma lágrima escorrer-lhe pela face.

— Desculpa... Bem sei que a tua história é pior... Sei que nem deveria estar aqui, vim nesta viagem para te fazer companhia e ser forte por ti, mas...

Naquele momento, odiei o Alexander Lenox com todas as minhas forças. Odiei-o por magoar a minha amiga, odiei-o por fazê-la chorar.

Não se podia fazer a Nikki chorar, era como fazer mal ao Bambi, porra. Quem é que faz mal ao Bambi?

Abracei-a.

— Tem calma... Acabam de te fazer sofrer por amor. Infelizmente, sei muito bem o que sentes, mas tenta pensar de forma positiva, Nikki. A tua relação com o Alex não tinha futuro... Tens muito claro que queres voltar para a ilha, que a tua vida está lá, e a dele... Porra

— exclamei, pegando na revista. — Nem sequer sabíamos que era famoso! Ou, como dizem aqui, que pertencia à «elite londrina». Que

nojo. Tu queres fazer parte de uma coisa destas?

A Nikki limpou as lágrimas e abanou a cabeça, negando-o.

— Sei que não faço parte desse mundo, nem nunca farei... Não é isso que me magoa, mas sim o facto de me sentir enganada e usada por alguém em quem depus toda a minha confiança.

Anuí em silêncio.

— Pois, então, sabes o que vamos fazer?

A minha amiga olhou-me com cautela.

— Não me olhes assim, nós viemos até cá, não foi? Então, prepara-te, porque Londres não sabe o que lhe vai cair em cima! Vamos desfrutar destas pequenas férias, e sabes com quem vamos fazê-lo?

O meu eu interior sorriu, satisfeito, enquanto apanhava a mochila da Nikki do chão e remexia no bolsinho da frente.

— O que estás a fazer?

Peguei no papelinho e estendi-lho.

— Vais ligar a este querido do Erik, porque é evidente que, apesar de toda a tua relutância, deixas malucos os pilotos de avião. Vou avisar o Chad e vamos aproveitar a cidade.

A Nikki começou a abanar a cabeça negativamente.

— Ouve, daqui a não muito tempo vou ter de ir bater à porta da

«elite londrina» — repliquei — e dizer-lhe que estou à espera de um lho dele, percebes? O meu lho vai crescer rodeado de amas como a Mary Poppins, roupas chiques e vai andar de sapatos vinte e quatro horas por dia!

A Nikki fez um sorriso de esguelha.

— Tu, melhor do que ninguém, sabes o horror que isso pressupõe, portanto, põe lá uma cara mais animada, liga a esse bombom e vamos deixar que ele nos mostre a cidade. Deixa-o entreter-te e tentar

conquistar-te. Talvez, quando já tivermos bebido mais uns copitos e estivermos a dançar na melhor discoteca da cidade, ele te dê um daqueles beijos muito sensuais debaixo das luzes da discoteca, e sabes que mais? Que tenhas ultrapassado isso e penses: «Que se dane o Alexander Lenox!»

A minha amiga olhou-me com paciência.

— Tu não podes beber álcool — comentou, simplesmente.

Ups.

— Está bem, eu bebo um *ginger ale*, não te preocupes, já sabes que não preciso de álcool para me divertir à grande.

— Estás louca — disse.

— E quem não está? — perguntei, levantando-me da cama. —

Alinhas ou quê?

Aguardei, paciente, que a minha amiga respondesse.

— Estás louca — repetiu e o meu sorriso contagiou-a, como se fôssemos o re exo uma da outra.

ALEX

Na manhã seguinte, deixei a Lilia no colégio e voltei para casa com a única intenção de não fazer nada.

No dia seguinte, começava uma semana sobrecarregada em que teria de me reunir com gente bastante endinheirada. Andávamos atrás da compra de dois aviões novos que eram uma maravilha, o último grito da aviação. O meu irmão tinha querido comprá-los, mas a Berenguer Technologies, a empresa com a qual trabalhávamos desde o acidente aéreo dos pais da Nikki, não tinha parado de subir o preço. Não tinha sido fácil deixarmos de ser nós próprios a produzir os aviões, sobretudo para o meu pai e o meu irmão, que adoravam toda a parte mecânica, desde a conceção a partir do zero até ao funcionamento nal. Eu, pelo contrário, estava interessado em pilotá-los, coisa que também tinha estado a aguardar com paciência, à espera de chegar a uma negociação justa.

Tentei desligar-me de assuntos que não podia resolver até pelo menos o dia seguinte e passei a tarde de domingo a ler e, depois, a ver um lme no salão.

Não estava à espera de ninguém, por isso, quei surpreendido ao ouvir a campainha por volta das sete da tarde.

A Hannah abriu a porta e veio avisar-me de quem se tratava.

— A menina Waldorf está à porta, senhor — anunciou e endireitei-me, olhando-a com estranheza.

O que fazia a Amanda na minha casa?

— Diz-lhe que entre.

Desliguei a televisão quando entrou. Usava umas calças de ganga justas ao corpo, como uma segunda pele, umas botas *Armani* e uma blusa verde descaída sobre o ombro direito, deixando-o descoberto. A sua mala *Chanel* pendia de modo confortável do seu outro ombro e o seu cabelo louro estava apanhado num rabo de cavalo alto.

Não pude deixar de olhar para ela e admirar quão atraente era.

De todas as mulheres com quem já tinha estado, a Amanda tinha sido a primeira e a única com quem cheguei a considerar ter alguma coisa

séria, pelo menos, até ter conhecido a Nikki.

Levantei-me.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei. — O *Camilo* está lá fora...
— informei-a, embora algo me dissesse que não tinha vindo ver o cão.

— Embora pareça estranho, vim cá por tua causa, Alex — a rmou, aproximando-se e deixando a carteira em cima do sofá. — Ontem, fugiste sem te despedires...

Semicerrei os olhos quando se aproximou para me dar um beijo na face, mas que acabou por ser no canto da boca.

— Não foi boa ideia ir àquela festa, não com a Lilia, pelo menos.

A Amanda afastou-se um pouco e procurou algo nos meus olhos.

— É uma menina maravilhosa — disse, parecendo enternecida.

Depois, acrescentou: — E tu não podes nem sabes disfarçar o pouco jeito que tens para tomar conta dela.

Afastei-me para evitar que visse na minha expressão que tinha razão.

— Estás enganada — contradisse-a, aproximando-me do bar. Retirei a tampa da garrafa de cristal e servi dois copos de uísque. Aproximei-

me dela e aceitou o que lhe estendia. — Aparentemente, agora toda a gente quer opinar sobre a minha vida ou como devo vivê-la.

— Incluí-me nesse «toda a gente»? — indagou ela, sentando-se no sofá.

— Diz-me tu... Vieste cá para me dizer como devo viver a minha vida?

A Amanda observou-me e os seus olhos percorreram-me o corpo num único segundo.

— Vim cá porque tenho saudades tuas...

Olhei para o fundo do meu copo, já vazio, e voltei ao bar para tornar a enchê-lo.

— A nossa relação terminou, Amanda — repliquei simplesmente.

— E porque não pode recomeçar? — perguntou. — Já sabemos qual foi a principal razão para termos acabado, e isso já não é um problema. Além disso, posso ajudar-te com a Lília. Essa menina precisa de uma mãe e tu precisas de alguém que te ajude a criá-la.

Sorri, sentando-me ao seu lado.

— Estás a dizer-me que és essa pessoa? — indaguei. — Vais ajudar-me a criar uma miúda que nem sequer é tua?

A Amanda sorriu.

— A pior parte já passou, não foi?

Não percebi o que quis dizer.

— As fraldas, as noites sem dormir, não poder sair, ter de depender dos horários de um bebé... A tua lha será uma adolescente daqui a dois anos, Alex. Nem sequer vai querer ver-te — disse, rindo-se. — A parte difícil já cou para trás e o que resta... Eu posso ser a mãe que lhe faz falta.

— Não ando à procura de uma mãe para a Lília, Amanda, e estou certo de que ela também não quer que lha encontre.

— Mas seríamos uma equipa — declarou, aproximando-se de mim

—, como éramos antigamente, lembras-te?

A sua mão subiu até à minha nuca e acariciou-me com as unhas pintadas de vermelho.

— Lembras-te de quando fomos de barco até Marselha só para passar o m de semana e acabámos por nem sair do quarto?

Claro que me lembrava disso... Tinha sido no início da relação, quando a única coisa que fazíamos era foder que nem coelhos. Para dizer a verdade, sempre tinha sido um pouco assim, as minhas relações com as mulheres sempre se tinham baseado na satisfação dos meus instintos mais básicos, mas acho que naquela altura não me apercebera disso. Parecia que estava anestesiado... Já sabia que podia ligar-me a outra pessoa de outra maneira. Mas não fazia sentido pensar nisso, porque, para essa pessoa, era como se eu estivesse morto. E também devia considerar-me assim, morto. Porque, a partir de agora, deveria enterrar qualquer parte pessoal que tivesse e

entregar-me ao que era esperado de mim: che ar a empresa e criar a minha lha.

A mão da Amanda continuava a insistir em trazer-me de volta.

Peguei nela e afastei-a com cuidado para não ser mal-educado.

— Isso foi há muito tempo, Mandy — disse, tratando-a como costumava fazer quando éramos próximos.

Aproximou-se e, cuidadosamente, pousou os lábios no meu pescoço.

Senti um arrepio.

— Podíamos voltar a fazê-lo... Podíamos car fechados no teu quarto durante dias, só a dar prazer um ao outro. O que te parece?

Tenho tanta vontade de te chupar, Alex... Tenho saudades da forma como fodíamos, como me dizias o que querias e eu te dava sem a menor hesitação, lembras-te?

Porra.

Fechei os olhos, amaldiçoando a minha consciência.

— Penso em ti todas as noites... Desde que acabámos, não consigo encontrar ninguém que me satisfaça como tu...

Detive-lhe a mão quando ma pôs na breguilha.

— Não te posso dar o que queres realmente, Mandy, pelo menos, por enquanto.

O adejo das suas pestanas obrigou-me a olhá-la nos olhos.

— Só me quero divertir, podemos ir vendo o resto mais para a frente...

Voltou a pôr a mão entre as minhas pernas e percebeu que as suas palavras estavam a ter efeito em mim. Mesmo contra a minha vontade, o meu corpo tinha memória e lembrava-se de todas as vezes que a Amanda me levava ao sítio onde eu resistia ir naquele momento.

— Percebes que, agora, essa seria a única coisa que te posso oferecer, certo? — perguntei-lhe antes de fazer mais alguma coisa.

Precisava de que aquilo casse claríssimo entre nós.

Ela não disse nada e beijou-me.

Fundimo-nos num beijo de paixão, um beijo onde só havia espaço para o carnal.

Puxei-a até car por cima de mim e as minhas mãos levantaram-lhe a blusa, retirando-lha pela cabeça.

As suas mamas perfeitas de silicone caram à altura dos meus olhos, apenas cobertas por um sutiã de renda preta.

A Amanda olhou um segundo para a porta.

— Ela não entra — a rmei para a tranquilizar.

Desviou os olhos para mim.

— Tem-na bem ensinada, não é? — perguntou, e, naquele instante, não percebi o seu tom de censura.

Desapertei-lhe o sutiã e peguei-lhe nas mamas com lascívia.

Eram enormes, túrgidas... Porra, deixaram-me duro.

Puxei-a pelo rabo e deitei-a no sofá.

Tirei a roupa devagar, observando-a a fazer a mesma coisa. Foi-se despindo até remover as calças e car só com a tanga vestida.

— O que me vais fazer? — questionou.

— Põe-te de gatas — ordenei-lhe e fez exatamente o que lhe pedia.

Enquanto fodíamos como animais na sala de minha casa, não consegui deixar de sentir que as minhas mãos tinham saudades de uma coisa um bocado diferente, que aqueles beijos não me davam mais nada além de uma excitação desenfreada, nada mais.

Quando terminámos, desejei que ela se fosse logo embora.

Não o fez. Dormiu na minha cama e eu...

Porra, não preguei olho toda a noite a pensar numa rapariga morena, de pernas compridas e mamas pequenas que, naquele momento, e sem que eu o soubesse, passeava por Londres sem saber nem sentir que

todos os meus pensamentos estavam focados nela.

Lá acabei por adormecer, mas não consegui dormir profundamente.

Não tive sonhos prazerosos, muito pelo contrário. Misturavam-se imagens da Amanda com imagens da Nikki, quando beijava a Nikki, beijava a Amanda, e o contrário. Não gostei daquela sensação e, na manhã seguinte, quando abri os olhos e vi que ela continuava ali, senti que invadia o meu espaço pessoal.

Era incrível que, apesar de ter sido minha companheira, nunca me tivesse feito sentir como a Nikki me zera sentir em trinta dias.

Por que motivo tinha decidido ignorar as minhas mensagens? Tive vontade de reler a conversa e procurar nas minhas mensagens qualquer coisa que talvez a tivesse ofendido, mas, depois, lembrei-me da estupidez que o Nate tinha feito e desisti dessa ideia.

Saí da cama, tomei um duche, vesti-me e reparei que a Amanda se erguia entre os lençóis.

— Bom dia — disse-me, espreguiçando-se com o lençol a descer-lhe até à cintura e revelando o seu peito.

Incomodou-me vê-la ali... Queria que se fosse embora, mas também não sabia como devia mandá-la embora sem ser mal-educado.

— Tenho de ir trabalhar — a rmei, acabando de fazer o nó da gravata.

— Apetece-te almoçar comigo hoje? — perguntou, sem se tapar.

A Amanda era uma mulher muito con ante em relação ao seu corpo, gostava de o mostrar com orgulho, não se tapava, pelo contrário, exibia os seus atributos, desejando captar o interesse de todos aqueles que a rodeavam... Não consegui deixar de comparar a sua atitude à da Nikki, que, apesar de ser bonita, o que tinha de mais atraente era precisamente o facto de parecer não ter consciência disso. Não precisava de car nua para captar a minha atenção, conseguia fazê-lo de forma completamente involuntária. Por exemplo, quando me deixava ver um pouco o início do seu rabo ao inclinar-se para apanhar a roupa do chão, usando apenas uma blusa minha... Ou quando andava pela ilha sem sutiã, muitas vezes, sem ter consciência do modo como os mamilos cavam marcados contra o tecido. Ou a maneira como apanhava o cabelo num puxo muito alto e despenteado, deixando-lhe o pescoço à mostra, frequentemente, rodeado de pequenos caracóis que tinham fugido do penteado, e sentia vontade de

a acariciar com os dedos para depois a beijar e car a ver a sua pele reagir, toda arrepiada. Ela sempre se tinha tapado com o lençol por timidez, independentemente de termos tido sexo minutos antes. Era tímida e isso agradava-me, incentivava-me a levá-la por maus caminhos, tinha vontade de lhe fazer tudo...

Com a minha ex, sentia que já tínhamos partilhado tudo o que se pode partilhar em casal, inclusive um término.

— Não posso — recusei o seu convite para almoçar enquanto vestia o *blazer* azul-marinho, primeiro, enroscando um braço e, depois, o outro. — Tenho reuniões o dia todo.

A Amanda fez beicinho.

— Então, pronto? Ficamos por aqui? — perguntou.

Peguei nos botões de punho e pus cada um em cada pulso.

— O que queres dizer com isso? — indaguei, tentando escapar do sítio para onde queria levar-me.

— Não vamos repetir o que zemos ontem? Não podemos ser amigos coloridos?

Observei-a e aproximei-me dela, sentando-me na beira da cama.

— Por mim, não há problema... Mas não me parece que consigas aguentar isso — disse com calma, embora começasse a perder a paciência.

— O que queres dizer com isso?

— Tu não queres isso, Amanda. Tu queres uma relação, e não ta posso dar.

Comecei a levantar-me, mas a sua mão deteve-me, agarrando-me no braço.

— Vê se paras de dizer o que eu quero ou não. Tu não fazes ideia. E se eu só quiser estar contigo, sem pensar em mais nada, sem rotular o que temos?

Eu sabia o que muitas mulheres queriam quando pediam o contrário.

Ela podia estar a enganar-me.

— O que queres de mim? Sê clara.

Observou-me e demorou algum tempo antes de me responder.

— Encontrarmo-nos de vez em quando... Divertirmo-nos e estar aqui para ti como tua amiga.

Avaliei as suas palavras.

— Sem amarras? Sem exclusividade? Sem explicações? Sem exigências? — perguntei-lhe, observando a sua reação com muita atenção.

— Assim que isto deixar de me agradar, serei a primeira a dizer-to.

A sua resposta agradou-me.

— Muito bem — aceitei, então, inclinando-me e dando-lhe um beijo rápido na testa. — Esta semana é complicada, mas depois ligo-te.

Saí do quarto e de minha casa e entrei no carro, sabendo que não enganava ninguém, mas sentindo-me menos sozinho... Detestava sentir-me sozinho e, desde que tinha regressado de Bali, essa sensação acentuara-se com o passar dos dias. A solidão e o peso das responsabilidades acumulavam-se sobre uns ombros que ainda não estavam preparados para enfrentar tantas mudanças.

Podia apoiar-me na Amanda. Deixara as minhas condições claras e eu não era o pai dela, felizmente. Ela era uma mulher adulta e madura e sabia onde se metia.

A semana passou depressa, fechámos a compra dos dois aviões e tive de ir ao hangar para me certi car de que nalmente estava tudo em ordem. Gostava de ser perfeccionista, veri car tudo até ao mais ín mo

pormenor, conhecia um avião por dentro como se fosse o meu próprio corpo. A nal, tinha sido criado entre motores e peças daqueles pássaros alados. O meu irmão e eu tínhamos aprendido tudo com o nosso pai, que se orgulhava de explicar como a empresa dos Lenox tinha crescido precisamente devido a esse perfeccionismo. Nós não lhe demos a devida atenção, ou, pelo menos, eu não tinha feito muito isso. Costumávamos passar horas nos hangares a divertir-nos enquanto ele fechava os negócios. Não pude deixar de me recordar dele. Teria gostado de fazer esta aquisição, negociando os pormenores,

procurando o negócio mais favorável para a nossa empresa. Eu, porém, não via os aviões dessa forma. Ao subir para a cabina do piloto para a ver, tive uma vontade enorme de voar e sair dali para nunca mais voltar... Detestava a sensação de estar a viver uma vida de que não gostava, uma vida que não era minha.

— Se quiser, pode dar uma volta, senhor Lenox — disse o vendedor, lendo-me os pensamentos.

Não era raro deixarem-nos experimentar o avião antes de o comprarmos e, quando me sentei na cabina, à frente dos comandos, a adrenalina de voar fez-me sentir mais vivo do que nunca.

Respirei fundo antes de recusar a oferta.

— Não tenho tempo, mas, de qualquer forma, agradeço-lhe.

Enviarei uma pessoa para fazer as últimas veri cações — declarei, porque sabia que não era boa ideia voar naquela manhã, só iria aumentar a minha angústia e a minha vontade de mandar tudo à merda.

O meu pai apareceu no meu escritório para me dar na cabeça por me ter ido embora da festa de anos da minha mãe depois de mal ter passado vinte minutos com ela e fez-me prometer que voltaria a ver a

Lília antes do nal do mês.

Estive com a Amanda em duas ocasiões, uma para almoçarmos e outra para jantarmos. Das duas vezes, acabámos a foder, uma rapidinha na casa de banho do restaurante, coisa que não fui eu a sugerir, ela seguiu-me, sem que ninguém a visse, para me fazer um broche; a outra vez, foi em minha casa, depois de insistir que queria ver o *Camilo*.

A desculpa do *Camilo* já começava a car velha e disse-lhe isso mesmo.

— Tenho muitas saudades dele, nunca to devia ter oferecido...

— O cão odeia-te, Mandy — repliquei, rindo-me ao vê-lo rosnar-lhe.

— Porque tu o educaste mal!

Nunca admitiria em voz alta que a sua companhia me agradava, mas era verdade... Pelo menos, tinha alguém com quem me distrair e para me libertar sicamente.

Na sexta-feira de manhã, o Nate entrou no meu escritório. Tinha passado a semana toda a voar e agora tinha uma semana de folga.

— Nós vamos até Elephant and Castle, queres vir? — perguntou-me.

— Quais são os teus planos? — repliquei, agarrando-me à cadeira.

— Jantar e ir a um bom *pub* — respondeu, olhando-me com aquele brilho travesso nos olhos que não conseguia esconder quando planeava fazer alguma loucura. Além disso, vindo da boca do Nate, isso signi cava comer uma merda qualquer a caminho de uma discoteca cheia de malta de vinte anos e voltarmos para casa às quatro da manhã.

— Está bem, eu vou, mas não ques chato quando decidir vir-me embora. E fá-lo-ei quando me apetecer, combinado?

— Porra, andas tão simpático ultimamente. Tu é que cas a perder, mas pronto, está bem — aceitou, levantando-se da cadeira.

Eu conhecia o Nate su cientemente bem para saber que não tardaria a insistir, e, de qualquer modo, iria car insuportável, mas eu esperava que, quando chegassem as duas da manhã, uma rapariga qualquer o tivesse entretido para não me chatear.

Deu-me a morada do restaurante, despedi-me dele e continuei a trabalhar.

Às seis horas, voltei para casa, tomei um duche rápido, mudei de roupa para umas calças de ganga, uma blusa sem gravata, uma camisola e um casaco mais informal. Penteei-me à pressa com os dedos e, meia hora depois, estava a caminho do restaurante.

Não tinha avisado a Amanda, porque não a queria confundir e já nos tínhamos visto vezes su cientes naquela semana. O melhor era dosear os nossos encontros para nos cingirmos ao nosso acordo: nada de laços.

Sabia que estariam lá quase todos os meus antigos colegas de trabalho, o Nate só se dava com pilotos, tanto da nossa companhia como outros que trabalhavam para grandes companhias aéreas, como a British Airways, a Virgin ou a Iberia. Apesar de me apetecer vê-los, porque éramos todos colegas, em parte, sentia algum ressentimento para com qualquer pessoa que estivesse a fazer o que eu adorava e que não tinha permissão para fazer.

Pelo menos, estava quase a fechar a compra de um pequeno jato privado, um brinquedo muito caro que estava desejoso de experimentar. Desta vez, não era uma compra para aumentar a faturação de ninguém. Era uma compra para aumentar a minha felicidade. Assim que o comprasse, teria apenas um piloto: eu, e usá-lo-ia sempre que quisesse fugir e voar sem ter de dar explicações a ninguém.

Entrei no restaurante, um *pub* e discoteca onde serviam comida ao mesmo tempo que entretinham os clientes. Estavam lá todos, ou quase todos, os pilotos que tinham crescido connosco na academia.

Assim que me viram, começaram a bater na mesa como animais.

Revirei os olhos e sentei-me a sorrir, sem conseguir evitá-lo.

Que bando de gente doida.

— O nosso chefe chegou, senhores — disse o Adam Wilson, erguendo as mãos. — Ou, pelo menos, manda em metade da mesa.

Muitos riram e ignorei o comentário enquanto pedia um copo à empregada de mesa que acabava de se aproximar.

— Vamos fazer um brinde! — disse o Nate e todos os que estavam sentados à mesa começaram a vaiá-lo. — Não sejam idiotas, brindo para que este tipo de reuniões se faça, no mínimo, uma vez por semana! — gritou, subindo para a cadeira e levantando o copo, entusiasmado.

Todos, menos eu, pegaram no guardanapo e atiraram-lho.

Era impossível juntarmo-nos uma vez por semana por causa dos diferentes horários que cada um de nós tinha, e ele sabia-o perfeitamente. Era a nossa piada privada: éramos um grupo de pilotos que todos os dias voavam para mais longe uns dos outros.

Jantámos à medida que nos ríamos das palermices do Nate e das piadas do Carter. Quando a comida foi acabando e os copos passaram a ocupar quase toda a mesa, por pouco não tiveram de nos pedir amavelmente para nos irmos embora dali.

Podíamos ter todos quase trinta anos, mas nenhum se comportava como um adulto ajuizado... Eu era o mais sério de todos e o que tentava acalmá-los quando começavam a beber demasiado, mas

agradei que nos dissessem que a situação estava a descambar.

A discoteca escolhida pelo Nate cava apenas do outro lado da rua, pelo que nem precisámos de ir buscar os carros. Lembrei-me de outros tempos, tinha sido o palco de mais de uma noite de farra com os nossos amigos. Aliás, o porteiro sorriu assim que viu o Nate e, uma vez lá dentro, sem que o tivéssemos pedido, levaram-nos para uma zona reservada. Entrámos todos, deixando-nos levar pelo barulho estridente da música e das luzes extravagantes.

Aquele sítio estava cheio e a música era ensurdecadora, conseguia sentir as batidas do baixo a reverberar dentro da minha caixa torácica. No entanto, já tinha bebido dois copos para até achar aquilo agradável. Ao ver os corpos a agitar-se debaixo das luzes e ao ritmo da música, comecei a ter cada vez mais vontade de me deixar levar, de começar a dançar e ser como eles.

Dez minutos depois de termos chegado, e não me perguntem como, já estavam oito raparigas a dançar com os meus colegas, a beber e a rir, enquanto os meus amigos irtavam com elas, exibiam as suas melhores habilidades e sorriam para tentar dormir com elas naquela noite.

Uma miúda nova, com cerca de vinte e três ou vinte e quatro anos, entrou no meu campo de visão. Aproximou-se de onde eu estava, encostado a uma parede, um pouco afastada dos meus amigos, com um sorriso entre o tímido e o atrevido.

Tinha reparado no seu olhar pouco antes. Ela e a amiga tinham estado à minha espera e tinham cochichado sem tirar os olhos de mim.

Presumi que, por m, uma delas se tivesse enchido de coragem para se aproximar.

Observei-a quando se aproximou para vir falar comigo. Não era

muito alta, o seu cabelo preto estava apanhado num puxo e usava um vestido que deixava à mostra o seu melhor atributo: um decote espetacular.

— Olá, chamo-me Carol — disse, pondo-se em bicos dos pés para me falar ao ouvido, porque a música estava tão alta que teria sido impossível ouvi-la bem.

Tinha um bocado de preguiça de ter de passar por tantos passos para me relacionar com uma miúda só para a levar para a cama. Eu sabia que havia muitos homens que faziam da sedução um estilo de vida,

não os julgava por isso, porque cada um fazia o que queria, mas não tinha vontade de fazer conversa de circunstância com uma rapariga que nunca mais ia voltar a ver. Primeiro, porque eu era o tipo de homem que jamais começaria uma relação com uma rapariga que tinha conhecido numa discoteca. Chamem-me antiquado, mas não me parecia um bom sítio para começar qualquer coisa que fosse mais além do que uma queca de uma noite. Não digo isto por ela não ser uma miúda incrível, de certeza que era, mas, para sair com alguém a sério, desfrutava imenso da conquista, das brincadeiras, da sensação de saber que conquistá-la era um desafio, algo em que deveria empregar todas as minhas ferramentas mais sofisticadas para a conseguir cativar.

Numa discoteca, a magia desaparecia antes mesmo de começar.

Ou, pelo menos, para mim era assim.

— Sou o Alex — apresentei-me e apercebi-me da sua fragrância quando se aproximou de mim para falar comigo.

Senti o cheiro de um perfume de marca misturado com um pouco de suor.

— Apostei com a minha amiga que ia conseguir que me desses o teu número de telemóvel — disse, pondo atrás da orelha uma madeixa de cabelo que se lhe escapara do puxo e, por um segundo, se tinha colado aos lábios com *gloss*.

— O que apostaste exatamente? — perguntei-lhe, acompanhando a conversa.

— Se me deres o teu número, ela cozinha para mim durante uma semana... Caso contrário, terei de ser eu a lavar-lhe a roupa durante um mês — confessou-me.

Assenti em silêncio.

— Parece-me que vais ter de lhe lavar a roupa — brinquei, vendo a sua reação. Pareceu dececionada, pelo menos até eu continuar a falar.

— Mas podes conseguir outra coisa, se te apetecer — declarei, reparando que tinha uns lábios bonitos.

— Ah, sim? O quê? — perguntou, aproximando-se mais.

— O que desejas desde que me viste — respondi.

A Carol pôs-se em bicos de pés e, um segundo depois, estávamos aos beijos contra aquela parede. Beijava bem, mas não tencionava passar a noite assim, como se fosse um adolescente.

Os seus lábios afastaram-se dos meus e aproximaram-se do meu pescoço.

Por um instante, fechei os olhos e imaginei-me muito longe dali, com outra pessoa, outros lábios a beijar uma zona que me deixava excitadíssimo.

Então, algo mudou, não me perguntem como soube nem como percebi. Não há nenhuma explicação científica, mas qualquer coisa no ambiente se alterou, como se as moléculas que pairam no ar se juntassem à minha volta e me obrigassem a prestar atenção a algo muito mais importante, ou melhor, a alguém.

Uns segundos depois de abrir os olhos, vi-a.

Estava ali... Mas que raio?

O que fazia a Margot em Londres?

Estava com um rapaz louro, um tipo que eu nunca tinha visto. Em seguida, percorri todo o espaço reservado com o olhar, em busca do Nate. Será que ele sabia que ela estava ali?

O meu amigo não tinha andado muito bem depois do que se tinha passado na ilha e temi a sua reação se se encontrasse com ela, mas, depois, senti o corpo muito tenso.

Não podia ser.

Fechei os olhos e voltei a abri-los.

Não podia ser verdade. Afastei a rapariga com quem tinha estado aos beijos.

— Não pode ser — disse-lhe em voz alta.

A rapariga parou o que estava a fazer e olhou para mim.

— O que foi? — indagou.

— Não pode ser — repeti, observando o Erik, que, com um sorriso

radiante e uma familiaridade que invocava o pior de mim, segurava a Nikki pela cintura, mesmo ao seu lado.

Será que me tinham metido alguma coisa na bebida?

Da mesma forma que todas as partículas do meu corpo se aperceberam da sua presença, ela pareceu sentir o mesmo.

Os seus olhos voaram pela sala como que atraídos por um íman e, então, vimo-nos um ao outro.

Os seus olhos em mim, os meus nela.

Dez mil milhas reduzidas a três metros, um sofá, uma pista de dança e várias pessoas pelo meio.

Ainda sem ela desviar os olhos dos meus, o Erik pôs-lhe a mão na nuca e inclinou-se para a beijar.

Vi aquilo tudo em câmara lenta.

Em que momento é que aquele sonho se tinha tornado um pesadelo?

CAPÍTULO 11

NIKKI

Fiz o que a Maggie quis e segui os seus planos à risca. Não queria pensar nem analisar tudo o que tinha descoberto, não queria enfrentar os meus sentimentos, pois tinha passado por demasiadas coisas nos últimos meses e estava farta de tantas descobertas. Portanto, decidi deixar-me ir.

Percorremos Londres de uma ponta à outra, ou, pelo menos, tudo aquilo que conseguimos em cinco dias. O Chad, o seu antigo amigo colorido, andou connosco sempre que não estava a trabalhar e, surpreendentemente, descobri que gostava dele. Era um tipo porreiro, com graça quando estava bem-disposto e fez de nosso guia turístico sem pedir nada em troca, apenas na condição de lhe fazermos o jantar.

A comida inglesa era muito diferente da que estávamos habituadas a comer em Bali. Por exemplo, as pessoas dali abusavam imenso da manteiga, um ingrediente que eu nunca tinha usado na vida e que tinha achado muito gorduroso. Gostava muito do arroz bem cozinhado, e, sobretudo, do picante. Aqui, fugiam do picante como se

fosse veneno e a comida não me sabia a nada.

— És uma exagerada — disse-me a Maggie um dia em que provávamos o famoso *sh and chips*.

Olhei para aquela porcaria de batatas e novamente para o Chad.

— Quem, no seu perfeito juízo, põe vinagre nas batatas fritas?

— As pessoas inovadoras — respondeu-me com um sorriso.

Depois de andar dois dias a calcorrear a cidade e depois de muita insistência por parte da Maggie, lá acabei por ligar ao Erik, o piloto.

Não tinha um interesse especial em sair com ele, mas a Maggie foi tão insistente que acabei por lhe ligar.

A verdade era que não tinha muita esperança de que ele soubesse quem eu era. Parecera-me que era daqueles homens que davam o número de telefone a qualquer passageira que lhe parecesse medianamente bonita.

Para minha surpresa, lembrava-se perfeitamente de quem eu era e cou encantado por nos acompanhar no nosso passeio turístico pela cidade.

— É uma coisa que tem de se fazer, mesmo que seja apenas uma vez na vida — disse o Erik na primeira tarde em que se juntou a nós e nos obrigou a subir ao London Eye.

— Não estou a pensar subir — repliquei, olhando para a imensidão daquela roda gigante... Nunca tinha entrado em nenhuma. Quer dizer, na verdade, nunca tinha visto nenhuma nem tinha interesse em ver a partir do seu interior.

— Anda lá, Nikki, não sejas uma seca! — exclamou a Maggie, puxando-me.

Firmei os pés no chão como uma menina e cruzei os braços.

O Erik, que já nos aturava há duas horas, durante as quais nos tinha levado a jantar a um sítio que, tenho de admitir, era incrivelmente bom, riu-se ao ver como me recusava de forma tão perentória.

— Garanto-te que vale a pena — disse, falando-me naquele tom tão apaziguador, como tinha feito para me convencer a entrar no avião.

Até achei estranho vê-lo chegar de calças de ganga, *T-shirt* branca e

ténis desportivos.

— Não tens frio? — perguntei-lhe, visto que tive de entrar na primeira loja que vi para comprar um gorro, um lenço e umas luvas térmicas.

Eu era a única que tinha assim tanto frio, devo admitir, a Maggie e os outros dois estavam impávidos e serenos.

— É que a pobre coitada nunca esteve num sítio com menos de vinte e cinco graus — explicou-lhe a Maggie, falando como se eu não estivesse ali.

— Temos de aproveitar os dias soalheiros! — respondeu o Erik simplesmente, coisa que só em parte percebi, porque, desde que chegáramos, mal tínhamos conseguido ver o astro-rei. Tinha reparado com curiosidade que os outros transeuntes andavam pela rua como se fosse um dia de verão em vez de adequarem a indumentária aos dez graus.

Aquela gente era doida.

— Já podemos entrar? — insistiu o Chad, perdendo a paciência.

Para ser franca, ele já tinha tido muita connosco.

O Erik virou-se para ele e sorriu. Então, antes de eu ter tempo para me preparar ou para lhe dar um empurrão, já se tinha agachado e tinha-me posto por cima do seu ombro.

— Larga-me! — gritei enquanto via a minha melhor amiga às voltas e a rir à gargalhada.

— Gosto muito mais desta tática! — exclamou a malvada, correndo atrás de nós.

— Põe-me já no chão! — gritei, mas não o fez. Já tinham comprado os bilhetes, por isso, foram diretamente para as cabinas e quei surpreendida pela pouca intervenção dos guardas que ali estavam de plantão.

Será que não viam aquele homem a levar-me à força para ali?

Entrámos na cabina e ele só me soltou depois de as portas se fecharem.

Virei-me para ele, irritada, mas não tinha con ança su ciente com ele para lhe dar um estalo.

— Estavas em dívida para comigo, Nicolette — disse, a rir. — A nal, estás aqui graças a mim.

Era verdade, jamais teria entrado naquele avião se não fosse a tranquilidade que me transmitira, mas nunca o admitiria em voz alta.

— Por que raio me tratas por Nicolette? — perguntei-lhe pela quarta vez, porque tinha insistido em me chamar assim desde que nos tínhamos voltado a ver. Além disso, sempre que pronunciava o meu nome daquela forma fazia-o com um sorriso que parecia prometer tudo menos coisas boas.

— Porque gosto e porque de certeza que mais ninguém te trata desta forma.

Tinha razão.

Virei-lhe as costas, mostrando-me chateada, que estava, mas não assim tanto.

Assim que me virei para as paredes de vidro, passei-me com a vista.

Era incrível... e era de dia. Não conseguia imaginar como devia ser Londres daquela altura ao anoitecer...

Senti-o aproximar-se por trás, mas não me afastei dele.

— Gostas? — perguntou muito perto de mim.

Um arrepio percorreu-me.

Sabia o que o Erik queria, sabia que gostava de mim. Pelo menos, sentia-se atraído por mim e eu achava-o muito giro, muito atraente, mas...

Não conseguia tirar o Alex da cabeça.

Mas o Alex estava com outra... e tinha uma lha.

Concentrei-me na vista, nas ruas, nos carros que pareciam formigas pequenas dali de cima.

Onde estaria ele naquele momento? Estaria a pensar em mim ou tinha-se esquecido por completo da minha existência?

Era estranho estar na mesma cidade que ele e não o ter visto...

Mentiria se dissesse que não o procurava nas ruas, entre as pessoas que caminhavam ao nosso lado, sempre com a esperança de o encontrar e tornar a vê-lo.

Mas... para quê?

Era evidente que ele tinha seguido em frente sem nunca mais olhar para trás... Bolas, até me bloqueara para que eu não pudesse comunicar com ele.

— Gosto muito dos teus amigos — a rmou o Erik, apoiando os braços no corrimão e prendendo-me no meio deles. Não estávamos a olhar um para o outro, mas, ao fazermos isso, os nossos corpos aproximaram-se mais. — Mas gostaria de te convidar para jantar, só nós os dois.

Merda.

Não queria começar nada sabendo que não seria capaz de lhe corresponder, e também não queria uma coisa de uma noite, já sabia o que podia acontecer depois disso e era algo que não desejava repetir.

O que faria com ele? Não sou daquelas raparigas que conseguem bloquear o coração e desfrutar apenas sicamente de um encontro sexual com um rapaz.

Girei e, então, cámos de frente um para o outro.

Reparei que tinha uma pequena cicatriz na comissura da boca e quei surpreendida por me interessar descobrir como tinha feito aquilo.

— Não me parece que queiras desperdiçar o teu tempo comigo, Erik

— comecei por lhe dizer, mas ele interrompeu-me.

— Eu gosto de ti, és incrivelmente bonita e, mais importante ainda, és muito diferente das raparigas com quem estou habituado a sair, portanto, gostaria muito de poder conhecer-te melhor.

Tinha uns olhos muito bonitos... Pequenos e bonitos. Também tinha um olhar doce, sim, era isso que ele tinha.

E cava com umas covinhas quando sorria.

Era muito giro e eu também gostava bastante dele.

Observei a Maggie por um instante, que, naquele momento, ria na companhia do Chad.

Não tinha de pensar sempre que um jantar com um rapaz podia avançar para sexo ou uma relação. Podíamos sair como amigos, passar um bom bocado. Não era essa uma das razões pelas quais tinha vindo até aqui? Não era isso o que a Maggie me dizia sempre? Para desfrutar e não complicar tanto as coisas?

Além disso, não me perguntem porquê, mas sentir-me desejada, sentir a atenção que o Erik me dava, fazia-me sentir bem, mais do que bem, e mitigava um pouco a dor que sentia por tudo o que tinha descoberto sobre o Alex.

Acabei por aceitar.

Naquela noite, ele foi-me buscar para irmos jantar.

Vesti umas calças de ganga, uma camisola de lã e o casaco acolchoado que tivera de comprar e calcei umas botas. Nunca tinha vestido roupa de inverno, nunca tinha tido de andar com tantas camadas de roupa e menos ainda de calçar meias! Sentia-me uma

extraterrestre num planeta completamente novo, mas tinha de admitir que não desgostava.

O Erik foi buscar-me num carro moderno e elegante e levou-me a jantar num sítio maravilhoso.

Jantámos, conversámos, rimo-nos e tornámos a rir.

Eu gostava dele... Agradava-me, era um bom tipo e provocava-me algumas borboletas quando me observava com tanto interesse.

Quando me levou a casa, nem pensei naquilo. Deixei-me levar e não o afastei quando me beijou. Fechei os olhos e permiti-me simplesmente sentir.

Não tentou fazer mais nada, apenas me beijou, incrivelmente bem, e, depois, desejou-me boa-noite.

Observei-o enquanto descia a escada, entrava no carro e se ia embora. Assim que entrei em casa, dei por mim a sorrir, sem me aperceber disso.

Tinha sido uma noite bonita.

E não pensei mais naquilo.

Nos dias seguintes, voltámos a ver-nos em mais duas ocasiões, uma vez, sozinhos e, outra, com a Maggie e o Chad, e divertimo-nos muito nos dois encontros.

Ele era fantástico, não encontrava nenhum defeito. Talvez apenas o facto de não sentir por ele sequer metade do que sentira quando estivera com o Alex, mas também não era minha intenção substituí-lo nem nada que se parecesse. Como dizia a Maggie, estava apenas a deixar tudo uir.

— Isso é porque o idealizaste — disse-me a Maggie enquanto nos arranjávamos para ir a uma discoteca. O Erik tinha-nos convidado aos três, dissera que nos íamos divertir à grande, porque também iam uns amigos dele.

Como era sexta-feira e não tínhamos muito mais para fazer, tínhamos aceitado.

Eu estava um pouco nervosa, porque, segundo a Maggie, o Erik ia tentar levar-me para sua casa naquela noite e eu não queria isso.

Estava muito consciente de que não devia fazer nada que não me apetecesse, mas para mim era muito violento ser colocada na situação de ter de lhe explicar que, por enquanto, não pretendia ir para a cama com ele.

Beijos e afagos?

Não tinha problema com isso, mas sexo...

Não estava preparada para oferecer o meu corpo a outro homem e só pensava fazê-lo quando estivesse cem por cento segura disso.

— Diz-lhe que és extremamente católica — sugeriu-me a Maggie conforme maquilhava os olhos. — Diz-lhe que não vais para a cama com ninguém antes de porem um anel nesses teus lindos dedos.

— Cala-te — disse-lhe, olhando-me ao espelho.

Não me reconhecia.

A minha amiga tinha-me emprestado um vestido elegante, curto e de cetim de um tom vermelho-sangue. Parecia mais uma camisa de noite sensual do que um vestido, mas, segundo ela, era assim que se saía em

Londres, apesar do frio. Pela primeira vez na vida, usava meias pretas e uns sapatos de salto alto que tinha comprado num mercado de Camden Town. Estive tentada a calçá-los com *collants*, porque o frio daquela cidade não era normal. Mas claro que a Maggie me dissuadiu.

A Nikki que observei no espelho deixou-me surpreendida. Tenho de admitir que estava *sexy*, mas diferente... Muito diferente do que costumava ver quando o espelho do meu quarto me devolvia o olhar.

Em Bali, as festas eram quase todas na praia e íamos de biquíni e calções, ou, quando muito, com um vestido uido para uma vivenda de um turista qualquer. Eu nunca tinha andado de saltos altos e não tinha a certeza se acabaria por gostar de os usar.

— Pareces o Bambi a aprender a andar — a rmou a Maggie a rir.

Ela tinha vestido umas calças pretas justas, saltos altos e um *top* lindo com lantejoulas. No entanto, não se notava a barriga e estava maravilhosa. Fizera ondas no cabelo arruivado, que lhe caíam sobre os ombros nus, realçando o tom bronzeado da sua pele. Maquilhada, os seus olhos verdes pareciam os de uma elfa e as suas sardas pareciam ter-se multiplicado depois de ter posto o *blush*.

— Ainda parto o pescoço com isto — disse-lhe, olhando para baixo e sentindo-me em perigo, num perigo real.

— Tem calma, agarras-te ao Erik e ca tudo bem. Ele é muito simpático, não é? — perguntou-me, observando-me enquanto aplicava o *gloss* nos lábios na sua boca já de si rosada.

— Muito simpático — respondi, vendo-me uma última vez ao espelho. Tinha apanhado o cabelo num rabo de cavalo que me caía pelas costas.

Pouco depois, o Erik apanhou-nos e abriu muito os olhos quando me viu. Com os saltos altos, os nossos olhos cavam quase à mesma altura.

— Estás maravilhosa — elogiou e sorri, sem conseguir evitá-lo.

— Tu também estás muito giro — devolvi o elogio, veri cando que se tinha barbeado de propósito para a ocasião, o que lhe dava um ar mais jovem do que aquela a que estava habituada.

— Vamos? — perguntou-nos às duas.

O Chad ia ter connosco, porque ia para lá de mota, depois de sair

do trabalho.

Quando chegámos ao sítio, reparei que havia pessoas a fazerem la à porta. Entrei um pouco em pânico só de me imaginar car ali de pé durante um tempo inde nido com aqueles saltos altos, mas quei agradavelmente surpreendida ao ver que, assim que nos viu chegar, o porteiro reconheceu o Erik e deixou-nos entrar.

O Chad apareceu nesse mesmo instante.

— Ele vem connosco — disse-lhe o Erik e entrámos os quatro naquele sítio.

Era incrível como o espaço estava tão bem insonorizado, porque lá fora não se ouvia nada, mas no interior o som estava altíssimo.

Reparei que o espaço era escuro e havia luzes coloridas intermitentes.

A entrada dava para um vestíbulo onde podíamos deixar os casacos e, depois, cava-se a dois andares da pista de dança.

— Os meus amigos reservaram um espaço, vamos para lá — disse-nos o Erik e seguimo-lo enquanto íamos observando tudo à nossa volta, ou pelo menos eu ia fazendo isso, porque nunca tinha estado numa discoteca e muito menos num espaço reservado.

Cheguei-me ao varandim e quei maravilhada ao ver as pessoas a dançar na pista de dança apinhada. Havia imensa gente, não admirava que houvesse la para entrar ali.

Imaginei-me lá em baixo e senti-me sufocar só de pensar nisso.

Gostava de dançar, gostava de música e, depois de ter conhecido inúmeros turistas, tinha aprendido a apreciar a música em diversas línguas e de diferentes estilos, mas nunca dançara como aquelas pessoas estavam a dançar, a agarrarem-se umas às outras e a contorcer-se de uma forma incrivelmente sensual.

A Margot virou-se para mim com um sorriso radiante.

Gostava de a ver assim, sobretudo porque, no fundo, sabia que ela estava destrocada. Em momentos como aquele, em que parecia mesmo ela, sentia-me feliz. Ainda não tínhamos falado sobre a altura em que iria contactar o Nate e o facto de ter estado a atrasar isso era um sinal claro de que ainda não estava pronta para lhe contar a verdade.

Senti a mão do Erik na minha cintura a puxar-me para ele quando, finalmente, chegámos à zona reservada. Ali, no meio de uns sofás pretos e de umas mesinhas baixas com bebidas alcoólicas, estava um grupo de uns dez rapazes. Estavam todos vestidos com camisas e calças de ganga enquanto dançavam, rindo e conversando com algumas raparigas que pareciam estar a divertir-se.

— Somos todos pilotos, conhecemo-nos na academia de aviação e por termos trabalhado nas mesmas companhias. Tentamos reunir-nos uma vez por semana para não perdermos o contacto — informou-me o Erik ao ouvido para que eu conseguisse ouvi-lo melhor.

Quando disse que todos eram pilotos, houve algo em mim que estremeceu. Primeiro, foi só um calafrio, como se o meu corpo quisesse advertir-me, depois, não consegui evitar que o meu coração acelerasse, porque me apercebi de algo.

Soube-o simplesmente.

Soube que ele estava ali e os meus olhos não tardaram a encontrá-lo.

Uma rapariga estava a beijar-lhe o pescoço, ao passo que ele, de olhos fechados, se deixava beijar com as mãos postas no rabo dela.

Fiquei magoada.

Fiquei muito mais magoada do que podem imaginar.

Então, os olhos dele abriram-se, percorreram a sala, como se também tivesse conseguido pressentir-me, até que os nossos olhares acabaram por se encontrar, como se fôssemos dois ímanes que se

atraem irremediavelmente.

Primeiro, cou a olhar para mim como se estivesse a ver um fantasma, como se não quisesse acreditar no que tinha à frente do nariz, mas, de seguida, afastou a rapariga com delicadeza. Por alguns instantes, entreolhámo-nos, como se fôssemos estranhos, desconhecidos que se reconhecem sem perceber porquê.

A confusão no seu semblante foi tão evidente que até eu me senti culpada por ser a causadora da sua confusão. Tentei lembrar-me do último instante que tinha partilhado com ele, antes de tudo ter ido por água abaixo, antes de lhe ter aberto o coração com as minhas verdades e ele se ter ido embora, deixando-me mais triste e sozinha do que nunca.

Havia muitas coisas que ele não sabia, mas também não se tinha esforçado para as saber...

Não me podia esquecer de que ele me tinha bloqueado e me tinha impossibilitado de o contactar, que me tinha mentido...

Senti o Erik ao meu lado, talvez achasse que o meu coração tinha acabado de acelerar desmesuradamente por uma atração que nunca sentiria por ele, mas, quando me pôs a mão no pescoço com doçura e se inclinou para me beijar, deixei simplesmente que o zesse.

Precisei daquele momento para conseguir recuperar, precisei daquele instante para fechar os olhos e cortar a ligação que parecia ter-se criado entre mim e o Alex, como um o que nos unia, forte e inquebrável, um o que saía de mim e se dirigia para ele e que parecia não querer deixar-me fazer outra coisa.

O Erik beijou-me e, quando terminou, dei um passo atrás.

— Desculpa, dá-me um momento — pedi-lhe.

— Estás bem? — perguntou-me.

Anuí com um aceno de cabeça ao mesmo tempo que girava e me dirigia para a casa de banho. Pelo canto do olho, vi claramente que o Alex fazia o mesmo.

Vinha atrás de mim, mas eu só queria fugir para poder recompor-me.

Quase corri pelo corredor numa tentativa vã de chegar à casa de banho, sem perceber que me tinha enganado no caminho. Naquele corredor não havia nenhuma casa de banho, apenas uma porta ao fundo, que julguei que fosse dar a algum lado, mas nem tive tempo de a alcançar. A sua mão já me tinha agarrado no braço, puxou-me e virei-me. As minhas costas chocaram contra a parede e o seu corpo cou irremediavelmente em frente ao meu.

Demorei mais um segundo a atrever-me a levantar os olhos, até encontrar os seus. Mesmo com saltos altos, ele ainda excedia a minha altura em vários centímetros, e o seu corpo... Caramba, tinha-me esquecido de como era grande, como me fazia sentir pequena em comparação com a sua dimensão irresistivelmente masculina.

Fitámo-nos durante alguns instantes, ele, perplexo, eu, a desejar que a sua presença não me provocasse aquela mistura de sensações e sentimentos tão intensos.

— O que é que?... — começou por dizer, deteve-se e recomeçou logo em seguida: — O que estás a fazer aqui?

As suas palavras soaram-me acusatórias e isso não me agradou.

Forcei-me a criar uma carapaça para proteger o meu coração daquilo que ele pudesse fazer ou dizer.

— Vim... — comecei por dizer, mas interrompi-me. Não lhe podia dizer que a principal razão daquela viagem tinha sido acompanhar a Maggie para ela poder contar ao Nate que estava grávida. —

Queria... Queria saber mais sobre tudo o que me contaste antes da tua partida — confessei. Esta era só uma meia-verdade. Não tinha sido o principal motivo para eu vir, mas, em parte, também tinha tido que ver com a minha decisão nal. Talvez, inclusive, fosse a principal razão, embora, naquele momento, não a quisesse ver dessa forma.

O seu semblante passou de perplexo a aborrecido.

— Porque não me disseste isso? — perguntou, usando um tom que eu nunca tinha tido a oportunidade de ouvir, ou, pelo menos, nunca o tinha usado à minha frente.

— Não sabia que tinha de te informar de todas as decisões que tomo, Alex — respondi-lhe, mostrando-me cada vez mais irritada a cada segundo que passava. Ele tinha-me mentido! Enganara-me e pensara que eu nunca descobriria as suas mentiras, porque nunca imaginou que fosse capaz de entrar num avião e viajar até Londres!

Não tinha o direito de car chateado comigo!

— Quem mais sabe que estás aqui? — questionou, ignorando o meu tom de voz, e pareceu-me notar uma certa inquietação quando tornou a falar. — Falaste com alguém sobre o que te contei em Bali? Alguém te contactou?

— Porque haveria alguém de me contactar?

— Porra, porque és a lha perdida do Jacob Leighton. Se souberem que estás aqui... — disse a última frase em voz baixa, aumentando a pressão da sua mão no meu pulso e sussurrando-me ao ouvido para ter a certeza de que mais ninguém ouvia as suas palavras. A raiva expressa entre dentes e a sua fragância, que eu tão bem conhecia, misturaram-se e, ao chegarem a mim, zeram com que todo o meu corpo estremecesse.

— Ninguém sabe de nada, Alex, vê se deixas de ser paranoico —

repliquei, olhando-o nos olhos com toda a raiva que consegui conjurar. — Ainda nem tenho a certeza se quero que alguém saiba disso!

— Tu não estás a perceber... — disse-me, então, olhando-me com um ar perplexo, diria mesmo um bocado assustado. — Não é seguro teres vindo até aqui, Nicole, não é seguro que...

Franzi o sobrolho ao reparar que a mão que me segurava no braço se apertava contra a minha pele de forma subtil.

Quando me preparava para falar, ouvimos uma voz vinda do fundo do corredor.

— O que se passa aqui? — perguntou o Erik, aproximando-se.

Trocámos olhares antes de o Alex me largar e recuar vários passos.

Senti-me estranha quando se criou aquela distância entre nós.

— Alex... — disse o Erik assim que o reconheceu ao chegar ao pé de nós. — Conheces a Nicolette?

O Alex franziu o sobrolho quase ao mesmo tempo que eu gritava ao meu coração para se acalmar de uma vez por todas.

— Erik? Nicolette? — respondeu, virando-se para o Erik. — Ela chama-se Nicole.

O Erik sorriu de esguelha.

— Bem te disse que seria o único a tratar-te assim — a rmou, sorrindo-me, divertido. Ainda não se tinha apercebido da atmosfera da situação.

Preparava-me para falar quando o Alex tornou a interromper-me.

— Que raio, como é que vocês se conheceram? — perguntou.

Consegui ver a veia do seu pescoço pulsar de irritação ao mesmo tempo que tentava com todas as suas forças manter a calma que o caracterizava.

— Conheci-a no voo de Denpasar para o Qatar. Na verdade, está aqui graças aos meus incríveis dotes de persuasão e por ser um piloto

exemplar — declarou o Erik, mas, desta vez, reparou que havia qualquer coisa entre nós que ele não conseguia perceber. — Vocês já se conheciam?

Os nossos olhares voltaram a encontrar-se e quei surpreendida ao ver que em cada um de nós o ressentimento e a decepção eram mais do que evidentes.

Porque estava ele dececionado comigo?

Não queria nem tinha vontade de ouvir as verdades do Alex, não queria que me lembrasse do que me tinha levado a viajar até ali sem ter consciência das consequências, não o queria ouvir, porque tinha descoberto que era um mentiroso. Da mesma forma que me tinha mentido em relação à mulher e à lha, também podia estar a mentir-me sobre tudo o resto.

— Não nos conhecemos de todo, Erik — respondi, sem olhar para ele.
— Se me dás licença... — continuei e afastei-me dos dois, percorrendo o corredor.

Precisava de estar sozinha.

Precisava de me afastar, porque, no fundo, eu sabia... Sabia que, se o deixasse aproximar-se o suficiente, voltaria a cair nos seus braços, e, desta vez, não estava certa se estariam tão quentes como tinham estado em Bali.

Era evidente que Londres era uma cidade mais fria e também era óbvio que, como me dizia a Margot, quando estamos de férias, todos mostramos a melhor versão de nós mesmos.

Infelizmente, ao contrário dele, eu não tinha estado de férias.

CAPÍTULO 12

MAGGIE

Nunca pensei que fosse encontrá-lo naquela discoteca. Nunca pensei que fosse encontrá-lo sem ter preparado o discurso com antecedência.

Quantos habitantes tinha Londres para ter esbarrado com o Nate no mesmo dia em que ele tinha decidido ir àquela discoteca?

Não demoraria muito para saber que o Erik, o piloto salvador da Nikki, conhecia o Nate e o Alex da academia de aviação e eram

amigos de longa data.

Ao contrário da Nikki, que, depois de ter passado dois meses sem ver o Alex, a primeira imagem que teve dele foi aos beijos com outra rapariga, ao menos eu encontrei-o rodeado de amigos e mais ninguém.

Conhecia-o su cientemente bem para saber que, desde que nos tínhamos visto pela última vez, era óbvio que tinha ido para a cama com mais umas quantas raparigas. Eu não era assim tão ingénua e não esperava o contrário, mas fez-me bem ao ego não o encontrar nos braços de outra mulher.

Também não percebia muito bem de onde vinham aqueles pensamentos, porque nada tinha mudado... Quer dizer, sim, tinha acontecido uma pequena coisa, mas as razões que tinham levado ao fim da nossa relação ainda não tinham desaparecido nem iriam desaparecer por magia.

Se uma parte de mim sonhava com uma relação perfeita em que o Nate e eu éramos felizes com o nosso bebé, ele me era el e acabava

mesmo por se comprometer, como me tinha jurado que faria em mais ocasiões do que aquelas que gostaria de me lembrar? Claro que sim, mas a realidade era muito diferente.

Eu vi-o primeiro. Já tinha bebido vários copos e estava num dos sofás do espaço reservado, a contar uma anedota qualquer ou a fazer uma piada, porque os amigos que estavam à sua volta naquele momento riam bastante, levantando os copos para ele.

Não estranhei vê-lo naquele ambiente. O Nate era divertido, alegre, era a alma da festa. Se o tinha sido em Bali, onde não tinham estado os seus amigos de sempre que agora o rodeavam, não quei surpreendida por o ver tão no seu ambiente e, o pior de tudo, era vê-lo tão feliz.

Estava feliz.

Ou, pelo menos, parecia estar feliz.

Naquele instante de debate interior e de surpresa por voltar a vê-lo, o seu olhar dirigiu-se para onde eu estava, como se conseguisse ouvir os meus pensamentos, como se conseguisse aperceber-se de mim como um animal ouve o seu parceiro... ou a sua presa.

— O que se passa? — Ouvi o Chad perguntar ao meu lado quando se

apercebeu de que, de repente, eu cara tensa.

Então, como se também fosse capaz de o pressentir, como se aquela pequena massa de células que ainda não eram um bebê conseguisse perceber que, a poucos metros, estava um dos seus progenitores, fui assolada por umas náuseas horríveis, como há semanas não me acontecia.

— Acho que vou vomitar — disse, levando a mão à boca.

Exatamente quando o Nate se levantava do sofá com um olhar incrédulo x0 em mim, dobrei-me e, de um jato, vomitei no chão da discoteca.

Ao meu lado, o Chad deu um salto para trás enquanto as pessoas que estavam ao pé de mim faziam o mesmo e mostravam expressões enojadas.

Merda, merda, merda.

Porra.

— Mas que raio? — perguntou o Nate assim que se aproximou de mim.

Não consegui dizer nada, não consegui responder, nem sequer consegui devolver-lhe o olhar. Voltou a formar-se um vômito e repeti a cena, vomitando quase para junto dos pés do Nate.

— Maggie? — Ouvi a voz da minha melhor amiga, o que me proporcionou alguns segundos de alívio, porque, de repente, sentia que a situação não podia ser mais incômoda, esquisita e asquerosa.

— Nikki? — perguntou o Nate, olhando para a minha amiga que, ao contrário do Chad, não tardou a agarrar-me no cabelo para tentar que não o sujasse.

Obrigada, Chad, pensei com sarcasmo.

Limpei a boca com a mão e endireitei-me para poder olhá-lo nos olhos.

Está bem.

Tinha-me enganado.

Não estava feliz.

Ele tinha um olhar sombrio por qualquer coisa que eu não sabia muito bem como interpretar.

— O que raio estão vocês a fazer aqui? Nikki, o Alex sabe que tu...

— E sei muito mais do que isso — declarou, então, a voz grave do Alex, que, pelo tom, parecia estar tão chateado como o montinho de células que eu tinha dentro de mim.

— Maggie, estás bem? — perguntou-me a Nikki, preocupada.

— Está bêbeda — comentou o Nate com desprezo e desapontamento.

Fulminei-o com o olhar.

— Porque tu estás muito sóbrio, não é, Nate? — disse-lhe, desejando afastar-me ao máximo dele.

Tinha passado um segundo desde que tinha voltado a vê-lo e já estava arrependida de ter viajado para Londres.

Não me respondeu, não disse nada, mas disse qualquer coisa a um dos empregados de mesa que passava por ali, que reparou no vomitado e saiu imediatamente. Assumi que fosse buscar uma esfregona.

— Vocês estão a pensar dizer-nos o que raio estão a fazer em Londres?

Vi que a Nikki cava calada, sem saber muito bem o que responder.

Optei por ngir que estava indignada.

— Por acaso Londres é tua e temos de te pedir autorização para cá entrar?

Então, apareceu o Erik, que se deteve por um instante a analisar a situação.

— Também a conheces?

O Nate virou-se para ele.

— Foste tu que as trouxeste para aqui? — indagou.

Nesse momento, chegou o empregado com a esfregona e uma garrafa

de água fria. Ia entregá-la ao Nate.

— Não é para mim, é para ela — disse-lhe, apontando para mim, e quei grata por conseguir lavar a boca e livrar-me do mau gosto que o vômito me tinha deixado.

— Vou sentar-me — anunciei, passei por toda a gente e cheguei a um dos sofás que ali estavam.

Sentei-me e reparei que o Alex observava a Nikki, seguindo todos os seus movimentos até ela se sentar ao meu lado.

— Isto é mais estranho do que eu tinha imaginado no princípio —
a rmei baixinho e disfarçadamente ao ver a confusão que tínhamos provocado em tempo recorde.

O Erik, o Alex, o Nate e o Chad observavam-nos, cada um com uma expressão distinta, e o pior era que cada um deles estava ciente de que tinha curtido pelo menos com uma de nós.

O Nate passou a mão pela cara, como se quisesse acordar de um pesadelo.

— O Malcolm também vai aparecer por aqui? Onde é que o deixaste? Não era nada má ideia acabar o que comecei em Bali.

A referência àquele que, em breve, seria o meu ex-marido não me caiu nada bem, sobretudo porque ainda tinha algumas dúvidas...

— Cala-te, Nate! — gritou-lhe então a Nikki, interrompendo os meus pensamentos e deixando-nos a todos atónitos.

— Porque é que não nos acalmamos todos um bocadinho, hum? —
interpelou-nos, nessa altura, o Erik. — Empregado! Uma rodada de *shots* para aqui!

Fulminei-o com o olhar.

— E, se tiverem, também um Primperan, para ajudar com as náuseas

— acrescentou, pedindo-me desculpa com o olhar.

— Vou-me embora daqui — disse o Nate, afastando-se.

O Alex olhava para a Nikki e a Nikki fazia os possíveis para que o seu olhar não se cruzasse com o dele.

Chegou a bandeja dos *shots* e a minha amiga não demorou sequer meio segundo a levar um aos lábios. O Erik fez o mesmo e o Alex continuou impassível, imóvel, a avaliar o que deveria dizer ou fazer a seguir.

Eu percebia-o... Porra, claro que o percebia. Tínhamos acabado de aparecer como por magia e no último sítio onde eles estavam à espera de voltar a ver-nos.

— Podemos falar, Nikki? — perguntou-lhe.

A minha amiga olhou para mim e, ao ver que lhe acenava com a cabeça, levantou-se.

— Não há nada para falar — respondeu. Depois, virou-se para o Erik.
— Danças comigo?

Sem hesitar, o Erik anuiu com um aceno de cabeça e, juntos, afastaram-se em direção à pista de dança.

O Alex e eu cámos ali.

Observei-o e reparei que, embora fosse muito bom a controlar os sentimentos, não conseguia esconder quão zangado estava e os ciúmes que sentia por ver a minha amiga com outro homem.

— A Nikki sabe... — começou por dizer, para depois voltar a tentar de outro modo. — Ela sabe que tenho?... — perguntou sem olhar para mim e sem conseguir terminar a frase. Continuava a tar o sítio por onde a Nikki e o seu novo engate tinham desaparecido.

Não vacilei.

— Claro que sabe. A tua cara está estampada em todas as bancas de jornais de Londres — respondi-lhe. — Ela sabe, e o pior de tudo é que tu é que estás chateado.

O Alex virou-se para mim e deu-me o privilégio de vislumbrar alguns dos seus sentimentos.

— Vocês não fazem ideia do erro gravíssimo que cometeram ao vir cá.

Dito isto, foi-se embora e quei sozinha, com vontade de beber os restantes *shots* e lamentando não o poder fazer.

NATE

Fui-me embora, e o que mais me custou foi perceber que não importava quantos metros eu metia entre nós... A minha mente fazia com que ela estivesse sempre presente, eu cava com o coração partido quando ela estava perto de mim ou quando pensava nela e em nós. Se estivéssemos separados, cava lixado.

No último mês e meio, tinha tido muito tempo para pensar, para analisar tudo o que tinha acontecido entre nós, os erros, quase todos meus, mas também a incapacidade de a Maggie tomar uma decisão. A nossa relação sempre tinha sido conturbada, e sim, grande parte da culpa era minha, mas não era o único culpado. A Margot era uma rapariga fantástica, mas também era o tipo de pessoa que arrasava com tudo e esperava que um tipo sobrevivesse à explosão. Era aquele tipo de mulher cuja capacidade inata para saber o que queria e ter isso bem claro, às vezes, forçava um tipo a participar em decisões para as quais ainda não estava completamente preparado.

Quando a conheci, apaixonei-me perdidamente, como uma criança que, por m, descobre que tem um coração e, pior, que ele pode ser roubado por alguém. Fiquei um pouco perdido com aquela intensidade. De repente, queria ser exatamente o que ela queria que eu fosse, não porque mo pedisse, longe disso, mas porque todo o meu ser começou a transformar-se no homem de que ela precisava e que merecia ter. Atenção, é preciso ter muito cuidado quando começamos

a mudar por outra pessoa... Não faz mal tentarmos melhorar ou procuramos ser a melhor versão de nós mesmos, isso é bom, é ótimo, mas, se começarmos a pôr de parte os nossos objetivos, a nossa personalidade, os nossos desejos mais profundos... No fundo, isso acaba por sobressair, resulta no m de tudo o que é bom, deixando à vista apenas o mau e o ressentimento. O ressentimento que brota por todo o lado, que luta por aquelas coisas nossas que quisemos suprimir e que, por fazerem parte de nós, se debatem com raiva por querer reviver e continuar a existir.

Tudo isto, juntamente com a imaturidade e as decisões muito mal tomadas por mim, tinha posto m à mais bela relação que alguma vez tinha vivido. Pensei que tinha tomado a decisão correta ao seguir em frente... Não estava a brincar quando deixei a ilha, jurando nunca mais voltar e prometendo a mim mesmo que nunca mais viria a Maggie, mas depois ela apareceu ali como por magia.

— Um gim tónico sem água tónica, por favor — pedi ao empregado do bar.

Não me queria virar, nem sequer queria olhar para trás, porque não a queria ver.

Em vez disso, olhei para a minha direita e vi a Nikki a dançar com o Erik.

Procurei o Alex com o olhar e vi-o a fazer a mesma coisa que eu estava a fazer, só que ele se tinha afastado muito mais. O meu amigo parecia estar a sentir-se completamente deslocado e, por o conhecer tão bem, percebi que por detrás daquela frieza e autocontrolo que o caracterizavam também se escondia muita vulnerabilidade e uma irritação fria devido aos ciúmes.

Nunca pensei que o Alex e a Nikki se voltariam a ver. Tinha tanta

certeza disso como estava certo de que nunca mais voltaria a Bali para procurar a Maggie, mas ali estavam as duas... Teria algum signi cado o facto de terem aparecido do nada à nossa frente?

O Alex viu que eu o observava, atravessou a zona reservada e juntou-se a mim.

Um olhar seu foi o suficiente para eu saber o que devia estar a sentir.

— Deseja tomar alguma coisa, senhor? — perguntou-lhe o empregado de mesa.

— Sirva um uísque com gelo ao meu amigo... Ele precisa — disse-lhe quando o Alex abanou a cabeça, recusando-o.

O empregado começou a preparar a bebida e o Alex virou-se para trás para ver como o Erik dançava com a Nikki, muito próximos...

Porra, até eu sentia ciúmes.

— Explica-me o que raio se está a passar aqui, por favor — pediu-me, então, levando o copo aos lábios e bebendo-o de um trago.

— Estás a perguntar-me a mim? — respondi-lhe, vendo que a Maggie tinha cado sozinha, sentada no sofá da zona reservada e que cava na outra ponta da sala onde estávamos.

Custava-me vê-la ali sem ninguém, saber que tinha acabado de vomitar e eu a tinha deixado em mãos alheias, mas custava-me mais

vê-la, tê-la ali perto de mim quando os meus sentimentos por ela estavam tão manchados por coisas más.

— Achas que o Malcolm voltou? — perguntei, não conseguindo conter a questão.

Se havia coisa que conseguiria vergar o meu autocontrolo seria ver aquele lho da puta entrar por aquela porta. Não pensava controlar-me, aqui ninguém podia expulsar-me de lado nenhum, esta era a minha cidade. Se o visse, partir-lhe-ia a cara por traição, por nos ter

mentido, por se ter casado, porra, ainda por cima com a rapariga dos meus sonhos, com a única mulher por quem eu tinha considerado deixar tudo o que conhecia...

Em parte, sentia-me usado, ainda me lembrava de como o Malcolm me tinha dissuadido de me casar com a Maggie. De forma muito dissimulada, fora plantando a semente da dúvida na minha cabeça, e ela tinha germinado aos poucos, alimentada pelos seus comentários, até que, por m, me levaram a fazer o que tinha feito.

— Devias ir falar com ela, Nate — a rmou naquele momento o Alex.
— Parece-me que há aqui qualquer coisa que não bate certo e não sei se tem que ver com a Maggie ou com a Nikki, mas preciso que me ajudes a perceber o que se passa.

Olhei para ele e reparei que, além de tudo aquilo que também eu tinha percebido, havia uma motivação convincente por detrás do seu pedido.

Eu mal tinha falado com ele sobre a Nikki, mas reparara sempre que havia qualquer coisa que o preocupava, havia algo que o consumia há vários meses, desde que tínhamos regressado de Bali, e não fazia ideia nenhuma do que podia ser.

A minha decisão de bloquear a Nikki quando me apoderei do telemóvel do Alex tinha sido um pouco condicionada por isso, porque me parecia que ele estava muito mal. Quando o levei para Bali, a minha única intenção era ajudá-lo a desanuviar a cabeça, tinha tantas coisas em que pensar: a morte do irmão, tornar-se diretor-geral da empresa da família, deixar de voar, tornar-se pai a tempo inteiro...

Porra, eu estava preocupado com o meu melhor amigo, mas nunca pensei que se fosse apaixonar pela última rapariga com quem poderia vir a ter uma relação.

Ele não fazia ideia de que eu tinha bloqueado a Nikki no seu telemóvel, só se apercebera de que eu tinha apagado o contacto dela e as suas mensagens. Ainda estava a ressentir-me do murro que tinha levado por causa disso, mas zera-o para bem dele... Nunca pensei que a Nikki aparecesse em Londres. Ela não tinha pânico de entrar num avião?

Porra, já não percebia nada.

— O que queres que eu descubra? — perguntei-lhe, um bocado receoso. Não me queria aproximar da Maggie, não queria voltar a cair na minha própria armadilha...

— A Nikki sabe da Lilia, mas ela não pode ter descoberto isso antes de chegar aqui. Aquele maldito artigo! Estou cada vez mais arrependido de ter ido àquela maldita festa.

— Era o aniversário da tua mãe, tinhas de estar presente.

— E, ainda por cima, o Erik teve de a trazer para aqui... — Os seus olhos voltaram a tar o casal que dançava na pista de dança. — Não percebo porque é que ela não me ligou, raios. Como é que atravessou o mundo e veio para aqui sem me telefonar? Já não percebo nada...

Oh, merda.

Foda-se, seria isso?

Se calhar era por isso que a Nikki parecia estar tão ofendida.

Se calhar a Nikki tinha tentado contactar o Alex e percebera que estava bloqueada... Eu também teria cado chateado, também o teria rejeitado e estaria a dançar com outra pessoa na pista de dança...

Olhei para o Alex com a dúvida e o arrependimento a pairar por todo o meu ser.

O Alex devolveu-me o olhar e percebeu imediatamente que alguma coisa não estava bem.

Virou-se para mim, de costas para a pista de dança, e xou os seus olhos castanhos nos meus.

— Que raio de merdas andaste tu a fazer?

CAPÍTULO 14

Olhei para o meu melhor amigo e percebi que algo não estava bem, e a causa desse pressentimento devia-se a ele.

Conhecia-o su cientemente bem para saber que, quando fazia asneira, os seus olhos me devolviam precisamente o olhar com o brilho que acabara de perpassar pelos seus olhos azuis. Talvez o álcool tivesse dissimulado um pouco o facto de estar a esconder-me alguma coisa, mas eu não estava assim tão bêbedo e sempre tinha sido muito intuitivo.

— O que é que zeste, Nate? — tornei a perguntar-lhe, olhando-o xamente, muito atento a qualquer reacção da sua parte.

Vi perfeitamente o arrependimento e a culpa no seu rosto quando lancei a minha acusação.

O Nate cou tenso e pousou o copo, agora vazio, em cima do balcão, numa tentativa pouco subtil de ganhar algum tempo.

— Bem... — começou por dizer, virando-se para mim, mas evitando olhar-me diretamente. — Primeiro, quero que saibas que faço certas coisas, porque me preocupo contigo... Somos melhores amigos há muito, muito tempo, e, vendo o que aconteceu com o Malcolm, poderia dizer que és o único amigo verdadeiro que me resta. Foda-se, há quantos anos somos como irmãos? Eu, para ti, Alex...

— Para com isso — disse-lhe, perdendo a paciência.

O Nate calou-se e, passados alguns segundos, durante os quais tive vontade de o estrangular, falou.

— Lembras-te de quando te tirei o telemóvel e, para teu bem, decidi apagar o contacto da Nikki e as vossas conversas? — perguntou, acrescentando às suas palavras um tom muito descontraído, quase casual.

— Ainda me dói a mão do merecido murro que te dei, sim — respondi-lhe num tom gélido.

O Nate engoliu em seco.

— Bem, já que parecia que a Nikki não ia pôr os pés nesta parte do mundo e tu não ias voar para Bali à procura de uma rapariga com

quem era impossível começares uma relação, tendo em conta que estavas tão assoberbado por todas as mudanças que estavam a acontecer na tua vida, eu... Quer dizer, bloqueei o número da Nikki para ela não te poder contactar.

Fiquei a olhá-lo em silêncio durante alguns instantes até conseguir voltar a falar.

— Tu zeste o quê? — indaguei, assimilando as suas palavras.

O Nate baixou o olhar por um segundo e, depois, levantou-o para me encarar pela primeira vez desde que tínhamos começamos aquela conversa.

— Bloqueei-a, Alex. Se ela te tentou contactar para te avisar que vinha, de certeza que foi impossível fazê-lo...

Só me apeteceu matá-lo.

Só me apeteceu agarrá-lo pela camisa e estrangulá-lo, a sério.

Apertei as mãos com força, porque não queria dar-lhe uma sova.

Cerrei os punhos com força e, quando percebi as suas palavras, as implicações do que tinha feito... Porra.

Virei-me para procurar a Nikki.

Tinha de lhe explicar aquilo.

Conseguia perceber por que razão estava tão fria, tão distante...

A Nikki julgou que eu a tinha bloqueado, que a tinha afastado, quando lhe tinha dito que estaria sempre à distância de um telefonema.

Filho da mãe do Nate.

— Onde é que eles estão? — perguntei em voz alta quando não vi a Nikki, a Maggie nem o Erik enquanto olhava em volta à procura deles.

Foda-se.

— Acho que se foram embora... — disse o Nate atrás de mim.

Continuei a olhar em redor à procura deles, mas, de facto, não havia qualquer sinal de nenhum deles.

A Nikki tinha-se ido embora sem se despedir.

Aquilo não pressagiava nada de bom.

— Olha, desculpa. — O Nate continuava a pedir-me desculpa.

Apesar de ter insistido com ele umas oitenta vezes para me deixar em paz, seguira-me até ao carro. — E como é que eu ia adivinhar que a Nikki vinha a Londres? Da última vez que ouvi falar daquela rapariga, ela tinha pavor de voar. Disseste-me que nunca mais ias voltar a vê-la! Só te queria ajudar!

— Cala-te, Nate! — gritei-lhe, desviando os olhos da estrada ao mesmo tempo que perdia a pouca paciência que me restava. — Esta foi a última vez que te meteste nos meus assuntos sem o meu consentimento. Mas que raio! Foi a última vez que te meteste nos meus assuntos, ponto nal.

O Nate não disse nada e agradeci por ter cado calado, porque, caso contrário, só me apetecia abrir a porta e empurrá-lo para fora do carro.

Tentei acalmar-me.

Falaria com ela... Falaria com a Nikki e esclareceria o que se tinha passado. Iria explicar-lhe o que se tinha passado com o Nate e falar-lhe também da ameaça que tinha recebido ao regressar de Bali, e que tinha quase a certeza de estar relacionada com o facto de eu ter remexido em toda aquela história da família Leighton. Explicar-lhe-ia o que acontecera com a minha lha, por que razão nunca quisera falar com ela sobre isso... Tinha de lhe explicar tudo, porque... Porquê? O

meu subconsciente fez a pergunta num tom que me deixou em silêncio durante uns instantes.

Porque daria explicações a alguém que se tinha recusado a falar comigo quando eu passara vários dias a escrever-lhe? Por que razão explicaria a minha vida privada a uma rapariga que nunca quisera partilhar comigo mais do que aquilo que decidira dar-me a conhecer?

A Nikki escondia muitas coisas, sempre soube isso. Todos escondemos coisas, caraças, mas nunca percebi por que motivo me deixara naquele vazio, porque deixara de falar comigo. É verdade que, quando nos separámos, as coisas não estavam completamente bem, compreendia que o facto de lhe ter tirado a venda dos olhos em relação à sua

família, à sua vida e a quem ela era realmente a tivesse perturbado, mas isso não era razão para ignorar as minhas mensagens como ela tinha feito.

Fala com ela, insistiu a minha consciência.

Olhei de relance para o Nate quando estacionei em frente à porta do hotel Olivieri.

— Julguei que íamos para tua casa...

— Esta é a tua casa — respondi-lhe simplesmente.

O Nate suspirou, mas, antes de abrir a porta e sair para o hotel que, há um ano, se tinha tornado a sua casa, virou-se para me encarar.

— Desculpa-me, sim? — disse, e, pela primeira vez, julguei ver sinceridade no seu olhar. — Se houver alguma coisa que eu possa fazer para consertar as coisas, é só pedires-me.

Aquilo foi o suficiente para fazer uma luzinha iluminar-se na minha cabeça, porque se o Nate podia ser tão intrometido para fazer asneira, como tinha feito, podia ser igualmente intrometido para resolver aquele assunto, ou, pelo menos, para me ajudar a resolvê-lo.

— Arranja-me o número da Nikki — quase lhe ordenei. O Nate pareceu arrependê-se um segundo depois de se ter oferecido tão depressa para me ajudar.

— Arranjar o número dela? E como é que queres que eu faça isso?

— perguntou-me, um pouco a ito.

— Não faço ideia, fá-lo através da Maggie. Não me interessa, mas arranja-me o número dela para eu poder resolver esta confusão que criaste e que a fez vir a Londres sem que eu soubesse de nada, porra.

O Nate tou-me e, depois, abriu a boca para me fazer uma pergunta que caria a remoer na minha cabeça por muito tempo.

— Porque te dás a esse trabalho? — indagou.

— O quê? — respondi, perplexo, sem perceber nada inicialmente.

— Porque é que te dás ao trabalho de te envolveres com uma rapariga com quem nunca poderás vir a ter nada, Alex?

Fiquei magoado com as suas palavras, porque eram verdadeiras.

Mas também porque, desde que tinha voltado a perdê-la de vista, sentia que toda a minha energia e o meu oxigénio tinham desaparecido de novo com ela.

Quem era o Nate para me dizer com quem eu podia ou não ter alguma coisa? Quem era o Nate para questionar quem eu podia querer... Desejar?

O meu cérebro trocou automaticamente uma palavra por outra. Eu desejava-a... desejava a Nikki, porque com ela tinha vivido algo que nunca pensei ser capaz de partilhar. Abri-me com ela como com nenhuma outra rapariga. Para mim, a Nikki fora um remédio para a minha alma destrozada, e eu desejava-a. Ansiava tê-la na minha vida, como um toxicodependente anseia por uma droga no momento de maior privação. Desejava-a, porque amá-la era algo maior, porque a palavra amar há muito que tinha deixado de ser uma possibilidade.

Chixa, toda aquela situação me irritava. Nunca tivera as coisas tão fora de controlo... Quer dizer, com a Lília era diferente. Não tinha sido uma decisão minha ter perdido os primeiros onze anos da sua vida, mas assim que tomei conhecimento da sua existência, tomei as rédeas relativamente àquele assunto e, mesmo no meio de todo o caos que se instalou na minha vida, conseguia dizer que tinha aquilo mais ou menos controlado.

A Nikki era o meu descontrolo, o nó que eu não conseguia desatar...

Era o meu calcanhar de Aquiles, a minha possibilidade de ser feliz, e eu não aguentava a ideia de que tivesse conseguido chegar a Londres sem eu estar a par de nada. Não suportava a ideia de não saber como raio tinha conseguido entrar num avião e ultrapassar o seu maior medo. Não suportava saber que havia coisas na vida dela que eu já não sabia e ainda suportava menos ver que o imbecil do Erik dançava com ela apenas a alguns metros de mim, quando, desde que nos tínhamos separado, eu sonhava todas as noites em fazer precisamente isso com ela e muito mais.

— Arranja-me o número dela, Nate, e arranja-mo já.

O meu amigo saiu do carro e seguiu o meu caminho sem olhar para trás.

Cheguei a casa, estacionei o carro, cumprimentei o *Camilo*, tomei um

duche, vesti umas calças de fato de treino cinzentas e desci para o escritório. Aí, acendi a lareira e, depois de me servir de uma bebida, quei a olhar para o fogo.

Não sei durante quanto tempo quei ali sentado, a pensar, hipnotizado pelo baloiçar das chamas e o crepitar das brasas, que ajudavam a acalmar um pouco os meus pensamentos, até que senti uma chamada no telefone.

Atendi sem hesitar.

— Já o tens — declarou o Nate do outro lado da linha. — Não foi fácil o idiota do Erik dar-mo. A Nikki não lhe deve ter contado nada sobre vocês, porque julgou que eu estava a tentar atirar-me a ela. Eu

— enfatizou.

Comprimi os lábios com força perante a imagem que ele acabava de me pôr na cabeça.

— Obrigado — agradei-lhe e desliguei.

Pus-me a ver as mensagens e, de facto, lá estava o contacto dela.

Voltei a adicioná-lo à minha lista de contactos e desbloqueei-o.

Hesitei antes de escrever, porque não sabia muito bem como devia começar, não sabia como havia de lhe explicar o que tinha acontecido sem parecer que acabara de inventar tudo. Depois de andar às voltas, decidi-me por uma frase curta, clara e direta: Nikki, é o Alex. Precisamos de falar.

Carreguei no botão de enviar.

CAPÍTULO 15

NIKKI

Fiquei a olhar para o ecrã do meu telemóvel com o coração aos pulos.

Tínhamos saído da festa, porque a Maggie não se estava a sentir bem e porque, para ser sincera, não tínhamos razão nenhuma para ali estar. Não com um ex-noivo chateado e um ex-amante que me olhava como se eu fosse uma aparição, além de que ainda não tinha a certeza se ele estava contente por me ver ou não.

O Erik deixara-nos em casa, não sem antes me fazer algumas

perguntas. Evitei responder a todas, alegando que estava muito cansada, e porque, sinceramente, não tinha de lhe dar nenhum tipo de explicação. Depois de um duche rápido, deitei-me na cama sem estar nada à espera da mensagem que acabara de receber.

Nikki, é o Alex. Precisamos de falar.

Direto, claro e conciso, como ele era.

O meu coração bateu depressa quando vi que tinha voltado a escrever.

Aguardei, tentando ignorar que aquela reação do meu corpo a uma simples mensagem não era nada normal e que devia controlar as minhas malditas hormonas. Não me podia deixar levar por elas!

Gostava de estar contigo pessoalmente

para te poder dar as explicações que mereces.

Ao ler aquelas palavras, percebi que tudo o que eu tinha descoberto era verdade. Se ainda restava alguma dúvida no meu íntimo, tinha acabado de se dissipar.

O momento de me dares explicações foi em Bali, Alex, é demasiado tarde para isso.

Vi que escrevia e aguardei com o coração apertado e a respiração acelerada.

Não quero que ques com uma impressão errada

sobre quem sou ou como sou, Nikki.

Fechei os olhos para me tentar acalmar e escrevi o que pensava.

Não me parece que esteja errada

por pensar que és um mentiroso, Alexander.

Pronto, estava dito. Sem oreados nem paninhos quentes.

A expressão «a escrever» voltou a aparecer no ecrã.

Não sou mentiroso, porra.

Mesmo à distância, soube que as minhas palavras tinham conseguido irritá-lo. *Bom, bem- vindo ao clube*, pensei.

Mentiste-me.

Enquanto escrevia, a cada letra que teclava, sentia-me incendiar, e não era no bom sentido.

Omiti informação que não achei que fosse necessário dar a uma rapariga que tinha acabado de conhecer.

Escreveu e manteve-se calmo.

Eu não iria por aí, não pensava entrar naquele jogo.

Vou dormir, Alexander.

Espera.

Vi-o escrever, mas não recebi nenhuma mensagem.

Esperei e esperei até que, nalmente, chegou.

Há muitas coisas que não sabes, Nikki,

coisas que não achei oportuno contar-te,

porque nunca pensei que nós...

Dá-me a oportunidade de te explicar tudo,

dá-me a oportunidade de podermos conversar calmamente, tu e eu, porque há muitas coisas

que eu também não percebo.

Respondi furiosamente:

Não há nada para perceber. Estou aqui, ponto nal.

Não tens de saber quais foram as razões

que estiveram por trás da minha decisão. Não tenho de te explicar o que me fez entrar num avião.

Não tenho de responder às tuas perguntas,

porque é evidente que nas nossas vidas

já não há espaço nem para um nem para o outro.

Esprei e, passados alguns segundos, em vez de ver que estava a

escrever uma resposta, recebi uma chamada com o nome dele escrito no ecrã.

Rejeitei-a e ele voltou a ligar-me. Uns instante depois, recebi uma nova mensagem.

Gostava muito de saber porque é que é sempre

tão difícil falar contigo ao telefone.

Não respondi, apenas li o que escreveu e, em seguida, voltou a fazê-lo.

Deixa-me convidar-te para jantar.

Li a proposta poucos segundos depois de ter chegado e, só de imaginar aquilo, comecei a car logo com dores de barriga.

Não.

Deixa-me convidar-te para um almoço, Nikki.

Fiquei em silêncio a olhar para o ecrã, sem saber o que devia dizer.

Então, ele digitou com desespero:

Para um café.

Respirei fundo antes de ganhar coragem para lhe escrever o que estava realmente sentia:

Tens uma lha, Alex.

A escrever.

...

A escrever.

...

Quem acabou por escrever fui eu:

Boa noite.

Espera! Dá-me a oportunidade de te explicar tudo.

Limpei a lágrima que me escorria pela face. A imagem daquela fotografia a que tinha bem gravada na mente, em que ele estava com uma mulher e uma menina linda ao lado. Sem me permitir esquecê-lo, lembrei-me da dor que senti ao descobrir assim que o homem por quem achava que sentia alguma coisa, embora ainda não ousasse dar-lhe um nome, tinha uma vida paralela àquela que me tinha feito acreditar que tinha. Como fora capaz de me mentir assim?

Não lhe respondi.

Aliás, desta vez, fui eu que decidi bloqueá-lo. Assim, não voltaria a tentar, não cederia à sua insistência nem à minha fraqueza. Sim, eu era fraca, sobretudo se ele fazia parte da equação. Aquela equação tão complexa que nenhum de nós sabia resolver.

Desliguei o telemóvel e meti-o debaixo da almofada.

Aquela noite tinha sido muito intensa... Tornar a vê-lo, voltar a senti-lo perto de mim... Não podia mentir, sentia-me destroçada e mais viva do que nunca, mas vê-lo ali, naquele sítio com os amigos, vestido daquela forma, tão elegante e tão... tão imponente, todo ele...

Não havia necessidade de apagar o que tínhamos tido, de manchar com as mentiras ou as meias-verdades quão bom tinha sido ngir que estávamos apaixonados numa ilha que nos encorajava a fazê-lo.

Preferia car com a recordação em vez de saltar para o vazio.

Acordei com uns ruídos bastante desagradáveis vindos da casa de banho. A Maggie estava ajoelhada em frente à sanita, a vomitar.

Olhei para o relógio e vi que eram sete da manhã. Lá fora, o dia despontava.

Levantei-me a correr e fui ajudá-la.

— Então, como estás, Maggs? — perguntei-lhe, sabendo que aquela era uma pergunta estúpida.

A minha melhor amiga pousou a bochecha na sanita e olhou-me com um cansaço extremo.

— És a única pessoa que permito que me faça uma pergunta dessas neste momento.

Tentei não revirar os olhos e olhei-a com um ar preocupado.

— Acho que devias ir ao médico... Ainda não foste vista por nenhum, pois não?

A Maggie abanou a cabeça negativamente e vi que algo a perturbava.

— Não sei se estou preparada para, sabes... Para o ver — disse-me, e primeiro não percebi a quem se referia.

— Ao bebé?

A Maggie anuiu em silêncio com um aceno de cabeça.

— Não me parece que vás conseguir ver muito...

— De qualquer forma, quando o vir... Quando o vir, será mais real, será mais difícil para mim tomar uma decisão, por isso é que eu queria... Esperava ter-lhe dito isto antes de ter de fazer uma ecogra a.

— Então, diz-lhe, Maggie.

— Não é assim tão fácil — admitiu, dirigindo-se para o lavatório.

Lavou a cara e enxaguou a boca com água.

— Porque não? Diz-lhe e vais ter de te confrontar com as

consequências da sua decisão. Tenho a certeza de que, por muito idiota que o Nate seja, nunca te deixaria car mal com uma coisa destas.

A Maggie olhou para mim através do espelho e depois começou a soluçar de forma descontrolada.

Fiquei assustada ao vê-la perder a calma daquela maneira e de um modo tão repentino, como se tivesse estado a conter-se durante muito tempo, como se tivesse estado a suster a respiração durante muito tempo e tivesse acabado por vir à superfície em busca de oxigénio.

— Maggie, tem calma — tranquilizei-a, acompanhando-a até ela se sentar na beira da cama.

A Maggie continuou a soluçar descontroladamente.

— Tu não... Não compreendes isto — a rmou numa frase por vezes entrecortada por causa do choro.

— O que é que eu não percebo? — perguntei, sentando-me ao seu

lado e pondo um braço à volta das costas.

A Maggie continuou a chorar até, por m, voltar a falar comigo.

— Não te contei... Não te contei, porque não me via capaz de o fazer e sabia... Sabia que, se te contasse, eras capaz de não vir comigo até aqui...

Observei-a sem perceber nada do que dizia.

— O que é que não me contaste, Maggie? — repliquei, começando a temer o que poderia sair da sua boca.

A Maggie abanou a cabeça várias vezes antes de voltar a falar e, quando o fez, tentou olhar-me nos olhos, mas só conseguiu fazê-lo em parte. Não foi mesmo capaz de xar os seus olhos nos meus.

— Nikki... Não me odeies por isto, mas... — disse e quei tensa quando continuou, declarando: — Não sei quem é o pai.

Fez-se silêncio durante alguns instantes. Instantes esses em que o meu coração bateu com força várias vezes.

— Como assim, não sabes quem é o pai? — acabei por perguntar, sentindo a minha boca secar ao pronunciar aquelas palavras.

A Maggie enxugou as lágrimas e, desta vez, conseguiu olhar-me nos olhos.

— Não tenho cem por cento de certeza de que a criança é do Nate

— admitiu baixinho, como se receasse que alguém nos pudesse ouvir.

Fitei-a, absolutamente incrédula.

— Queres dizer?... — comecei a falar devagar.

— Estou a tentar dizer-te que há tantas hipóteses de a criança ser do Nate como do Malcolm.

Respirei fundo, ciente de que tinha estado a suster a respiração.

— Diz-me que estás a brincar... Diz-me que não atravessámos o mundo para vir dizer ao Nate que ele vai ser pai de uma criança que pode não ser sua.

A Maggie agarrou-me nas mãos.

— Ele é o pai, Nikki... Ele tem de ser o pai, sinto que é, mas não te sei explicar.

Olhei-a sem saber o que fazer e levantei-me.

— É impossível sentires que o teu lho é de alguém, Maggie. Ou é ou não é. Se tiveste relações com os dois num espaço de tempo próximo...

— É do Nate, Nikki.

Abanei a cabeça, negando-o.

— Só o saberás quando ele zer um teste de paternidade, Margot.

A Maggie levantou-se e começou a andar de um lado para o outro no quarto.

— Enquanto o bebé não nascer, não o saberemos... Até lá...

— O quê? — perguntei-lhe. — O que vais fazer?

— Vou continuar com o planeado, vou seguir o meu instinto e o meu instinto diz que o Nate é o pai.

— Maggie, não podes fazer isso! Além disso, porque queres que seja dele? — Não pude deixar de levantar a voz para lhe perguntar aquilo.

— Não podes usar esse bebé como pretexto para manteres o Nate na tua vida, é ridículo, é uma loucura!

A Maggie voltou a sentar-se e levou as mãos à cara.

— É a única explicação que consigo encontrar para tudo... — disse, cabisbaixa.

— A explicação que encontras para quê?

— Para o Nate e eu... Para tudo o que sofri, para todas as nossas idas e vindas. Não é possível que de todo o amor que sentíamos um pelo outro restem apenas cinzas pela dor que causámos um ao outro...

Alguma coisa boa tinha de resultar daquilo, este bebé...

Observei-a e achei que tinha perdido completamente a cabeça.

— Margot, acorda! — tentei chamá-la à razão, apesar de ser um pouco

difícil. — Não podes brincar com isto. Não podes brincar como se fosses capaz de perceber o destino, como se houvesse provas de que uma coisa dessas existe! Isto é algo sério! Vais ter um lho e não sabes quem é o pai, mas o pior é que nem sequer pensaste contar isso ao Malcolm.

A Maggie abanou a cabeça, negando-o.

— Se o Malcolm descobrir...

— Tens de lhe contar! Aos dois! Eles têm de saber, Maggie. Não podes decidir quem é o pai do teu bebé, não é assim que as coisas funcionam.

— Eu só quero o melhor para o bebé.

Abanei a cabeça negativamente.

— Não, querida... Só queres o que achas que é melhor para o teu coração. Não podes escolher quem vai ser o pai do teu lho com base nos sentimentos que tens por um deles. Além disso, para ser sincera, nunca pensei que quisesses prender o Nate à tua vida com uma criança que até pode nem ser dele.

— Tu não sabes o que é amar alguém tão desesperadamente que farias tudo para o ter de volta!

Fiquei em silêncio, a observá-la e a ver a dor impressa em cada uma daquelas palavras. Tinha a certeza de que não tinha sido fácil para ela dizê-las assim, à queima-roupa. Era algo profundo, muito puro na sua verdade, porque eu sabia que ela estava a falar a sério, mas era errado.

— Tu não és assim — disse-lhe com calma. — Estás a deixar-te levar pelo medo, pelo medo de ter um lho sozinha ou com alguém que não amas, mas, Maggie, o Nate já deixou claro que não te ama, e não estou a referir-me à mágoa que possa sentir por teres casado com o seu melhor amigo, estou a referir-me à forma como te tem tratado ao longo de todos estes anos...

— Tu só vês o mal, só te focas no mal...

— Porque ele te magoou muito!

— E depois? — perguntou-me, levantando a voz. — Por acaso existe alguma lei que diga que, para uma relação ser verdadeira ou real, não

é permitido as pessoas magoarem-se umas às outras? Isso é uma utopia! Há sempre dor quando há amor, porque o coração é entregue a outra pessoa e ca-se exposto, vulnerável! Eu amei o Nate e ele, a mim, e, no fundo do meu coração, sei que ainda existe amor dentro de nós, amor um pelo outro, um amor que nos levou a gerar este bebé...

Abanei a cabeça, negando-o.

— São as tuas hormonas a falar.

— São os meus sentimentos a falar, e os sentimentos são meus, meus e de mais ninguém! Estou farta de analisar a minha relação com base nos preconceitos das pessoas ou com base no que é suposto ser o amor. O amor pode assumir muitas formas, desde que ambas as partes estejam de acordo...

— Estás a ouvir-te? — perguntei-lhe, perdendo a paciência. — Não podes justificar tudo com o amor! Não é assim que as coisas funcionam!

— Para mim, é... Para mim é assim que elas funcionam.

Levei a mão à cana do nariz e tentei acalmar-me.

— Ouve... — comecei a dizer. — Não vou julgar os teus sentimentos, porque eles são tão reais como tu própria, mas tens de compreender que há coisas que não se pode permitir, há atitudes que devem ser travadas...

— O Nate não é má pessoa... É imaturo, é isso que ele é.

Está bem, isso eu podia aceitar.

— E queres esperar que ele amadureça?

A Maggie encolheu os ombros.

— Talvez.

Ficámos caladas, sem sabermos muito bem como havíamos de continuar a conversa. Ela estava perturbada e triste, eu estava incrédula e, pela primeira vez, incapaz de perceber a minha melhor amiga.

Pesei cuidadosamente as minhas palavras antes de voltar a falar.

— Precisas de afastar por um momento os sentimentos que tens pelo

Nate e pensar no que está certo, está bem? Não te vou dizer que o

Nate não é a pessoa certa para ti nem que vocês tiveram uma relação tóxica, não te vou dizer isso, porque já és su cientemente crescida para saber o que queres suportar na vida. Sei que o Nate nunca te magoou de propósito, sei que é boa pessoa, só acho que é um péssimo namorado e tem muitas coisas que precisa de resolver na sua vida para poder e saber comprometer-se. Com isto, não quero dizer que duvido que ele te ame, porque ama, tenho a certeza de que o faz à sua maneira...

» Porém, agora estamos a falar da vida de uma terceira pessoa que ainda nem sequer nasceu e, na minha opinião, por muito que queiras que o Nate seja o pai desse bebé, se o Malcolm for o pai, estarias a privá-lo do direito que tem de fazer parte da vida do lho. A melhor coisa que podes fazer em relação a este assunto é seres sincera, e deves sê-lo tanto com o Nate como com o Malcolm, e, embora eu tenha a certeza de que Troia vá arder, depois da tempestade vem sempre a bonança...

» Não te preocupes com nada, porque eu mesma me certi carei de que nenhum dos dois te vai fazer sofrer enquanto estiveres a gerar essa criança dentro de ti. Agora, isso é o mais importante, o bebé. O resto pode e deve esperar. Se eles não perceberem isso, então, que se lixem!

Somos su cientemente fortes para ultrapassar isto, não achas?

A minha amiga devolveu-me o olhar com olhos marejados.

— Adoro-te — disse-me, então.

Sorri-lhe.

— Somos irmãs do coração ou não? — respondi, puxando-a para mim e deixando-a encostar a cabeça ao meu ombro. — Vamos ultrapassar isto, vais ver.

A Maggie voltou para a cama depois disto, e, enquanto o fazia, tomei uma decisão.

Não sabia se estava a fazer o que estava certo ou se estava enganada, mas não hesitei.

Eu tinha de fazer alguma coisa.

Peguei no telefone e liguei.

— Sim? — A voz de Nate atendeu.

— É a Nikki. Temos de falar sobre a Margot.

CAPÍTULO 16

NIKKI

Fiquei surpreendida por o Nate não me fazer muitas perguntas.

Pedi-me para continuar quando podia ir-me buscar e disse-lhe que podia fazê-lo a seguir ao almoço, por volta das quatro horas. Isso dava-me tempo para ir correr, voltar ao apartamento, tomar um duche, vestir-me, talvez fazer uma chama rápida para casa e estar pronta à porta sem que a Maggie se apercebesse, porque, desde que estava grávida, dormia muito mais do que era costume, e ainda mais depois da conversa que tinha tido naquela manhã.

Corri e aproveitei para tentar pensar no que ia dizer ao Nate quando o visse, em como podia preparar o terreno para a minha amiga lhe poder confessar a verdadeira razão que a levava a viajar para Londres.

Primeiro, tentaria sondá-lo, e, com base na sua atitude, decidiria se lho diria ou se deixaria isso para a Maggie, que não parecia estar preparada para enfrentar um Nate autodestrutivo e irritado.

Tremi de frio quando uma brisa gelada me golpeou a face. Não conseguia habituar-me àquele tempo tão instável, tão gelado, mas, pelo menos, correr com aquele clima era mais agradável do que com a humidade de Bali.

Detive-me, retomando o passo normal quando cheguei à nossa rua, ou melhor, à rua onde cava o nosso alojamento emprestado, enquanto ali estivéssemos, e continuei a andar até que o vi.

Alex.

Ao contrário dos meus batimentos cardíacos, os meus passos abrandaram até quase parar. Ele, que estava encostado a um magnólio com o carro azul resplandecente, endireitou-se assim que me viu e aproximou-se com cautela ao reparar que eu fazia um esgar de desgosto.

Já percebia porque é que o Nate tinha aceitado com tanta calma

encontrar-se comigo...

— O que estás aqui a fazer? — perguntei, cando nervosa e muito tensa.

Na noite anterior, mal tínhamos falado, tínhamos trocámos apenas quatro frases pessoalmente, dez, se contarmos com as mensagens enviáramos antes de adormecer.

— Bloqueaste-me — disse simplesmente, mas muito sério.

Primeiro, não percebi, mas, depois, lembrei-me do que tinha feito na noite anterior, quando ele tinha conseguido irritar-me com o seu descaramento.

Reparei na maneira como estava vestido.

Era sábado, e ele estava de fato, mas não com um fato qualquer, estava vestido como eu estaria se fosse homem e me encaminhasse, por exemplo, para um casamento.

Será que se vestia sempre assim?

— É sábado — disse-lhe, sem deixar de me perguntar onde estaria o homem de bermudas e camisa de linho a que me habituara em Bali.

Aquele Alex... Aquele Alex de fato intimidava-me e fazia-me sentir muitas coisas ao mesmo tempo... Coisas para maiores de dezoito anos, talvez até para maiores de vinte e um.

Caraças, concentra- te, Nikki.

— Obrigado por me lembrares em que dia da semana estamos.

Porque me bloqueaste, Nikki? Já nem sequer queres falar comigo?

Olhei-o e senti a raiva a ressurgir.

Bolas, tínhamos vivido tantas coisas boas, mas desde que eu tinha posto os pés em Londres, o Alex só me deixava irritada e mais qualquer coisa... Qualquer coisa que não queria admitir, porque só mostrava quão fraca é a mente humana, quão débil é quando, em vez de pensarmos com a cabeça, pensamos com o nosso...

— Bloqueio-te e plantas-te à porta do sítio onde vivo? — perguntei-lhe.

Devolveu-me o olhar com ceticismo.

— Bloqueio-te e tu voas para Londres?

Que golpe baixo.

Pus uma madeixa de cabelo atrás da orelha antes de lhe responder.

— Por muito que te custe acreditar, não vim até aqui por tua causa, Alexander.

— Alex — corrigiu-me, dando um passo na minha direção.

— Alexander — repeti.

— Alex. E posso esclarecer-te aquilo do bloqueio — admitiu, suavizando um pouco o seu tom de voz.

— De certeza que há uma explicação extremamente interessante, mas vou ter um encontro. Tenho de tomar um duche, vestir-me e fazer uma videochamada com o meu cão, portanto, se me dás licença...

O Alex intercetou-me logo.

— Uma videochamada com quem? — perguntou, desconado e com um brilho divertido no olhar.

— Com o meu cão — repeti, enfatizando cada palavra.

— Vais fazer uma videochamada com o *Batú*? — perguntou, rindo-se de mim, com o maior descaramento.

— Ena, estou a ver que te lembras do nome dele e tudo — disse-lhe, irritada.

— Claro que me lembro, é um cão lindo, tal como a dona.

Senti um friozinho no estômago, que tentei ignorar, e levantei o dedo de forma acusadora.

— Não vás por aí.

Deu um passo em frente, pegou-me no dedo com a mão direita e levou-o ao peito, pressionando-o sem o meu consentimento.

— Porque te custa tanto aceitar que te acho bonita? — perguntou e pestanejei, aturdida.

Puxei com força o meu dedo, recuperando do seu maldito feitiço conquistador, e ele largou-mo.

— Porque isso não interessa. Não quero que te metas comigo, não quero que faças isso, porra! — a rmei, mostrando-me irritada.

— Deves estar mesmo muito irritada para não conseguires ter tento na língua.

— Digo asneiras muitas vezes — repliquei, cortante.

— Não dizes assim tantas vezes — contrapôs e o facto de eu lhe querer dar explicações, como se ele me conhecesse profundamente, irritou-me. Até podia ter conhecido facetas minhas que nunca ninguém conhecera, agora quanto ao resto... O resto pertencia-me a mim e às pessoas que gostavam verdadeiramente de mim.

Os seus olhos percorreram-me o rosto como se não conseguisse acreditar que eu estava ali à sua frente, como se fosse uma utopia estar a pisar aquele solo.

— Nikki, vá lá... Podes deixar-me pagar-te um café? Precisamos de falar.

Ao pedir-me aquilo, aproximou-se mais de mim, e não sabia bem

como o fez, porque os seus sapatos não se mexeram... Ou teria sido eu quem, inconscientemente, se aproximara?

Abanei a cabeça negativamente umas três vezes, como uma menina que quer deixar clara a sua posição, mas sem saber ainda como há de a verbalizar.

— Tenho um encontro — repeti, olhando para o relógio — daqui a vinte minutos, aliás.

Algo perpassou pelo olhar do Alex, algo que começava a identi car muito bem.

— Com o Erik? — perguntou e vi o nome do seu amigo queimar-lhe os lábios.

— Não é da tua conta — respondi-lhe.

— Porque estás a tentar fazer-me ciúmes quando sei que te vais encontrar com o Nate? — deixou escapar.

— Então, porque perguntas, se já sabes com quem me vou encontrar?
— ripostei.

— Porque continuo a tentar perceber em que universo paralelo estás aqui, em Londres, para andares a curtir com um amigo meu.

— Não eras tu que ontem estavas a curtir com um poste lá na discoteca? — repliquei, mencionando a rapariga cujo rabo só largou quando me viu. Preparei-me para o contornar para chegar à porta de casa, mas voltou a cortar-me a passagem.

— Vim até aqui para falar contigo e não me vou embora enquanto não o zer.

Olhei-o, estupefacta, com a sua determinação e a convicção de que podia obrigar-me a fazer uma coisa que eu claramente não queria fazer.

— Estamos a falar, Alex, mas não há muito mais a acrescentar a esta conversa. Já sei tudo o que tinha de saber e não foi por ti que o soube.

O Alex olhou para mim e deu uma gargalhada amarga de que não gostei nem um bocadinho.

— Estás indignada, mas quem é que ignorou todas as minhas mensagens durante uma semana inteira, Nikki? Quem não me atendeu o telefone quando liguei todos os dias desde que me vim embora?

Por detrás do seu tom neutro, conseguia ver que aquilo o tinha irritado, magoado ou aborrecido, não sabia exactamente o quê, porém, ao contrário dele, eu tinha tido um motivo. Ele, pelo contrário, não tinha tido razão nenhuma para me bloquear daquela forma.

— Não tiveste tempo, durante aquele mês passámos juntos, para me dizer que tinhas uma lha? — disparei. Tinha de fazer um grande esforço para proferir cada palavra, porque ainda não era capaz de assimilar que aquilo fosse verdade.

O Alex cou calado, olhando-me com qualquer coisa parecida com arrependimento.

— Por favor, entra no carro, vamos falar para outro sítio, não aqui no meio da rua — pediu-me, implorando-me com o olhar que aceitasse o seu pedido.

Soltei um suspiro profundo e olhei em volta como se pudesse encontrar uma resposta para todas as incógnitas relacionadas com aquele homem.

— Podes esperar que tome um duche? — perguntei, acabando por ceder.

Um meio-sorriso apareceu no seu rosto.

— Espero o tempo que for preciso, Nikki — disse-me com calma.

Entrei em casa a correr e, quando fechei a porta, aproveitei para me encostar a ela e soltar todo o ar que nem sabia que estava a reter.

Porra... Não estava preparada para estar sozinha com ele, não estava preparada, porque não conseguia controlar o meu corpo, a minha mente, nem os meus sentimentos quando ele fazia parte da equação.

Pensei em sair e dizer-lhe que me tinha arrependido, mas não podia ser cobarde a esse ponto. Tínhamos de falar, ele tinha razão.

Tomei um duche rápido sem acordar a Maggie e vesti umas calças de ganga, uma camisola de lã e calcei umas botas que pertenciam à minha amiga.

Com o cabelo molhado e ainda a pingar pelas costas, estremeci quando abri a porta e voltei a sair para a rua.

O Alex continuava ali, com o telemóvel na mão e os olhos postos no ecrã. Assim que percebeu que eu estava pronta, voltou a guardá-lo nas calças e dirigiu-me um sorriso bonito.

— Entra — pediu-me, abrindo a porta.

Fi-lo e a sua fragrância requintada misturada com o cheiro do couro inundou-me, envolvendo-me completamente.

— Põe o cinto — ordenou-me e isso recordou-me a maneira como praticamente me obrigou a andar de capacete na ilha.

Fi-lo ao mesmo tempo que começava a tiritar de frio.

— Queres que ligue o aquecimento?

Devolvi-lhe o olhar como se lhe respondesse que era óbvio que sim.

O Alex riu-se.

— Estamos em outubro, Nikki, também não está assim tanto frio.

— Isso é o que tu dizes, porque eu estou gelada — disse-lhe e calei-me quando, sem estar à espera, estendeu a mão para pegar na minha e a levou à boca. Aqueceu-me a pele com o seu hálito e fez com que milhares de borboletas no meu estômago quisessem fazer uma festa de boas-vindas.

— Alex, para — pedi, retirando a minha mão da sua.

Lançou-me um olhar triste depois de arrancar, sair dali e dirigir-se para a cidade.

— Ainda não acredito que estás aqui — a rmou.

Eu também não conseguia acreditar que estava ali, com ele, no seu carro, depois de descobrir que tinha uma lha e talvez uma namorada, uma noiva ou o que quer que ela fosse.

— Para onde meavas? — perguntei para não ter de lhe responder.

— Apetece-te vir a minha casa? — sugeriu, olhando-me pelo canto do olho, sem desviar muito o olhar da estrada.

Hesitei.

Ir a casa dele poderia implicar imensas coisas, mas não podia negar que estava curiosa para o ver no seu ambiente, em sua casa, rodeado pelas suas coisas. Conhecia tão pouco daquele homem por quem tinha acabado por sentir tanto...

— Trazes-me de volta quando te pedir? — repliquei e ele devolveu-me o olhar com um ar espantado.

— Claro que trago, Nikki. Que raio de pergunta é essa? — respondeu-me, ofendido.

— Desculpa, estou habituada a ter a minha mota e a ir para onde quero. Além disso, ainda não me oriento bem no metro.

O seu olhar calou-me e caí em mim, percebendo a estupidez que tinha acabado de dizer.

— Trago-te de volta quando me pedires — disse, obrigando a sua voz a assumir um timbre tranquilizador.

O resto do caminho foi feito em silêncio, ele não quis dizer nada e eu estava demasiado nervosa para dizer qualquer coisa.

Curiosos, os meus olhos observaram tudo quando deixámos os arranha-céus para trás e entrámos num bonito bairro de casinhas de tijolo e bonitas árvores com folhas verdes e alaranjadas, próprias do outono. O Alex virou o carro e arrumou-o no lugar de estacionamento de uma bonita e imponente casa branca.

— É aqui que moras? — perguntei-lhe.

— É aqui que moro — respondeu.

Não lhe dei tempo para me abrir a porta do carro, porque saí antes de conseguir chegar ao pé de mim. Franziu o sobrolho, mas ignorei-o, tando tudo o que me rodeava.

Não muito longe dali, ao fundo da rua, começava um maravilhoso parque vedado.

O Alex dirigiu-se para a porta e abriu-a.

Quando entrei na sua mansão, fui inundada por uma sensação de estranha familiaridade. Senti-me como me sentia quando entrava na minha pequena casa, em Bali. O vestíbulo da entrada era espaçoso, estava coberto de tapetes de cor creme e levava a umas escadas íngremes, típicas das casas inglesas.

Um arco duplo sem porta dava para uma sala de estar com dois grandes sofás verdes onde consegui ver que estava a lareira de que me tinha falado. Ao fundo do corredor, presumi, cava a cozinha e a janela mesmo à minha frente deixava ver um grande jardim nas traseiras com janelas largas tapadas por cortinas num tom castanho-claro.

— Bem-vinda à minha vivenda particular. Não tenho uma vista tão magnífica como tu tens em Bali, mas pelo menos tenho um jardim —

disse, esboçando um sorriso forçado.

Virei-me para o admirar e...

Então, um *dobermann* apareceu a correr do fundo do corredor, a abanar a cauda. Pôs-se a ladrar de forma estridente quando me viu ao lado do dono.

— Este é o teu cão?! — exclamei, entusiasmada.

O Alex acenou com a cabeça e ordenou-lhe que se sentasse de uma forma autoritária. O cão sentou-se logo, olhando para o Alex e, depois, para mim, com curiosidade.

— Chama-se *Camilo*.

Sorri.

— Posso? — perguntei, aproximando-me dele e oferecendo-lhe a minha mão para que a cheirasse primeiro. É importante deixá-los cheirar-nos antes de tentarmos acariciá-los, sobretudo cães como este.

O *Camilo* deu-me imediatamente a sua aprovação e deixou-me fazer-lhe festas enquanto abanava a cauda com entusiasmo, sem tardar a saltar para cima do Alex.

— É lindo — comentei, admirando a interação entre eles. O *Batú* tinha-se ligado depressa ao Alex e eu estava contente por saber que eu conseguira fazer o mesmo com o seu cão.

— Queres beber alguma coisa? — perguntou o Alex, convidando-me a segui-lo até à sala de estar.

— Estás sozinho?

Onde estaria a sua lha?

— Sim, sábado é o dia de folga da Hannah.

Da Hannah?

— A minha empregada — respondeu quando viu a minha expressão confusa.

— E a tua lha? — perguntei. Voltei a sentir aquela pontada que começava a tornar-se familiar.

O Alex virou-se com dois copos de um líquido âmbar na mão e estendeu-me um conforme me encorajava a sentar-me no sofá.

— A Lília vive num colégio, não muito longe daqui — a rmou calmamente.

Não pude deixar de franzir o sobrolho.

— A tua lha vive num colégio?

O Alex pousou o copo de cristal em cima da mesa de centro que estava à nossa frente e sentou-se ao meu lado.

— É comum em Inglaterra... Eu mesmo frequentei o colégio onde ela está.

Pestanejei, confusa.

— Mas porquê mantê-la interna quando pode viver aqui contigo?

O Alex desviou o olhar do meu quando tornou a levantar-se e se dirigiu para a lareira.

— Trabalho muito, demasiado, agora que sou o diretor-geral da empresa. A Lilia está melhor no colégio, com as colegas da sua idade, e recebe a melhor educação que uma escola pode oferecer.

Olhei-o, perplexa.

— E a mãe dela? — indaguei.

O Alex soltou um suspiro profundo.

— Ela morreu de cancro no pâncreas há pouco mais de meio ano.

Arregalei os olhos de surpresa.

Quando ouvi falar da sua lha, vieram-me à cabeça todo o tipo de hipóteses, todas a tentar explicar por que razão o Alex não sabia da sua existência, mas nunca pensei que a mãe da menina tivesse morrido.

— Lamento muito — respondi.

— Eu não sabia da existência da Lilia... A mãe dela nunca me disse.

— Deve ter sido um grande choque para ti.

O Alex tou-me e vi nos seus olhos uma profunda amargura, que tinha a certeza de que sempre ali estivera, mas que ele tinha aprendido a esconder quando viajou para a minha ilha, para tentar esquecer os problemas que tinha.

— Nikki, nunca te quis magoar, sabes disso, certo? — perguntou-me da posição que tinha adotado junto à lareira.

Percebi que falava com sinceridade, que não tinha querido magoar-

me, mas isso não justi cava as mentiras.

— Acho que nunca tiveste intenção de o fazer, e compreendo que, até certo ponto, não fazia sentido contares-me da tua lha, mas, Alex...

— Eu sei — interrompeu-me, aproximando-se e sentando-se ao meu lado. A sua súbita proximidade deixou-me nervosa, o meu joelho quase a roçar no dele. Ele parecia ocupar todo o meu campo de visão, o ar à minha volta pareceu condensar-se para que todos os meus sentidos só conseguissem percecioná-lo a ele e mais nada se não ele.

—

Sei que, no nal, devia ter-te contado, devia ter-te contado tudo, mas, Nikki, com tudo o que descobri sobre a tua família, estavas tão perturbada e restava-nos tão pouco tempo para estarmos juntos...

Devolvi-lhe o olhar e quei cativada.

Tinha tido tantas saudades dele, tinha ansiado tanto pelo seu toque, pela sua proximidade, pelo seu calor...

De repente, a minha mente pareceu não conseguir formar pensamentos coerentes, foi como se o meu cérebro me estivesse a ser extraído, e não gostei dessa sensação.

Levantei-me e afastei-me o mais que pude.

— Compreendo — disse-lhe, embora, no fundo, ainda não conseguisse perdoar-lhe.

— Compreendes mesmo? — perguntou.

Virei-me e quei a olhar pela janela, para os pássaros que bebiam das pequenas poças no jardim, para as ores que não precisavam de ser regadas, porque a água em Inglaterra era automaticamente abastecida a qualquer ser vivo que dela dependesse.

Arrepiei-me assim que o senti atrás de mim.

— Pensei muito em ti — admitiu e a sua mão subiu para o meu braço, acariciando-me desde o ombro até ao pulso.

Fechei os olhos, deixando que a minha pele casse arrepiada sob o seu contacto.

— Tenho-me lembrado de cada momento que partilhámos juntos, de

cada instante em que foste minha e de cada beijo que te dei.

Continuei sem os abrir, tentando não me deixar cair na tentação que sentia ao ouvi-lo dizer aquilo.

Aproximou-se mais até eu sentir o seu peito roçar nas minhas costas e a largura do seu corpo cobrir o meu.

— Nikki...

Mas tive de o deter, de o impedir de me dizer o que se preparava para dizer, porque não ia servir de nada irmos por aí.

— Preciso de apanhar ar — interrompi-o, virando-me. Contornei-o para nos afastarmos e caminhei em direção à porta.

Não esperei que fosse ele a abri-la, abri-a eu e saí para o exterior.

Não faltava muito para o sol se pôr, e a recordação de todos os anoiteceres que tinha partilhado com ele zeram-me pensar naqueles que não partilharíamos, porque a nossa relação só pudera existir num determinado tempo e lugar.

— Podes levar-me a casa? — questioneei, virando-me de novo para ele, que me tinha seguido e estava poucos passos atrás de mim.

Vi na sua expressão que havia muitas coisas que me queria dizer, que não queria acabar com o nosso pequeno reencontro ou reunião ou o que quer que fosse que quiséssemos chamar ao facto de estarmos novamente sozinhos na mesma sala. Mas eu tinha-lhe pedido justamente para me levar de volta a casa quando quisesse, e ele dissera que o faria.

— Claro — respondeu, comprimindo os lábios com força —, mas, primeiro, deixas-me só mostrar-te uma coisa?

Olhei para ele sem fazer a menor ideia do que queria que eu visse.

Anuí em silêncio, tentando não me ir abaixo ali mesmo.

— Vou buscar o *Camilo* — disse-me. — Anda — pediu quando saiu com o cão preso pela trela e segui-o quando começou a andar pela rua abaixo, em direção ao parque.

Reparei que não éramos os únicos a caminhar para lá, casais com lhos pequenos ou com os seus cães também passeavam, descendo para uma

colina um bocado íngreme que havia à direita. O Alex soltou o *Camilo*, que desatou a correr e a farejar tudo o que encontrava à sua passagem.

— Sobe para aqui comigo, mas não olhes para trás enquanto eu não disser — a rmou e z-lhe a vontade.

Subimos para a colina, um ao lado do outro, eu, atenta para não pisar um pedaço de erva afundado ou uma pedra mal posicionada, até que chegámos ao cimo e os seus olhos me encontraram e ele me sorriu.

— Já te podes virar — declarou e foi precisamente o que eu z. —

Bem-vinda a Primrose Hill.

A vista de Londres apresentou-se imponente diante dos meus olhos.

Era uma panorâmica vertiginosa e espetacular, com as cores do entardecer a banhar a superfície dos arranha-céus e as bonitas árvores centenárias que faziam do parque um sítio único e excecional.

Na colina, havia muitos casais sentados em cima de mantas, a admirar o pôr do sol com cafés fumegantes nas mãos e as faces ruborizadas pelo frio. O céu, marcado por algumas nuvens, brilhava em tons cor-de-rosa, púrpuras e alaranjados intensos.

— Era a minha vez de te oferecer um *sunset* à altura dos teus — disse sem desviar os olhos de mim.

Fitei-o, sorrindo, e uma sensação nostálgica invadiu-me quando me lembrei dos entardeceres que tínhamos partilhado, sentados na areia, dos momentos bonitos e únicos, das primeiras vezes, tanto dele como minhas, em que tínhamos estado sob o sol quente e o sonho de um verão irrepetível.

— Tens muita sorte por viveres tão perto de um sítio tão especial — respondi e não pude deixar de o imaginar precisamente naquele sítio, naquela colina, acompanhado por uma rapariga bonita que o fazia sorrir, uma rapariga que, sem dúvida, não era eu.

— Tu és especial, Nikki — sussurrou-me, pondo-se atrás de mim.

Envolveu-me com os braços e transmitiu-me um calor de que o meu corpo, pouco habituado àquelas temperaturas outonais, precisava mais do que nunca.

Sabia que aquele momento teria um m, por isso, desfrutei dele em silêncio, sem pensar em mais nada. Deixei-me ser abraçada por ele, permiti que os seus braços me acalmassem a vontade de me aconchegar contra a sua pele e deixei a minha mente fantasiar com a possibilidade de lhe confessar as saudades que tinha tido dele.

Quando o sol desapareceu no horizonte, deixou de haver braços que conseguissem mitigar o frio, que passou a ocupar o sítio onde, há poucos segundos, o sol brilhava e nos aquecia.

O nosso momento terminou e a noite chegou para nos recordar de que já não estávamos em Bali, que já não éramos as mesmas pessoas que tínhamos conhecido há um mês e meio.

— Está frio, vou-te levar a casa — disse, separando-se de mim.

Descemos a colina lado a lado com a penumbra a debater-se contra a pouca claridade que insistia em não esmorecer.

CAPÍTULO 17

ALEX

Chamei o *Camilo* para que voltasse para junto de nós e tornei a prendê-lo para voltarmos para casa. Descemos a colina ao lado um do outro sem dizer nada e não pude deixar de sentir que a Nikki não estava, realmente, ali comigo. Sentia que se tinha formado um abismo enorme entre nós, impossível de transpor. Embora tivéssemos conseguido falar, ainda tinham cado muitas coisas por dizer, muitas possibilidades que queria pôr em cima da mesa...

Todavia, não me podia precipitar.

Não me podia esquecer de que a nossa história tinha funcionado em Bali, mas agora estávamos em Londres. Nem sequer tinha podido falar com ela sobre a sua família, nem sobre a ameaça que eu tinha recebido mal chegara da ilha.

Eu tinha afrouxado a segurança à medida que as semanas iam passando, mas tudo pareceu car por aí. Porém, não conseguia afastar um pressentimento que me dizia que as coisas podiam piorar com a chegada da Nikki a Londres.

Quando chegámos à minha rua, e, pensando na melhor forma de tocar no assunto que nos tinha separado há um mês e meio, os meus olhos

viram a pessoa que aguardava em frente à porta de minha casa.

A Nikki também a tinha visto e os seus ombros tensos revelaram o suficiente para eu saber que, se tinha conseguido alguma coisa ao levá-la a casa, encontrarmo-nos ali com a Amanda acabava de

comprometer qualquer progresso.

Merda.

— Amanda, o que fazes aqui? — perguntei, e o *Camilo* ladrou, como fazia sempre que a via.

A Amanda desviou o olhar de mim para a Nikki e mostrou um sorriso forçado.

— Passei para te convidar para jantar — disse-me quando parámos à sua frente. — Não me apresentas? — indagou, olhando para a Nikki e avaliando-a de alto a baixo

— Sou a Nikki — a rmou, estendendo-lhe a mão —, uma amiga — acrescentou ao mesmo tempo que ela lha apertava.

«Amiga.» Aquela de nição não me agradou nada.

A Amanda tornou a olhar para mim.

— Sou a Amanda, a namorada dele — retorquiu e só me apeteceu matá-la.

A Nikki levantou os olhos dela para mim e vi que acabava de a afastar completamente.

— Hoje não posso jantar, tenho de levar a Nikki a casa — a rmei, procurando controlar a irritação.

— Não te preocupes comigo, posso apanhar o metro...

— Eu levo-te a casa — disse com determinação, sem dar lugar a qualquer outra opção.

A Nikki estava prestes a dizer qualquer coisa, mas interrompi-a, pondo a mão no fundo das suas costas e afastando-a para chegarmos ao carro, que abri, carregando no botão da chave.

— Entra, vou pôr o *Camilo* a casa.

A Nikki pareceu hesitar, sem saber se devia fazer o que lhe pedia ou não, mas, pelo que me tinha dito antes, sabia que não fazia ideia de

como havia de chegar ao metro... Na verdade, eu também não sabia, porque eram raras as vezes em que o usava.

A Amanda seguiu-me quando abri a porta de casa e retirei a trela ao *Camilo*.

— Quem é ela, Alex? — perguntou-me num tom que não me agradou nada.

Fulminei-a com o olhar, deixando a trela na mesinha de apoio que estava junto à porta.

— A minha namorada? — repliquei, referindo-me ao que ela dissera há um instante.

Vi que a Amanda ruborizava.

— Nem me apercebi, é o hábito... — desculpou-se e só consegui olhar para ela, incrédulo.

— Tenho de ir, já falamos — declarei, tentando controlar o meu mau génio.

— Posso esperar até voltares — propôs.

Virei-me para ela, sabendo que a Nikki podia estar a ver-nos sem nenhum problema do lugar onde estava sentada no carro.

Foda-se.

— Volta para casa, Amanda, hoje não posso car contigo — disse-lhe, sem me importar se fui brusco ou um bocado duro, a sua presença ali complicava muitíssimo as coisas.

— As coisas vão passar a ser assim agora? Fodes-me a mim, mas cas com as outras?

Levei a mão à cana do nariz, não acreditava que estava a ter aquela conversa.

— Agora não é o momento certo para falarmos sobre isso.

— Porquê? Porque não queres que ela ouça que és um mulherengo?

Santo Deus.

A Nikki estava a ouvir a conversa toda.

— Tenho de ir — a rmei, fechando a porta de casa e afastando-me em direção ao carro.

A Amanda não disse mais nada, surpreendendo-me bastante com aquela cena de ciúmes que acabava de fazer, mas eu sabia por que razão ela o tinha feito. Era a sua forma de marcar o território, de mostrar à Nikki que talvez eu estivesse a enganá-la com ela.

Quando entrei no carro e arranquei, a Nikki nem sequer olhou para mim, tinha os olhos cravados na janela.

— Não é o que estás a pensar — declarei ao ver que não dizia absolutamente nada.

— E o que é que eu estou a pensar? — perguntou quando eu julgava que não ia dizer nada.

— Não é minha namorada, não temos nenhuma relação — expliquei-lhe.

A Nikki continuou sem me tar quando falou:

— Ainda bem, porque não me parece correto que a estivesse a trair com a rapariga com quem andaste enrolado ontem à noite.

Merda, tinha-me esquecido de que ela também tinha visto aquilo.

— Nikki...

Aí, sim, virou-se para me encarar.

— Alex, não te preocupes. Nunca quis que parasses a tua vida por minha causa, não tens de me dar nenhuma explicação, tal como eu também não tenho de te dar nenhuma.

A imagem do idiota do Erik a beijá-la na noite anterior voltou à minha mente e não pude deixar de apertar o volante com força.

Tudo aquilo estava mal e, ainda por cima, tinha desperdiçado a oportunidade de resolver as coisas.

Já estávamos a chegar ao sítio onde ela estava alojada e, quando estacionei o carro em frente à casa, a Nikki não demorou sequer meio segundo a despertar o cinto e a sair do carro.

— Nikki, espera — pedi-lhe, saindo também do carro.

Virou-se para olhar para mim.

— Estou cansada e gostava de entrar — apressou-se a dizer.

Percebi que estava aborrecida. Aborrecida e mais qualquer coisa.

— Gostava que voltássemos a ver-nos — disse.

A Nikki abanou a cabeça, negando-o.

— Para quê?

Aproximei-me dela.

— Como assim, para quê? Tu estás aqui, Nikki!

— E o que é que isso muda? — ripostou. — Daqui a pouco, vou-me embora, a minha avó precisa de mim, o meu tio...

Observei-a sem compreender quando uma dor profunda que nunca tinha visto lhe surgiu no rosto.

— O que foi, Nicole? — perguntei.

Abanou a cabeça e vi que os seus olhos se enchiam de lágrimas.

— Tu não percebes, Alex... Não estou aqui por querer estar, não estava nos meus planos sequer voltar a ver-te. Isto não é fácil para mim, nunca foi fácil para mim...

— E achas que para mim foi fácil? — retorqui, perplexo. — Não saber nada de ti durante um mês!

A Nikki ergueu os olhos do chão e cravou-os nos meus, furiosa e muito, muito magoada.

— O meu tio morreu, Alex — declarou, então, deixando-me estático.

— Assim que regressei à ilha, assim que pus o pé em casa,

quei a saber que o meu tio tinha morrido. Foi por isso que não te escrevi nem atendi as tuas chamadas, estava destrozada... Refugiei-me

no silêncio.

Devolvi-lhe o olhar como se acabassem de rebentar um balão ao pé de mim e tivesse cado completamente vazio.

— O teu tio morreu? — perguntei, baixinho.

Ela assentiu em silêncio.

— Como é que o teu tio morreu, Nikki? — O pânico apoderou-se de cada uma das minhas palavras.

A Nikki pestanejou para tentar que as lágrimas se mantivessem guardadas onde estavam.

— Teve um enfarte — respondeu.

— Um enfarte? Quem é que disse isso? Fizeram-lhe uma autópsia?

— indaguei.

— Porque me perguntas isso? — respondeu-me, irritada.

— Caramba, Nikki... Isto não me agrada nem um bocadinho. Assim que cheguei de Bali, recebi uma ameaça de morte e estou certo de que foi por ter estado a remexer no teu passado. Há por aí alguém que não quer que este assunto se torne público.

A Nikki ouviu-me com atenção, sem acreditar nas minhas palavras.

Preparava-me para falar, mas, depois, não me perguntem como é que eu soube, como o vi ou como o senti, porque pura e simplesmente aconteceu. Aquela sensação, aquela mesma impressão que sentira durante as últimas semanas, a mesma que me dizia que não estava sozinho, que estava alguém a observar-me.

Rodei o corpo sobre os calcanhares, olhando para trás de mim com horror, e, depois disso, tudo aconteceu muito depressa.

O chiar da borracha a friccionar o asfalto, o cheiro a pneus

queimados a inundar tudo, o barulho da velocidade a poucos metros de nós e o ruído ensurdecedor de um disparo a romper a calma da noite, como quem rebenta um balão numa igreja vazia.

NIKKI

O instinto fez-me levar as mãos à cabeça e foi quando um segundo disparo voltou a ressoar quase no mesmo instante em que se ouviu o primeiro.

O carro afastou-se a toda a velocidade pela rua abaixo e, a tremer, lá consegui recompor-me. Vi um Alex a devolver-me um olhar completamente horrorizado.

— Nikki... Nikki, estás bem? — perguntou-me, segurando-me o rosto.

Anuí com um aceno de cabeça enquanto reparava que os meus movimentos se tornavam lentos e pesados.

Assimilei tudo em câmara lenta.

A porta de casa a abrir-se e a Maggie a olhar para nós de olhos esbugalhados, assustada e horrorizada, depois de testemunhar a cena que se tinha desenrolado à sua frente.

— Chama uma ambulância! — gritou e o seu grito conseguiu tirar-me do estado de choque em que me encontrava.

Vi que o Alex a olhava sem perceber.

Tinham disparado sobre nós... Tinham tentado matar-nos.

Senti que a adrenalina se debatia para me manter inteira, reparei que o meu corpo combatia os meus instintos mais básicos e cobardes para fazer o que a Maggie me pedia, mas não o consegui fazer.

Demasiadas emoções, demasiadas mudanças... O meu corpo tinha entrado em choque.

Falharam-me as extremidades. Um formigueiro percorreu-me o corpo e pareceu-me que o meu campo de visão se ia estreitando até ver apenas manchas negras em todo o lado. Lutei contra aquela reação débil do meu corpo e da minha mente. Lutei com todas as minhas forças, garanto-vos, mas não consegui fazer nada.

Desmaiei e isso aconteceu no momento menos indicado.

— Deram-lhe um tiro! — gritava uma voz feminina no fundo, muito no fundo da minha cabeça. — Alex, ela foi baleada.

Abri um pouco os olhos e senti movimento à minha volta.

— Já chamaste? — Ouvi a voz do Alex, desesperada, desta vez, muito perto de mim.

Alguém me moveu, alguém me levantou do chão.

— Não adormeças, querida — sussurrava-me ao ouvido. — Não adormeças, por favor, não feches os olhos.

Abri-os, tentando focar a visão.

Porque é que o Alex estava a carregar-me ao colo?

Eu estava bem.

Tinha desmaiado, mas estava bem.

— Alex...

Senti um gosto muito estranho na boca.

— Quando é que chega essa ambulância?!

Pestanejei depressa, incomodada por não conseguir ver bem.

— Tem calma...

Estava calma, muito calma, na verdade. Era como se o meu corpo estivesse adormecido, como quando fazemos uma sesta de três horas e alguém nos tenta acordar e achamos que é de noite e devemos continuar a dormir, mas, na realidade, começamos a perceber que nos

enganámos, que são seis da tarde e temos de acordar... Isso ou dormirmos doze horas até ao dia seguinte.

Dormir doze horas... Gostava dessa ideia.

— O que é... O que se passa? — consegui perguntar.

— Tem calma — repetiu o Alex e, então, consegui ouvir ao longe o barulho de umas sirenes incomodativas.

Credo... Porque é que aquilo tocava tão alto?

Alguém chorava... Alguém chorava não muito longe de mim.

Maggie...

Era a Maggie quem chorava.

Senti qualquer coisa dura debaixo de mim e um chocalhar estranho.

— Eu vou com ela, porra! — gritava o Alex não muito longe.

Senti uma mão a agarrar a minha com força.

O facto de estar meio grogue já começava a incomodar-me, queria acordar e ver o que se passava. Queria ver se a Maggie estava bem, porque não gostava da maneira como chorava, mas, de repente, algo se fechou e deixei de a ouvir.

— Vais car bem... Tem calma, vais car bem.

Estava a falar comigo?

Como se estivesse a lutar contra uma droga muito forte, z um esforço sobre-humano para abrir os olhos e tentar ver.

Ali estava o Alex, muito perto de mim, e estávamos numa ambulância.

Lembrei-me de ter visto a sua camisa manchada de sangue antes de desmaiar.

As lágrimas começaram a escorrer-me pelo rosto.

— Es-tás be-bem? — custou-me perguntar.

— Querida... Querida, deram-te um tiro, mas vais car bem — disse-me, beijando-me os nós dos dedos uma e outra vez.

Como?

Não me podiam ter dado um tiro.

Não me doía nada... Só tinha frio. Sim, isso sim, conseguia senti-lo e cada vez com maior intensidade.

— Te-nho mui-to frio.

— Tem calma — repetia o Alex incessantemente.

Fechei os olhos, porque se me esgotaram as forças, mas, mesmo antes de o fazer, mesmo antes de os fechar, vi que as portas da ambulância se abriam. Retiraram-me dali apressadamente e quatro médicos

receberam-me depois de me pousarem, gritando coisas como a minha idade, a minha situação e não sei o quê sobre um pulmão perfurado.

Estariam a falar de mim?

A última coisa de que me recordo daquele momento é de os dedos do Alex deixarem de apertar os meus com força e de ter cado triste por pensar que se calhar... Se calhar aquela era a última vez que os entrelaçava nos meus.

CAPÍTULO 19

ALEX

Foi o trajeto mais longo da minha vida. Durante os dez minutos que demorámos a chegar ao hospital, senti que podia morrer de pura angústia.

Nem sequer me tinha dado conta de que a Nikki tinha sido atingida por uma bala. Achava que eu mesmo tinha evitado aquilo quando a atirara ao chão, para a proteger com o meu corpo. A Maggie vira o sangue escorrer-lhe pelas costas, tinha sido ela que me tinha retirado do estado de choque quando me tinha ido abaixo, sem conseguir acreditar que tivessem tentado matar a Nikki mesmo à minha frente.

— Tem de esperar aqui, senhor — informou-me uma das enfermeiras quando eu quis ir para o sítio para onde tinham levado a Nikki com urgência. — O senhor é familiar?

Passei a mão pela cara.

Eu não era nada, porra.

Nem sequer era seu namorado.

— Sou o marido dela — menti, sem me importar com as consequências. Não planeava car ali sentado sem notícias, sem saber como ela estava, se, no caso de...

Nem queria pensar nisso.

— Assim que eu tiver notícias, virei aqui comunicar-lhas, senhor?...

— Lenox.

A enfermeira anuiu e eu permaneci ali sem fazer a menor ideia do

que devia fazer... Tremiam-me as mãos... Tremia-me o corpo, não conseguia assimilar o que acabara de se passar, não conseguia perceber que, estando ela comigo, alguém tinha conseguido fazer-lhe mal.

Pouco depois, ao chegar, a Maggie transpôs as portas das urgências a chorar e a olhar para todo o lado à minha procura.

— Como está a Nikki? — perguntou-me.

— Levaram-na para ser operada, não sei muito mais — disse e tentei fazer com que a Maggie se sentasse enquanto eu mandava uma mensagem ao Nate a pedir que viesse imediatamente ao hospital.

Precisava do meu amigo ali, precisava dele para cuidar da Maggie, porque eu não conseguia car de olho nela, não quando todos os meus pensamentos estavam com a miúda que tinham acabado de levar para o bloco operatório.

— Quem foi? — perguntou-me, então, a Maggie, interrompendo os meus pensamentos e olhando-me nos olhos. — Quem disparou sobre ela? Quem é que a quis matar?

Eu sabia perfeitamente quem tinha sido, pelo menos, tinha as minhas suspeitas.

Era evidente que a pessoa que me tinha ameaçado sabia que a Nikki estava em Londres e não tinha demorado tempo nenhum a tentar matá-la...

Endireitei-me e peguei no telemóvel.

Marquei rapidamente o número do Stefan.

— Lenox — disseram ao atenderem.

— Dispararam sobre nós — disse, afastando-me das pessoas e baixando a voz. — Atingiram a Nikki, Stefan, estão a operá-la neste momento...

— Foda-se.

— Manda-me o Francis e o Melvin ao hospital de Northwick Park, não estamos seguros aqui — pedi-lhe, percorrendo com o olhar a sala de espera das urgências.

— Vou já mandá-los para aí, mas, Alex... — a rmou. O facto de me

chamar pelo nome determinava quão grave era aquela situação. —

Isto deixa claro que está tudo certo, que ela é...

— Claro que está tudo certo e, se não zermos nada, vão acabar por a matar, porra.

— O que vais fazer? — indagou uns segundos depois.

Não fazia a menor ideia, mas... Sabia que a Nikki me odiaria pelo que estava prestes a fazer, mas não me restava outra opção, não depois do que acabara de acontecer, não depois de nos terem tentado matar.

— Liga ao Turner — declarei num tom de voz muito tenso, com o corpo a vibrar pela adrenalina que ainda me corria nas veias. — Já está na altura de o mundo saber que a lha do Jacob Leighton está viva.

CAPÍTULO 20

MAGGIE

Continuávamos na sala de espera. Não conseguia deixar de observar o Alex, mesmo que fosse por não poder fazer muito mais para me tentar distrair sem sucumbir à mais profunda das angústias.

Um dos médicos tinha vindo cá fora e, depois de descobrir que o Alex estava a fazer-se passar pelo marido da minha amiga, conseguimos obter informação sobre o seu estado. A Nikki continuava no bloco operatório, o seu estado era grave, mas estava estável.

— Localizámos o ferimento de bala na parte alta do ventrículo esquerdo, muito perto da artéria coronária — disse o cirurgião que viera cá fora informar-nos. — Estamos a tentar encontrar o projétil, uma vez que não há nenhum orifício de saída.

— O que signi ca isso? — perguntou o Alex, angustiado.

— Signi ca que estamos a fazer radiogra as no próprio bloco operatório para o tentar localizar. Vamos encontrar a bala, senhor Lenox. Assim que o zermos, será mais fácil continuar. Agora, tenho de voltar lá para dentro — concluiu, fazendo um aceno de cabeça.

Foi-se embora e deixou-nos mais preocupados do que dantes.

Meia hora mais tarde, o Nate transpôs as portas das urgências.

Tanto o Alex como eu nos pusemos em pé e ele dirigiu-se logo a nós.

— Estás bem? — perguntou, tomando o meu rosto entre as suas mãos e observando-o para comprovar que não estava ferida.

— Eu estou bem, não me aconteceu a mim — apressei-me a dizer, surpreendida com a sua preocupação e a maneira como me tocava, com tanto cuidado, com tanto medo de ver que me podia ter acontecido alguma coisa.

Trocámos um olhar que durou pouco tempo para eu conseguir chegar a percebê-lo completamente, mas, quando viu que era verdade e não me tinha acontecido nada, largou-me, recuou um passo e concentrou-se no Alex.

— O que raio se passou?!

— Dispararam sobre nós, foi isso o que se passou — respondeu o Alex, furioso.

— Mas quem? — replicou o Nate e foi então que trocaram olhares muito sérios.

— Precisas de algo? Precisas que chame alguém? — perguntou-lhe o Nate, retirando o telemóvel do bolso.

O Alex abanou a cabeça, negando-o, e afastou-se de nós ao mesmo tempo que marcava um número e levava o telefone à orelha.

De seguida, o Nate dirigiu a atenção para mim. Não tínhamos tornado a trocar uma única palavra desde que nos tínhamos visto na noite anterior, naquela discoteca.

— Que loucura do caraças — a rmou, sentando-se, inclinou-se para a frente e levou as mãos à cabeça.

Observei-o com nostalgia, estudei-o com tristeza, porque, naquele momento, a única coisa de que precisava era de me enterrar nos seus braços e ouvi-lo dizer que ia correr tudo bem.

Foi como se me tivesse ouvido. Sem sequer olhar para mim, estendeu a mão e apertou-me o joelho para me animar.

O Alex não parava quieto. Andava de um lado para o outro e

rosnava com a pessoa com quem estava a falar ao telefone. Passada uma hora, chegaram dois homens corpulentos, ambos vestidos de

preto. Depois de trocarem algumas palavras com o Alex, colocaram-se em posição, um perto da entrada e o outro na parede contrária.

— Quem são? — perguntei-lhe.

— Vão manter-nos em segurança — respondeu-me.

— Estamos em perigo? — repliquei com a voz trémula por ainda não ter superado o que tínhamos vivido há apenas algumas horas.

— O que aconteceu não foi um ato accidental — disse, olhando para o Nate, que o escutava com atenção. — Não foi boa ideia vocês virem para aqui sem avisar, sem dizerem nada a ninguém.

Não estava a perceber de onde vinha aquele comentário.

— Porquê? — quis saber.

Ele olhou-me, perplexo.

— A Nikki não te contou quem é verdadeiramente?

Claro que me tinha contado tudo o que tinha que ver com os Leighton, mas também me tinha transmitido as suas dúvidas em relação a isso.

— Queres dizer que as pessoas que, na tua opinião, provocaram o acidente de avião dos pais da Nikki?...

— São as mesmas que tentaram matá-la hoje? — retorquiu, deixando a minha pergunta sem resposta.

Olhei-o, sem conseguir acreditar.

Porra.

— Tens a certeza? — insisti.

— O suficiente para saber que, quanto mais tempo continuar a viver no anonimato, maiores serão as probabilidades de nos matarem a todos, a todos os que sabem disso.

Merda.

— E o que estás a pensar fazer? — perguntou o Nate num tom áspero, preocupado.

— Para já, rezar para que ela sobreviva à operação... — disse o Alex,

angustiado.

Mesmo muito angustiado... Bolas, o Alex Lenox estava mesmo apanhado pela minha amiga.

Foi estranho vê-lo com toda aquela clareza, porque o Alex era muito reservado, ou, pelo menos, era o que me tinha parecido nos poucos momentos em que tínhamos convivido, portanto, vê-lo assim, com os sentimentos tão expostos e as emoções tão à or da pele... Senti-me incomodada, como se tivesse presenciado algo muito íntimo, algo reservado apenas aos olhos da minha amiga, a mesma que, naquele momento, lutava entre a vida e a morte.

— E se ela não se safar? — questionei com a voz trémula e uma enorme vontade de chorar, de irromper num pranto descontrolado até não aguentar mais.

O Nate passou-me o braço pelos ombros e puxou-me para ele com cuidado.

— Que isso nem te passe pela cabeça — disse, tenso.

Não podia perder a minha melhor amiga... Tê-la trazido para aqui tinha sido um erro muito grave. Se lhe acontecesse alguma coisa, a culpa seria minha. Fizera chantagem emocional com ela para me acompanhar, pressionara-a para vir comigo... Se a Nikki tivesse cado em Bali, se não tivesse deixado a ilha, estaria feliz a tratar dos seus animais e a surfar ondas incríveis.

O Nate pediu licença para ir à casa de banho e, quando me soltou, senti que me tinham posto gelo em cima do corpo todo, um frio

glaciar apoderava-se de todos os meus membros.

Estava tenso ao meu lado, não estava confortável, não me queria tocar nem abraçar, mas importava-se o suficiente para não me ignorar num momento tão crítico como aquele.

— Quando é que sabemos alguma coisa? — voltou a perguntar o Alex, perdendo a pouca paciência que lhe restava. — Porra, digam-nos alguma coisa de uma vez por todas!

Enquanto gritava, um médico apareceu na sala, um cirurgião ainda vestido com a roupa do bloco operatório.

Ao aproximar-se de nós, retirou da cabeça o barrete de cirurgião e

dirigiu-se ao Alex.

— A operação da sua mulher correu bem — disse, soltando um suspiro de cansaço. — Não foi fácil, encontrámos o projétil dentro da artéria renal direita, tivemos de o retirar e reparar o vaso, mas sofreu uma paragem cardíaca enquanto a operávamos... — Levei a mão à boca conforme tentava manter a calma. — Mas está bem, já está estável.

O Alex mexeu-se, continuou a olhá-lo xamente antes de falar.

— Ela vai safar-se? — perguntou justamente quando o Nate voltava da casa de banho e se aproximava de nós apressadamente com uma expressão preocupada.

— Ela é jovem e saudável — respondeu o cirurgião. — Vai safar-se.

Acho que todos expelimos o ar dos pulmões que tínhamos estado a suster.

— Podemos vê-la? — perguntei.

O médico tou-nos.

— Só um — disse, dirigindo-se mais para o Alex.

Este dirigiu-me um olhar de súplica, que me comoveu.

— Está bem, Alex, vai tu — cedi e ele anuiu com um agradecimento claramente retido na expressão.

Foi-se embora com o cirurgião e eu e o Nate cámos sozinhos.

Os nossos olhares encontraram-se e não gostei do que vi. Foi como despirse a armadura e me deixasse ver, apenas por um instante, quando vulnerável e indefeso se sentia comigo ali.

Sempre tinha sido um homem forte, com ante e com um sentido de humor que me tirava do sério e me embevecia ao mesmo tempo. Ao vê-lo assim, ao ver-nos assim... Só me apeteceu apagar da minha mente o que tinha acontecido, só quis viajar para a altura em que éramos felizes com muito pouco, só me apeteceu teletransportar-me para aquela primeira tarde de verão...

Estávamos na praia, os dois sentados em cima das pranchas a olhar para o mar e a rir-nos, porque o idiota dizia que eu ter cado sem a parte de cima do biquíni tinha sido uma maneira pouco subtil de me atirar a ele e de o levar para a cama.

— Aquilo abriu-se por eu ter andado enrolada na onda, idiota! —

disse-lhe ainda envergonhada e vermelha que nem um tomate, porque me tinha visto as mamas, e não de uma forma sensual, mas por a onda me ter arrastado com tanta força para a costa que parecia um croquete panado.

Tornou a dar uma gargalhada tão sonora que pareceu um traque.

Agarrei-me ao ombro dele, sem conseguir evitar que se me escapasse um sorriso.

— Só queria que visses... — Voltou a rir-se.

Cruzei os braços e olhei em frente.

Eu tinha perdido o biquíni e ele deixara-me ali a blusa dele para eu poder tapar-me, não sem antes gozar comigo e ameaçar-me que me faria voltar para casa quase nua.

— Não precisas de car envergonhada, cenoura, tens umas mamas incríveis.

Fulminei-o com o olhar e levantei-me para me afastar dele, amuada, envergonhada e, sim, muito excitada com a sua presença, porque ele era o tipo mais giro que eu alguma vez tinha visto.

Reparei que se levantava atrás de mim e comecei a correr para me afastar.

— Deixa-me em paz! És um idiota! — gritei-lhe, correndo com maior ímpeto, tentando ao máximo afastar-me, mas só o consegui fazer durante poucos segundos.

— Anda cá! — disse quando me agarrou. Abraçou-me por trás e levantou-me no ar enquanto eu agitava as pernas para que me soltasse. — Para quieta e eu pouso-te no chão — sussurrou-me ao ouvido e -lo, porque a sua proximidade e o seu hálito a roçar-me na orelha atuaram como um bálsamo.

Pôs-me no chão devagar.

Estávamos perto de uma parede de rochas, já quase tinha anoitecido e estávamos sozinhos naquela praia para onde eu o tinha levado.

Virei-me para carmos de frente um para o outro.

Lembro-me de que tinha o cabelo louro, preso num pequeno rabo de cavalo na nuca, estava muito mais comprido do que em Londres, o que lhe dava um toque de sur sta irresistível.

— Trago-te à praia secreta da ilha e é assim que me pagas? —

perguntei-lhe, voltando a cruzar os braços.

O Nate esboçou um sorriso de esguelha, concentrando-se no meu gesto defensivo.

— Posso pagar-te de outra forma, se quiseres — sugeriu.

— O que te leva a achares que me atraís dessa maneira? — respondi para tentar magoá-lo no mais fundo do seu ego.

Não surtiu efeito.

Caramba, que convencido.

Deu um passo em frente e as minhas costas chocaram contra umas rochas que estavam ali atrás.

— Aposto o que quiseres que, neste momento, se te meter a mão entre as pernas, estarás tão molhada que nem seriam precisos preliminares.

Foda-se.

E disse-o assim, de repente. Ficou de tal maneira impassível que conseguiu que quase me desse o badagaio.

Considerava-me uma miúda experiente, tinha perdido a virgindade aos catorze anos, gostava de sexo e a minha sexualidade de nia-me.

Ao longo dos anos, quando me tornei adulta, descobri que nem todos os rapazes gostavam que eu fosse «promíscua» de uma forma tão aberta e tivera de controlar os meus impulsos mais escaldantes, com medo de ser rejeitada.

Com o Nate...

Com o Nate, senti que podia fazer o que quisesse.

Sem desviar os olhos dele, peguei-lhe na mão e, aos poucos, levei-a à minha boca. Introduzi dois dos seus dedos nela e chupei-os suavemente.

O olhar do Nate toldou-se por um instante, como se me incitasse a continuar.

Guiei a sua mão até muito mais abaixo. Levantei a blusa, que me cava quase como um vestido, e movi a sua mão, deixando-a agarrar na parte de baixo do meu biquíni.

Ele soube exatamente o que fazer e, de facto, não seriam precisos quaisquer preliminares.

Fechei os olhos em êxtase quando os seus dedos entraram e se curvaram exatamente como eu gostava.

Encostei-me à rocha, quase me sentei, e ele, devagar, levantou-me enquanto me rodeava a cintura até conseguir que eu casse sentada em cima da rocha. Afastou-me bem as pernas e retirou os dedos.

Abri os olhos, dececionada.

— Não me olhes assim. Quando o faço, faço-o bem. Ergue-te um pouco com as mãos.

Fiz o que me pedia e, com um leve puxão, desceu-me a parte de baixo do biquíni, envolveu-a com a mão direita e meteu-a no bolso de trás do seu fato de banho.

— Abre as pernas.

E foi o que z... de imediato.

A blusa subiu-me até car enrolada à volta da minha cintura. O

Nate pôs-se entre os meus joelhos e empurrou-me um bocadinho para trás, o que me obrigou a apoiar-me com as duas mãos para lhe dar melhor acesso a...

— Meu Deus — disse em voz alta quando a sua língua roçou ao de leve em mim.

Ele não disse nada, continuou a fazer o que queria e apercebi-me de que não o fazia por mim, mas por ele. Era ele que estava a desfrutar e, por isso, eu também desfrutava daquele momento.

Naquela tarde, não nos beijámos, nem sequer foi a nossa primeira vez.

Foi uma tarde dedicada a mostrarmos um ao outro que não era preciso muito para nos excitarmos até estremecermos e que as nossas

bocas pareciam saber exatamente como levar-nos a ambos a tocar o céu com os dedos.

Foi o melhor sexo oral da minha vida e também o início de uma relação de vício. Ficámos viciados um no outro, viciados no sabor das nossas bocas, no toque das nossas mãos, no grito exausto dos orgasmos.

Tornámo-nos tão dependentes como um toxicodependente em relação à sua melhor droga, mas o mal das dependências é que, se não as controlamos a tempo, acabam por nos matar.

O barulho de uma senhora a chorar na sala de espera das urgências fez-me voltar ao presente.

— Agora que sei que a Nikki está bem, devia voltar para casa —

disse o Nate sem me olhar nos olhos. Qualquer vestígio de carinho tinha desaparecido por completo.

— Claro... — respondi num tom de voz muito baixo.

— Queres que te chame um táxi ou algo do género? — perguntou-me e neguei-o, abanando a cabeça. Sabia que ele tinha ali o carro, que tinha conduzido até ao hospital e que não se iria oferecer para me levar. Percebi quão chateados estávamos e lembrei-me da razão pela qual tinha viajado até Londres.

Eu queria contar-lhe aquilo.

Eu queria contar-lhe sobre o bebé.

Mas não arranjei forças para o fazer.

— Bem — disse, tornando a desviar o olhar. — Bem — repetiu num tom de voz mais baixo.

— Nate... — comecei por dizer, tentando arranjar coragem, tentando ser forte, apesar de me sentir muito, mas mesmo muito pequenina.

— Tenho de ir — interrompeu-me. — Presumo que ques.

Acenei em silêncio, e, então, o Nate hesitou...

— Não vamos voltar a adiar isto, Maggie... — a rmou, cansado. —

Ambos sabemos como isto vai acabar. Vamos poupar-nos a mais sofrimento e seguir em frente com as nossas vidas.

Foi-se embora, sem me deixar acrescentar mais nada, e quei sozinha, perguntando-me como tinha acabado naquela situação.

Quando abri os olhos, senti-me muito desorientada.

Não percebi onde estava, nem o que se tinha passado, nem porque havia tantos apitos e ruídos estranhos à minha volta. Nunca precisara de estar internada num hospital, nunca tinha tido mais nada além de uma constipação, por isso, custou-me muito perceber onde estava e lembrar-me das razões pelas quais estava ali deitada. Nunca na vida me tinha sentido tão dorida, nem estivera ligada a máquinas que apitavam e marcavam os batimentos cardíacos, como se fosse o ritmo de fundo de uma canção que nunca começava.

O quarto era austero, mas dez vezes melhor do que qualquer quarto de hospital que eu tivesse visitado no meu país.

Uns segundos depois, percebi que, ao meu lado, sentado numa cadeira, alguém me segurava na mão com suavidade.

Era o Alex.

Ele percebeu que me mexia, porque abriu as pálpebras, alerta.

Depois de os olhos percorrerem todo o meu corpo e todas as máquinas que estavam à minha volta, acabou por dirigir a atenção para mim.

Levantou-se.

— Nikki — disse, olhando-me, aliviado. — Já acordaste.

Não lhe disse nada, sentia-me exausta.

— Vou avisar o médico — a rmou, deixando-me ali sozinha.

Chegou um médico, que me examinou com cuidado e paciência.

O Alex cou apoiado na porta da entrada do quarto, sem se aproximar, mas sem se afastar de mim.

— O que aconteceu? — perguntei, lembrando-me do que se tinha passado. Lembrando-me dos disparos, lembrando-me da Maggie...

— Estamos bem — disse o Alex, sem desviar os olhos de mim.

— Senhora Lenox, na sequência dos disparos, tivemos de a operar de urgência — informou-me, então, o médico.

— De urgência?... — repeti, sem conseguir acreditar, e só depois é que me apercebi do que o médico me chamara. — O que é que me chamou?

O médico olhou para o Alex e este adiantou-se logo a qualquer coisa que o médico pudesse dizer.

— Querida, é melhor não fazeres esforço a falar — afirmou, olhando para mim de uma forma estranha, que não percebi.

— Senhora Lenox, o seu marido tem razão, tem de descansar.

Chegará o momento de fazer essas perguntas, mas, por agora, sugiro que faça as coisas com calma. Está fora de perigo, mas não devemos subestimar o seu corpo.

«O seu marido.»

Tornei a olhar para o Alex.

— Passo por cá logo à noite para a ver. Agora, descanse — disse o médico com amabilidade e saiu do quarto.

O Alex e eu cámos sozinhos.

Ele aproximou-se da cama com cuidado.

— Tive de mentir e fingir que somos casados para me deixarem aqui. Daqui a pouco, vão descobrir que é mentira, mas não te podia deixar sozinha...

Ouvi-o com atenção, procurando que as suas palavras não criassem expectativas erradas em mim. Naquele momento, não podia permitir-me confundir as coisas.

— Está bem, obrigada — disse-lhe.

Aproximou-me a mão da cara para afastar uma madeixa de cabelo e pôr-ma atrás da orelha. Era um gesto que ele gostava de fazer e que me provocava muitas coisas.

Coisas que, pelos vistos, não podia manter ocultas, porque as máquinas que registavam os meus batimentos cardíacos começaram a apitar como loucas. Merda.

— É um alívio saber que isto não mudou — disse, olhando-me com demasiada intensidade.

Fechei os olhos e respirei fundo.

— Para — pedi-lhe. — Não faça isso, por favor.

O Alex afastou a mão e cou calado por alguns segundos.

— Vais aqui car alguns dias... Deixaste os cuidados intensivos há dois dias — explicou-me, mudando de assunto com muita subtileza.

Abri os olhos e procurei-o com o olhar.

— Quem é que foi? — indaguei. — Porque dispararam sobre nós?

Não percebo...

O Alex pareceu car tenso.

— Nikki, ter remexido no teu passado teve consequências —

armou e, desta vez, não pude deixar de o ouvir, não pude negar que não se passava nada, não pude ignorar todos os sinais.

— Mas porquê? — quis saber com a voz trémula. — Porque querem fazer-me mal?

— Estou a fazer todos os possíveis para averiguar isso, mas, entretanto, deves car a saber... — Respirou fundo antes de continuar

a falar. — Nikki, tive de informar a imprensa da tua existência.

Amanhã, vai sair em todas as publicações que a lha do Jacob Leighton está viva e que a tentaram matar.

Ergui-me sem que nenhuma dor me conseguisse impedir e as máquinas apitaram desenfreadamente.

— Tu zeste o quê? — perguntei-lhe, entrando em pânico.

O Alex olhou, angustiado, para as máquinas.

— Acalma-te, por favor — pediu-me, nervoso.

Doía-me o lado esquerdo, doía-me quando respirava, e estar ofegante não ajudava.

— Vou chamar o médico.

— Não! — gritei. Detive-o enquanto me apoiava de lado. — Não faça

isso, estou bem — disse-lhe, respirando fundo e tentando acalmar-me, tentando apaziguar os meus batimentos cardíacos acelerados e a minha respiração, que tentava deixar-me sem ar, maldita redundância.

— Porque zeste isso, Alex? — questioneei quando quei mais calma.

— Porque enquanto continuares anónima, não haverá nada que se possa fazer para os impedir de voltarem a tentar acabar o que tinham começado. Querem-te morta.

— Os que mataram os meus pais? — perguntei, angustiada, e o silêncio do Alex bastou-me como resposta.

— Encontrei uma carta... — admiti, nalmente. — Encontrei uma carta do meu tio, do irmão do meu pai. Pedia ao meu tio Kadek para cuidar de mim e dizia-lhe que, enquanto não descobrissem quem tinha matado os meus pais, eu não devia sair da ilha. Dizia-lhe que não era seguro...

O Alex tou-me, prestando muita atenção.

— Tens essa carta contigo?

Acenei com a cabeça.

— Tenho-a na minha carteira... Uma das razões por que a trouxe nesta viagem foi por querer conhecer o meu tio, queria saber o que aconteceu...

O Alex abanou a cabeça, negando-o.

— Não me parece que seja uma boa ideia conheceres o Devon Leighton, Nikki.

— Porque não?

— Porque não sabemos até que ponto esse homem está inocente, Nicole.

— Mas na carta... — comecei por dizer e o Alex apertou a cana do nariz por alguns segundos.

— Sei que, neste momento, não queres ouvir isto, mas continuo a achar que o culpado de tudo isto, da morte dos teus pais, da morte do teu tio, foi o Devon Leighton, Nikki.

Abanei a cabeça, não acreditando nele.

— Mas somos família...

— Isso não interessa, Nikki — disse com uma calma ngida. — Isto está a tornar-se uma luta muito feia, e a única pessoa que sai a ganhar é o teu tio.

— Perder toda a sua família não signi ca sair a ganhar. Se leres a carta vais ver que...

— Não me interessa o que ele escreveu nessa carta — interrompeu-me, veemente. — Agora, o que importa é que não estás em segurança, ninguém que te conhece está seguro.

Pensei no Nate, na Maggie e até mesmo no Alex, que podiam ter cado feridos, como me acontecera... Eu estava a pôr em perigo as

peessoas de quem gostava.

Pensei no meu tio, que tinha sofrido um enfarte, ou era nisso que me tinham feito acreditar? E se também tivessem sido eles? E se também...

Senti que os meus olhos se enchiam de lágrimas, escorrendo-me pelas faces sem dó nem piedade.

— O meu tio... — disse, abanando a cabeça, sem conseguir acreditar naquilo. — Achas que a morte do meu tio Kadek?...

O Alex olhou-me com pena, com compaixão.

Aquele olhar não me agradou nada.

— Quando me contaste, foi a primeira vez em que pensei nisso, Nikki. São demasiadas coincidências. Parece-me que o teu tio estava ciente do perigo que a tua vinda aqui e o facto de o mundo descobrir que existes representavam. Acredito que o ameaçaram para ele te manter presa na ilha. Parece-me que, quando comecei a fazer perguntas, quem quer que esteja por detrás de tudo isto percebeu a ameaça e tentou abafar o assunto o mais depressa possível.

Limpei as lágrimas, desejando que elas parassem de me correr pela cara abaixo.

— Às vezes, desejava que não tivesses remexido em tudo isto. Por vezes, desejava...

— Eu não acredito em coincidências, Nicole. Acho que isto ia acabar

por se saber e que tens a sorte de me ter aqui para te proteger.

Olhei-o sem perceber a que se referia.

— Se o mundo inteiro souber que existes, não poderão ir atrás de ti como tentaram fazer até agora. Se te tivessem matado, todo este assunto teria morrido e seria enterrado contigo, Nikki, por isso é que contactei a imprensa. Por isso é que é tão importante admitires que és

a lha do Jacob Leighton, que alinhes no jogo deles para ver onde isso nos leva. Entretanto, vais andar colada a mim como uma sombra.

Não vou permitir que voltem a aproximar-se de ti, não vou deixar que ninguém, nunca mais, volte a pôr um dedo sequer em cima de ti. Nada voltará a tocar-te enquanto eu dispuser dos meios necessários para te proteger.

Olhei-o, surpreendida, e, ao mesmo tempo, perplexa.

Não podia passar a ser responsabilidade sua. Nós não estávamos juntos, não éramos... Ele não se podia responsabilizar por mim, eu não podia passar a ser um fardo para ninguém, só queria... Só queria voltar para minha casa, para a minha ilha, car com os meus cães, as minhas aulas de ioga, a minha avó, a minha... Mas, depois, apercebi-me de que o que eu queria não importava. Não importava que desejasse viajar para trás no tempo para não ter aberto a caixa de Pandora da minha família. Não importava, porque já não podia voltar atrás.

Compreendi que a minha vida tinha acabado de mudar e as consequências dessa mudança iriam afetar-me tanto a mim como àqueles que decidissem estar comigo.

— Preciso de estar sozinha — disse-lhe, numa tentativa para assimilar tudo, porque me sentia mais isolada do que alguma vez me sentira a viver numa ilha com menos de cinco mil habitantes.

O Alex compreendeu. Anuiu em silêncio, olhou-me uma última vez e saiu do quarto.

Aquele homem... Apesar de me sentir atraída por ele, sempre que nos juntávamos, aconteciam coisas más.

Não o podia culpar por tudo aquilo, mas uma parte muito profunda de mim, a parte menos racional, na verdade, desejava não o ter

conhecido, não me ter apaixonado por ele, não ter acreditado nele...

Se as coisas tivessem acontecido assim, talvez o meu tio ainda continuasse vivo. Talvez eu não estivesse, neste momento, em Londres, a perguntar-me o que iria fazer para continuar a minha vida quando havia alguém a tentar matar-me.

Fechei os olhos e tentei acalmar a minha mente, os meus batimentos cardíacos, a minha respiração.

Nesse momento, o que me deixou com mais receio foi não ser suficientemente forte para conseguir superar os meus medos e enfrentar aquela que fora a verdade sobre o que estava a acontecer.

Então, uma enfermeira entrou no quarto e perguntou-me se queria que me desse qualquer coisa para dormir.

Sem hesitar, sucumbi ao efeito dos medicamentos para conseguir escapar da forma mais covarde de certos problemas que iriam continuar a estar ali quando decidisse voltar a acordar.

CAPÍTULO 22

NIKKI

Naquela segunda-feira, saiu a entrevista que me zeram para o jornal *The Sun*. Uma reportagem cujo título sensacionalista foi difundida em todo o Reino Unido e que reavivou o caso da morte dos meus pais. Passei muito tempo com os jornalistas, explicando-lhes a razão pela qual tínhamos chegado àquela conclusão, especificando todos os elementos que apontavam para que fosse verdade que eu era filha do Jacob Leighton, mas não ligaram muito até lhes ter mostrado a carta. E essa maldita carta iria sair no jornal, embora eu tivesse insistido que não me sentia confortável com isso, mas, segundo eles, precisavam dela para dar credibilidade à história.

O meu tio Devon entrou em contacto connosco quando a reportagem foi publicada. Eu não tinha falado com ele, mas o que nos tinha chegado tinha sido um convite seu para poder conhecer-me e falarmos pessoalmente.

— E o que vais fazer? — perguntou-me a Maggie, que, desde que eu tinha melhorado, começara a passar os dias a fazer-me companhia.

Não fazia a mínima ideia.

Por um lado, tinha o Alex, que não con avia em ninguém, porque ainda não tinha conseguido determinar quem lhe tinha mandado a ameaça que recebera assim que chegara de Bali. Por outro lado, não podia negar a enorme vontade que tinha de conhecer aquele que tinha sido irmão do meu pai, mesmo sabendo que isso podia ser perigoso para mim.

Do mais fundo de mim, tinha vindo à superfície uma necessidade que só soube que tinha quando comecei a remexer no meu passado: a necessidade de pertença, de descobrir de onde vinha, de saber quem tinha sido o meu pai, de querer conhecer a família que me restava, porque, da parte da minha avó Kuta, já não me restava mais ninguém.

— Deverias ir... — insistiu a Maggie. — Já sabes, conhecê-lo pessoalmente, falar com ele, ver o que te diz, o que te conta e como te explica que tenha desaparecido da tua vida durante todos estes anos.

A verdade era que não percebia nada, nem sequer era capaz de pensar na possibilidade de o irmão do meu pai ter estado envolvido na sua morte. Era tudo demasiado assustador, mas não podia ignorar que os indícios estavam lá.

— Se ele estivesse envolvido, por que razão queria conhecer-me?

— Porque as pessoas estão à espera de que o faça — respondeu uma voz masculina atrás de mim.

Eu estava sentada na cama de costas para a porta, já vestida e pronta para me ir embora.

O Alex entrou no quarto até car dentro do meu ângulo de visão, pondo-se ao lado da Maggie, que o estudou com atenção.

— Para ti não existe a possibilidade de ele não ser o culpado, não é?

— perguntou-lhe a minha amiga.

O Alex olhou para ela um segundo, mas, ao responder, cravou os seus olhos castanhos em mim.

— Ele é o único em toda esta história que tem um motivo lógico.

— Lógico? — repliquei. — O que tem de lógico alguém querer matar a família?

— Para herdar tudo — respondeu com calma. — As pessoas

cometem autênticas loucuras por dinheiro.

— E, então, o que vais fazer? Vais encontrar-te com ele? — voltou a questionar a Maggie com incredulidade e nervosismo na voz.

— Sim — respondi.

— Não — replicou ele.

Os nossos olhares voltaram a encontrar-se de repente.

A Maggie observou-nos como se fôssemos participantes num jogo de ténis.

— Tenho de ir — insisti. — Ele é inocente até prova em contrário.

— E vais arriscar a tua vida na esperança de que ele esteja inocente?

— Ele não me vai fazer nada. O objetivo de ter tornado público tudo isto era justamente travar a ação de quem quer que me quisesse matar.

Se me encontrar com ele, poderemos ouvir o que tem para dizer.

— O Alex tem razão, Nikki, é perigoso — disse a Maggie.

— Não vais — repetiu o Alex.

Suspirei, cansada.

— Queres acompanhar-me? Assim cas mais descansado? — perguntei-lhe, um tanto relutante.

Não estávamos bem, mal tínhamos falado de nós. Não me esquecia das mentiras, nem do facto de uma «namorada» sua nos ter interrompido quando voltávamos do parque na noite do tiroteio. Não tínhamos falado de nada, porque, desde o disparo, tudo tinha sido uma loucura e eu tivera de descansar e car à espera de que me dessem alta.

— Eu acompanhava-te até ao fim do mundo, Nicole, mas não te esqueças de que até há muito pouco tempo, para toda a gente, a única culpada por aquele acidente de avião era a minha família —

respondeu, ignorando o meu tom condescendente.

Pronto.

Levei as mãos à cara, esgotada. Esgotada por todo aquele espetáculo, esgotada de pensar, pensar e pensar, tentando aceitar que, naquela altura, a minha vida corria o mesmo perigo que tinha corrido a vida dos meus pais.

— Neste momento, não posso continuar a evitar isto — admiti, levantando-me da cama devagar.

O Alex deu um passo em frente quando me viu vacilar por causa da dor.

— Estou bem — tranquilizei-o e dirigi a atenção para a minha amiga.
— Vamos?

Ao nal da manhã, tinham-me dado alta, depois de mais de uma semana no hospital a recuperar da operação.

A Maggie hesitou alguns segundos, desviando novamente o olhar para o Alex.

— Nikki, acho que o Alex tem razão e que não é seguro cares...

Outra vez não, pensei.

Olhei aquele homem nos olhos com uma vontade enorme de o assassinar com as minhas próprias mãos.

— Tu vens comigo, Nicole — declarou de braços cruzados.

— Não me vou mudar para tua casa, já falámos sobre isso — repeti pela quinta vez.

— Vais voltar para o mesmo sítio onde te deram um tiro? Sem proteção? Em minha casa, posso proporcionar-te segurança, posso oferecer-te...

— Não vou viver contigo — tornei a dizer.

Estávamos loucos? Como é que eu poderia mudar-me para casa dele, com ele, com as suas coisas, com a sua não namorada?

O Alex abriu a boca, mas a minha amiga interrompeu-o.

— Ontem, o Nate ofereceu-se para eu car durante algum tempo numa *suite* do seu hotel... Tenho a certeza de que também não se importa que tu lá ques, Nikki — disse a Maggie para tentar evitar que nos matássemos ali mesmo. — Num hotel, é mais difícil chegarem a ela.

Por alguns segundos, o Alex avaliou a proposta da minha amiga.

— Muito bem — acabou por aceitar —, mas vocês levam convosco o Francis e o Melvin.

Os gorilas.

Os mesmos homens que ocupavam o mesmo espaço que um armário e que não se tinham afastado da porta do meu quarto no hospital.

— Agora que está tudo esclarecido, já podemos ir? — perguntei a ninguém em concreto.

Foi o Alex que nos acompanhou até ao hotel, um imponente hotel de cinco estrelas no centro da cidade. Acompanhou-nos até à *suite*, um quarto que mais parecia um apartamento, porque tinha dois quartos e uma cozinha incluída. Estávamos no décimo segundo andar e as janelas que iam do chão ao teto ofereciam-nos uma vista absolutamente incrível da cidade.

Deixámos as nossas malas e coisas na entrada, e a Maggie, observando-nos por um instante, pediu licença, dizendo que tinha de falar com a mãe ao telefone.

Desapareceu, enfiando-se num dos quartos, e eu e o Alex ficámos sozinhos no meio do pequeno vestíbulo da entrada.

Entreolhámo-nos e, por um instante, foi como se fôssemos estranhos, como se não nos conhecêssemos, como se não tivéssemos andado enrolados nos braços um do outro durante vários dias, a

trocar beijos até carmos sem fôlego...

— Não me agrada o modo como as coisas estão entre nós —

admitiu, muito atento à minha reação, ao mesmo tempo que expressava os meus próprios pensamentos.

— A mim também não, mas não há nada que possamos fazer — respondi-lhe.

Estava a ser muito dura com ele, era verdade, mas não me encontrava no meu melhor momento. Eu era uma pessoa que se abria completamente quando conava em alguém, e o Alex tinha traído precisamente isso, a minha confiança. Estávamos a descobrir como era a Nikki que já não conava nem nele nem em ninguém, a Nikki que

começava a sentir a pressão de ter deixado a sua casa e a necessidade de alguém que fosse um pilar que a sustivesse perante todo aquele desenrolar de circunstâncias que devia enfrentar nas próximas semanas, ou até meses. Se fosse aberta uma investigação à morte dos seus pais, ela teria de estar ali para depor e segui-la até ao m.

— Nós podemos fazer muita coisa, Nikki — replicou, dando um passo na minha direção.

Pus uma mão no seu peito para o impedi de continuar a avançar e percebi naquele instante que tinha cometido um grande erro ao tocá-lo. A sua mão agarrou na minha antes de eu conseguir afastá-la, apertou-me contra o seu peito e procurou-me com o olhar até o encontrar e me fazer prisioneira dele.

— Sei que sentes que já não consegues con ar em mim, mas...

— O que queres exatamente de mim? — perguntei sem rodeios.

O Alex cou calado durante um bocadinho e só depois voltou a falar.

— Quero voltar a ver-te sorrir — disse, apertando-me a mão que

ainda segurava com rmeza na sua. — Quero que voltes a ter aquela luz no olhar de quando querias mostrar-me alguma coisa ou quando acreditavas que surfavas melhor do que eu. Quero que me fales dos animais que salvaste e me perguntes como é que eu lido com os mosquitos. Quero que me beijes como se eu fosse o único homem que beijaste e quero que voltes a con ar em mim quando te pedir para te despires e para o fazeres devagar, para eu poder admirar-te...

» Porra, Nikki, eu gosto muito de ti. O que é que achas? Que não pensei em ti todos os dias desde que nos separámos? Que não me parte o coração quando penso que tiveste de enfrentar a morte do teu tio sem eu estar lá contigo? Que não me arrependo de não te ter contado tudo o que estava a acontecer na minha vida, inclusive a minha lha? Achas que não pensei inúmeras vezes em como seria apresentar-ta e andar de mão dada contigo como se fôssemos um casal? Dá-me a oportunidade de te compensar por tudo, dá-me a oportunidade de voltar a ter-te apaixonada por mim.

O meu coração batia descompassadamente e o sangue uía-me nas veias, correndo por todo o meu corpo.

A minha mão estava posta sobre o seu peito e conseguia sentir os seus batimentos cardíacos, que, acelerados, se juntavam, na perfeição, aos

meus.

O que acabava de me dizer era maravilhoso, mas que sentido fazia começar algo aqui em Londres quando a minha mente só conseguia pensar em voltar para Bali, em me afastar de toda aquela loucura?

Não queria voltar a passar pelo mesmo.

Não queria sofrer novamente.

— Em breve, tornarei a ir-me embora, Alex — admiti, soltando-me devagar da sua mão, deixando de notar os seus batimentos cardíacos e

sentindo pena ao pronunciar aquelas palavras que, apesar de serem dolorosas, eram absolutamente verdadeiras. — A tua vida está aqui, e, agora mais do que nunca, tens de te concentrar naqueles que precisam de ti — disse-lhe, referindo-me à sua lha. — Neste sítio, não há lugar para um «nós». É possível que, durante algum tempo, tenha havido a dez mil milhas daqui, mas não vejo forma de isto poder funcionar, de isto...

— Precisamente por isso é que te digo, Nikki. Tu percorreste dez mil milhas para me encontrar e agora vais deixar-me escapar?

— Percorri dez mil milhas para te encontrar e o que encontrei foi algo que já não acredito conhecer.

O Alex voltou a dar um passo em frente, desta vez, eliminando todo o meu espaço pessoal. Pegou-me no queixo e levantou-me um pouco a cabeça para que pudesse olhar-me nos olhos.

— Deixa-me mostrar-te que continuo aqui, que continuo a ser aquele que se apaixonou por ti em apenas trinta dias. Nikki, deixa-me...

— A tua vida está aqui — interrompi-o, apesar de o meu coração doer por o ouvir a admitir em voz alta que se tinha apaixonado por mim.

— E a minha nunca estará neste sítio.

Ficámos a olhar-nos, sem saber muito bem o que poderíamos dizer, porque sabíamos que as minhas palavras eram verdadeiras.

Fiquei triste, mas era melhor sermos claros e sinceros em relação à realidade.

— Agradeço-te tudo o que estás a fazer por mim, mas o melhor será sermos só amigos.

Senti aquela palavra queimar-me os lábios como um veneno. Nem sequer sabia se o Alex viria a ser meu amigo... Um amigo não mente, não engana, não oculta informação tão importante...

O Alex não disse nada durante uns segundos até que, por m, recuou um passo, aceitando o que lhe pedia, apesar de ter conseguido ver algo no seu olhar que escondeu de imediato e só me deixou confusa.

— Espero que possamos descobrir quem está por detrás da tentativa de assassinio que sofreste, Nikki. Não vou parar enquanto não voltares a sentir-te a salvo.

— Obrigada — agradecei-lhe com a voz um bocadinho esmorecida.

Abanou a cabeça e, depois de alguns instantes de dúvida, de dor, de algo a pairar no ambiente que não estava nada agradável, foi-se embora.

CAPÍTULO 23

ALEX

As chamadas e as mensagens que a Nikki recebia eram desviadas e registadas num servidor que seguia o rasto de cada uma até à respetiva origem.

Não achei estranho que o Devon Leighton insistisse quase todos os dias para tentar falar com a Nikki. Era provável que o grandessíssimo cabrão quisesse fazer-lhe a cabeça para a apanhar com a guarda em baixo e poder terminar o que tinha começado quase vinte anos antes.

Não iria permitir que isso acontecesse.

A polícia estava a par de tudo aquilo, tinham-nos interrogado, tanto à Nikki como a mim, depois da tentativa falhada de assassinio e seguiam de perto qualquer suspeita que pudesse confirmar a minha hipótese em relação às intenções do herdeiro da família Leighton.

Não me sentia minimamente tranquilo quanto a todo aquele assunto, e, apesar de ter posto dois guarda-costas a vigiá-la vinte e quatro horas, não poder vê-la, nem comprovar por mim mesmo que ela estava em segurança deixava-me muito nervoso.

Não tínhamos voltado a falar desde que a tinha deixado no hotel do Nate. Não tínhamos voltado a trocar mais de algumas mensagens a

dizer «Como estás?» e «Todos os dias, estou um pouco melhor», da parte dela.

Era estranho... Era estranho tê-la ali, tão perto de mim, e não estar a aproveitar o tempo. Sentia o mesmo que tinha sentido em Bali por

dispor apenas de trinta dias para a ver, mas aquilo era pior, porque não fazia ideia de quando ela iria regressar ao seu país.

Tinha-me pedido para sermos amigos...

Amigos.

Essa palavra queimava-me a garganta e tornava-se quase impossível para mim pronunciá-la em voz alta para de nir a nossa relação.

Nós não éramos amigos, porra.

Nunca o seríamos.

O meu telefone tocou, e, ao ver que era o Francis, atendi sem hesitar.

— Voltou, senhor — disse-me o guarda-costas da Nikki num tom neutro.

— Outra vez? — perguntei, reparando na raiva e nos ciúmes a brotar do meu interior, como uma erva daninha.

— Sim, chegou há um minuto e agora encontra-se lá dentro com as meninas, senhor.

— A Maggie está lá com eles? — indaguei.

— Sim, senhor — respondeu o Francis com paciência.

Olhei pela janela do salão para a chuva torrencial que caía naquele momento, molhando tudo e enchendo o ambiente do cheiro a humidade e erva molhada.

— É tarde... — a rmei, mais para mim mesmo do que para aquele que me tinha ligado.

— Bem sei, senhor — repliquei e apercebi-me de que estava a ser um idiota.

Nunca tinha sentido ciúmes na vida, e muito menos de um imbecil como o Erik, mas em que momento é que aquele idiota passava mais

tempo com a Nikki do que eu, que, há meses, sonhava conseguir vê-la ou tocá-la ou muito simplesmente falar com ela?

A Nikki queria que fôssemos amigos?

Muito bem... Encarregar-me-ia de lhe mostrar quão bonita a nossa amizade podia ser.

CAPÍTULO 24

NIKKI

Custava-me dormir um sono tranquilo à noite. Calculo que fosse por já não me darem calmantes, por ter tido alta do hospital, por isso, os primeiros dias foram difíceis. Assim que saí do hospital, tentei recuperar com calma, embora me sentisse melhor a cada dia que passava.

Tiraram-me os pontos na semana em que tive alta do hospital e, desde então, conseguira recuperar a mobilidade quase por completo.

Tinham sido raras as vezes em que o Erik tinha insistido para vir visitar-me, e, quando o zera, tínhamos visto lmes com a Maggie e pedido para virem entregar-nos pizzas no quarto. Era um bom tipo, mas deixei claro que, naquele momento, não queria ter mais nada. Só compreendeu isso em parte, porque, sempre que vinha, tentava car sozinho comigo, algo que a Maggie não permitia, porque eu a tinha instruído para isso.

Ela não tinha dado um único passo para cumprir a decisão de confessar ao Nate que estava grávida e eu não tinha voltado a ver o Alex. Muitas vezes, a nossa última conversa impedia-me de conseguir adormecer.

Naquela noite, por exemplo, tive um pesadelo no qual a minha avó também aparecia morta, como o meu tio, com o corpo inerte, o olhar perdido, a pele fria e pálida, deixando-me de nitivamente sozinha.

Assim que abri os olhos, peguei no telefone e marquei o seu número.

A minha avó não era grande adepta das novas tecnologias, pelo que não quei admirada quando, ao tentar fazer uma videochamada com ela, dei por mim a tar a sua orelha esquerda e um pouco do seu cabelo já branco.

— Avó, olha para a câmara — gritei-lhe, porque não conseguia ouvir-

me bem. Quando, nalmente, fez o que lhe pedia, vi o seu rosto bonito e velho a sorrir para o ecrã.

A minha avó, a única familiar viva que me restava, ou melhor, a única familiar viva em quem eu podia con ar.

— Estás muito magra! — disse-me em *bahasa indonesia*, a minha língua materna, que eu dominava melhor do que o inglês.

Revirei os olhos, embora, naquele momento, ela tivesse razão. Ter passado uma semana internada no hospital, a operação, ter tido pouco apetite, tudo se re etira diretamente no meu aspeto.

— Estou bem, avó, podes car descansada. Aqui, a comida não é tão boa como a tua.

— Não há comida nenhuma no mundo que seja tão boa como a minha, minha menina — respondeu, resmungona.

— Avó, porque não sorris um pouco? — perguntei, provocando-a.

Automaticamente, esboçou o sorriso mais adorável do mundo, sobretudo porque estava um bocado desdentada, uma coisa que eu tinha tentado resolver mil vezes, mas ela recusava-se, porque odiava ir ao dentista.

— Conta lá, que tal Londres? — questionou com curiosidade.

Para a minha avó, saber que eu tinha viajado para tão longe era só por si uma proeza. Ao contrário das outras avós, que não tinham tido uma lha a ir-se embora, apaixonada por um inglês e que viajara pelo mundo inteiro, continuava a custar-lhe assimilar que alguém do seu sangue estivesse a tantas milhas de distância.

Quanto à sua pergunta, obviamente, não lhe tinha dito que alguém havia tentado matar-me. Nunca caria a saber o que verdadeiramente se passara em Londres, pelo menos enquanto eu estivesse viva. Esbocei um sorriso forçado e disse-lhe que estava muito contente, contei-lhe situações engraçadas dos primeiros dias, falei-lhe do frio que fazia e ao qual não me conseguia habituar e ouvi-a contar-me coscuvilhices da ilha, sobretudo mexericos sobre as suas amigas ou alguns turistas.

Desde que o meu tio tinha morrido, o *banjar*, uma espécie de polícia local, tinha-o substituído, tornando o seu subchefe no novo chefe, coisa que eu não tinha estranhado, nem sequer me preocupava. O

banjar estava preparado para continuar o trabalho, iria manter sempre a ordem. Quando alguém falecia, tudo seguia o seu curso, como acontecia na natureza.

Eu sabia que a minha avó achava aquilo estranho e reparei nisso devido a tudo o que me contou. Parecia não querer desligar a chamada e eu, satisfeita por conversar com ela e distanciar-me do que me rodeava, deixei que os minutos passassem até carmos sem coisas para contar uma à outra. Não gostara de a deixar sozinha na ilha mais tempo do que o esperado, mas sabia que estava bem.

— Olha quem acabou de chegar depois de ter feito sabe Deus que disparates por aí — disse-me, voltando a apontar o telefone para qualquer coisa pouco interessante de se ver, por exemplo, o teto do seu quarto.

Um latido a seguir a outro chegou-me aos ouvidos através do telefone e um sorriso enorme desenhou-se no meu semblante.

— É o *Batú*?

Outros dois latidos responderam à minha pergunta e, pouco depois, a minha avó virou o telefone e o meu bonito cão apareceu no ecrã.

— Como está o meu cão lindo?! — perguntei, rindo-me quando ele começou a agitar-se como um louco só de me ouvir.

— Está quieto, malvado, anda cá!

Revirei os olhos.

— Avó!

O *Batú* voltou a aproximar-se da minha avó, que lhe mostrou o telefone para ele me conseguir ver. Eu sabia que, para ele, aquilo não tinha o mesmo efeito que para mim, os cães precisam do olfato para identi car as pessoas e, através de um ecrã, era impossível fazer isso, mas, ao ver-me e ouvir-me, soube que eu estava por perto.

— Meu lindo, tenho tantas saudades tuas — a rmei enquanto ele olhava para o ecrã, ofegante e com a língua pendurada. Parecia estar a sorrir.

Eu sabia que ele estava a ser bem cuidado. A minha avó, o Gus e o Eko encarregavam-se de o vigiar para que não lhe faltasse nada, e eu

sabia que tinha estado a dormir com a minha avó desde que me tinha ido embora, a guardá-la e a fazer-lhe companhia.

Por um instante, senti uma onda de tristeza muito profunda, tão profunda que, por um bocadinho, saí do ecrã para me recompor.

— Não te vejo! — gritou, então, a minha avó. — Nikki! Nikki, não te vemos!

Respirei fundo e fiz um esforço para voltar a sorrir.

— Vó, tenho de desligar — menti, porque não conseguia continuar a ter uma conversa jovial sem desatar a chorar. Para mim, era difícil não poder contar tudo à minha avó, não lhe poder dizer o que tinha acontecido, o que sabia sobre a minha família, sobre os meus pais, a sua morte, a tentativa de assassínio de que fora alvo...

— Liga mais vezes — disse-me, sem insistir muito em continuar a falar. Conhecia-a bem, por isso sabia que devia ter coisas para fazer, visto que lá eram três da tarde.

Despedi-me deles e deixei o telefone em cima da cama. Eram oito horas, muito tarde para mim, que costumava pronta às sete da manhã, o mais tardar. Aproximei-me da janela e vi que o céu estava mais cinzento do que nunca. As árvores agitavam-se devido às fortes rajadas de vento e vislumbrei alguns transeuntes a debater-se com os guarda-chuvas, tentando que estes não voassem, nem se rasgassem por causa da tempestade.

Apetecia-me sair, mas com aquele tempo...

Como é que as pessoas conseguiam viver o ano inteiro sem ver o sol?

Na *suite* do hotel tínhamos uma pequena cozinha, pelo que saí do meu quarto e fiz um café, observando tudo o que me rodeava. Sem fazer barulho, aproximei-me do quarto da Maggie, que dormia placidamente abraçada a uma almofada. Lembrei-me de que antes de acontecerem os disparos, antes de tentarem matar-me, a minha intenção era falar com o Nate e contar-lhe o que se passava. A minha amiga continuava grávida, sem saber qual dos seus dois amantes era o pai da criança e, embora ainda fosse muito ténue, já se começava a notar. Apesar disso, podia disfarçar a situação, como se apenas tivesse uns quilos a mais, mas a Maggie tinha uma compleição delgada. As mamas, naturalmente proeminentes, já mal podiam ser disfarçadas com a roupa que vestia, qualquer pessoa que olhasse para ela com mais atenção seria capaz de compreender, e o tempo não parava...

Acabei de beber o café e vesti-me com a intenção de ir dar uma volta. Parecia ter deixado de chover. Vesti várias camadas de roupa, um casaco, pus um gorro, um lenço e calcei umas luvas. Quando achei

que já estava su cientemente agasalhada, abri a porta da *suite* com a intenção de sair.

Ali, ao pé da porta, estava um dos guarda-costas do Alex.

— Vai a algum lado, menina? — perguntou-me o Francis com amabilidade.

Por instantes, avalei a opção de car ali, mas sentia-me encurralada... Precisava de sair, de ir ao parque, de me afastar um pouco de toda aquela loucura de carros e edifícios altíssimos.

— Ia até ao parque — respondi, ao que o Francis anuiu sem reclamar e indicou-me o caminho com o braço. Satisfeita por ele não ter levantado nenhuma objeção, começámos os dois a andar em direção aos elevadores. Chegámos e, precisamente quando carregava no botão para descer, um sinal sonoro indicou-nos que já se encontrava no nosso andar. As portas abriram-se e um Alex bem-vestido apareceu à minha frente.

Fiquei quieta, surpreendida e confusa por voltar a vê-lo depois de tantos dias sem saber nada dele.

— O que estás aqui a fazer? — perguntei-lhe com alguma brusquidão, porque me tinha apanhado completamente de surpresa.

Se tinha de o ver novamente, preferia ser avisada primeira, caso contrário, comportar-me-ia como uma grande idiota. Fiquei corada, com a pulsação acelerada e começava a balbuciar como se tivesse cado com poucos neurónios. O meu cérebro pareceu deixar de funcionar e todas as minhas preocupações se resumiam a perguntar-me como era possível que alguém tão alto e elegante como ele também pudesse ter feições que o tornavam no tipo mais sensual que eu alguma vez tinha conhecido.

Devíamos ter a capacidade de bloquear as nossas hormonas quando

a nossa relação com uma pessoa deixava de funcionar. Porque a minha mente sabia o que devia fazer, que mais nada podia acontecer entre nós, mas, por outro lado, o meu maldito corpo só conseguia pensar em desabotoar-lhe a camisa à pressa e fechar-me com ele no quarto para lhe pedir que me zesse todas aquelas coisas que só ele

sabia fazer.

Porra.

— Vinha convidar-te para tomar o pequeno-almoço — a rmou, esboçando um pequeno sorriso com um olhar de menino bom, tentando convencer... ninguém, porque todos os que ali estavam presentes sabiam que de menino bom ele não tinha nada.

Pestanejei para me tentar concentrar.

Não tínhamos deixado claro que a nossa relação tinha terminado?

— Disseste que podíamos ser amigos, não foi? — perguntou-me, segurando as portas do elevador com a mão para que estas não se fechassem, lendo perfeitamente os meus pensamentos.

— Bom, sim, mas...

— Hoje faço anos — interrompeu-me com aquele pormenor, surpreendendo-me. — Faço trinta anos, não me vais deixar tomar o pequeno-almoço sozinho no meu dia de anos, pois não? — perguntou e senti uma pontada de culpa e também de tristeza, porque acabara de descobrir o seu aniversário. — Se vieres, levo-te a provar os melhores *scones* da cidade. Vamos? — disse ao Francis, que olhou para mim e me instou a entrar no elevador com ele enquanto abanava a cabeça.

Vi-me, então, fechada num sítio de dois metros quadrados com dois homens enormes ao meu lado e a sensação de que tinham acabado de me armar uma cilada.

O Alex olhou-me de alto a baixo à medida que o elevador descia e reparei no brilho divertido que aparecia no seu olhar.

— Estás a achar tanta graça a quê? — perguntei-lhe, ainda sem saber se estava chateada por quase me ter obrigado a tomar o pequeno-almoço com ele ou incrivelmente entusiasmada por ver que queria passar comigo a manhã do dia do seu aniversário.

— Não está assim tanto frio — a rmou, tando o meu gorro, o meu lenço e as minhas luvas cor-de-rosa a condizer.

O assunto do frio, e as nossas perceções dele, parecia ser um assunto recorrente.

Reparei que não trazia nenhum casaco. Camisa e *blazer*, sem gravata,

mocassins e calças de fato, mas mais nada...

As portas do elevador abriram-se e, ao sair, reparei nas pessoas.

Ninguém andava de gorro nem luvas, até vi um homem de manga curta.

Olhei para o Alex, que parecia estar a tentar controlar a sua imensa vontade de desatar a rir.

— Estão três graus ali fora — disse, em jeito de justi cação.

O Francis olhou-me, incrédulo, e o Alex passou a mão pela boca, tentando disfarçar um sorriso.

— Estás com um gorro muito giro — disse, em jeito de piropo. Senti uma grande vontade de o insultar com um gesto, mas contive-me.

Não podia perder a compostura.

Assim que saímos do hotel, o vento fustigou-nos com força e não pude deixar de lhes lançar um olhar de superioridade.

Estava frio.

Muito frio.

— Vamos no meu carro — disse o Alex, fazendo sinal ao empregado que aguardava à entrada do hotel com as chaves na mão.

— Estarei sempre atrás de vocês, senhor — disse o Francis, erguendo uma mão na direção do Melvin, que esperava ao pé do carro do Alex, dentro de um *Range Rover* preto.

— Vamos em dois carros, podendo ir os quatro no mesmo? —
perguntei.

O Alex pegou nas chaves que o rapaz lhe entregava e dirigiu-me toda a intensidade do seu olhar.

— Gosto de ter a minha privacidade — declarou. — E assim podemos falar à vontade.

Por que motivo é que, de repente, a palavra «privacidade» a sair da sua boca me provocava tantas coisas que eu não queria voltar a sentir na sua presença?

Falar.

Falar de quê? Sobre o quê?

Já tínhamos falado de tudo o que tínhamos de falar e, apesar disso, estávamos ali, outra vez juntos.

O Alex abriu-me a porta do seu reluzente *Tesla* e entrei, perguntando-me porque voltava a entrar naquele carro se a última vez que o zera não tinha acabado nada bem.

A nossa relação tinha terminado.

Há meses, numa ilha muito distante dali.

Reparei em como manipulava o carro e que, subitamente, uma onda de ar quente me atingiu a cara e os pés.

Comecei a sentir o rabo quente e passei-me quando percebi que o calor vinha do assento.

— Assim está melhor? — perguntou-me, sorrindo ao mesmo tempo que puxava um botão e arrancávamos para o trânsito londrino.

Anuí, mantendo o olhar xo em frente. Sentia-me demasiado atraída ao vê-lo ao volante de um carro tão imponente, tão moderno, tão distante dos carros que tinha visto em Bali.

— O que faço aqui, Alex? — indaguei num tom um pouco incomodado, embora, na verdade, estivesse chateada comigo mesma, chateada por não conseguir bloquear aquelas sensações que não queria sentir e com as quais o meu corpo parecia gostar de me torturar.

— Já te disse — explicou-me num tom paciente. — Comentaste que podíamos ser amigos, e isto somos tu e eu a sermos amigos.

Suspirei.

— Nunca pensei que seguisses as palavras tão à letra.

— Nunca subestimes o entendimento literal.

— Disseste que querias falar. Sobre o quê em concreto? — perguntei-lhe num tom um bocado seco.

O Alex lançou-me um olhar curioso.

— Em Bali, eras mais simpática — queixou-se.

— Em Bali, fomos outra versão de nós mesmos — respondi.

— Em Bali, fui quem sempre quis ser, quem gostaria de ser agora — replicou.

— Ah, sim? — retorqui. — E como queres ser agora?

— Um homem que leva uma mulher linda a tomar o pequeno-almoço — respondeu.

Olhei-o de soslaio, sem cair na sua armadilha.

— Parece-me que isso de levars mulheres lindas a tomar o pequeno-almoço fora não é uma coisa nova para ti — comentei.

— Estou a ver que vais direito ao assunto... — afirmou, passando a mão pela barba, porque estava um bocado nervoso.

— Estou apenas curiosa... Como amiga, claro. — esclareci.

O Alex virou para entrar numa avenida cheia de carros e muito trânsito.

— É a minha ex — acabou por dizer, repetindo o mesmo que já me tinha dito anteriormente.

— Acho que ela não está completamente a par do m da vossa relação — disse com sarcasmo.

— Posso esclarecer isso novamente, não te preocupes.

— Além disso — prossegui —, a tua ex posa contigo numa fotografia de família na festa de aniversário da tua mãe? — questionei.

— Maldita revista — murmurou em voz baixa.

— Isso não é resposta — insisti.

— Ela é amiga da família.

— Pois.

O Alex olhou para mim.

— É, sim senhora.

— Vais para a cama com uma amiga da família? — perguntei, então, deixando-me levar e sem pensar nas consequências daquelas perguntas... Estava a deixar muito claro quais eram os meus sentimentos.

— Porque perguntas isso? — quis saber, sem me olhar diretamente.

— Porque não respondes?

Vi que apertava o volante com um pouco mais de força.

— De vez em quando... — replicou e a sua resposta atingiu-me no coração como um punhal. Tentei ser objetiva, não éramos nada um ao outro, ele podia fazer o que quisesse.

— Ótimo — respondi, fazendo um sorriso forçado, completamente falso.

— Ótimo? — perguntou, confuso.

Fiquei calada por um momento. Claro que aquilo não me agradava, como raio havia de me agradar? Não tinha percorrido aquela distância toda para vir vê-lo a ir para a cama com outra.

Naquele momento, um camião passou por nós e o Alex começou a ultrapassá-lo.

— Parece-me ótimo que tenhas alguém com quem te podes divertir um bocado. O Erik também me faz boa companhia nesta cidade, é um rapaz muito porreiro.

Vi todos os músculos do Alex carem tensos e não foi propriamente pela manobra de ultrapassagem. Tive de me agarrar com força ao *tablier* quando voltou a colocar-se na faixa em que devíamos estar.

Quase embateu num camião que seguia à nossa frente. O seu braço voou diretamente até mim, numa tentativa inútil de evitar que me magoasse, no caso de batermos, mas não deixei que aquele gesto me toлдasse a mente.

— Andas a dormir com o Erik? — perguntou-me, então, ignorando as buzínadelas dos carros de trás e recuperando a posição das duas mãos no volante.

E foi aí que estraguei tudo, completamente.

Olhei-o nos olhos e menti-lhe.

— De vez em quando.

O Alex contraiu a mandíbula com força e olhou em frente.

Conduzia bastante depressa, mas ele não se importava. Não perdeu o controlo do carro em momento algum, mas, ao reparar na sua reação com atenção, pude ver que estava afetado, muito afetado com a mentira que eu acabara de lhe contar.

— Julguei que não ias para a cama com qualquer um — disse alguns segundos depois num tom gelado que me custou reconhecer como seu.

Não pensei naquilo.

— Também fui para a cama contigo, não foi? — respondi.

O Alex lançou-me um olhar que, embora tenha tentado dissimular com todas as suas forças, percebi que escondia alguma dor. Dor misturada com ciúmes.

— Noto um certo ressentimento, Nikki... Alguém que pratica ioga como tu não deveria saber eliminar esse tipo de sentimentos tão negativos? Tens de ver se os teus chacras estão a car loucos.

— Os meus chacras estão ótimos, obrigada.

Fulminámo-nos com o olhar, e, então, vi que estacionava em frente a um edifício imponente com homens vestidos de preto-e-branco à espera à porta.

— Onde estamos?

— No Ritz — respondeu, saindo do carro.

Tentei fazer o mesmo, mas ele tinha trancado as portas. Não percebi nada, só o vi passar à frente do carro com uma mão a fechar o casaco até chegar à minha porta, voltar a destrancar os fechos e abri-la ele mesmo para me deixar sair.

— Posso abri-la sozinha.

— A minha educação inglesa nunca o permitiria — disse, e a maneira como me olhava era tão intensa que, por alguns instantes, senti os joelhos a tremer.

— A tua educação inglesa deixa muito a desejar — respondi uns segundos mais tarde do que o habitual.

O Alex arregalou os olhos, surpreso.

— Se a minha mãe te ouve... — Olhou-me como se o que acabava de lhe dizer pudesse dar azo a um escândalo.

— Senhor Lenox, dá-me licença? — interrompeu-nos um dos homens.

O Alex estendeu-lhe a chave do seu carro e, com a mão, indicou-me que o acompanhasse.

Adiantei-me até subir umas escadas alcatifadas de um edifício antigo e elegante e com uma sumptuosidade que nunca tinha visto.

Entre nós os dois, acabava de se gerar uma tensão nada agradável, uma tensão carregada de ressentimento, censuras não verbalizadas e ciúmes. Sim, sentíamos ciúmes, ou pelo menos eu sentia-os. Ciúmes por ter ido para a cama com a ex dele, por ter seguido em frente, como se a nossa relação em Bali não tivesse existido, ciúmes porque o via no seu ambiente e me apaixonava mais do que alguma vez tinha sequer imaginado, e, sobretudo, porque, no fundo, sabia que ainda havia muitas coisas que eu desconhecia e que ele não me contava.

Senti, então, o roçar da mão do Alex nas minhas costas quando me guiou para a esquerda e toda a minha pele cou arrepiada.

Queria afastar-me, retirar a sua mão das minhas costas, virar-me, sair dali e, se fosse preciso, voltar a pé para o hotel, para evitar todas aquelas sensações desagradáveis. Ele tinha razão, eu não era assim, não era uma pessoa rancorosa nem ciumenta. Londres estava a mudar-me, aquela cidade estava a tornar-me uma pessoa zangada com a vida, quando eu amava a vida tal como ela era. Sempre tinha sido assim.

No entanto, eu não podia fazer nada, não quando o meu corpo vibrava por causa de outra pessoa, quando todas as minhas malditas células pareciam querer empurrar-me para aquele homem que sempre foi demasiado para mim.

Mudámos de direção, para um corredor bastante comprido, um corredor deserto, afastado do barulho da receção do hotel.

Sem que me apercebesse, a sua mão tinha-me pegado no braço e

pusse-me para trás de uma porta que só passado um bocado percebi que dava para uma casa de banho para pessoas com mobilidade reduzida. Não consegui perceber antes, porque ele nem me deu tempo de dar uma vista de olhos rápida, apanhou-me tão desprevenida que, quando quis fazê-lo, as minhas costas já tinham chocado contra a porta e ele estava tão perto da minha boca que nem fui capaz de pensar nem de raciocinar.

— Em Bali, pedi-te para vires comigo, lembras-te? — perguntou-me muitíssimo perto de mim. — Pedi-te para vires e tu disseste-me que não.

Tentei fazer com que o ar me entrasse nos pulmões, mas o que entrou foi a sua respiração quente, que se colou aos meus lábios. As minhas mãos apoiaram-se por instinto no seu peito, primeiro, com a intenção de o afastar, mas não o consegui fazer por mas ter segurado com força.

— Não podes aparecer do nada e car chateada por eu ter seguido em frente. Deixaste muito claro que não podias fazer parte da minha vida.

— Não estou chateada por causa disso — disse-lhe, tentando soltar-me com força.

— Ah, não? Então, porque estás chateada?

Não pensava admiti-lo em voz alta.

Jamais.

— Estás com ciúmes? É isso, Nikki? — sugeriu.

O facto de revelar os meus sentimentos por palavras teve mais peso do que imaginei. Os meus olhos voaram para ele, a emanarem ira.

— E se estiver? — admiti, irritadíssima, irritadíssima por o imaginar com outra, por o imaginar com alguém que não fosse eu.

O Alex susteve a respiração por alguns segundos antes de a rmar:

— Nesse caso, já somos dois, porra. — E beijou-me.

Chiça, se me beijou.

Merda.

Merda.

As suas mãos estiveram em todo o lado, a sua língua invadiu a minha boca, tentando recordar a mesma sensação que tivemos uns meses antes.

Porra.

Não consegui fazer nada.

As minhas mãos agarraram-se à sua camisa, puxando-o para mim, e as suas desceram para me agarrarem pelo rabo e levantar-me, até as minhas pernas lhe rodearem as ancas.

Meu Deus.

Reparei na rigidez do seu membro contra o meu estômago e senti que me perdia... que me perdia nos seus braços e na sua boca, que eram como uma droga.

Acabava de perder a minha primeira batalha comigo mesma.

Acabava de ceder perante o desejo quando era evidente que nada de bom podia resultar daquilo.

— Não gosto nada que estejas tão chateada comigo, Nikki — disse-me, então, afastando-se um pouco, mas acariciando-me com o seu hálito.

— Não devias estar a beijar-me — lembrei-lhe por entre sussurros, mas nem sequer me afastei. Desejava com todas as minhas forças que voltasse a meter-me a língua na boca.

— Porque não? Quem nos impede? — Com uma certa aspereza, voltou a fazê-lo, tornou a beijar-me.

Inclinei a cabeça para trás, contra a porta, enquanto o deixava aceder ao meu pescoço, o deixava beijar-me e provocar todas aquelas sensações que me deixavam completamente fora de mim. As suas mãos apertaram-me as mamas enquanto lhe envolvia a cintura.

Mexi-me à procura de uma fricção de que precisava e que di cilmente conseguiria naquela posição.

Meu Deus, estava a deixar-me levar, a deixar-me levar pelo meu instinto mais primitivo.

Os seus beijos no meu pescoço, a sua fragrância a inundar-me todos os sentidos, os seus braços a agarrar-me e o seu corpo rme a pressionar-me contra a porta, como se ele não quisesse deixar sequer meio centímetro entre nós os dois, como se não houvesse espaço no mundo para ambos e tivéssemos de nos espremer para cabermos.

Desceu a mão das minhas mamas e tornou a segurar-me pelo rabo. A sua mão direita deslizou mais um pouco e, através do material no das minhas *leggings*, tocou-me onde o meu corpo pulsava, cheio de desejo.

— Por favor — sussurrei contra a sua boca.

— Sim... Pede-me isso, Nikki, pede-me isso e tê-lo-ás, aqui e agora, terás o que tu quiseres.

E eu queria-o... Queria-o com todas as minhas forças. Precisava de voltar a sentir-me tão viva como me tinha sentido quando tínhamos estado juntos a partilhar os nossos corpos.

A sua mão tornou a mover-se e escapou-se-me um gemido entrecortado. Beijou-me e mordeu-me o lábio com força.

— Não quero que ninguém te toque como eu — disse, rouco contra a minha boca. — Ninguém, Nikki, promete-me isso — pediu-me, desesperado.

Demorei mais alguns segundos a perceber o que me dizia. Nunca ninguém me tinha tocado como ele fazia naquele momento, ninguém me tinha tocado, exceto ele.

Lembrei-me, então, da mentira que lhe tinha dito no carro e senti prazer por vê-lo com ciúmes, senti prazer por ver que também sofria como eu ao imaginá-lo com outra... A injustiça de tudo aquilo era que, da sua parte, era verdade. Ele tinha mesmo ido para a cama com outra.

Não tinha o direito de fazer aquela exigência.

Ao ver que não lhe respondia, intensi cou a maneira como me tocava e a sua forma de me beijar.

Estava chateado e eu descobria que o Alexander Lenox chateado e excitado era uma combinação explosiva para o meu corpo.

Fiquei preocupada por ter gostado tanto da sensação de saber que

tinha um determinado poder sobre ele. Se continuasse a tocar-me assim, se continuasse a mexer a mão daquela forma, se a sua boca continuasse... Voltei a suspirar e tapou a minha boca com a sua. Eu estava quase a explodir de prazer, mas, depois, a sua mão, sem querer, roçou-me na parte lateral onde tinha a ferida da operação e escapou-se-me um esgar de dor.

Deteve-se logo.

— Porra — disse, assustado. — Merda, magoei-te?

Abanei a cabeça, negando-o, enquanto tentava voltar a mim, porque a dor que acabara de sentir me tinha trazido de volta à realidade, como se me tivessem atirado um balde de água fria.

Pestanejei para tentar sair da confusão entre o prazer insatisfeito e a dor no meu tronco.

Pôs-me no chão e pousou a sua mão cuidadosamente sobre a ferida.

— Estou bem — a rmei, tentando recuperar o fôlego, tentando assimilar o que acabava de acontecer.

O Alex pôs as mãos nas minhas faces, alisou-me o cabelo para trás e observou-me, preocupado.

— Dói-te?

— Não — menti, zangada com a vida e as suas malditas circunstâncias, por ter parado aquele momento em que quase...

Foda-se.

— Desculpa. Por instantes, esqueci-me de que...

— Não faz mal — disse-lhe, respirando e tentando recuperar a compostura.

Os nossos olhares encontraram-se e... Foi como se nos víssemos pela primeira vez desde que eu tinha chegado a Londres.

Desviei o olhar quando soube que, se continuasse a olhar-me assim, voltaria a cair na tentação.

— Acho que devíamos voltar — declarei, alisando a minha roupa com as mãos, um gesto que não fazia sentido, tendo em conta que usava roupa desportiva e não havia nada para alisar, além de umas *leggings* e

um *top*.

O Alex pareceu estar prestes a refutar a minha ideia, mas acabou por concordar com um aceno de cabeça.

— Vamos lá — disse depois de demorar uns segundos a compor a roupa. Nem me tinha apercebido de que as minhas mãos lhe tinham desabotoado quase todos os botões da camisa.

Credo, que vergonha.

Fiquei corada que nem um tomate.

— É demasiado tarde para sentires vergonha — comentou num tom que não soube muito bem como interpretar.

Abriu-me a porta, exibindo os seus modos impecáveis, e regressámos juntos para o vestíbulo do hotel.

CAPÍTULO 25

NIKKI

Por m, chegámos ao que supus ser uma espécie de restaurante dentro do hotel. Para onde quer que olhasse, via mesas com toalhas elegantes e cadeiras estofadas em tons cor-de-rosa e mar m. As paredes tinham pinturas a óleo e os tetos estavam pintados de dourado, onde tinham sido pendurados lustres de cristal enormes.

Baixei os olhos para a minha roupa: *leggings* e ténis desportivos.

— Não estou vestida para entrar num sítio destes.

O Alex voltou a pôr-me a mão nas costas e insistiu para que eu entrasse.

— Estás perfeita.

Era evidente que não estava, mas deixei que me conduzisse até uma mesa um bocado afastada.

Entre nós, havia uma energia eletrizante que eu nunca tinha sentido com ninguém. Ainda conseguia sentir os seus lábios nos meus, a sua língua a acariciar a minha e o seu corpo a apertar-me com desejo contra a parede. Olhei para os dois lados, sentia que todos os que ali estavam sabiam o que quase tínhamos feito na casa de banho e voltei

a sentir o rosto corar. O Alex, pelo contrário, tinha um ar impassível... A única coisa que o denunciava era a tonalidade dos seus lábios, que estava mais marcada devido à intensidade dos beijos que tínhamos acabado de trocar.

Chegámos à mesa e ele adiantou-se para me puxar a cadeira e ajudar-me a sentar.

Eu não gostava de receber tanta atenção.

— És sempre assim? — perguntei, tentando imitá-lo e fazer de conta que não se passara nada entre nós.

— Assim, como? — replicou, olhando-me, admirado, quando se sentou precisamente à minha frente.

— Assim, exageradamente cavalheiro.

— Ainda há pouco dizias que a minha educação deixava muito a desejar — comentou.

— Ser cavalheiro e ser educado não é a mesma coisa.

— Ah, não? — perguntou, arqueando as sobrancelhas.

— Ser cavalheiro implica falsidade. A educação faz parte de nós — expliquei.

— Agora estás a dizer que sou falso?

O meu silêncio foi a única resposta que lhe dei.

Fomos interrompidos pelo empregado de mesa.

O Alex não desviou os olhos de mim em momento algum.

— Queres que peça por ti?

Teria gostado de lhe dizer que não, que podia pedir sozinha, mas não me apetecia perder tempo a ler a ementa.

Além disso, não tinha fome.

— Pede lá — respondi-lhe.

Pediu chá para ele e café para mim e mais algumas coisas que não

percebi, entre elas, os *scones* de que me tinha falado antes.

Quando o empregado de mesa se foi embora, voltámos à nossa conversa tensa.

— Onde é que nós íamos? Ah, sim, estavas a dizer que eu era falso

— disse.

Mantive-me rme.

— Pois és.

— Os teus gemidos entrecortados quando ainda há poucos minutos quase te levei ao orgasmo também eram falsos?

Abri os olhos de espanto e olhei disfarçadamente para ambos os lados. Estava louco?

O Alex observou-me em silêncio por alguns instantes e um sorrisinho surgiu no seu rosto, o que me surpreendeu, derreteu e me deixou completamente deslocada ao mesmo tempo.

Obviamente nem lhe respondi.

— Tenho de admitir que a cidade te tornou tão cínica como todos os infelizes que não tiveram a sorte de nascer numa ilha paradisíaca.

— Parece-me que me caiu a venda dos olhos.

— É o que acontece quando alguém sai da sua zona de conforto — respondeu.

— Continuo a perguntar-me o que ganhei por me afastar dali.

Ficámos calados, a olhar um para o outro.

Trouxeram-nos as bebidas, que, fumegantes, elevaram uma névoa entre nós.

Quando o empregado de mesa voltou a afastar-se, o Alex estendeu a mão por cima da mesa, pedindo-me que lhe desse a minha.

Não o z.

— Estou a ver que chegar a ti vai ser muito mais difícil do que

imaginava.

— E isso surpreende-te?

Afastou a mão e levou-a à sua barba, que começava a crescer, antes de responder.

— Surpreende-me que tenhas aceitado vir comigo.

A mim também.

— Talvez não o devesse ter feito.

— A vida está cheia desses «talvez...».

— Não na minha vida. Agrada-me a certeza de que caminho em cima de um terreno plano.

— Mas essa não é a realidade.

— Será a realidade enquanto eu zer os possíveis para que o seja.

— Enganas-te.

Suspirei.

— Porque te esforças tanto para que eu veja as coisas como tu? —
perguntei-lhe.

Desde que o tinha conhecido, quisera fazer tudo para me pôr ao corrente de coisas que talvez tivesse sido melhor deixar enterradas.

O Alex tou-me com um ar muito sério, pensativo, enquanto pousava a chávena no pires e se inclinava para a frente, procurando uma ligação que não era preciso procurar, porque já existia. Existia desde o mesmíssimo momento em que ele me vira nua na praia naquela manhã há vários meses.

— Talvez porque me irrita muito não ser capaz de ver o mundo como tu o vês.

Engoli em seco antes de lhe responder, sobretudo para me dar mais alguns instantes de trégua para recuperar da intensidade do seu olhar.

— O mundo pode ser um sítio maravilhoso... — disse-lhe,
interrompendo o silêncio repentino que tinha surgido entre nós. —

Somos nós quem se empenha em torná-lo complicado e tenebroso.

O Alex encostou-se devagar, quebrando o pequeno feitiço que parecia ter criado à nossa volta.

— Às vezes, o tenebroso persegue-nos, Nikki. Persegue-nos e encontra-nos.

A maneira como disse aquilo tocou-me muito e fez-me pensar no meu tio.

O empregado de mesa chegou e pousou entre nós a comida que o Alex tinha pedido. Uma espécie de pirâmide redonda com três pratos estava cheia de miniaturas de pastéis e sandes salgadas, acompanhados de uns bolos redondos e algo disformes com geleia e uma espécie de creme branco denso.

— Estes daqui são os *scones* de que te falei — indicou, mostrando-me os bolinhos disformes, tentando diminuir um pouco a intensidade da conversa.

Peguei num, imitando-o.

— Comem-se com geleia e creme, são os melhores de Londres — explicou.

Peguei num, pus-lhe geleia e creme e provei-o.

Senti algo semelhante a ternura ao ver o Alex subitamente tão contente enquanto comia o seu pãozinho. Olhei para ele, surpreendida, com a quantidade indigesta de creme que pôs e como pareceu descontrair durante uns segundos.

Quando acabou de comer, levantou os olhos e cravou-os em mim.

— Já tinha saudades do teu sorriso — disse com um brilho especial no olhar.

Nem me tinha apercebido de que estava a sorrir.

Levei a chávena de café aos lábios para voltar a escondê-lo.

— Trouxe-te aqui para ter tempo de te dar as explicações que mereces — a rmou, mudando de assunto e reduzindo a conversa ao que lhe interessava: desculpar-se.

— Não preciso de nenhuma explicação, Alex, está bem? A nossa relação foi bonita, mas acabou... O que agora tiveres aqui é só teu.

— Porque fazes com que soe tão fácil? — perguntou, incomodado.

— Porque o é — respondi simplesmente.

— Há um ano que nada o é... Desde que te conheci — disse, tando-me. — Tu foste uma lufada de ar fresco, ajudaste-me a esquecer os meus problemas. Desliguei-me de tudo e não quis manchar a recordação com problemas que não tinham solução.

Voltou a estender a mão por cima da mesa e, desta vez, depois de hesitar alguns instantes, nalmente tomei-a.

O calor da sua pele transmitiu-me calma e nervosismo ao mesmo tempo.

— Nunca imaginei que a nossa relação fosse acabar daquela forma...

Afastei a minha mão e ajeitei-me para car mais confortável na cadeira.

— De qualquer forma, são águas passadas — disse com uma calma ngida. — Não viemos aqui para falar de nós.

O Alex descontraiu-se na cadeira e observou-me com paciência.

— Ah, não? — replicou.

Abanei a cabeça, negando-o.

— São os teus anos, não é?

— E continuo à espera de que me dês os parabéns — disse e tinha razão, eu não o tinha feito.

— Muitos parabéns — disse-lhe, tentando parecer sincera.

O Alex riu-se.

— Fico entusiasmado com a tua efusão.

— Desculpa, os últimos acontecimentos esgotaram as minhas reservas de entusiasmo.

O Alex cou sério.

— Estou preocupado — admitiu.

— Eu sei — respondi, porque era verdade.

— Muito preocupado, Nikki — insistiu.

— Eu também estou, quero resolver este assunto. Quero tratar disto para poder voltar para Bali.

O Alex olhou-me com atenção.

— E o que queres fazer exatamente?

Há alguns dias que andava a pensar naquilo, não tinha falado com ninguém acerca disso, porque sabia que tentariam convencer-me do contrário, mas já tinha tomado a minha decisão.

— Vou renunciar à minha herança.

O Alex pestanejou, confuso.

— O que é que disseste?

— Quero afastar-me, quero dizer em público que renuncio a qualquer direito que possa ter como herdeira do meu pai. Não quero o dinheiro, não se o facto de o reclamar puser em perigo as pessoas que são importantes para mim.

O Alex parecia estar incrédulo.

— Não podes fazer isso, só vai fazer com que as pessoas pensem que estiveste a brincar com elas, que se virem contra ti, e isso não te vai ajudar a...

— Não me estás a ouvir? — interrompi-o. — Pouco me importa o que as pessoas pensam, não me quero reclamar nada. Só quero voltar à minha vida, valorizo mais estar em segurança do que qualquer herança que possa pertencer-me.

— E achas que por renunciasses deixas de estar em perigo? Eles não vão correr riscos nenhuns, é evidente que não querem deixar nenhum o solto. Tu não vais poder voltar a Bali sem mais nem menos, Nikki.

Olhei para a chávena de café que tinha à minha frente.

Desejava com todas as minhas forças regressar a casa, tinha saudades

do oceano, do *surf*, da minha avó, do meu cão, dos meus amigos, da paz do mar, da minha ilha...

— Não quero fazer parte desta guerra — admiti, olhando-o nos olhos.
— Não quero — repeti, enfatizando as minhas palavras.

O Alex pareceu ouvir-me com atenção.

— Nesse caso, se não queres lutar, ao menos deves jogar muito bem as tuas cartas — disse, inclinando-se para mim. — Que te vejam comigo, Nikki, que saibam que não estás sozinha, que não estás vulnerável, que me tens a mim para te proteger e que, se não agirem com cautela, acabarão todos na cadeira ou, pior, mortos.

Engoli a saliva.

— Deram-me um tiro quando eu estava contigo.

— Isso não vai voltar a acontecer — declarou com seriedade.

— Se me quisessem matar, já o poderiam ter feito, não te parece?

O Alex negou-o, abanando a cabeça.

— Estou convencido de que quem sabia da tua existência não te julgava capaz de viajares para aqui, o que demonstra que te conheciam melhor do que supúnhamos.

Abanei a cabeça.

— Não posso pensar assim, não posso passar o resto da vida a olhar por cima do ombro, Já te apercebeste de que a minha vida só se complicou desde que te conheci?

Excedi-me um bocado na sinceridade, mas era isso que sentia.

Desde que o tinha conhecido, tudo se complicara, tudo começara a desabar, complicando-se ao ponto de criar aquele quebra-cabeças impossível de resolver.

— Compreendo que queiras procurar um culpado, mas é injusto que me culpes só por te ter dito a verdade.

— Que verdade, Alex?! — exclamei, elevando o meu tom de voz. —

De que me serviu saber a verdade, na tua opinião?

— Bolas, pelo menos estás aqui! — disse, naquele momento, procurando acalmar-se, procurando manter o tom de voz baixo e controlado. Olhou para os dois lados, soltou um suspiro fundo e voltou a dirigir a atenção para mim. — Não serve de nada discutir o passado, o porquê dos acontecimentos, Nicole — a rmou, contraindo a mandíbula ao falar. — Querias ir ver o teu tio, muito bem, vais vê-lo, vamos vê-lo, mas estarás comigo, estarás constantemente sob a minha proteção. Que esse cabrão veja que os Lenox te protegem.

Pelo menos, tinha conseguido qualquer coisa.

— Está bem — cedi. — Fá-lo-emos como tu quiseres e direi ao meu tio que renuncio a tudo, por escrito, na forma que ele quiser. Às vezes, é preciso saber quando parar e dar um passo atrás.

Ele abanou a cabeça enquanto me ouvia falar.

— Repito o que disse: às vezes, gostaria de ver o mundo como tu o vês.

Pestanejei várias vezes.

— Para fazeres isso, primeiro, terias de remover os teus próprios óculos — declarei e ele olhou-me sem perceber. — Esses com que andas sempre e que te fazem ver o mundo como uma prisão de vidro.

— Como são as coisas nas prisões de vidro?

— A vida é muito mais simples do que tu imaginas.

— Não quando tentam matar-te mesmo à minha frente.

— Não foi o que zeram.

— Nem o farão, porque, antes disso, encarregar-me-ei de os matar com as minhas próprias mãos.

Ficámos calados a olhar-nos nos olhos com uma intensidade que me incomodava, porque desejava, com todas as minhas forças, que pegasse em mim como tinha feito na casa de banho e me ajudasse a esquecer, nem que fosse só por alguns minutos, tudo o que se passava à minha volta.

— Levas-me a casa? — acabei por lhe perguntar, quebrando o feitiço.

O Alex anuiu, pondo-se em pé.

Deixei que me afastasse a cadeira, porque fui desajeitada a levantar-me tão depressa como ele.

Entrámos no carro e, enquanto seguíamos pela movimentada Londres, desejei que fosse verdade, desejei estar sob a sua proteção, mas quis estar assim como sua namorada e não apenas como amiga.

Desejei fazer parte da sua vida, do mesmo modo que ele tinha feito parte da minha durante aqueles maravilhosos trinta dias. Desejei...

desejei ir com ele para sua casa, conhecer a sua lha. Desejei ser mais qualquer coisa do que simplesmente a rapariga que ele tinha conhecido em Bali.

Era difícil pôr travão a sentimentos que lutavam para vencer a parte mais racional do meu cérebro, e era difícil pôr travão a um homem que me desejava abertamente com uma intensidade que nem se dava ao incómodo de disfarçar.

Quando chegámos ao hotel Olivieri e me preparava para sair do carro, ele estendeu a mão e pegou-me no braço para me fazer virar muito devagar para ele.

— O que se passou na casa de banho... A nossa relação... —
começou por dizer, mas interrompi-o.

— Foi um erro?

— Porra... Se a nossa relação tiver sido um erro, então quero errar contigo em cada segundo da minha vida.

Neguei-o, abanando a cabeça.

— Não tornes isto mais difícil do que já é, Alex, por favor.

Aproximou-se de mim ao mesmo tempo que inclinava a cabeça na minha direção. Aproximámo-nos muito mais do que eu era capaz de suportar sem me lançar para os seus braços para lhe exigir que acabasse o que tinha começado na casa de banho.

— Dou-te uma semana, Nikki — declarou, muito perto da minha boca.

— Uma semana até me implorares que te leve para a cama.

Respirei fundo, mas afastei-me, soltando-me depois de lhe retirar a mão do meu braço.

— A tentação pode ser muito grande, mas a minha vontade já venceu batalhas piores do que esta, Lenox.

Um meio-sorriso apareceu no seu rosto.

— O teu iogue interior não sabe quão persuasivo eu consigo ser.

Abanei novamente a cabeça.

— Acabas de demonstrar uma vez mais que não fazes a menor ideia de quão poderosa é a mente de alguém que medita e pratica ioga desde os seis anos.

Saí do carro enquanto ele seguia cada movimento meu com o olhar.

— Adeus, Alexander.

Seguida pelos seus guarda-costas, fechei-me no quarto, interrogando-me quanta verdade haveria naquela minha última afirmação.

CAPÍTULO 26

MAGGIE

Aproveitei que a Nikki ia sair para arquitetar um plano. Não podia continuar a agir como se nada se passasse, ainda por cima porque a minha barriga começava a notar-se, o que, num corpo delgado como o meu, não era fácil disfarçar. Desde que tinham disparado sobre a Nikki, tudo girara à volta disso, e com razão, porque o importante era ela recuperar.

Desde que o Nate nos tinha sugerido carmos numa das *suites* de um dos hotéis da sua família, não nos tínhamos voltado a encontrar, apesar de ele viver num dos sótãos do mesmo hotel onde estávamos a car.

O facto de ele me evitar não era uma novidade. Não me queria ver, mas a força que demonstrava continuava a surpreender-me, sabendo que eu estava a poucos metros do sítio onde ele dormia.

Eu sabia que, para ele, a questão do Malcolm era imperdoável e, depois de algum tempo e distância, hoje, consigo afirmar que uma das razões pelas quais me casei com ele foi por saber que, se o zesse, as probabilidades de voltar para o Nate seriam praticamente nulas. Era uma maneira de o meu subconsciente conseguir obrigar-me a ir pelo caminho certo, aquele caminho onde nós começávamos vidas

separadas.

No entanto, desde que tinha sabido da gravidez, tudo mudara. As minhas prioridades já não eram as mesmas, nem tão-pouco a maneira como via o mundo. Eu precisava dele.

Precisava de um Nate na minha vida, precisava mais dele do que qualquer outra pessoa no mundo e queria que ele fosse o pai do nosso bebé. A opinião da Nikki em relação a este assunto não me interessava, as opiniões das pessoas em geral não me importavam, eu é que sabia... No fundo, sabia que o Nate era o pai do meu lho, que ele era capaz de mudar e nós éramos capazes de nos amarmos como ambos sabíamos que merecíamos ser amados um pelo outro.

Pelo Melvin, um dos guarda-costas, cara a saber que o Nate treinava todas as manhãs no ginásio do décimo andar. Nunca o tínhamos encontrado no restaurante do hotel, nem mesmo ao pequeno-almoço, que, graças a ele, estava incluído na estada, bem como as restantes refeições, e, por essa razão, decidi subir até ao ginásio e forçar um encontro.

Olhei-me ao espelho. O meu cabelo ruivo-cenoura, como ele gostava de me lembrar sempre que me via, caía em pequenas ondas. Tinha-me maquilhado de forma a parecer que não estava maquilhada, mas dando-me um aspeto saudável, e tinha vestido um conjunto desportivo que roubara à Nikki e me cava um bocadinho pequeno, sobretudo no peito.

O decote que me fazia não era nada elegante, nem decente, e eu não queria atrair a atenção do Nate para mim e o meu peito, por isso, passei uma blusa pela cabeça e dei-lhe um nó à altura do umbigo.

Estava a forçar aquilo até ao limite, embora esperasse que o Nate continuasse cego diante de pormenores como eu já ter uns cinco quilos a mais.

O minuto que o elevador demorou a subir até ao décimo andar foi o su ciente para car com as mãos a suar e a respiração entrecortada.

O que lhe diria?

Como lhe contaria que talvez estivesse à espera de um lho seu?

Apaguei esse «talvez» da minha mente.

Não existia nenhum «talvez».

O Nate era o pai.

Era ele.

Cheguei ao ginásio e reparei que não havia uma receção, apenas umas grandes portas de vidro opaco que não deixavam vislumbrar o que se passava lá dentro.

Ouvia-se bem alto uma música *rap* absolutamente horrível, que eu sabia que ser o estilo de música que o Nate ouvia sempre que estava sozinho.

Ele estava ali, percebi.

Entrei no ginásio, vendo que não era muito grande, mas que tinha máquinas de todo o género e feitio e do modelo mais recente. O

ginásio estava dividido por zonas: a zona dos pesos, a zona de alongamentos e outra com um grande espelho e máquinas com pesos que nunca tinha visto.

Continuei a andar e, então, vi-o.

Estava sentado num dos bancos a fazer abdominais.

Do sítio onde estava, atrás da coluna, observei-o durante uns segundos.

Reparei nos seus braços, nos músculos entumecidos depois de ter estado a fazer exercício. O suor escorria-lhe pelo peito tapado por uma camisola de alças com o logótipo da *Nike* e tinha o cabelo louro despenteado, húmido e desgrehado. Já não estava tão comprido como quando nos tínhamos conhecido há alguns anos e era uma pena, porque eu gostava muito da trança que costumava fazer à altura da

nuca. Ele sempre tinha tido um estilo de *sur sta*, encaixava na perfeição com o tipo de rapaz que visitava a ilha. Vê-lo em Londres, vê-lo no seu verdadeiro ambiente, rodeado de tanto luxo, de gente tão na... O Nate que tinha à minha frente era muito diferente do que eu tinha conhecido em Bali. Aperceber-me disso, vê-lo na sua cidade, intensificou todos os sentimentos que, naquela altura, ele me apresentou como sendo um impedimento para podermos continuar juntos. As nossas vidas eram muito diferentes, mas, ao contrário do que ele pudesse pensar, para mim, a minha ilha tornara-se pequena...

Eu adorava aquele sítio, mas sempre tinha sonhado voar para longe dali, voar alto.

— Vais continuar a espiar-me escondida atrás dessa coluna? —

interrompeu, então, os meus pensamentos.

Dei um salto e movi-me para o lado, deixando de estar escondida.

O Nate deixou de olhar para mim pelo espelho que tinha à frente e virou-se para poder tar-me diretamente. Levantou um dedo e apontou para um ponto atrás das minhas costas.

— Há aí um espelho — esclareceu.

Merda.

Desde o princípio que tinha estado a ver-me. Que vergonha, chiça.

— Se sabias disso, porque não me disseste nada antes? — retorqui, dando alguns passos na sua direção, mas, mesmo assim, deixei vários metros entre nós.

— Queria ver quanto tempo duravas a olhar para mim sem abrires a boca. Estás armada em perseguidora — acrescentou e quase consegui ver no seu rosto um indício de sorriso.

Estava de bom humor.

Isso vinha mesmo a calhar para o meu pretenso plano de lhe contar a minha condição.

— Desde o acidente, mal nos vimos...

O Nate continuava sentado e abriu as pernas para apoiar os antebraços nos joelhos, um pouco inclinado para a frente.

Estava lindíssimo.

— Tenho estado a dar muitas voltas a tudo.

Avancei um passo e sentei-me na máquina que estava mesmo à frente dele. Ficámos frente a frente, muito mais perto do que dantes, mas, ainda assim, havia um abismo entre nós.

— Ah, sim? — perguntei, nervosa.

— Sim, e acho que não é boa ideia continuares a viver aqui.

O meu coração acelerou loucamente.

Estaria a expulsar-me dali?

Senti-me car vermelha que nem um tomate, os meus batimentos cardíacos começaram a ribombar-me nos ouvidos e senti que as lágrimas iam começar a cair-me pela cara abaixo a qualquer momento.

Porra, que humilhante.

Pus-me em pé e o Nate fez o mesmo.

— Espera — pediu, dando um passo em frente, mas abanei a cabeça, desejando sair dali a correr. — Caramba, Maggie, espera — insistiu, pegando-me pelos braços para me impedir de fugir dali desenfreadamente. — Deixa-me acabar, deixa-me explicar.

— Não é preciso — disse-lhe, querendo soltar-me, querendo desaparecer. Se ainda tinha alguma réstia de força para lhe dizer a verdade, acabava de desaparecer por completo. Num segundo, imaginei os próximos anos da minha vida, com um menino louro que nunca saberia quem era o pai, vi-me a voltar para Bali sozinha, a criá-lo sozinha, afastada do mundo, reclusa...

— Podes parar?! — Abanou-me um pouco, elevando o tom de voz.

— Não estou a correr contigo, porra, muito pelo contrário. Acho que não deverias estar no mesmo sítio onde está a Nikki, tudo isto se deve à sua situação familiar. Ela corre perigo, mas tu não.

Pestanejei, aturdida pelas suas palavras e tentando assimilar o que estava a dizer-me e que estava muito longe de ter alguma coisa que ver com tudo o que acabava de me passar pela cabeça.

— Não te quero perto dela.

Respirei fundo e o meu coração começou a bater num ritmo diferente, acelerado, mas diferente.

O Nate estava preocupado comigo?

Quando viu que me descontraía e já não tentava desatar a correr, o aperto das suas mãos nos meus braços afrouxou e deu um passo atrás.

Não me tinha apercebido de quanto se tinha aproximado até o ver afastar-se de mim.

Tentei recuperar a compostura antes de voltar a falar.

— Não posso deixá-la sozinha — a rmei, ainda um bocado espantada.

O Nate abanou a cabeça.

— Ela não vai car sozinha — disse, pegando na toalha que estava atrás dele e passando-a pelos braços e pela cara. Atirou-a para cima do assento da máquina e voltou a dirigir a atenção para mim, apenas para mim. — Enquanto esta situação não estiver resolvida e enquanto continuares a estar com ela, a tua vida correrá o mesmo perigo que correu a do Alex. O mesmo perigo que teria corrido a minha, se eu me tivesse encontrado com ela, como me tinha pedido.

O quê?

— A Nikki pediu-te para te encontrares com ela? — perguntei-lhe, confusa.

Pareceu hesitar uns instantes antes de falar.

— A Nikki queria falar comigo... — admitiu e a sua resposta apanhou-me tão de surpresa que quei calada uns segundos.

— A Nikki ligou-te?

O Nate abanou a cabeça, con rmando-o.

— Disse-me que queria falar comigo... sobre ti — esclareceu e vi nos seus olhos que a dúvida em relação àquele pedido continuava instalada na sua cabeça. — Não sei exatamente o que me queria dizer, mas parecia preocupada quando me pediu para a ir buscar.

Chiça... A Nikki tinha tido a intenção de lhe contar que eu estava grávida?

Não, não podia ser.

A Nikki nunca faria uma coisa dessas.

Voltei a sentar-me no assento da máquina e respirei fundo.

Tudo aquilo começava a ser demasiado pesado para mim.

Começava a sentir-me sobrecarregada, porque achava que não era capaz de lhe contar e magoava-me o distanciamento que sentia que havia entre nós.

No entanto, o Nate estava preocupado comigo.

Isso era um bom sinal, certo?

— Onde está o Malcolm, Maggie? — perguntou-me, naquele momento, mudando de assunto bruscamente, mostrando-se tenso e cerrando os dentes, sem conseguir evitá-lo.

Levantei o olhar, que tinha cravado no chão, até deparar com os seus bonitos olhos azuis.

— Separámo-nos — admiti, prestando uma atenção particular à sua reação.

O Nate manteve-se impassível, mas, uns instantes depois, sentou-se na máquina que estava à minha frente, precisamente como eu zera antes.

— Porquê? — quis saber uns segundos mais tarde.

Porquê?

Porra, será que não sabia mesmo?

— O que te parece? — respondi-lhe.

O Nate olhou-me com frieza.

— Não me respondas com outra pergunta, Margot — disse, chateado.

— Não me lixes. Não venhas para aqui a achar que é um dado adquirido que eu tenho de perceber o que raio fazes da tua vida quando deixas muito claro que já não és a rapariga que eu conheci há vários anos, ou pelo menos não a que nunca se casaria com o meu melhor amigo para me magoar, bolas!

Respirei fundo antes de falar.

— Não tens o direito de car magoado por causa disso — declarei, chateada, ao mesmo tempo que a sua irritação ia aumentando.

Aquilo não ia acabar bem.

Já estava mesmo a ver o resultado daquele encontro e ainda nem

sequer tínhamos começado.

— Estás a dizer que estou magoado? — retorquiu, tornando a levantar-se e a afastar-se de mim, caminhando de um lado para o outro a tentar acalmar-se, mas, do sítio onde eu estava sentada, percebia perfeitamente que, a cada passo que dava, a sua fúria ia aumentando, multiplicando-se por mil. — Casaste-te com o meu melhor amigo! — gritou-me, virando-se para mim.

Pus-me em pé. Assim, era mais fácil fazer-lhe frente.

— Tu abandonaste-me! Pela terceira vez! Depois de me pedires para casar contigo!

O Nate abanou a cabeça, negando-o, e levantou a mão para agarrar no cabelo numa tentativa para soltar a raiva.

— Estava assustado! O Malcolm não parava de me dizer que era uma péssima ideia! Eu era uma criança!

— Tu eras uma criança?! — repliquei, dando um passo em frente para ele.

Chiça, só me apetecia bater-lhe.

Nunca tinha sentido a necessidade de dar um murro a alguém, mas ali estava aquela sensação primitiva a debater-se para sair.

— Tu eras uma criança? — repeti. — E eu o que era, a tua bisavó?

Diz antes um lho da pu... — Agarrou-me pelos pulsos antes de os meus punhos conseguirem tocar-lhe.

Caraças... Como conseguia ser tão cabrão?!

E como podia eu ser tão estúpida para continuar a amá-lo?

Como podia esquecer o que me tinha feito? Como podia continuar a precisar dele daquela forma?

— E que nunca mais te passe pela cabeça voltares a levantar-me a mão, Margot — declarou, continuando a agarrar-me pelos pulsos com força, mas sem me magoar. — Que nem te ocorra — repetiu, enfatizando cada palavra.

Olhámo-nos, furiosos, com ódio, com ressentimento, com milhares de sensações demasiado intensas para conseguirmos verbalizá-las sem

deixarmos de nos magoar, tanto física como emocionalmente.

Estávamos completamente lixados.

Tão distantes daquele primeiro ano em que nos quisemos até à loucura e quisemos o melhor um para o outro.

Não sei quem foi o primeiro a dar aquele passo, não sei que mão tocou primeiro em quem, nem em que segundo ele me largou para eu libertar o meu instinto mais primitivo, só sei que, um segundo depois de nos olharmos com ódio, estávamos a comer a boca um do outro com sofreguidão e desespero.

As minhas costas chocaram contra o espelho e as suas mãos começaram a arrancar-me a roupa, começando pela blusa e deixando o meu pronunciado decote à mostra.

Foda-se.

Foda-se.

A sua boca beijou-me as mamas, as suas mãos baixaram-me o *top*, deixando-as fora dele e dando-lhe livre acesso àquilo de que precisava.

Será que se ia aperceber de que estavam maiores? Será que se ia aperceber de que o meu corpo estava a mudar para dar espaço ao nosso lho?

As nossas bocas voltaram a encontrar-se, uma dança de línguas e saliva do mais indecoroso, do mais ordinário, porque aquilo era puro instinto animal. Nada mais.

Não tardou a baixar-me as *leggings* e a ajoelhar-se à minha frente.

Não tardou a encontrar o meu ponto mais doce e a deleitar-me com o que melhor sabia fazer.

Que lho da puta.

— Meu Deus — disse-lhe, fechando os olhos e inclinando a cabeça para trás. — Meu Deus, pode entrar alguém — acrescente num momento de lucidez.

— Este é o meu ginásio privado, não entra aqui ninguém sem a minha autorização — respondeu, voltando a enterrar-se no meio das minhas pernas.

As suas mãos agarraram-me pelo rabo no mesmo instante em que comecei a sentir as pernas fraquejar.

A sua língua não deixava de me torturar com o prazer mais incrível.

Não devia ser assim, mas, quando a raiva e o ressentimento acabavam em sexo, este podia ser uma coisa espetacular.

Enterrei as mãos no seu cabelo, puxando-o, querendo magoá-lo um pouco por me ter novamente à sua mercê, novamente rendida diante do seu poder sexual de persuasão.

— Ah! — exclamou de dor quando puxei com mais força do que devia.

Parou de me dar prazer com a boca e levantou-se, deixando-me quase à beira do orgasmo.

— O que estás a fazer? — perguntei-lhe quando me pegou no pescoço com suavidade e voltou a enterrar a língua, desta vez, na minha boca.

— Ou pões de parte esse lado violento que acabas de mostrar ou juro por Deus que paro imediatamente e camos sem orgasmo nenhum, tu e eu.

Olhei-o com raiva, chateada, irritada e a morrer de desejo.

— Ouviste bem o que disse? — insistiu, desafiando-me com as pupilas dilatadas.

Percebi que estava a falar a sério.

Não respondi, mas deixei que a minha mão descesse por dentro das suas calças de fato de treino e agarrasse o seu membro.

Fechou os olhos quando comecei a acariciá-lo como ele gostava.

Devagar e com força, mas sem exagerar.

Empurrei-o para trás com a outra mão, sem interromper as carícias.

Desci-lhe as calças e z com que se sentasse no assento da máquina de pesos.

Os seus olhos eram fogo.

Puro fogo quando me ajoelhei à frente dele e lhe z o que ele mais gostava.

Meti o seu membro na minha boca e, sem desviar os olhos dele, comecei a chupá-lo sem descanso.

— Foda-se — dizia repetidamente, sempre a olhar para mim.

Os seus dedos enterraram-se na minha nuca, puxando-me pelo cabelo com força, sem nunca me magoar, mas sabendo até onde podia ir.

Largou-me quando comecei a levá-lo ao limite do seu próprio autocontrolo.

Pegou em mim e deitou-me no chão acolchoado do ginásio.

Arrancou-me a roupa sem demora e, quando estava prestes a penetrar-me, deteve-se e olhou-me, horrorizado.

— Merda — disse e quase não percebi por que motivo se detinha.

— O que foi? — perguntei-lhe, a suar e a tremer debaixo dele.

Precisava que ele continuasse, ou morreria ali com um enfarte por prazer não satisfeito.

— Não tenho preservativos, merda — explicou, cando com o maxilar tenso e eu sem conseguir acreditar naquilo.

— Não importa — disse-lhe sem pensar.

O Nate cravou os olhos em mim.

— Claro que importa, Maggie, porra.

Agarrei-o pelo pescoço e puxei-o para mim. Beijei-o, ansiosa que continuasse.

— Não importa — repeti.

Deixou-se levar pelos meus beijos e inclinei o pescoço para trás quando nalmente me penetrou devagar.

Ambos soltámos um suspiro entrecortado na boca um do outro quando nos unimos, formando uma única pessoa.

Primeiro, mexeu-se devagar, como se quisesse ampliar o mais possível aquela sensação incrível. Eu precisava de mais, muito mais, e, finalmente, decidi dar-me o prazer que eu queria. Começou a mover-se sem descanso, com força, a tentar encontrar aquilo de que tanto precisávamos.

Fui eu que atingi o orgasmo primeiro, gritando sem vergonha e com a sua mão a tapar-me a boca, para que ninguém nos ouvisse.

Reparei como se retirava mesmo antes de se vir.

O Nate era responsável, pelo menos, quanto ao sexo, sempre tinha sido.

Se soubesse que, na última vez que o tínhamos feito, o preservativo se tinha rompido e eu tinha engravidado...

Enterrou a boca no meu pescoço e senti que o seu corpo estremecia a seguir ao orgasmo.

Santo Deus.

Percebem porque é que eu estava viciada?

Ficámos tombados no chão um ao lado do outro até as nossas respirações voltarem a estar normais e os nossos corações conseguirem recuperar um ritmo pausado e sereno.

Então, abri a boca e disse-o.

Sem pensar.

Tive de fazer aquilo assim de repente.

— Nate, estou grávida.

CAPÍTULO 27

NATE

Ao início, não percebi o que me disse.

Como é que podia ter percebido? Tinha acabado de dar a queca mais animalasca e prazerosa da minha vida. Foda-se, tinha acabado de me vir. Como raio conseguiria perceber quando ela me dizia de repente que estava grávida?

— O que é que disseste? — perguntei, erguendo-me um pouco, apoiando-me no antebraço e virando-me para poder olhar para ela.

Estava nervosa. Muito nervosa e com o rosto vermelho depois da queca.

— Estou grávida — repetiu e cada uma daquelas duas palavras tentaram penetrar naquela parte meramente racional do meu cérebro.

Foi como se me retirassem o sangue todo do corpo.

Fiquei gelado.

Congelado.

Levantei-me e comecei a vestir-me.

Pelo canto do olho, vi que ela fazia o mesmo.

— O que estás a dizer-me, Margot? — tornei a perguntar para tentar perceber o que raio tinha acabado de acontecer, além de nos termos comido e, de súbito, estarmos a falar de uma... gravidez? — Estás a brincar comigo? É isso? É a merda de uma brincadeira de mau gosto para te vingares do nosso passado?

Abanou a cabeça, negando-o em silêncio, até, por m, abrir a boca.

— Também foi uma surpresa para mim, Nate.

— Uma surpresa? — perguntei, a passar-me e a car bastante nervoso.
— Fizemos sexo uma única vez — recordei-lhe, apesar de também não ter tido de pensar muito para saber aquilo, porque nunca me esqueceria daquele reencontro que tivemos, em que acabou por admitir que se tinha casado. — Isto é um novo passatempo? Fazeres sexo comigo e, logo a seguir, largares bombas, dizendo que estás grávida ou casada? Que porra de brincadeira vem a ser esta?

— Achas que ia brincar com uma coisa destas? — retorquii, chateada e a olhar-me com tristeza, embora o meu cérebro tenha bloqueado essa imagem, porque, naquele momento, só tinha espaço para a irritação, o medo e a desilusão.

— Já não sei do que és capaz — a rmei, virando-me para ela, já vestido e completamente furioso, furioso pela situação e pelo que me acabara de dizer.

— És um imbecil — replicou a Maggie, abanando a cabeça e

permitindo que os seus olhos verdes se enchessem de lágrimas.

Levei as mãos à cabeça. Nem conseguia olhar para ela, porra. Nem conseguia olhar para ela, porque uma criança nunca tinha entrado nos meus planos. Futuramente, talvez, sei lá, com a mulher certa, mas não com a que me tinha partido o coração em mil pedaços. Não com a mulher que se tinha casado com um dos meus melhores amigos às escondidas...

— Isto só pode ser a merda de uma brincadeira — disse em voz alta, falando mais comigo do que com ela.

— Não é — respondeu, limpando as lágrimas.

Voltei-me para ela e tei-a em silêncio.

Os meus olhos percorreram o seu corpo e começaram a captar

pormenores que me tinham escapado antes. Apercebi-me, então, de que, se reparasse bem, conseguia ver que o seu ventre, sempre liso, começava a sobressair um pouco... As suas mamas, que sempre tinham sido voluptuosas, tinham pouco apoio naquele *top* desportivo que tinha vestido. Ao ver que a observava, pegou na blusa que usara e passou-a pela cabeça.

— Deixa de olhar para mim como se eu fosse a porcaria de uma experiência de laboratório — disse-me, aborrecida e triste.

Foda-se, o que estava eu a fazer?

Não sabia o que devia fazer nem dizer.

O meu instinto mais primitivo incitava-me a fugir. Fugir dali como o diabo da cruz e esconder-me daquilo tudo, como sempre tinha feito quando as coisas se tornavam um bocado mais difíceis.

Mas não podia voltar a deixá-la em apuros.

Não podia, porra, porque ela estava à espera de um lho meu.

Respirei fundo para me tentar acalmar, para tentar fazer com que o oxigénio me chegasse ao cérebro e me ajudasse a pensar.

— O que te disse o médico? — consegui perguntar-lhe.

— Ainda não consultei nenhum — replicou e os meus olhos arregalaram-se, incrédulos.

— Ainda não foste vista pela merda de um médico?

— Não! Não fui, está bem? — respondeu-me, incomodada, virando-me as costas e afastando-se de mim, tanto quanto aquele espaço lhe permitia.

— Então, vamos já — disse-lhe e, por um instante, tive esperança. —

Pode ser que seja um engano, talvez não estejas grávida, podes ter-te enganado e, com sorte...

A Maggie tornou a virar-se, mas, desta vez, a olhar-me completamente desanimada.

Que idiota que fui.

— Com sorte o quê, Nate? — disparou, furiosa. — Com sorte, enganei-me? Com sorte, o atraso da minha menstruação é pura imaginação minha? Com sorte, as alterações no meu corpo são só fruto do muito chocolate que comi? És um idiota!

Fez menção de se ir embora, mas apressei-me a aproximar-me dela para a segurar pelos braços.

— Desculpa se, neste momento, uma parte de mim deseja que isto não estivesse a acontecer. O que queres que te diga? «Estou tão feliz, vamos ser pais!» Não sejas assim tão ingénua!

Tentou soltar-se do aperto das minhas mãos, mas preendi-a com um pouco mais de força.

— Isto é um problema, um problema muito grande, porque nós não estamos juntos, nem vamos estar. É o raio de um problema, porque vives noutro país e as nossas vidas são o oposto uma da outra. É o raio de um problema, porque nunca entrou nos meus planos ter um lho agora e menos ainda quando não estamos juntos.

— Então foge, como sempre zeste! Estou habituada a que me deixes car encalhada! Ou será que já te esqueceste de tudo aquilo que me zeste sofrer, antes de eu fazer alguma coisa por mim mesma, sem te incluir na equação? — disse-me, agitando-se para que a soltasse. —

Larga-me imediatamente!

E -lo. Larguei-a e dei dois passos atrás.

Respirei fundo para tentar pensar com clareza e, quando o z, falei com o coração, porque cada uma das minhas palavras foi verdadeiramente sentida.

— A melhor solução para tudo isto é não teres esse bebé — declarei.

Eu não queria ser pai, não queria trazer ao mundo um lho não desejado que teria de viver com uns pais que mal conseguiam manter uma conversa sem se matar aos gritos. Eu sabia o que isso era, sabia o que era crescer com pais divorciados, uma noite aqui, outra ali, discussões e gritos, chantagens emocionais, a escolha de lados e muitas tentativas de manipulação.

Eu não queria isso para o meu lho.

— A melhor solução é eu tê-lo sem ti — respondeu-me.

Continuámos a olhar-nos durante muito tempo, sem saber o que dizer a seguir.

Estávamos num beco sem saída.

O meu eu mais egoísta queria dizer-lhe que fosse com aquilo para a frente, que o tivesse, porque a escolha era sua, mas que não contasse comigo. No entanto, o meu eu adulto, o meu eu maduro, o meu eu sentimental, o homem que tinha amado aquela mulher acima de tudo, sabia que nunca deixaria que isso acontecesse. Nunca a deixaria sozinha e nunca abdicaria de um lho meu.

Eu não tinha poder de decisão sobre aquela situação. Só podia manifestar os meus desejos, dar a minha opinião em relação àquilo e esperar que ela me tivesse em consideração em toda aquela questão.

— Vou ter este bebé, Nate — garantiu-me naquele momento e, quase sem se aperceber, as suas mãos envolveram o ventre, protegendo-o. —

Contigo ou sem ti, vou tê-lo. És livre de escolher o posicionamento que queres ter em relação a tudo isto.

— Não tenho escolha — retorqui uns segundos depois. — Se decidires tê-lo, estarei lá para esse bebé. Mas terás de perceber que as coisas não vão ser feitas apenas à tua maneira. Não estou a pensar ser só o pai que vive no estrangeiro que passa um cheque todos os meses.

Olhámo-nos em silêncio, ela a assimilar as minhas palavras e as suas consequências e eu a tentar aceitar e assimilar o compromisso que

tinha acabado de assumir.

— Vamos falando sobre isso... Temos tempo — disse ela, por m. —

Vou descer para o meu quarto para ir descansar.

Por um momento, sentia a necessidade de dar um passo em frente para a abraçar. Vê-la assim tão triste... Porém, como sou um idiota, não o z.

— Vou chamar um médico para vir ver se está tudo bem — anunciei.

A Maggie abanou a cabeça, recusando.

— Tenho uma consulta marcada para amanhã no hospital.

— Em que hospital? — quis saber.

— Um que não ca longe daqui...

Abanei a cabeça.

— Eu mesmo tratarei disso. Vais ao melhor hospital.

A Maggie tou-me, acabando por anuir.

— Como queiras — cedeu e foi-se embora.

Deixei-me cair sobre o banco de pesos e enterrei a cabeça entre as mãos.

Como é que tudo tinha acabado tão incrivelmente retorcido?

CAPÍTULO 28

ALEX

Consultei o relógio de pulso pela terceira vez em cinco minutos.

Com tudo o que tinha para fazer, a última coisa que queria era perder mais tempo naquele sítio.

Finalmente, a porta abriu-se e a diretora do colégio apareceu.

— Bom dia, senhor Lenox, é bom tornar a vê-lo — disse-me, sentando-se à minha frente, atrás da sua secretária.

— Estou com pressa — foi a única resposta que dei. — Aconteceu

alguma coisa?

A diretora sorriu um pouco e esperou uns segundos antes de voltar a abrir a boca.

— Senhor Lenox, convoquei-o para vir aqui hoje, porque estamos preocupados com a evolução da Lilia no colégio — declarou, repetindo quase tudo o que já me tinha dito há um mês. — A sua lha esteve numa sessão com a terapeuta e, depois de falar ampla e demoradamente com ela, chegámos à conclusão de que o melhor para a sua lha seria ir viver consigo durante algum tempo. É uma menina que está a sofrer muito com a perda da mãe e a falta de uma ligação forte com o pai, e isso está a atrasá-la em termos intelectuais.

Escutei-a com atenção e disse a primeira coisa que me passou pela cabeça:

— Não posso tirá-la do colégio. Não tenho tempo para estar com ela, como querem que esteja...

— Senhor Lenox, nunca é a altura certa para se ser pai, e o senhor é-o. Estamos certos de que a Lilia irá melhorar se começar a viver consigo, e é o que, neste momento, o colégio requer da sua parte.

— Parece-me magní co e talvez possamos considerar essa hipótese mais à frente, mas agora...

— O senhor não está a perceber o que lhe estou a dizer, senhor Lenox — interrompeu-me a diretora. — Como lhe disse na última vez que nos vimos, se a Lilia não conseguir acompanhar os estudos de modo a chegar ao nível exigido pelo colégio, ver-nos-emos na obrigação de lhe pedir para procurar outro sítio onde ela possa prosseguir os estudos. Esta é a última opção viável que encontrámos em relação à sua lha, e deve compreender que não existe outra opção no que a nós diz respeito.

» Não duvidamos de que a Lilia é uma menina com um enorme potencial, mas a sua situação familiar deve melhorar para que também ela o faça. Quanto a isto, não há discussão possível, senhor Lenox, e não se preocupe com os seus donativos. Devolveremos até à última libra, se é o que o preocupa, mas não podemos continuar a sujeitar a menina ao stress de uma instituição educativa de alto desempenho quando isso está claramente a comprometer a sua saúde mental. Nós somos educadores, não somos pais. Esse papel é seu.

Assim que me disseram que me devolveriam até à última libra que

lhes tinha dado, percebi que não existia mais nenhuma opção.

Chia.

Será que nada podia correr bem?

Levantei-me e abotoei o casaco.

— Onde está a minha lha? — perguntei.

— No quarto — respondeu-me a diretora, levantando-se também. —

Eu acompanho-o, para que possa falar com ela e explicar-lhe as razões pelas quais vai levá-la para casa.

Ainda por cima, cabia-me a mim contar-lhe.

Não lhe disse mais nada, não voltei a abrir a boca, porque não queria ser mal-educado e porque a última coisa de que precisava naquele momento era ter de voltar ao colégio para a ir buscar. Segui-a, percorrendo os mesmos corredores que me tinham acompanhado na infância. Subimos umas imponentes escadas de madeira maciça em caracol. Tinham mudado as fardas que já tinham há séculos para outras que reluziam, lustrosas, e que eram muito mais novas. Deviam estar a nadar em dinheiro se estavam dispostos a rejeitar as enormes quantias que lhes tinha dado nos últimos meses.

Chegámos ao corredor onde estavam os quartos das meninas. Ali, sim, o chão estava atapetado, as portas de madeira continuavam iguais ao que eram antigamente e o chão rangia um pouco, conferindo-lhe aquela característica típica dos colégios ingleses que, há anos, educavam centenas de gerações. Senti uma nostalgia estranha ao recordar-me dos meus tempos de adolescente.

Em mais de uma ocasião, tinha entrado sorrateiramente naqueles quartos.

Tinha perdido a virgindade numa daquelas camas, às escondidas, com uma rapariga que tinha julgado que me roubara o coração.

Ao chegarmos ao quarto da Lília, a diretora bateu à porta e abriu-a quando a menina nos disse para entrar.

Estava deitada na cama com um livro nas mãos.

Endireitou-se, assustada, assim que me viu ali, era óbvio que não estava à espera de me ver no colégio e menos ainda no seu quarto.

— Boa tarde, menina Lenox, o seu pai deseja falar consigo — disse a diretora em jeito de introdução.

Obrigado, senhora espertalhona, teria gostado de lhe dizer.

— Deixo-vos sozinhos.

A harpia foi-se embora e dei os últimos passos para, por fim, entrar no quarto da minha lha e fechar a porta atrás de mim.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou-me, com receio, e, por um instante, não percebi muito bem por que razão os seus olhos se enchiam de lágrimas. — O meu avô está bem? Diz-me que o meu avô está bem, por favor.

Sentei-me na cama e apressei-me a tranquilizá-la.

— O teu avô está ótimo, tem calma — a rmei e, assim que me ouviu, descontraiu-se logo.

Por um momento, olhei em volta. Em cima da mesinha de cabeceira, estavam três fotografias emolduradas em bonitas molduras celestiais com estrelas. Numa, ela estava abraçada à mãe, que, naquela fotografia, já tinha um lenço na cabeça por causa do cancro. Não tivera oportunidade de tornar a ver fotografias da sua mãe e fiquei chocado ao ver como tinha piorado pouco antes de morrer. Não conseguia sequer imaginar a dor que a Lília devia sentir por a ter perdido...

Reparei nas outras duas fotografias. Numa, via-a a rir como nunca a vira fazer ao vivo, estava disfarçada de bruxa e, ao seu lado, o avô estava vestido como ela, com um chapéu em bico. A última fotografia chamou a minha atenção. Era uma fotografia da minha mãe com a sua mãe...

Credo, éramos tão novos, não devíamos ter mais de dezanove anos.

Peguei na fotografia e aproximei-a de mim para a ver melhor.

— Encontrei-a nas coisas que a minha mãe escondia numa caixa debaixo da cama.

Abanei a cabeça, apercebendo-me de uma angústia no peito e uma vontade súbita de gritar ao mundo por a ter levado. Por ter deixado uma menina pequenina, por ter alterado completamente a minha vida...

— Expulsaram-me, não foi? — perguntou, então, baixando os olhos.

Voltei a concentrar-me nela. Tinha o cabelo ruivo apanhado num rabo de cavalo baixo muito despenteado por ter estado deitada na cama. Ainda tinha vestida a saia do uniforme com a camisa de fora e os primeiros botões desabotoados. Esbocei um meio-sorriso ao ver que usava umas meias grossas do Bob Esponja.

— Não te expulsaram, mas acham que seria boa ideia vires viver comigo durante algum tempo. Continuarias a vir às aulas, claro, mas irias dormir a minha casa — expliquei-lhe.

Primeiro, a Lilia arregalou os olhos, surpreendida, mas, depois, julguei ver uma certa esperança que depressa desapareceu do seu olhar, sem que eu soubesse bem porquê.

— Tu queres isso? — perguntou-me.

Chißa, será que tinha sido assim tão óbvio que eu não queria ser completamente responsável pela educação de uma menina de onze anos e menos ainda tê-la a meu cargo?

— Queres que seja sincero? — perguntei-lhe e ela nalmente assentiu com um breve aceno de cabeça. — Nos meus planos, nunca estive ser pai... Era uma possibilidade muito remota e muito distante do meu presente. Quando soube que existias, quei aborrecido. Fiquei aborrecido por aquilo que aconteceu à tua mãe, por não ter sabido, mas quei aborrecido sobretudo por sentir que a vida estava a fazer-me ceder a uma coisa para a qual ainda não estava preparado.

A Lilia escutava-me com atenção.

— Tens de ser paciente comigo... Tens de perceber que um homem não pode transformar-se em pai de um dia para o outro. Existem...

Devemos criar uma relação, um vínculo.

A Lilia tornou a abanar a cabeça.

— Eu também não sinto nenhum vínculo contigo — disse-me e quei surpreendido com a sua sinceridade.

— É precisamente por isso que vens para casa... Tentaremos criar esse vínculo que nos falta, o que te parece?

Um sorrisinho desenhou-se no seu semblante e pus-me de pé.

— Arruma as tuas coisas. Espero por ti lá em baixo, está bem?

Assentiu com um aceno de cabeça e o seu entusiasmo por deixar o colégio fez-me perceber que talvez a diretora e a terapeuta tivessem razão.

Aguardei com calma que arrumasse as suas coisas e ajudei-a quando desceu a carregar com duas mochilas e a sua mala.

— Vemo-nos na segunda-feira às oito da manhã — disse-lhe a diretora com um sorriso.

Nem sequer me despedi dela enquanto nos dirigíamos para o meu carro. Guardei as suas coisas e disse-lhe para pôr o cinto de segurança.

— És tu que me vens trazer ao colégio todos os dias? — perguntou-me.

Olhei para ela à medida que punha o carro a trabalhar.

— Nos dias em que puder, sim, nos outros dias, terás um motorista que te leva e traz.

Ficou em silêncio a avaliar o que eu acabava de lhe dizer.

— Como consegues ter tanto dinheiro?

Não estava à espera daquela pergunta.

— A minha família tem uma empresa de aviação muito importante

— respondi.

— Mas... tu eras piloto, certo?

— Sim, embora tenha deixado de o ser para me dedicar apenas à empresa.

— Vocês são como uma companhia aérea? — quis saber. — Como a Iberia?

Ri-me.

— Sim, mas de aviões privados. Nós disponibilizamos aviões privados a gente importante que quer ter um piloto e um avião disponíveis vinte e quatro horas por dia.

Assentiu, entusiasmadíssima com o que lhe dizia.

— E foi o teu pai que criou a empresa? — indagou.

— Na verdade, foi o meu avô. Apesar de ele ter começado por criar peças para aviões. Há alguns anos, éramos uma das maiores empresas de aeronáutica do Reino Unido.

— E o que aconteceu?

Merda, não queria falar sobre aquilo.

— Então... Houve um acidente... Pelos vistos, um dos nossos aviões não estava em condições.

— Despenhou-se?

— Sim — repliquei, apesar de, na realidade, não se ter despenhado, porque o nosso avião não estava em mau estado, despenhara-se porque alguém estava interessado em matar o pai da Nikki, mas não aprofundei a questão nem entrei em pormenores.

— Caramba... — comentou, olhando para a frente. — E não vos fecharam a empresa? — perguntou, inocentemente.

— Não cou claro o que se tinha passado.

— Há bocado, disseste que tinham a empresa de aeronáutica mais importante do Reino Unido... Agora, já não é?

— É complicado... Como o nosso nome cou manchado pelo que aconteceu, tivemos de nos reinventar. Para que percebas isto, decidimos associar-nos a uma empresa amiga, menos conhecida, que também produzia bons aviões.

— E deixaram de construir os vossos? — perguntou.

— Concentrámo-nos mais na parte logística e na própria empresa de aviões privados.

— Um dia, posso andar contigo num avião? Sempre quis entrar no sítio onde vão os pilotos! — exclamou e deixou-me extremamente entusiasmado por mostrar interesse pelo meu trabalho e vocação.

— Claro que sim. Quando quiseres, podemos ir aonde te apetecer —

respondi e quei surpreendido comigo mesmo por dar por mim a sorrir sem ter consciência de que o fazia.

— A qualquer lado?! — retorquiu, entusiasmada.

Olhei-a um momento antes de tornar a virar em direção à minha casa.

— Aonde queres ir?

— A Paris — disse, abrindo muito os olhos.

— Eu levo-te a Paris. A Torre Eiffel é muito bonita...

— Mas à Disneyland, à Torre Eiffel, tanto faz — interrompeu-me e o meu semblante mostrou a minha surpresa.

— Olha, bom, está bem...

— Eu sempre quis ir à Disney, mas nos Estados Unidos é tudo muito caro e, quando soube que aqui havia outra mais pequena...

Merda.

— Futuramente, podemos lá ir.

O seu sorriso gelou.

— Disseste que me levavas quando eu quisesse — disse, tristonha, cruzando os braços.

Porra... Como é que tinha acabado de me comprometer a ir à Disneyland com uma menina de onze anos?

— Quando é que gostavas de lá ir?

Tornou a sorrir.

— Nos meus anos?

Dei-me conta de que não fazia ideia de quando eram os seus anos, devia ver na cha que me tinham entregado no hospital quando me confirmaram três vezes que os testes de paternidade tinham sido positivos.

— Então, será nos teus anos — acabei por aceitar.

A Lilia mostrou-se mais feliz do que nunca, aliás, nas poucas vezes em que tínhamos estado juntos, ela tinha estado muito taciturna e cabisbaixa.

Fiquei contente por saber que, ao menos uma vez, eu era a causa

direta da sua alegria.

Chegámos a casa e ajudei a Lilia a levar a bagagem para o seu quarto.

— Desfaz as malas que a Hannah vai preparar-te qualquer coisa para o jantar.

— Jantas sempre sozinho? — perguntou-me e percebi que talvez não estivesse a ser bom pai se a deixasse sempre sozinha quando chegávamos a casa.

Naquela noite, z um esforço e jantei com ela na cozinha. Ouvia-a contar-me como tinha sido a sua vida antes de vir para aqui.

Mencionou a mãe em duas ocasiões e os seus olhos humedeceram-se, tendo mesmo de parar para assoar o nariz.

Fui paciente e descobri que a Lilia era uma menina muito doce e com uma vitalidade difícil de gerir. Quando ganhou mais con ança comigo, não havia quem a calasse. A Hannah olhou-me num momento da ilha da cozinha com um sorriso divertido e eu devolvi-lho, fazendo um gesto de esgotamento mental, embora, em geral, tenha gostado de não jantar sozinho, como a Lilia tinha comentado.

Na segunda-feira de manhã, levei-a ao colégio e tornei a comprovar que a Lilia era o tipo de pessoa que esgota cada instante do dia com uma conversa, seja relevante ou não.

Quando saiu do carro e se fez silêncio, soltei um suspiro profundo e dirigi-me para o escritório. Estava cada vez mais frio, e essa realidade fez-me pensar logo na Nikki. Assomou-se um sorriso ao meu rosto, sem sequer ter consciência disso, ao lembrar-me de que se tinha protegido demasiado do frio para ir tomar o pequeno-almoço.

Até quando caria a Nikki em Londres? Do que tínhamos falado, era evidente que ela queria voltar o quanto antes e a correr.

Uma parte de mim ansiava por lhe mostrar como podia ser bonito viver numa cidade como aquela, que nem tudo eram autocarros vermelhos, frio e gente a caminhar de um lado para o outro. Quando pensava em todos os lugares onde gostaria de a levar, o meu telefone tocou.

— Passa-se alguma coisa, Francis? — perguntei ao guarda-costas da Nikki.

— Bom dia, senhor Lenox. Estou a ligar-lhe para o informar de um assunto que me tem deixado um pouco preocupado...

— O que se passou? — indaguei, planeando mentalmente o desvio para o hotel do Nate.

— Sabe, senhor, aconteceu uma coisa. A menina Nikki insistiu muito comigo para que não o avisasse. Até tentou convencer-me, dizendo que me fazia uma limpeza energética e ensinava a fazer *surf*, senhor, mas, embora tudo isso seja muito atraente, não me sinto confortável a mentir-lhe, senhor.

— Ela quer ensinar-te a fazer *surf*? — perguntei, incrédulo. — Em Londres?

— E a fazer uma limpeza energética.

— Credo — repliquei, revirando os olhos. — Diz-me o que aconteceu, Francis. Tu trabalhas para mim, não para ela.

— Eu sei disso, senhor, mas, às vezes, a menina Nikki consegue ser muito...

— Eu sei — concluí por ele.

Imaginava-a a valer-se de todos os seus atributos com o coitado do Francis. De certeza que tinha sorrido daquela maneira tão doce que era frustrante, com as covinhas a marcar-lhe as faces e as pestanas pretas a bater a favor da corrente.

Porra, só de pensar naquilo cava duro.

— O que é que ela fez? — questionei.

— Ela não fez nada, senhor, por enquanto, pelo menos. Mas acho que deveria saber que a menina Nikki está a planear ir amanhã ao hipódromo de Ascot.

Franzi o sobrolho sem perceber nada.

— Ao hipódromo? — perguntei.

— Exato, senhor. Chegou-lhe um convite da família Leighton, e pedem-lhe que para ir sozinha.

O quê?

— Uma ova — desapareci, cando imediatamente irritado. — Como conseguiram chegar até ela? Julgava que tínhamos isso controlado...

— Sabia que o senhor não ia aprovar isto, mas a menina Nikki insistiu que eu não lhe devia dizer nada. Presumo que os Leighton tenham acabado por subornar alguém do hotel, porque o convite estava no quarto dela, senhor...

— Fizeste bem em me informar disso, Francis, é para isso que te pago. Onde está a Nicole agora?

— A menina Nikki pediu-nos para a levarmos a uma entrevista de emprego, senhor, e é também por isso que estou a ligar-lhe.

— Uma entrevista de emprego onde? — retorqui, virando à direita e perdendo a paciência.

— No centro de ioga do Equinox, senhor.

— No meu ginásio?

Mas que merda?

— Estamos aqui, senhor, à espera de que a menina comece a aula de apresentação.

Foda-se.

Parei o carro e virei à esquerda.

Alteração de rumo e mudança de tática.

CAPÍTULO 29

NIKKI

Naquela manhã chuvosa chegaram-me duas cartas. Uma foi-me entregue pelo Francis e queei incomodada ao ver que estava aberta, a outra, encontrei-a em cima da cama. A primeira quase me provocou um derrame cerebral. Era a fatura do hospital e a reclamação do primeiro pagamento que chegava às dez mil libras esterlinas.

O meu seguro de saúde só cobria metade dos gastos relacionados com o tiro que levava, o que signi cava que teria de pagar cinco mil libras num prazo de vinte dias, mas isso não era tudo, porque o montante total da minha hospitalização chegava quase às cinquenta mil libras.

Deixei-me cair em cima do sofá e tentei não car ofegante.

Onde ia arranjar tanto dinheiro?

Antes da viagem, quando a Maggie insistira para fazermos um seguro de saúde, tínhamos escolhido um que cobria até às vinte e cinco mil libras pela hospitalização. Nunca imaginámos que iam tentar matar-me, como é óbvio, e também não podíamos permitir-nos fazer um seguro mais caro do que aquele que tínhamos.

Tentei acalmar-me. Tinha de haver uma maneira de nanciar aquilo ou de o dividir em prestações...

Mas onde ia arranjar vinte e cinco mil libras?

Na minha conta bancária, não devia ter mais de duas mil, e era tudo... tudo o que eu tinha, tudo o que tinha conseguido poupar na vida.

— Está bem, menina? — perguntou-me o Francis, que, sem me aperceber, cara ali a observar-me durante um bocadinho.

Anuí sem conseguir falar.

Para não me afundar na infelicidade, pus a fatura do hospital de lado e dirigi a atenção para a outra carta.

Abri-a quase sem reparar no remetente.

Olá, Nicole,

Tendo em conta quão difícil tem sido entrar em contacto contigo por telefone, vi-me na obrigação de te fazer chegar esta carta diretamente.

Creio que devemos falar pessoalmente sobre tudo o que se está a passar, sobre o teu regresso a Inglaterra e o perigo que a tua vida corre e correrá se não tratarmos imediatamente do assunto.

Compreendo a tua relutância em não queres vir a minha casa para podermos conhecer-nos pessoalmente, por isso, envio-te este convite para que venhas ao hipódromo de Ascot este sábado, ao meio-dia. Insisto que nos faria muito bem poder conversar tranquilamente, há muitas coisas que deves saber e perceber antes que decidas que partido tomar. E não quero pô-las por escrito, como compreenderás.

Chegou-me aos ouvidos que tens uma relação amorosa com o Alexander

Lenox e devo insistir, Nicole, que não convém nada juntares-te a essa família.

Se queres conhecer a verdade, peço-te que compares no hipódromo e me deixes explicar-te tudo.

Atentamente,

O teu tio DEVON

Fechei a carta com as mãos trémulas.

Outra vez aquela necessidade quase dolorosa de sair de Londres a correr e regressar à minha casa.

«Chegou-me aos ouvidos que tens uma relação amorosa com o Alexander Lenox e devo insistir, Nicole, que não convém nada juntares-te a essa família.»

Como raio podia ele saber que o Alex e eu tínhamos tido alguma coisa?

Era evidente que andavam a seguir-me, a vigiar-me.

O que raio se passava?

Porquê tanto secretismo? Porquê tantos enganos, tantas mentiras?

Eu sabia que o meu tio tinha insistido que me queria ver, que queria encontrar-se comigo. O Alex não queria que eu fosse sozinha, mas pondo isto em perspetiva... Caraças, se analisasse aquilo friamente, o Alex estava envolvido até ao pescoço em todo aquele assunto relacionado com a minha família.

Eu sabia que ele era boa pessoa, sabia que nunca me faria mal, só tinha de perceber porque se dava a tanto trabalho para que ninguém pudesse voltar a aproximar-se de mim, mas o Alex era um menino quando o acidente aconteceu. Ele apenas dispunha da informação que os seus pais lhe tinham dado, só conhecia uma versão da história.

Sentia-me no meio de uma medição de forças que só me fazia mal e não chegava a lado nenhum.

Eu queria ouvir o que ele tinha para me dizer, queria conhecê-lo, acreditar que talvez nem tudo fosse o que parecia, mas também tinha medo. Como não havia de ter? Ele era o principal suspeito de ter tentado acabar com a minha vida... E se isto fosse uma armadilha

para conseguir levá-lo a cabo de uma vez por todas?

Convidava-me para um encontro no hipódromo.

Convidava-me para um encontro num sítio público.

Olhei para o Francis, que me observava da outra ponta do quarto.

— Está tudo bem, menina? — perguntou-me, sempre muito formal.

— O que posso fazer para que, se te pedir um favor, não vás a correr dizer ao Alex?

O Francis, nervoso, mexeu-se no seu lugar.

— Menina...

Pus-me em pé.

— Farei qualquer coisa, Francis — declarei. — Posso fazer-te uma limpeza energética, sou muito boa nisso. Ensino-te a fazer *surf*, até te dou uma massagem sempre que quiseres, mas, por favor, por favor, não contes ao Alex que me convidaram para ir amanhã ao hipódromo.

O Francis estava a processar todas as propostas indecentes que acabava de lhe fazer.

— Não vou correr perigo, porque tu virás comigo e estaremos num sítio público.

— Quem a convidou, menina? — questionou de sobrolho franzido.

— O meu tio — respondi, sabendo que tinha muito a perder.

— Não posso, menina... — replicou.

Porra.

— Francis, ele só quer falar comigo... Preciso de me encontrar com ele sem que haja com ito de interesses, e eles existirão se eu for acompanhada pelo Alexander Lenox.

O Francis olhou em frente, como se fosse uma estátua.

Aproximei-me dele.

— Está bem — disse, avaliando as minhas opções —, deixa-me

contar-lhe então.

O Francis olhou-me como se me perguntasse se achava que ele era idiota.

— Eu vou dizer-lhe, mas, por enquanto, não. Ao menos, deixa-me...
deixa-me avisá-lo com pouco tempo de antecedência.

O Francis não disse nada, continuou a ignorar-me e a olhar em frente.

— Francis...

— Desculpe, menina — a rmou e não parecia sentir minimamente o que dizia.

Fitei-o, furiosa.

— Tens uma aura negra, Francis, muito negra — a rmei e saí do quarto a bater com os pés no chão.

Desci até ao restaurante do hotel e encontrei a Maggie a tomar o pequeno-almoço com o Nate.

Alguém que me beliscasse.

Viram-me entrar e fui diretamente até à mesa deles.

— O que estão a fazer? — perguntei com cautela.

A Maggie devolveu-me o olhar e vi nos seus olhos que estava tão surpreendida como eu. O Nate levantou-se e, com um gesto dirigido ao empregado de mesa, pediu-lhe para me trazer uma cadeira.

— Senta-te, Nikki — disse o Nate quando ma trouxeram. Fi-lo e continuei a observá-los, boquiaberta.

A última coisa que tinha sabido era que mal falavam e que a Maggie andava a dar voltas à cabeça para saber como havia de contar ao Nate sobre o bebé.

— Como estás? — perguntou-me, cautelosamente, o melhor amigo do Alex. A forma como me olhava não me deixava um bom
pressentimento, era como se, de repente, não con asse em mim.

— Muito bem, obrigada — respondi, olhando primeiro para ele e,

depois, para a minha amiga.

— Ele já sabe — declarou a Maggie, adiantando-se às minhas próprias conclusões.

— Sabe?... — comecei por dizer, porque não queria meter a pata na poça.

— Sei da gravidez — respondeu o Nate pela Maggie.

Soltei o ar que estava a reter.

— Menos mal — disse, deitando um pouco de chá na chávena que o empregado de mesa tinha acabado de pôr à minha frente. — Parabéns

— felicitei-o, devolvendo-lhe o olhar sem saber muito bem o que dizer.

Não fazia ideia do que a Maggie lhe tinha contado exatamente, mas não era preciso ser muito inteligente para perceber que aquela história de que talvez ele não fosse o pai era uma informação que ainda não tinha visto a luz do dia.

— Obrigado, presumo — replicou, cando muito sério, muito mais sério do que alguma vez o vira, tendo em conta que o Nate era um tipo jovial, divertido e que estava quase sempre a dizer piadas. —

Estava aqui a dizer à Maggie que acho que não é boa ideia vocês continuarem a viver aqui — a rmou o Nate e a Maggie fulminou-o com o olhar, coisa que ele ignorou olímpicamente.

Tornei a tá-lo. Estava distraída, não conseguia afastar da mente o convite do meu tio nem a dívida que tinha para com o hospital. Sentia que estava a fazer cálculos matemáticos e a informação básica que o Nate tinha acabado de me transmitir não queria entrar no meu cérebro.

— Então, onde queres que vivamos? — perguntei-lhe.

Primeiro, o Nate olhou para a Maggie e, de seguida, para mim.

— Olha, acho que o melhor para todos seria tu viveres sozinha até que todo esse assunto de família esteja resolvido. Preocupa-me que sejas um alvo e a Maggie possa car ferida, estando ao teu lado.

Uau.

Demorei uns segundos a recuperar do golpe.

Olhei para a minha amiga.

— Eu não concordo com isto, Nikki — começou por dizer, mas o Nate interrompeu-a.

— Não quero ser um cabrão, mas é normal que me preocupe.

Dispararam sobre ti e também podiam tê-la atingido. Vou procurar um sítio para cares, tenho mais hotéis, não te faltará nada. Eu quero ajudar-te, Nikki, a sério, mas o melhor é vocês manterem-se afastadas por um tempo.

Desde quando é que o Nate tomava decisões pela minha melhor amiga?

— Ah, claro, percebo — disse, embora me sentisse traída. A Maggie estava ligada ao Nate pelo bebé, não lhe faltaria nada, mas eu, em contrapartida... Não queria ser uma responsabilidade nem um incómodo para ninguém e ele tinha razão, todos eles estavam em perigo por minha causa.

De repente, tive uma vontade enorme de desatar a chorar, mas contive as lágrimas com todas as minhas forças e mantive-me estoica.

— Vês? — interveio a minha amiga, aproximando-se de mim. — Eu disse-te que era uma péssima ideia! — Abraçou-me e devolvi-lhe o gesto, sentindo todo o peso da responsabilidade de quem era cair-me sobre os ombros.

— O Nate tem razão — a rmei em voz alta, depois de uns segundos a re etir sobre aquilo. — Não quero que te aconteça nada. Estás grávida, Maggie, não podes voltar a passar pelo stresse que passámos há umas semanas.

— Não me quero separar de ti — insistiu a Maggie.

— Eu vou cuidar da Maggie, Nikki — disse o Nate, rompendo o nosso abraço com as suas palavras. Ambas nos virámos para o Nate um bocado espantadas. — Porque é que me olham assim?! Não vos deixei car numa das melhores *suites*?! — perguntou, indignado.

Ao meu lado, a minha amiga descontraiu um bocadinho e mudou de posição.

— Vamos vendo como as coisas evoluem... — declarou a Maggie com calma. — Por enquanto, o importante é que estejas em segurança, Nikki, e estou certa de que o Alex terá qualquer coisa a dizer quando souber que te vais mudar para ires viver noutra hotel — disse-me a minha amiga, olhando-me com segundas intenções.

— Não diz respeito ao Alex onde eu vivo ou deixo de viver —

respondi categoricamente. — Vou fazer as malas num instante...

— Nikki, não temos pressa, demora o tempo que for preciso, está bem? Eu vou falar com o Alex...

— Não — repliquei, pousando a chávena em cima da mesa. — Não é preciso, eu mesma lho direi. Não é preciso fazer um drama por causa disso. Faz todo o sentido e tanto me faz o hotel em que estou hospedada, desde que seja seguro, portanto, não te adiantes.

— Está bem, mas não te demores a dizer-lhe. Ele não gosta de ser o último a saber — pediu-me o Nate. Ao dizer isto, olhou para a Maggie com uma expressão fria como gelo.

Ambas percebemos a dica imediatamente.

— Vou trabalhar — disse o Nate um segundo depois, levantando-se.

— Esta semana, vou voar para Itália, por isso, só chegarei na próxima quarta-feira — informou-nos, embora o zesse mais para a Maggie.

Ela assentiu apenas com um meneio de cabeça e cou a olhar para ele com aquela expressão que costumava fazer quando queria que o Nate a zesse sorrir até lhe doerem as bochechas.

Evitei abanar a cabeça, pensando que a Maggie estava muito enganada ao voltar a ganhar falsas esperanças com uma pessoa que não ia mudar, apesar de estar prestes a tornar-se o pai do seu lho.

O Nate foi-se embora e, quando cámos sozinhas, virei-me para a minha amiga.

— Quando é que lhe disseste? — perguntei, incrédula.

— Ontem... — respondeu com o olhar ainda xo no sítio por onde o Nate tinha desaparecido.

— Ele sabe do Malcolm? — indaguei sem lhe dar a mínima trégua.

A Maggie lançou-me um olhar venenoso.

— Tudo a seu tempo, agora, não quero falar do Malcolm. Isso são águas passadas, aliás, já estamos a tratar dos papéis do divórcio.

Eu sabia que tinham falado em divórcio, mas não sabia que já estavam tão adiantados para assinarem os papéis.

— Não achas que, antes de te divorciares, deverias ser sincera com ele e dizer-lhe que pode ser o pai do teu lho?

— Já chega, Nikki — declarou a Maggie, elevando o tom de voz. —

Eu não te digo como deves viver a tua vida, apesar de achar que te estás a enganar completamente, não o faças comigo.

As suas palavras incomodaram-me.

— Devíamos estar a ajudar-nos uma à outra, Margot. É para isso que servem as amigas, e nós somos como irmãs.

A Margot tou a toalha de mesa por um instante e depois ergueu o olhar até cravar os seus olhos nos meus.

— E as irmãs agem às escondidas? — acusou-me, então, coisa que me deixou um bocado desconfortável. — O que ias dizer ao Nate na manhã em que lhe pediste para te ir buscar?

Merda.

Fiquei sem saber o que dizer por um momento e a minha amiga observou a minha reação com uma atenção clínica.

— Ias dizer-lhe, não era?

— Maggie...

— Inacreditável — exclamou de repente, abanando a cabeça, incrédula.

— Estava preocupada contigo... Ainda estou, mas só queria ajudar.

— A propósito de uma coisa que não te diz respeito?

— A tomares uma decisão que não tinhas coragem de tomar sozinha.

— Se te digo que preciso de algum tempo, é porque preciso mesmo dele.

— Está bem, Margot, mas o teu bebé não dá tempo nenhum. Estás de quanto tempo? De dois meses? E ainda nem sequer te ouvi dizer que vais ver um médico!

— Já fui ao médico, sim — a rmou conforme se virou, surpreendendo-me. En ou a mão na mala e retirou uma imagem de uma ecogra a do bebé. Pô-la em cima da mesa para eu poder vê-la. —

É um rapaz.

Pestanejei, confusa, olhei para a imagem e, depois, para ela.

Um menino.

— É incrível...

Na imagem, via-se claramente as mãos, os pés e a cabeça do bebé que se formava.

A Maggie pegou na ecogra a e tornou a metê-la na mala.

Quando voltei a focar os olhos na sua cara, vi que uma lágrima lhe caía pela face.

— Não é má ideia separarmo-nos um tempo — disse, levantando-se.

— Maggie — chamei-a, agarrando-a pelo pulso —, só te queria ajudar.

— É esse o problema, Nikki... Há uma grande diferença em querer ajudar e fazê-lo verdadeiramente.

A minha amiga afastou-se de mim, deixando-me sozinha na sala com uma sensação de vazio.

*

Depois de tomar o pequeno-almoço, perguntei no hotel onde cava o ginásio. Apesar de odiar aquele tipo de estabelecimento, procurei uma sala onde pudesse praticar um pouco de ioga e meditação.

Precisava de trabalhar o corpo, sentir o desgaste do exercício, distrair-me dos problemas.

Uma hora depois de ter exercitado, uma senhora entrou na sala e apanhou-me com a cabeça no chão e os pés para cima, numa das minhas posições preferidas.

Ao ver que me observava, baixei os pés devagar até voltar a car sentada sobre os calcanhares.

— Incrível — comentou a senhora, que não teria mais de quarenta anos, talvez trinta e muitos. Era bonita, esguia, usava um conjunto desportivo da *Chanel* e tinha umas pestanas incrivelmente compridas, postiças, mas que tornavam os seus olhos bonitos e intensi cavam o tom verde-escuro. — Já há um ano que pratico ioga e nunca fui capaz de fazer esse tipo de posições.

Sorri.

— A técnica é o mais importante e, sobretudo, fortalecer os músculos — respondi, levantando-me e começando a enrolar a esteira.

— Não é de cá, pois não? — perguntou-me, observando-me com curiosidade.

— Não, sou da Indonésia — a rmei.

A mulher abriu os olhos, surpreendida.

— Referia-me ao facto de não ser de Inglaterra, tem um sotaque quase perfeito! — exclamou e senti-me lisonjeada.

— Obrigada.

— Presumo, então, que sempre tenha praticado ioga, certo?

— Em Bali, é bastante comum, sim — respondi, pegando na minha esteira e pondo-a debaixo do braço.

— Aqui é tão difícil encontrar um bom professor...

Aquilo captou a minha atenção.

— Ah, é? — indaguei.

— Impossível... Quase todos aprenderam em casa com vídeos do YouTube...

— Eu sou professora — respondi-lhe.

Ela arregalou os olhos, surpreendida.

— Se quiser trabalhar aqui, as pessoas iam preferi-la aos ginásios —
armou e escutei-a com mais atenção.

— Acha que sim? — insisti.

— Querida, com o seu corpo, a sua técnica e a sua cara, até o próprio Equinox lhe pagaria uma fortuna para dar aulas às suas clientes riquíssimas, para fazer o que acabou de fazer com toda essa desenvoltura.

— O que é o Equinox? — quis saber, sentindo um aperto no estômago.

Ela olhou-me como se eu fosse uma marciana.

— Um dos ginásios mais luxuosos de Londres.

Pensei de imediato na dívida de vinte e cinco mil libras que me cara gravada na mente e não me deixava dormir descansada.

Ela deve ter visto qualquer coisa na minha expressão quando, em poucos segundos, me ofereceu a solução para todas as minhas preces.

— O dono é amigo do meu marido — disse-me, então. — Se quiser, posso falar com ele para lhe fazerem uma entrevista. É como lhe digo, é muito difícil encontrar uma boa professora de ioga e é o desporto mais procurado entre as pessoas com muito dinheiro.

Achei graça falar-me das «pessoas com muito dinheiro» como se ela não fosse uma delas.

Sorri como uma menina.

— Se me arranjar esse trabalho, prometo que eu mesma a treinarei sempre que quiser — ofereci-me.

O seu sorriso cou escancarado e retirou um *iPhone* do sutiã.

— Vou fazer essa chamada neste mesmo instante.

Devolvi-lhe o sorriso e assim fez. Falou dos meus talentos, mesmo sem me ter visto fazer nada de especial, mas tinha bastado dizer que eu era asiática e a conversa prosseguiu de uma forma bastante positiva.

Quando desligou, mostrou-me um sorriso contagiado.

— Querem encontrar-se consigo ainda hoje. Bem lhe disse que eles estavam desesperados.

E foi assim que consegui a minha primeira oferta de trabalho em Londres.

O ginásio era espetacular. Nunca tinha visto algo assim, parecia um palácio com máquinas de desporto. Assim que entrei, um rapaz incrivelmente musculado mostrou-me as instalações e explicou-me como tudo funcionava. Disse-me que a clientela era da alta sociedade londrina e que, às vezes, isso podia ser problemático para os trabalhadores.

— As pessoas com dinheiro estão à espera de que as tratem de uma determinada maneira... Tens de ter muita paciência.

Não sabia muito bem a que se referia, mas assenti com um aceno de cabeça a tudo o que me foi dizendo.

Eu só precisava do dinheiro.

— Se te encaixares bem aqui, o salário é o dobro de qualquer outro ginásio da cidade. Agora, vais ter de trabalhar imensas horas e estar sempre preparada para substituir os outros se alguém adoecer ou houver falta de pessoal.

— Posso fazer isso — disse-lhe. Estava habituada a trabalhar mais de dezasseis horas por dia.

O rapaz anuiu, satisfeito com a minha resposta, e abriu a porta transparente que tinha inúmeras esteiras no chão, dispostas de maneira uniforme. Eram todas douradas, a jogar com as cores do ginásio.

— O meu chefe e eu viremos ver-te dar uma aula. Se gostarmos de ti, podes começar já.

— Genial! — exclamei e mostraram-me onde cavam os vestiários do pessoal.

Mudei de roupa e vesti o meu melhor conjunto de ioga, umas *leggings* azul-lavanda a condizer com um *top* com as tas cruzadas nas costas. A Maggie oferecera-mo nos meus anos e, além de ser lindo,

assentava-me que nem uma luva. Apanhei o cabelo num puxo de bailarina e peguei nos meus óleos preferidos para surpreender os

clientes com uma coisa que tinha a certeza de que nenhum professor usava com os seus clientes em Londres.

O homem que tinha andado a mostrar-me o ginásio chamava-se Landon e, assim que me viu sair do vestiário, lançou-me um olhar bastante óbvio que me percorreu todo o corpo e conseguiu fazer-me corar.

— Aviso-te já que todas as que vierem cá vão exigir acabar com o mesmo corpo que tu tens.

Sorri, mas, ao ver que estava a falar a sério, o sorriso desapareceu da minha cara.

— Cada corpo é diferente, o ioga não faz milagres — tentei explicar-lhe.

— Pois, então, guarda esse pormenor para ti — foi tudo o que disse.

Segui-o até ao ginásio, até chegar à aula, e, através dos vidros da porta, o mais afastado possível, vi o Francis. Tivera de discutir com ele para que não andasse a seguir-me pelo ginásio, pois não queria levantar suspeitas que não podia resolver, uma vez que ninguém ia perceber por que razão uma professora de ioga qualquer precisava de guarda-costas.

Eu tinha vencido a batalha, mas, assim que rodei sobre os calcanhares para seguir o Landon até à sala onde as clientes me aguardavam, quase esbarrei com um armário vestido com um fato *Armani*.

O seu odor inundou todos os meus sentidos e senti-me aturdida por uns instantes.

— Senhor Lenox — disse o Landon, cumprimentando aquele homem espetacular. — Houve algum problema nos vestiários, senhor?

— perguntou-lhe, certamente referindo-se ao facto de ele ser o único homem ali que não estava vestido com roupa desportiva.

Espera lá...

O Alex ia àquele ginásio?

— Nenhum problema. Preciso de falar com a Nicole.

Os nossos olhares encontraram-se e vi que estava furioso... Furioso

comigo, e eu não sabia porquê.

O Landon olhou para ele e, depois, para mim.

— Com a professora de ioga? — perguntou o Landon e quei satisfeita por já estar a considerar-me professora daquele sítio.

— Agora não posso — respondi, cando séria e tentando que a surpresa de o ter encontrado ali não apagasse o meu juízo mental.

— Claro que podes.

— Na verdade, tem de dar uma aula, as pessoas estão à espera...

O Alex deu um passo em frente, invadindo o meu espaço pessoal.

— Dá tu a aula — disse ao Landon, pegando-me no braço e encaminhando-se na direção contrária. — Vamos.

Porra.

Segui-o, porque não queria armar um escândalo.

Levou-me até um dos vestiários masculinos.

— Mas que merda estás aqui a fazer, Nikki?

Soltei-me e virei-me para o encarar.

— Eu é que devia fazer-te essa pergunta, não te parece? — interrompi-o, incrédula.

Reparei que estava impecavelmente vestido, com uma gravata azul-clara, camisa branca e fato azul. O seu cabelo, pelo contrário, estava bastante despenteado, como se tivesse estado a mexer nele, nervoso, no caminho para aqui.

Eu deixava-o nervoso?

— Não podes trabalhar aqui — disse-me, perdendo a paciência.

— Só porque tu o dizes — retorqui.

— Não precisas de trabalhar. Não é seguro estares aqui com o Francis tão longe de ti que nem sei por que raio lhe estou a pagar. O

que é que te passou pela cabeça?

— Ganhar dinheiro? — repliquei, zangada. — Porra, deve ser mesmo fácil ser milionário e satisfazer os caprichos todos.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Falas como se não fosses a herdeira de uma das maiores fortunas deste país.

Olhei para os dois lados, na esperança de não haver ali ninguém que pudesse ter ouvido aquilo.

— Cala-te, Alex, não fales disso aqui.

— Mas é a puta da verdade, porra. Achas que ninguém te vai reconhecer? Vieste para o ginásio mais caro da cidade, esta gente levanta-se e adormece a ler a imprensa. Muitos deles até devem ser amigos do teu tio, e tu estás a entregar-te de bandeja, mostrando-lhe onde ele pode encontrar-te!

— Não posso andar sempre a esconder-me! Tenho contas para pagar.

O Alex olhou-me, incrédulo.

— Contas? Que contas? Eu estou a encarregar-me de tudo para que não tenhas gastos nenhuns.

Pestanejei, perplexa.

— É precisamente por isso, não podes sustentar-me, Alex! Aceito os guarda-costas, mas preciso de dinheiro.

— Diz-me de quanto precisas e eu dou-te, mas não podes estar aqui.

Não podes expor-te desta maneira, não é seguro para ti, não é seguro para ninguém.

— Não posso depender de ti. Preciso de pagar a conta do hospital, preciso de trabalhar para conseguir...

— A conta do hospital? — interrompeu-me. — Que merda de conta do hospital se já está paga?

Detive-me um segundo e respirei fundo.

— A conta de cinquenta mil libras, e o seguro só cobre metade.

O Alex voltou a olhar para mim, exasperado.

— Não há dívida nenhuma com o hospital, Nikki, já me encarreguei disso.

— Mas... — disse, tando-o, impressionada, agradecida e incomodada, tudo ao mesmo tempo. — Não podes... Tu não podes pagar essa quantidade de dinheiro, não está certo, eu não...

O Alex deu um passo em frente e tomou-me suavemente os braços.

— Achas mesmo que ia deixar que casses sobrecarregada dessa maneira com uma dívida de vinte e cinco mil libras?

Abri os olhos, surpreendida.

— Falas como se fossem cinquenta, Alex!

— Para mim, é como se fossem.

Respirei fundo, tentando acalmar-me. Caraças... O que para aquele homem era uma ninharia, para mim, tinha sido um pesadelo, desde que tinha cado a saber que tinha de pagar aquele valor.

Deixei-me cair em cima do banco do vestiário.

— Isto é de mais para mim — disse, derrotada.

O Alex observou-me, depois, ajoelhou-se à minha frente e obrigou-me a olhá-lo quando começou a falar.

— É de mais para ti, porque tens a mania de que tens de fazer tudo sozinha e não me deixas cuidar de ti.

Comprimi os lábios com força.

— Toda a minha vida cuidei de mim.

— E é muito difícil para o meu lado protetor assimilar isso e deixar-te fazê-lo, mas isto ultrapassa as tuas capacidades, Nicole. Precisas de mim e estou aqui para te ajudar.

Neguei-o, abanando a cabeça.

— Não posso... Não quero isto, Alex. Não está certo, não está bem, não sou uma responsabilidade tua...

— Porra, Nikki. Eu quero cuidar de ti, porque o faço do fundo do coração, foda-se. Eu morro se te acontecer alguma coisa, não percebes isso?

Os nossos olhares encontraram-se e o meu coração acelerou perante as suas palavras.

Abanei a cabeça.

— Não estás a falar a sério...

O Alex lançou-me um olhar envenenado que me gelou as veias.

— Achas que te ia mentir sobre uma coisa dessas?

Reparei nos seus bonitos olhos cor de mel e no seu cabelo escuro despenteado, nos seus bonitos lábios, carnudos, mas masculinos, por estar tão perto daquele maxilar quadrado que os meus dedos desejavam acariciar.

Foda-se.

Porque tinha de me dizer aquilo logo ali, naquele momento?

Pus-me em pé.

— Voltámos a transpor linhas invisíveis que não devíamos passar — disse-lhe com receio.

O Alex também se levantou.

— És tu que estás constantemente a desenhar essas linhas, e começo a car cansado de as apagar uma a uma. Para de lutar contra a nossa relação!

Detive-me por alguns instantes, analisando as suas palavras. Eram palavras bonitas, belas, palavras que ele não devia estar a dizer-me, que não devia estar a dizer-me num vestiário de um ginásio onde esperavam que eu comesse a trabalhar.

— Que relação, Alex? Como poderá existir uma relação entre nós quando continuamos a viver em países diferentes?

O Alex deu um passo em frente e pegou-me na cara.

— Porque te deixaste levar quando só ias ter-me contigo durante trinta dias, mas quando se calhar existe uma vida inteira para ambos te fechas completamente e me deixas de fora?

Agarrei-lhe as mãos e afastei-as das minhas faces com suavidade.

— Porque sei o que foi perder-te uma vez e não consigo voltar a passar pelo mesmo. É por isso.

Ia acrescentar mais qualquer coisa, mas, depois, o Landon abriu a porta do vestiário e interrompeu-nos.

— Senhor Lenox, precisamos da Nikki.

Contornei o Alex sem lhe dar tempo de dizer nada e segui o Landon pelo corredor.

Tinha uma aula de ioga para dar.

CAPÍTULO 30

ALEX

Fiquei a olhar para a porta por onde ela acabara de sair.

«Porque sei o que foi perder-te uma vez e não consigo voltar a passar pelo mesmo.»

Porém, na minha mente, não nos íamos voltar a separar, coisa que ela não parecia compreender. Para ser franco, uma parte de mim queria que a Nikki aceitasse vir para Londres comigo, se realmente acabássemos juntos. O meu lado mais egoísta fazia planos com base unicamente em pormenores laborais, como, por exemplo, eu ter de gerir uma empresa multimilionária, enquanto ela era apenas veterinária, um trabalho que podia fazer em qualquer lado.

Eu, um idiota chapado, que, por aquela altura, não percebia a

importância de ser como a Nikki, cujos valores pouco tinham que ver com o capitalismo.

Não é assim tão simples conhecer alguém cujas decisões se baseiam apenas no amor à sua terra, à sua gente, aos seus animais e aos seus amigos. Talvez a Nikki conseguisse renunciar a tudo por amor, mas estava relativamente disposta a não entrar comigo numa coisa que sabia que, se o zesse, defraudaria tudo aquilo que defendia e pelo que tinha lutado com unhas e dentes.

Uma sensação fria percorreu-me de alto a baixo quando, de facto, consegui perceber que, se continuasse a insistir, iria apenas magoar o seu maravilhoso coração.

Ela não podia ser minha, era tão simples quanto isso.

Ela não devia ser minha, do mesmo modo que um leão não devia ser criado num jardim zoológico, tal como não se devia ter um canário numa gaiola, da mesma maneira que não se devia ter um aquário...

A Nikki tinha a alma de um animal livre que corre pela selva a lutar pela própria comida e a defender o seu território.

Não estava habituado a não ter o que desejava, embora os últimos dois anos me tivessem ajudado a compreender que há coisas que, pura e simplesmente, escapam ao nosso próprio controlo.

Foi duro perceber que pouco podia fazer.

Foi duro aperceber-me de que aquela mulher maravilhosa acabaria por ser de outro.

Falei com o Francis antes de me ir embora do ginásio, não sem antes observar a aula da Nikki através dos vidros. Era impressionante como estava tão gira, e vê-la vestida com aquele conjunto de *leggings* e *top* levou-me diretamente para as recordações que tinha de nós os dois na ilha.

Senti-me angustiado, com uma pressão no peito que, embora menor, se assemelhava à mesma ansiedade que senti no dia em que me disseram que o meu irmão mais velho tinha morrido. A mesma sensação de perda, de impotência, de raiva e de dor profunda por não poder fazer nada.

Afastei-me dos vidros e tomei uma decisão.

Ajudaria a Nikki, mas fá-lo-ia à distância. Respeitaria os seus desejos e cumpriria o meu dever como homem que sabe que, sem proteção ou ajuda, a Nikki seria devorada pelos leões.

Pedi ao Francis para ele a acompanhar onde ela quisesse ir, que não lhe contasse o que tinha falado comigo e que eu me asseguraria de que

a reunião com o seu tio não seria um encontro que pudesse pô-la em perigo.

Iria afastar-me em termos emocionais, mas não pensava permitir que a manipulassem ou atentassem contra a sua vida. Não iria parar enquanto a Nikki não pudesse regressar a casa sã e salva, fora de perigo.

Isso, sim, eu podia controlar. Disso, sim, eu podia encarregar-me.

Voltei para o meu carro e, de seguida, para o meu escritório.

Depois de subir no elevador e chegar ao andar em que cava o meu escritório, o da minha secretária e a sala de reuniões, encontrei à minha espera o Nate, vestido de comandante.

Senti uma pontada de dor e inveja ao ver que ele podia continuar a voar, ao contrário de mim, que devia car ali enjaulado a gerir uma empresa pela qual nunca quis ser responsável.

— O que fazes aqui? — perguntei-lhe, surpreendido e um bocado preocupado, ao ver a expressão do meu amigo.

— Tens um minuto? — indagou.

Olhei para a Lexie, a minha secretária, e ela abanou a cabeça.

— Não tem nenhuma reunião antes do meio-dia, senhor Lenox.

— Muito bem, então que não nos incomodem — disse, abrindo a porta do meu escritório e deixando o meu melhor amigo entrar primeiro. — Traga-nos dois cafés.

— Trago já, senhor.

Sentei-me à frente do Nate, com a mesa entre nós.

— O que aconteceu? — perguntei.

O Nate olhou-me com um ar muito sério.

— A Maggie está grávida — declarou, sem rodeios.

Arregalei os olhos de surpresa. Não estava nada à espera daquilo.

— De ti? — repliquei após uns instantes de silêncio, para ter a certeza.

O Nate devolveu-me um olhar de exaspero.

— De quem havia de ser se não meu? — retorquiu e quase me rosnou.

Fitei-o até que compreendeu o sentido da minha pergunta.

O Nate pareceu sofrer uma espécie de revelação.

— Ela fez esta viagem até cá só para mo dizer — enfatizou e percebi que não tinha muita lógica que o tivesse feito se achasse que o lho não era do Nate.

Observei-o com calma.

— Vais ser pai... — disse-lhe e um sorrisinho surgiu-me no rosto. —

Bem-vindo ao clube.

O Nate fulminou-me com o olhar.

— Não sejas cabrão, não te rias disto. Foda-se, és um chato do caraças.

— Sabes o que é um chato? — questionei e ele esperou que eu continuasse: — Aquilo em que te tornaste desde que regressámos de Bali. Não estás bem, Nate. Continuas apaixonado pela Maggie, eu conheço-te, e não podes culpá-la por ter querido magoar-te depois do que tu lhe zeste.

O Nate levantou-se e pôs-se a percorrer o escritório, bastante nervoso.

Então, a Lexie entrou com os nossos cafés, pousou-os em cima da minha secretária e saiu.

— Serias capaz de perdoar uma coisa destas? — quis saber o meu amigo. — De perdoar aquela traição?

Observei-o do sítio onde estava.

— Não somos iguais, Nate. O que eu perdoaria ou não perdoaria não

deve in uenciar a tua decisão em relação à mulher que amas.

— Ou seja, não lhe perdoarias — insistiu.

— Acho que vocês os dois já zeram muito mal um ao outro... Acho que não podes ser hipócrita ao ponto de a odiar por ter tomado uma decisão que é evidente que tomou por te ressentir... Acho que a vida é muito curta, Nate, muito curta para a viveres sem a mulher que amas só porque o teu orgulho não te permite ver tudo isto como é na realidade.

— E como é?

— Uma brincadeira de crianças — respondi simplesmente.

O Nate tou-me e disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— Vai à merda.

Sorri.

— Já estou en ado na merda até ao pescoço.

— Ela casou-se com o nosso melhor amigo!

— Foda-se, esquece isso! Eles já se separaram, ou não? Ela veio até aqui, porque está à espera de um lho teu. Basta ver como olhas para ela e como ela olha para ti. Tenho a certeza de que tudo o que a Margot desejava era que te comprometteses verdadeiramente, que, de facto, deixasses de te comportar como um miúdo e decidisses dar-lhe o que ela merece. Foda-se, tu, sim, podes escolher! — exclamei, elevando o meu tom de voz. Levantei-me e aproximei-me da janela.

Respirei fundo para tentar fazer com que os meus próprios problemas não interferissem com os conselhos que dava ao meu melhor amigo.

— Ela está cá. Está cá porque te ama. Está cá porque te escolheu.

Acima de tudo, escolheu-te a ti. Sabes quão difícil isso é? Sabes quão difícil é renunciar a tudo?

O Nate tornou a sentar-se e levou as mãos ao cabelo num gesto desesperado.

— Tenho medo do poder que ela tem sobre mim — admitiu, levantando os olhos.

— Parece-me que em relação ao poder são vocês os dois que o exercem um sobre o outro.

O Nate abanou a cabeça, negando-o.

— Tu já a viste? Viste como ela é corajosa? Como é incrivelmente bonita, forte, lutadora, divertida, sensual e diabolicamente ruiva?

Sorri.

— Como vou fazer para estar com ela sem me tornar num brinquedo que ela pode usar a seu bel-prazer?

Avaliei a minha resposta antes de lha dizer:

— Parece-me que, no amor, todos somos marionetas do outro... O truque está em não partir os os que nos mantêm de pé.

— Então, é nisso que a minha relação vai consistir? Em eu ser uma marioneta da Margot?

— Tu ama-la? — perguntei-lhe.

O Nate assentiu em silêncio.

— Nesse caso, parece-me que acabas de responder a ti próprio. A história da marioneta é a merda de uma metáfora, Nate. O que eu quero dizer é que tens de perceber que, quando há amor verdadeiro e respeito, a balança ca equilibrada. É aí que está a di culdade, em encontrar o equilíbrio.

— Acho que, ao longo de todos estes anos, nunca a respeitei como merecia.

— Pois é, talvez a vida esteja a dar-te uma última oportunidade para lhe demonstrares de que és capaz de a tratar como ela merece — disse-

lhe simplesmente. — Tu és um bom tipo, Nate, só que sempre tiveste o que querias... Quando as coisas se complicavam, atiravas a toalha ao chão, mas, na verdade, teres tido de lutar por ela fez com que a desejaasses ainda mais.

Ficou calado durante alguns segundos e algo mudou no seu semblante. Levantou-se e deixou a chávena em cima da secretária.

— Tenho de ir voar — anunciou, mas transmitiu-me muito mais coisas apenas com um simples olhar. — Obrigado por me ouvires...

Acho que vou fazer o que me dizes, vou lutar pela nossa relação.

Anuí em silêncio e o Nate observou-me com um brilho novo no olhar.

— É um rapaz, de certeza... Vou ter um lho — declarou.

Sorri e dei-lhe uma palmada no ombro.

— Como pai de uma menina, que ainda estou a conhecer, aconselho-te a conservares a carta de piloto e a voar para qualquer lado até ele fazer, pelo menos, os dezoito anos.

O Nate sorriu.

— Já te pediu para a lewares a algum lado?

— À Disneyland — respondi muito sério.

O Nate deu uma gargalhada.

— Cada vez gosto mais dessa miúda.

Não lhe devolvi o sorriso, embora estivesse a sorrir por dentro.

O Nate foi-se embora e eu quei a pensar em muitas coisas...

Demasiadas coisas.

CAPÍTULO 31

NIKKI

O meu tio Devon mandou-me um vestido e um chapéu lindo a condizer na mesma manhã em que nos íamos encontrar no hipódromo. Abri a caixa com curiosidade e lá estavam eles: um vestido incrível, cor de salmão, tão elegante que, ao tocar no tecido, senti um arrepio. Quanto teria custado aquele vestido?

O chapéu era discreto, com um ramo pequeno de orzinhas num dos lados, do mesmo tom do vestido. Os saltos altos eram de um azul lindo, tão altos que tive receio de não saber andar com eles.

Vinha um cartão no meio do tecido.

Querida Nicole,

Tenho muita vontade de nalmente te conhecer.

Tomei a liberdade de te mandar um vestido, já que o protocolo de Ascot é bastante rigoroso, e não queria pôr-te no aperto de teres de comprar qualquer coisa para a ocasião.

Espero que possas desfrutar de uma noite maravilhosa na companhia da tua família e, claro, podes convidar quem desejares que te acompanhe.

Um abraço,

DEVON LEIGHTON

Ao diabo com o potencial assassino... Era difícil odiá-lo quando me tratava com tanta amabilidade. Olhei para os bilhetes, eram brancos e com letras douradas e, no cabeçalho, dizia: «Royal Enclosure.»

Tudo seguia o protocolo e era tão pomposo que me perguntei no que raio estaria a pensar ao ir àquele sítio conhecer um tio que podia ser o culpado pela morte dos meus pais.

O Alex não sabia de nada. Se soubesse, ter-me-ia dito no dia anterior, quando nos enfrentámos no ginásio, e não o tinha feito. Isso deixava-me descontraída e assustada ao mesmo tempo, porque, não vou mentir, me sentia segura na sua presença. Eu sabia que o que me preparava para fazer era arriscado, sabia que estava a agir contra todas as suas advertências, mas sentia que devia ir sozinha. Iria com o Francis e o nosso encontro seria num sítio público. Devia começar a resolver este assunto sozinha e devia fazê-lo se não queria que o Alex sentisse que era responsável por mim. Depois de o ter rejeitado, merecia que o deixasse em paz.

Decidi não contar nada à Maggie. Não a queria preocupar e, além disso, desde que se tinha ido embora, chateada com o assunto do Nate, não tínhamos voltado a falar e não me agradava a maneira como as coisas tinham cado. O plano de eu mudar de hotel estava em marcha e o Nate dissera que eu podia mudar na segunda-feira, que não havia pressa.

Sentia que estava infetada pela peste. Passei uma mão pelo tecido do vestido e comecei a vestir-me. Não sei como tinham feito, mas o vestido assentava-me que nem uma luva e cava justo ao tronco como uma segunda pele. Não tinha decote e era de manga comprida, mas,

por estar tão justo, marcava-me a cintura e o peito até cair com alguma leveza por baixo dos joelhos.

Arranjei-me como pude para me pentear e pôr o chapelinho, maquilhei-me de uma forma muito natural. Quando terminei,

enquanto me olhava ao espelho, lembrei-me da minha avó. Pensei se me reconheceria se me visse vestida daquela forma tão elegante. E

voltei a pensar no meu tio. Senti-me tentada a pôr o seu cigarro na minha bolsa, mas, à última hora, decidi que não o fazer. Tinha chegado a hora de enfrentar sozinha as minhas verdades.

Quando quei pronta, saí do quarto e encontrei o Francis, que estava impecável, usando um *smoking*.

Abri os olhos, surpreendida.

— Estás muito giro, Francis — comentei, entusiasmada.

— Menina, tive de alugar um fato para a ocasião.

Senti-me logo mal.

— Peço-te imensa desculpa, Francis. Vou compensar-te, a sério —

disse-lhe, apesar de ainda não saber como ia fazê-lo. As minhas dívidas em Londres já chegavam a milhares de libras, porque, apesar de o Alex me ter dito que se tinha encarregado das minhas contas, pensava devolver-lhe tudo até ao último centavo.

Ainda era cedo, portanto, a Maggie devia continuar a dormir.

Escrevi-lhe um bilhete e deixei-o em cima da mesinha do salão da *suite* a dizer para não se preocupar comigo.

Já pronta, segui o Francis até ao elevador e, depois, entrámos no carro.

O meu nervosismo foi aumentando à medida que nos afastávamos de Londres, deixando os arranha-céus para trás, e nos aproximávamos do hipódromo. O pior de tudo era que eu não parava de me perguntar se tinha feito bem em ter vindo sozinha. Não conseguia deixar de pensar no Alex, de o imaginar ao meu lado, pegando-me na mão e assegurando-se de que ia correr tudo bem...

Como é que achei que era capaz de fazer isto sozinha?

Senti-me tentada a ligar-lhe, a pegar no telefone, a dizer-lhe que estava a ser muito estúpida e a implorar-lhe que viesse ao hipódromo para me resgatar do imbróglio em que estava prestes a meter-me, mas não me podia deixar dominar pelo medo.

Tinha de enfrentar aquilo sozinha. Tinha de o fazer por mim, pelos meus pais, pelo meu irmão falecido que nunca cheguei a conhecer, pelo meu tio, que tinha morrido de um enfarte, quem sabe, provocado pelo stress a que esteve exposto por me criar sozinho sob a ameaça constante de alguém que queria acabar com a minha família.

Quando chegámos, só em parte tive consciência do que me rodeava.

Muitos chapéus, muita gente elegante, sorridente e pretensiosa.

Nunca tinha assistido a uma corrida de cavalos e, como veterinária, não sabia se aquele desporto acabaria por me convencer... Não me tinha informado como devia, mas esperava ver apenas os cavalos que estivessem em boas condições, caso contrário, todo aquele desperdício de dinheiro e pompa deixar-me-ia com a sensação de sufoco.

Senti-me pouco confortável rodeada por toda aquela gente. Sentia-me como um peixe fora de água a as xiar à espera de que uma alma caridosa tivesse a bondade de voltar a meter-me dentro do aquário.

Aquilo era exatamente isso, um aquário afastado de tudo o que era importante, afastado de um mundo em que havia pessoas a morrer à fome, um mundo em que pessoas com muitíssimo dinheiro achavam que gastar milhares de libras num vestido era uma decisão acertada...

— A menina sente-se bem? — perguntou-me o Francis. Calculo que se tenha apercebido de que a minha pele empalidecia ao chegar à porta da Royal Enclosure.

Abanei a cabeça e entreguei-lhe os bilhetes para que os desse ao homem que nos aguardava para nos deixar entrar.

Assim que o zemos, apercebi-me mais um pouco do que me rodeava. Muito verde e um ambiente festivo alucinante. Os homens que estavam encarregados das apostas falavam com os convidados e recebiam o que os clientes quisessem apostar.

Avançámos ainda mais, até chegarmos a uma zona relvada, mesmo ao lado do gradeamento que separava a zona das corridas da zona de lazer.

À minha volta, havia empregados de mesa com bandejas de champanhe e conversas animadas, o que me impediu de me concentrar no mais importante.

O meu tio Devon.

Onde estaria?

Tinha-me permitido procurá-lo na Internet para o reconhecer quando o visse.

Tinha cado bastante perturbada ao ver que era muito parecido com o meu pai: tinha cabelo castanho-claro e olhos verdes. Não consegui deixar de sentir um bocadinho de pena ao encontrar também fotogra as deles abraçados em diferentes momentos, inclusive em algumas corridas de cavalos.

O meu pai tinha sido fã deste tipo de eventos?

Teria eu herdado dele o grande gosto pelos animais?

Apesar de todos os indícios que o sugeriam como culpado pela morte dos meus pais, em parte, queria conhecer o meu tio e descobrir que ele era inocente apenas para poder fazer-lhe mil perguntas sobre o meu pai e sentir que o conhecia um pouco mais.

Continuei a percorrer o gradeamento ao lado do Francis com o olhar xo em tudo e em nada. A cada passo que dava, sentia-me cada vez mais pequena.

Não devia ter ido ali.

Não devia ter-me exposto ao perigo daquela forma.

Estava armada numa grande idiota.

Peguei no telemóvel com as mãos trémulas.

O meu tio podia aparecer a qualquer momento... E o que lhe diria?

O Alex tinha-me advertido, tinha-me advertido para não car sozinha com ele, para não me expor daquela maneira a um perigo desnecessário. Era uma cobarde por estar a sentir medo? Por reear encontrar-me com o meu tio e descobrir que a sua única intenção era acabar o que tinha começado vinte anos antes?

Observei o Francis... Não parecia nervoso, mas percorria com um

olhar experiente cada esquina, cada recanto e cada convidado.

«Deixa que te vejam comigo, que saibam que os Lenox te protegem.»

Lembrei-me daquela frase e percebi o peso que poderia ter sobre alguém que planeava fazer-me mal.

Pensei naquilo durante alguns minutos e acabei por me decidir.

Sabia que aquela chamada me sairia cara, mas mais valia prevenir do que remediar.

Peguei no telemóvel e mandei-lhe uma mensagem.

Preciso de ti.

Sei que te vais zangar comigo,

mas estou no hipódromo de Ascot

e preciso que deixes o que estás a fazer e venhas cá.

Como amigo, por favor, preciso de ti.

Carreguei na tecla «Enviar» com as mãos trémulas.

Leu a mensagem quase no mesmo instante, como se tivesse estado

com o telemóvel na mão à espera da minha chamada com o pedido de ajuda.

A sua resposta chegou-me quase no mesmo segundo.

Vira-te.

Demorei um pouco a perceber a sua resposta.

Então, virei-me e ali estava ele.

Vestido de fraque e cartola, como um galã inglês. Estava muito bem-vestido, como os restantes convidados, mas ele tinha um metro e noventa de tudo o que podia ser atraente para uma mulher. O seu porte, a sua altura, os seus braços, que, apesar de estarem tapados por um casaco, pareciam bem delineados por baixo do tecido. A sua barba incipiente, recortada na perfeição, nem muito comprida, nem demasiado curta. Os seus olhos cor de mel cravados nos meus com uma expressão de desagrado, mas, ao mesmo tempo, de alívio, por ver

que eu tinha decidido ligar-lhe quando vi que a situação me ultrapassava.

— Como bom amigo que sou, decidi aproximar-me para te cumprimentar — disse naquele seu tom grave e sensual, sem sequer ter consciência disso.

Pestanejei várias vezes, sem ainda conseguir acreditar que estava ali, como se se tivesse materializado ao meu lado no momento exato em que eu o desejara com todas as minhas forças.

Olhei para o Francis, que se tinha afastado um pouco para nos permitir ter alguma privacidade, e, logo em seguida, tornei a tar os seus olhos.

— O que estás aqui a fazer?

— A minha família é amante das corridas de cavalos, não te disse?

Mas parece-me que eu é que devia estar a fazer-te essa pergunta, não achas?

Senti-me ruborizar.

— O meu tio Devon convidou-me.

O Alex continuou impassível.

— Eu sei. E decidiste vir cá, apesar de eu te ter explicado que podia ser perigoso.

Hesitei antes de responder. Bolas, a maneira como me olhava, como se fosse uma menina que tinha sido apanhada a fazer uma diabrura perigosa, intimidava-me.

A minha atitude mudou de imediato assim que me vi encurralada.

— Nem todas as minhas decisões partem das tuas observações, Alex.

Anuiu em silêncio, dando um passo em frente. Roçou-me a mão no braço e aproximou a boca do meu ouvido.

— Ainda bem que estava aqui por acaso para responder à tua mensagem com o pedido de socorro.

Os seus lábios a sussurrar-me ao ouvido não zeram bem nenhum ao meu coração, que batia descompassadamente.

— Acho que me lembro de me teres dito que estarias aqui para mim, para qualquer coisa que eu precisasse.

— Como teu amigo, claro que sim.

Era evidente que aquilo de ser meu amigo o irritava tanto como a mim, mas não havia outra opção.

Devia ser assim e, quanto mais depressa o aceitássemos, melhor.

Olhámo-nos por alguns instantes durante os quais demasiadas palavras não pronunciadas voavam pelo ar.

Porque é que todas as razões que eu tinha para me manter afastada dele pareciam desvanecer-se como por magia sempre que o via?

— Alex? — perguntou uma voz feminina atrás de mim.

O Alex desviou o olhar.

Senti um aperto no estômago e também no coração quando, ao voltar-me, vi a menina que se aproximava pela mão de uma mulher mais velha, cujo rosto era demasiado parecido com o do homem que estava ao meu lado. A mãe do Alex... Reconheci-a pela fotografia do artigo. Então, sempre era verdade que tinha ido ali com a família. A menina era maravilhosa, muito mais bonita do que na única fotografia que eu tinha podido ver dela. Tinha muitas coisas do Alex: os seus lábios grossos, as suas pestanas compridas e, de tudo o que ele me contara, o mesmo cabelo ruivo que também ele tivera em criança. Os seus olhos, por outro lado, eram azuis e a sua pele, pálida, quase translúcida.

Fiz um sorriso forçado quando se aproximaram de nós.

A mulher percorreu-me de alto a baixo com o olhar e, depois, olhou para o Alex como se lhe pedisse uma explicação ou que nos apresentasse, não fazia a menor ideia.

— Mãe, esta é a Nikki, uma amiga de Bali que conheci durante as minhas férias — disse o Alex num tom neutro. — Nikki, estas são a minha mãe, Rose, e a minha lha, Lilia.

— Muito gosto — cumprimentei-as com amabilidade.

A Lilia xou os seus olhos azuis em mim e, de seguida, no pai.

— Se és de Bali, o que estás a fazer aqui? — perguntou-me com inocência.

Voltei a sorrir.

— Faço-me essa mesma pergunta todas as manhãs, Lilia — disse, como única resposta.

— O Alex não me tinha falado de si — comentou a mãe dele, olhando para o lho com curiosidade.

— Porque és demasiado intrometida, mãe — respondeu simplesmente.

— Vocês têm cavalos lá em Bali? — indagou a Lilia, concentrando-se em mim.

Abanei a cabeça.

— Não, mas temos muitos cães — repliquei com um sorriso.

— A Nikki é veterinária — acrescentou o Alex num tom de voz cheio de... orgulho?

A Lilia abriu os olhos, surpreendida.

— Eu gostava muito de ser veterinária! — exclamou, muito contente.

Sorri.

— Ah, sim? — perguntou o Alex, era óbvio que não fazia ideia daquela nova informação.

— Gosto muito de animais! — falou novamente, entusiasmada. —

Tens algum animal de estimação? — perguntou-me.

— Tenho um cão que se chama *Batú* — disse, cando deliciada ao ver como era tão bonita e doce.

Era estranho pensar que era lha do Alex. Se eu tivesse de pensar em alguém como pai, ele seria o último homem em quem pensaria.

— Nós temos um que se chama *Camilo* — informou-me.

— Bem sei, já o conheço — respondi e, ao ver a maneira como a mãe do Alex me analisava, percebi que tinha acabado de dar demasiada informação.

— Então, conheceram-se em Bali, não foi? — questionou. — Disse que

se chamava Nikki... e mais?

Fiquei calada e o Alex aproveitou para intervir.

— Tenho de tratar de uns assuntos com a Nikki. Porque não mostras à Lília a zona das comidas? — incentivou-a a ir-se embora com uma enorme subtilidade.

A Rose assentiu, pensativa, e, depois, dirigiu-se à menina.

— Apetece-te beber alguma coisa, Lili? — dirigiu-se a ela de uma forma muito carinhosa. A menina despediu-se de nós, abanando a mão, e, juntas, afastaram-se por onde tinham vindo.

Virei-me outra vez para o Alex.

— Parabéns, tens uma lha maravilhosa — felicitei-o com sinceridade.

O Alex observou-me, atento.

— Estás bem? — perguntou-me, talvez reparando na nostalgia na minha voz.

Por um instante apenas, vi-me com um bebé nos braços e o Alex ao meu lado, com a Lili a fazer parte daquela imagem mental tão bonita e, ao mesmo tempo, tão distante da realidade.

Abanei a cabeça.

— Não precisas de te preocupar com o teu tio. Contratei segurança reforçada e não permitirão que te aconteça nada de mal — a rmou o Alex, voltando ao assunto que realmente importava.

Assenti com a gratidão estampada no rosto.

Estava prestes a falar, a pôr em palavras tudo o que queria dizer, tudo o que ele merecia ouvir diretamente da minha boca, mas alguém nos interrompeu.

A nossa pequena bolha estalou em mil pedaços invisíveis quando o meu tio Devon se aproximou de nós, acompanhado por dois homens que o seguiam. Estes, ao contrário dos nossos guarda-costas, não estavam vestidos a rigor de acordo com a etiqueta exigida pelo

hipódromo, mas estavam vestidos de preto, com auriculares nas orelhas, óculos escuros que escondiam de forma muito e caz a direção para onde estavam a olhar.

— O que te faz pensar, Alexander Lenox, que eu ia permitir que alguém pusesse um dedo em cima da minha querida sobrinha?

Ambos nos voltámos para ele, virando as costas ao gradeamento da corrida e cando tensos. O Alex pareceu crescer ao meu lado quando se endireitou até atingir toda a sua altura, dando um passo em frente e colocando-se entre o meu tio e eu.

— Esperava que acabasses por não aparecer por aqui — ameaçou o Alex, assentando as bases de uma conversa que já tinha todas as razões para não acabar bem.

— Continuo a perguntar-me como é possível que a tua família volte a envolver-se com a minha.

Dei um passo em frente para me posicionar ao lado do Alex.

— Obrigada por me ter convidado para hoje, tio — disse-lhe, tentando com todas as minhas forças amenizar o ambiente.

O meu tio desviou o olhar do Alex para mim, mas não suavizou nem o tom de voz nem o seu aborrecimento.

— Convidar-te? — retorquiu de forma abrupta. — Custou-me sangue, suor e lágrimas fazer-te chegar esse convite. Desde que soube que tinhas deixado a ilha que me queria encontrar contigo, mas este senhor intercetou todas as tentativas que z de poder chegar a ti.

Não quei surpreendida com aquelas palavras. Tinha estado a par das tentativas que ele zera de me contactar, mas, por razões óbvias, eu não tinha cedido até não conseguir esperar mais que aquele problema se resolvesse por si próprio.

— Deve compreender as razões que me zeram manter afastada...

O Devon deu uma gargalhada.

— As mesmas razões pelas quais andas com guarda-costas? As mesmas razões que te deu o lho dos Lenox? Os mesmos Lenox que acabaram com a vida do meu irmão, do teu pai?

O Alex deu um passo em frente.

— Depois de tudo isto, por acaso não estarás a insinuar que a culpa foi nossa? Seu lho da...

— Alex, para — avisei-o, puxando-o pelo casaco.

— Claro que a culpa foi vossa! — exclamou o meu tio, elevando a voz e perdendo a compostura. — Estás menos informado do que me tinha parecido, Lenox. Devias ter uma conversa muito séria com o teu pai.

O Alex deu uma gargalhada amarga.

— Estás mesmo a insinuar que o meu pai teve algum interesse em boicotar a sua própria empresa, provocando um acidente? Porque faria uma coisa dessas? Aqui, o único que saía a ganhar com aquele acidente eras tu, Devon.

O meu tio negou-o devagar com a cabeça e tou-me.

— Devias afastar-te dele. No passado, a sua família, toda a sua família, se vendeu por medo, e a tua vida corre perigo por causa disso.

Eu não estava a perceber nada.

— Do que raio estás a falar? — perguntou o Alex.

— Devon — disse, então, uma voz grave, que interrompeu a nossa conversa.

O pai do Alex, que eu só vira naquela fotogra a de família na revista, juntou-se ao nosso pequeno grupo.

O meu tio virou-se para o pai do Alex e o seu olhar, carregado de ódio e reprovação, fez-me começar a re etir sobre muitas coisas.

— Richard — saudou-o, fulminando-o com o olhar.

— O que estás a fazer a falar com este homem? — quis saber o pai do Alex, olhando para o lho com uma expressão muito séria.

À nossa volta, as pessoas continuavam a conversar, a comer, a apostar dinheiro... A festa continuava enquanto nas minhas costas tinha lugar um confronto que nunca tinha imaginado e que acabaria por ser um Lenox contra um Leighton.

O Alex olhou para o pai, muito sério.

— Estou a defender o nosso nome, pai, já que o Devon Leighton acaba de insinuar que a nossa família... Como é que disseste? Ah, sim,

«se vendeu por medo».

O pai do Alex virou-se para o meu tio.

— O que tiveres a dizer ao meu lho, vais dizer-mo antes a mim, Devon.

O meu tio fez um sorriso de esguelha.

— Tens medo de que descubram a verdade, Richard? Tens medo de confessar ao teu lho que estás tão enterrado em merda que nem sequer foste capaz de salvar a vida do teu lho mais velho?

Arregalei os olhos de surpresa, chocada com aquela revelação. O

Alex tinha um irmão? Um irmão que tinha morrido? Ia jurar que, em Bali, me dissera que não quando lho perguntara.

Olhei para o Alex e vi que algo dentro de dele se rasgava.

Transformou-se, passando do homem sereno e correto para alguém completamente fora de si. Precipitou-se para o meu tio com a intenção de lhe dar um murro, mas os guarda-costas detiveram-no, agarrando-o e afastando-o do Devon. O Francis e outros três guarda-costas apareceram para ajudar o Alex.

— Temos de falar sobre isto em privado — pediu, então, o meu tio, apontando para os guarda-costas. — Levem-no até lá dentro e assegurem-se de que camos sozinhos.

O Alex deixou de se debater, e, com um puxão, soltou-se das mãos dos guarda-costas, que o largaram ao ver que não pretendia voltar a lançar-se contra alguém.

Para não continuarmos a dar espetáculo, fomos para o interior de uma sala vazia que havia na zona VIP dos convidados.

Assim que ali chegámos, o Alex explodiu:

— Como raio te atreves a falar assim do meu irmão?! Que nem te ocorra dizer nome dele! Tu não sabes nada sobre ele! — gritou-lhe o Alex, furioso.

O seu pai deu um passo em frente e pousou-lhe uma mão no ombro.

— Filho...

O Alex virou-se para ele com os olhos raiados de sangue e uma raiva enorme.

O meu tio permaneceu circunspecto, muito sério, observando a forma como pai e lho se defrontavam, mas interveio e voltou a captar a atenção de ambos.

— O teu irmão, Ryan, começou a meter o nariz onde não devia, Alexander — continuou o meu tio, dando uma nova informação.

O Alex olhou para o meu tio.

— A meter o nariz onde não devia? O que raio estás para aí a insinuar?

— Alex... — a rmou o pai numa voz triste. — Eu disse-lhe para não o fazer, para não remexer no passado...

O Alex e eu olhámos, perplexos, para o seu pai. Em que altura é que aquele assunto tinha envolvido de alguma maneira o irmão do Alex?

O meu tio olhou muito sério para o Alex.

— Quando o Ryan passou a ser o diretor-geral da empresa, era inevitável que casse a par de coisas que muito poucos conheciam, não é verdade? — falou novamente o Devon, dirigindo o olhar para o pai do Alex.

Eu seguia a troca de interlocutor como se fosse uma partida de ténis, sem perceber absolutamente nada.

— Basta! — exclamou o pai do Alex, dirigindo-se ao lho. — Vamos embora, não o ouças mais, lho.

— Contactou-me, sabias? — prosseguiu o meu tio e os dois voltaram a prestar-lhe atenção. — Quando descobriu o que estava a acontecer, quando descobriu as extorsões a que te vias sujeito todos os dias, veio ter comigo.

O Richard prestou atenção ao Devon e os seus olhos arregalaram-se, surpreendido.

— Tínhamos um plano para dismantelar tudo o que aconteceu, mas ele sabia que vocês iam sair a perder e tu podias acabar na cadeia se fosse com aquilo para a frente.

O Alex olhou para o pai em busca de uma resposta que nem sabia que precisava. Nunca o tinha visto assim. Todo o seu corpo emanava tensão e os seus olhos... Tinha o olhar perdido no meio de todas

aquelas revelações, perdido em algo que, de alguma forma, o envolvia.

— Podes explicar-me em que merda estás envolvido, pai?

— Falamos em casa... — começou por dizer, mas o Alex interrompeu-o.

— Não, conta-me *agora*.

O Richard olhou para o chão como se ali pudesse encontrar as palavras adequadas para se explicar diante do lho.

— Fui alvo de extorsão — explicou o Richard. — Ameaçaram

provocar um acidente aéreo que acabaria com a empresa. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para aumentar a segurança, mas era impossível controlar todos os engenheiros da fábrica.

— E, então, decidiste continuar a fazer os voos, como se não tivesses sido avisado — acrescentou o Devon, tando-o com nojo.

— Decidi con ar nas minhas pessoas! — respondeu o Richard. —

Quando o Berenguer se ofereceu para me comprar a empresa de construção aeroespacial, nem pensei duas vezes. Era a oportunidade de desvincular a Lenox Executive Aviation do fabrico de aeronaves.

Perderia a empresa, sim, mas livrar-me-ia da possibilidade de acabar sem nada, que era o que podia acontecer se acabasse por ocorrer um acidente. Nunca imaginei que eles estavam por trás da sabotagem!

— Não te pareceu uma grande coincidência que, precisamente quando ameaçaram fazer despenhar um avião, aparecesse uma empresa a querer comprar a tua?

— Estás a insinuar que o acidente foi provocado pelo?... —

começou o Alex a dizer.

— Pelo próprio Berenguer! — exclamou o Devon, perdendo a paciência. — Vocês tinham o monopólio, quantos milhões faziam com a venda dos aviões? Milhares de milhões? Que empresa poderia substituir-vos quando a vossa reputação era intocável? Tinha de sujar o vosso nome! Tinha de o fazer provocando o maior impacto mediático possível e, por essa mesma razão, decidiu abater o avião em que viajava o meu irmão com o lho e a mulher! Conseguiu os títulos

que queria!

O Alex parecia estar a sofrer a maior revelação da sua vida. Eu mal conseguia falar.

— Mas... Se o meu pai já lhe tinha vendido a empresa... —

consegui articular o Alex.

O Richard abanou a cabeça.

— Não tinham chegado a assinar o contrato — explicou o Devon.

— Fez tudo para sujar bem o nome, para que ninguém descon asse de nada quando ele passou a ocupar o vosso lugar. Ninguém suspeitaria se a vossa empresa de aviação fosse pelo cano abaixo depois do acidente, já para não falar na perda de valor que sofreu. O que me parece ultrajante é que o teu pai tenha aceitado continuar a trabalhar com eles, apesar de serem assassinos!

— Eu não fazia ideia, só soube quando já era demasiado tarde... —

desculpou-se o Richard.

— Devias tê-lo denunciado! Devias ter trazido tudo isto à luz do dia, mas olhaste primeiro para o teu próprio umbigo! Preocupaste-te mais com a tua fortuna do que com qualquer outra coisa! Preferiste deixar esse assassino à solta para continuar a pagar-te a tua vida milionária!

O Alex olhava para o pai, implorando silenciosamente que lhe contasse que tudo aquilo era mentira.

— Não foi isso — defendeu-se o Richard. — O Berenguer entrou no nosso sistema e encheu-o de mensagens falsas a advertir que os aviões estavam com falhas. Inventou um aviso que supostamente a minha empresa tinha ignorado... Se isso chegasse a ser considerado uma prova, não só íamos perder a Lenox Executive Aviation, como eu mesmo iria para a prisão por um delito que nunca cometi.

— E, então, decidiste fechar os olhos e olhar para o lado — concluiu o Alex por ele, parecendo não acreditar em toda aquela informação.

O seu pai olhou para o Devon e, depois, para ele.

— Tomei a única decisão que deixaria de provocar mortes —

justi cou-se e tornou a olhar para o meu tio. — Lamento muito o

falecimento do teu irmão, mas ninguém ia devolver-lhe a vida, por muito que eu tivesse decidido remexer em tudo isto. Em contrapartida, a minha família estava a ser ameaçada, todos os meus passos eram controlados. Tinha lhos pequenos, santo Deus! Decidi proteger a minha família...

— E deixar os assassinos dos meus pais em liberdade — decidi finalmente abrir a boca.

O Richard Lenox pareceu ver-me pela primeira vez desde que tinha decidido aproximar-se de nós.

Não parecia saber quem eu era.

O meu tio deu um passo na minha direção.

— Explica-lhe outra vez as razões pelas quais o assassino dos seus pais ainda continua solto e a ganhar milhões.

— Eu...

— Nikki — disse o Alex, olhando nervosamente para o Devon. Era como se ainda não tivesse assimilado tudo o que tinha acabado de descobrir.

— A minha sobrinha corre perigo ao estar contigo — esclareceu o meu tio.

O Alex pareceu não perceber.

— Querem ver-te morto. Receiam que faças o mesmo que o teu irmão fez, que queiras revelar tudo isto, mas o que não sabem é que eu estou a par de tudo e já tenho provas suficientes para o destruir. O

teu irmão conseguiu dar-me toda a informação pouco antes de o matarem.

Alex abanou a cabeça.

— Mas...

— Se quisessem ver a Nikki morta, tê-la-iam matado há muitos

anos. Não me parece que soubessem da sua existência. Por outro lado, foste tu quem começou a fazer perguntas, foste tu quem começou a remexer no passado, foste tu quem recebeu a ameaça de morte e vigiam-te desde que regressaste de Bali.

Não acreditava em nada do que ouvia.

— Teres contado à imprensa que a minha sobrinha estava viva só lhes deu mais uma razão para se defenderem e culpar-me pelo acidente. Vocês não fazem ideia do quanto atrasaram a investigação ao insinuar que tinha sido eu a provocar a morte do meu irmão para herdar tudo.

— O que dizes não faz sentido, deram um tiro à Nikki! — exclamou o Alex, perdendo a calma quase por completo.

— Eles vinham atrás de ti! — gritou o meu tio. — Ela só estava contigo, será que não vês isso?

— Andam atrás do Alex? — perguntou o Richard, dando um passo em frente, era evidente que estava nervoso.

— Irão atrás de quem quiser revelar o que aconteceu. Achas que és o único, Alexander Lenox, que trouxe um exército de guarda-costas para o hipódromo?

O Alex olhou para o pai.

— Como pudeste fazer isto? Como pudeste continuar calado depois de terem matado o Ryan?

O pai olhou-o, derrotado.

— A fortuna dele já é vinte vezes maior do que a nossa. Todas as provas dizem que a culpa foi nossa ou dos próprios Leighton para herdarem a fortuna. Ninguém vai acreditar que foram eles.

Asseguraram-se de que nada os ligava a isto e deixaram car tudo assim, desde que prometêssemos enterrar o assunto.

O Alex tou o pai, incrédulo.

— Mataram o teu lho e agora querem matar-me a mim!

— E matarão a tua mãe, a tua lha e quem quer que se meta no seu caminho se não zermos o que nos dizem para fazer! — respondeu-lhe o pai, perdendo a calma.

— Então, continuamos como se nada fosse? — exclamou o Alex, ainda chocado. — A Lenox Executive Aviation e a Berenguer Technologies juntinhas de mãos dadas enquanto fazemos vista grossa e as nossas vidas correm perigo para sempre?

Olhei para o pai do Alex, um senhor de quase sessenta anos, cujo cansaço era quase palpável, mas era-me indiferente o medo que conseguia ver-lhe no olhar. Os seus pedidos de desculpa não me interessavam, ele trabalhava com assassinos!

— Na vida, às vezes, temos de tomar decisões difíceis, Alexander.

O Alex olhou para o pai sem conseguir acreditar e, depois, dirigiu a atenção para mim.

— Nikki... — começou por dizer, como se não encontrasse as palavras certas.

Olhei-o e vi a dor nos seus olhos, vi a desilusão, o medo...

— Vou cuidar da minha sobrinha até que consigamos levar este assunto aos tribunais. — Senti a mão fria do meu tio quando a pousou no meu ombro em sinal de apoio. — Todos irão pagar pelo que aconteceu — declarou.

As suas palavras queimaram como fogo.

CAPÍTULO 32

ALEX

Apesar de tudo o que acabava de descobrir, foi-me quase impossível reprimir os impulsos mais primitivos. Diziam-me para arrancar a mão ao Devon para que a afastasse da Nikki, mas quei surpreendido ao ver a expressão dela. Acolheu o seu contacto sem nenhum tipo de impedimento, olhando-nos, para mim e o meu pai, com uma rejeição e uma dor tão transparentes como água.

— Nikki... — disse, dando um passo na sua direção.

Abanou a cabeça, enviando-me uma mensagem clara. Então, alguém abriu a porta da sala e interrompeu o que quer que ela se preparava para me dizer.

— Senhor — anunciou um dos guarda-costas do Devon —, devíamos ir embora, não é seguro continuar aqui.

O Devon assentiu, muito sério, e olhou para a sobrinha.

— Deverias vir comigo, Nicole — aconselhou-a, pondo-lhe uma mão nas costas. — Até todo este assunto estar resolvido, corres perigo, tal como todos nós.

— Não vai acontecer nada à Nikki, tenho os melhores... — comecei a dizer.

— Desculpa interromper-te, mas até há dois segundos tu nem sequer sabias quem era realmente o inimigo — retorquiu o Devon, tando-me com desdém. — A minha sobrinha deve vir comigo.

Olhei para a Nikki, que parecia estar entre a espada e a parede.

Doíam-me todas as células do corpo ver que aquele homem queria levá-la. Apesar de tudo o que acabava de descobrir parecer ser verdade e ter muitíssima lógica, todos os meus instintos mais primitivos me alertavam e diziam que devia levar a Nikki comigo.

Se tudo aquilo era verdade... Porra, se tudo era mesmo assim, os Lenox tinham sido cúmplices da morte de toda a sua família. O meu pai tinha conspirado para não perder a fortuna, sem se importar com tudo o que todos os outros tinham perdido devido às suas decisões.

Como é que ela poderia vir comigo? Como poderia con ar em mim se eu nem sequer tinha tido consciência do que tinha feito à minha própria família?

— Nikki, não vou permitir que nada te aconteça. Por favor, vamos resolver isto tudo...

— E como vais fazer isso? — desa ou-me, olhando-me com uma mistura de dor e raiva.

Fitei-a, desmoralizado.

— Acabarão por cometer um erro — disse, então, o meu pai, olhando para o Devon. — E, quando o zerem, a verdade ganhará mais peso do que a mentira.

— Claro que isso irá acontecer, mas vou assegurar-me de que, entretanto, esse erro não me tira a única sobrinha que tenho.

— Então, qual é o teu plano, Leighton? — perguntei. — Porque, bem vistas as coisas, ainda não foste capaz de os meter na cadeia.

O Devon devolveu-me o olhar com seriedade.

— Para já, a conclusão que o teu pai fez há poucos minutos vai servir para que, de uma vez por todas, aceitem reabrir a investigação.

Abri os olhos, surpreendido.

— Gravaste a conversa? — questionou o meu pai, dando um passo em frente, incrédulo.

O Devon continuou impassível.

— Todas as provas que consiga obter são poucas, Richard Lenox.

A Nikki olhou para o tio.

Aquilo acabava de se tornar uma guerra muito feia.

Olhei para o meu pai, magoado, com raiva e com uma profunda tristeza.

Não restava outra alternativa que não a opção mais óbvia.

Reparei nas suas rugas, nas rugas que pareciam ter-se tatuado com maior profundidade na sua pele desde a morte do meu irmão Ryan, no ano passado. Eu conhecia o meu pai. Conhecia-o su cientemente bem para saber que não tinha agido com más intenções. Conhecia-o su cientemente bem para saber que todos os erros que tinha cometido tinham sido por medo... Por medo de perder tudo e de perder a família.

Naquele momento, comecei a perceber imensas coisas.

Virei-me para o meu pai e procurei os seus olhos com os meus.

Reparei nele e, apesar da dor ao imaginar o que aconteceria se zesse o que devia fazer, percebi que não restava nenhuma opção se não a seguinte.

— Pai, tens de fazer isso — pedi-lhe de coração partido e soube que compreendia perfeitamente a que me referia.

— Mas... — tentou ripostar e a sua voz quebrada evidenciou o seu medo.

De repente, vi-o muito mais velho, senti-o mais próximo da morte do que da vida, senti-o longe do sítio onde estava e doeu-me tanto compreender que não havia outra opção possível se não...

— Tens de confessar, pai — pedi-lhe com a voz trémula de medo,

trémula pelo horror de saber que o destino do meu pai ia ser passar o resto da vida atrás das grades.

O meu pai devolveu-me o olhar como única resposta e, passados alguns segundos de um silêncio inquietante, virou-se para o Devon e a Nikki.

— Eu nunca quis que nada disto acontecesse — lamentou-se em voz alta.

— Para praticar o mal, basta ser mau, Lenox — disse o Devon, que parecia ter mitigado a sua dureza enquanto escutara o que acabava de me ouvir pedir ao meu pai. — Mas está na altura de serem os tribunais a encarregar-se de pôr cada um no seu lugar.

Olhei para a Nikki, que tinha procurado os meus olhos de longe.

Não consigo descrever a dor que vi no seu olhar, a traição ao descobrir que a minha família tinha estado envolvida em tudo aquilo.

— Nikki — disse-lhe, dando um passo para ela, mas afastou-se, recuando, e essa rejeição foi como se me cravassem um punhal no coração.

— Não posso — negou, com a voz trémula.

— Temos de ir embora — insistiu o tio dela.

O Devon tinha vindo ali em busca de uma conexão e tinha-a obtido. Ao fazê-lo, destruíra qualquer possibilidade de eu e a Nikki termos uma relação.

A minha família era cúmplice da morte dos seus pais.

Ela nunca me perdoaria por aquilo.

CAPÍTULO 33

NIKKI

O Richard Lenox teve de ir testemunhar depois de o meu tio ter apresentado a gravação como a principal prova para a investigação ao acidente dos meus pais ser reaberta. No dia seguinte a todas aquelas descobertas, agentes da polícia apreenderam os computadores da empresa Lenox, os discos rígidos e tudo aquilo de que precisavam para demonstrar o envolvimento indireto do Richard Lenox na sabotagem que sofreu o avião *Gulfstream V* que fazia a viagem de Amesterdão para Londres com a minha mãe, o meu pai e o meu irmão Adam.

O Max Berenguer, fundador da Berenguer Technologies, a empresa

colaboradora da Lenox Executive Aviation, foi preso quando se preparava para entrar num dos seus aviões privados com destino ao Panamá.

De todos os delitos que cometeu, foi acusado sobretudo de extorsão, sabotagem, homicídio, tentativa de homicídio e injúria.

O Richard Lenox foi libertado depois de pagar uma caução de três milhões de libras por ter sido cúmplice de sabotagem e homicídio involuntário.

A notícia encheu os jornais da Grã-Bretanha. Os jornalistas instalaram-se à porta de casa do Alex e também do meu tio, para tentarem obter um exclusivo. A minha fotogra a voltou a aparecer nas notícias com títulos sensacionalistas como: «A herdeira dos

Leighton exige a sua fortuna» ou «Nicole Leighton contra a Lenox Executive Aviation».

Só queria desaparecer.

Estava sentada à frente da lareira da casa do meu tio quando me chegou um *e-mail* do Alex. Tentara ligar-me para falar comigo, mas eu não tinha conseguido atender-lhe o telefone.

Cravei o olhar nas chamas, que, sem sucesso, tentavam descongelar o meu corpo, um corpo gelado que se mantinha frio, como se este se tivesse instalado dentro de mim, sem intenção de alguma vez desaparecer.

Demorei alguns segundos a ganhar coragem para conseguir abri-lo e senti o coração apertado ao ler a despedida que, sem dúvida, me esperava.

Nele, podia ler o seguinte:

Querida Nikki,

Lamento tudo aquilo que temos tido de descobrir. Lamento que a minha família tenha sido responsável, embora de maneira indireta, pela morte da tua família. Lamento que ter-te obrigado sair da tua pequena ilha tenha feito com que descobrisses que o mundo pode ser horrível.

Tinhas razão, o teu lugar é em Bali, onde os animais procuram o teu carinho e atenção, onde as tuas manhãs implicam que te banhes nua sob o sol do amanhecer, onde o teu espírito é tão livre como os teus pés descalços

sobre qualquer superfície sem te importares com o que possas vir a encontrar pelo caminho...

Eu quis fechar-te numa gaiola de cristal, porque eras tão bela por dentro e por fora que o meu egoísmo levou a melhor sobre mim. No entanto, Nikki, aprendi. Desta vez, aprendi que a tua alma livre deve

continuar a sê-lo e que procurar o contrário apenas fará com que te afastes. És tão importante para mim que nem sabes quanto, porque me arrebataste o coração só com um olhar. Fizeste-me sentir o que pode ser o amor verdadeiro e, por ele, liberto-te.

Mereces alguém que cuide da tua essência e alimente o teu espírito selvagem.

Nunca cheguei a dizer-te isto, mas foi o idiota do Nate que bloqueou o teu contacto no meu telemóvel. Viu-me tão afetado depois de regressar de Bali que decidi agir. Já levou um merecido murro na cara por causa disso, porque, Nikki, estarei sempre disponível para ti. Sempre.

Uma lágrima caiu-me pela face, seguida de outras cinco.

Ele deixava-me ir embora e fazia-o pensando apenas no que era melhor para mim.

Por um instante, desejei que tudo fosse diferente, mas não era. A realidade era aquela e, nessa realidade, a minha vida e o meu passado tinham-se visto envolvidos da pior maneira possível com a família do Alexander Lenox.

No dia do hipódromo, o meu tio Devon tinha-me acompanhado ao hotel para eu ir buscar as minhas coisas. Depois de ter contado à Maggie tudo o que se tinha passado, expliquei-lhe que me ia embora, que ia car com o meu tio e, assim que prendessem o Berenguer, regressaria à minha ilha, voltaria para Bali.

A Maggie já não precisava de mim ali, tinha o Nate, que parecia estar a revelar os primeiros sinais de maturidade, que tanta falta lhe tinham feito no passado.

Aqueles dias com o meu tio serviram para eu o conhecer melhor, a ele e ao meu pai. O meu tio não parou de me explicar coisas, como,

por exemplo, que o meu pai quisera esconder a relação com a minha mãe da imprensa britânica. Explicou-me que o seu primeiro casamento tinha terminado há vários anos, mas só o tinham formalizado depois

de o meu pai se ter apaixonado pela minha mãe.

Poucas pessoas sabiam da minha existência e, quando ocorreu o acidente, tal como dizia a carta que eu tinha encontrado, o meu tio Devon e o meu tio Kadek tinham acordado que o melhor para a minha segurança e a minha felicidade era ser criada em Bali, como os meus pais tinham desejado fazer.

— O teu pai queria deixar a empresa, Nikki — explicou-me. —

Queria viajar com a tua mãe e dedicar-se à parte social. Queria trabalhar para levar vacinas para os países mais desfavorecidos, queria envolver-se de forma ativa em ajudar aqueles que mais precisavam. O

teu pai sempre foi um lantropo e ensinou-me tudo o que era necessário antes de me ceder, na totalidade, o seu lugar na empresa.

» Cheguei a conhecer a tua mãe e vi-a apenas nessa ocasião —

contou-me o Devon, mostrando-me um sorriso de orelha a orelha. —

Foi a mulher mais sorridente que conheci na vida, doçura pura e paixão por tudo o que amava. Falava constantemente de ti, de como estavas mais crescida e da vontade que tinha de te trazer a Londres para que eu te pudesse conhecer.

» Com o teu tio, falava apenas o necessário. Ele nunca gostou que a tua mãe se tivesse casado com o meu irmão, nunca aprovou aquela relação e, quando eles morreram... Quer dizer, podes imaginar a dor, a tristeza... — disse e consegui imaginar perfeitamente o meu tio Kadek naquela situação. Até pouco antes da sua morte, sempre tinha mostrado uma dor latente no olhar, exatamente como a minha avó Kuta.

— O Alex chegou a insinuar que o meu tio talvez não tivesse morrido de um enfarte...

O meu tio Devon desviou os olhos das brasas e xou-os nos meus.

— Compreendo a sua suspeita. Se vires as coisas da perspetiva do Alexander em relação a todo este assunto, isso faria sentido, mas, Nikki, mais ninguém sabia da vossa existência. E ponho as mãos no fogo em como o Kadek morreu por causas naturais.

Senti uma dor no coração ao lembrar-me da última vez que o vi.

Tinha estado tão chateada com ele por não me deixar sair com o Alex, tão irritada com a sua insistência para que o Alex se fosse embora da ilha...

E como ele estava certo.

— O meu tio sabia que andavas a tentar resolver este assunto? —
perguntei-lhe.

— Foi a primeira pessoa a quem liguei quando o irmão do Alexander veio ter comigo para me contar o que tinha descoberto.

Sempre soubemos que o acidente aéreo tinha sido provocado e jurei-lhe que não ia parar enquanto não visse o culpado atrás das grades.

— Daí a sua relutância ao ver o Alex aparecer lá na ilha...

O meu tio pegou na tenaz de ferro e deslocou alguns toros de madeira para impedir que o fogo se apagasse.

— O teu tio Kadek cou assustado quando soube que o Alex tinha começado a remexer no passado. Não era boa ideia um Lenox começar a fazer perguntas. Após a morte do Ryan, sabíamos que tínhamos pouco tempo para conseguir reunir as provas de que ele nos tinha falado.

Olhei para as chamas, deslumbrada com as cores das brasas. Era como olhar para o entardecer, mas de uma perspectiva completamente

diferente. Era como estar a olhar para o próprio sol a arder diante dos meus olhos.

— Dizem que as coincidências não existem... — a rmei num tom de voz tão baixo que, primeiro, julguei que o meu tio não me tinha ouvido.

— Uma coisa sei: o facto de o Alexander Lenox ter ido parar logo àquela ilha estava escrito nas estrelas.

Pensei naquela primeira vez na água, a primeira vez que tínhamos dado prazer um ao outro só com a presença das estrelas por cima de nós, apenas com elas a observar-nos com curiosidade.

— É um bom homem — não consegui deixar de dizer.

O meu tio voltou a olhar para mim.

— É um homem tão bom como o era o irmão, nunca tive dúvidas em relação a isso.

— Ele só queria ajudar-me. Na verdade, só queria que eu entrasse num avião — tentei desculpá-lo, sem conseguir evitar que um sorriso surgisse nos meus lábios, pensando em quanto insistira para que eu enfrentasse os meus medos, para que conhecesse o mundo e levasse a minha alma aventureira para outros lugares afastados da minha ilha.

Suspirei fundo e sonoramente.

— Tu ama-lo? — perguntou-me, então, o meu tio.

Virei-me para ele, sabendo que o rubor das minhas faces podia perfeitamente passar pelo calor que o lume me provocava na pele.

— Acho que o amei desde o primeiro dia em que senti que me observava de longe — respondi, repetindo precisamente o que ele me tinha confessado na sua última mensagem.

— E o que vais fazer? — indagou o meu tio com curiosidade.

Avaliei a minha resposta durante alguns minutos. Julgo que nem estava à espera de que lhe respondesse, mas depois disse-lhe:

— Vou voltar para casa e tentar esquecê-lo — declarei, sentindo a dor pungente de um coração que se rebelava contra as minhas palavras. — Às vezes, há histórias de amor que só podem existir na nossa imaginação.

Porque era isso que faria durante o resto da minha vida, imaginar o que teria acontecido se, naquela noite, depois de tudo o que tinha acontecido, tivesse aparecido à porta dele com o coração nas mãos e os pés descalços, à espera de que me amasse como eu tanto desejava que ele zesse.

CAPÍTULO 34

NATE

Abri os olhos quando pressenti um olhar por entre a escuridão da noite.

A Maggie estava sentada numa cadeira, no canto do meu quarto.

Tinha o cabelo solto a cair-lhe sobre uma camisa de noite branca que

lhe cava a matar e lhe marcava a incipiente barriga com o lho que íamos ter juntos.

Tínhamos passado a noite a jogar o meu jogo preferido, a evitar ter a conversa que ambos sabíamos que devíamos ter o quanto antes.

Tinha afastado o assunto, fazendo uso da minha língua e percorrendo as partes do seu corpo que sabia que conseguiriam distraí-la de qualquer pergunta ou plano que lhe passasse pela cabeça nas últimas semanas.

Desde que tínhamos levado a Nikki ao aeroporto, mostrara-se muito inquieta. O assunto da família do Alex, a descoberta de que o seu irmão tinha sido assassinado, a prisão do Berenguer e todo o caos mediático que aquilo tinha gerado tinha-me mantido muito ocupado a ajudar o meu melhor amigo, portanto, isso deixara a Maggie com muito tempo livre para pensar.

Sabem quando, às vezes, conseguem ter uma ligação tão forte com alguém que a vossa intuição é capaz de perceber exatamente no que essa pessoa está a pensar?

Era o que se passava comigo em relação à Maggie.

Era o que se passava comigo em relação à Maggie e magoava-me tanto a conclusão a que tinha chegado nos últimos dias que não o conseguia verbalizar.

Simplesmente não conseguia.

— Temos de falar, Nate — disse-me quando, nalmente, das sombras que lhe ocultavam o rosto, abriu a boca.

Os sinais tinham lá estado, tinham sido claros, existiam, tinham existido a partir do momento em que o Alex tinha feito a maldita pergunta em voz alta, semeando a dúvida na minha cabeça.

Uma dor aguda atravessou o centro do meu peito quando pensei na possibilidade, quando visualizei aquela realidade paralela em que o meu lho acabava por ser o lho do Malcolm.

Não queria pensar nisso, nem sequer desejava verbalizá-lo, mas não podíamos continuar a ignorar aquele elefante que não saía do quarto, nem mesmo enquanto estávamos a foder.

Suspirei fundo e passei a mão pela cara.

As últimas semanas tinham sido su cientes para perceber que aquela rapariga era a mulher dos meus sonhos, apesar de também nunca ter duvidado disso. Às vezes, uma pessoa sabe e pronto, e eu soube-o desde a primeira vez em que a vi naquela piscina a nadar com o cabelo solto, lembrando uma chama ardente debaixo de água.

Eu tinha-lhe feito muito mal.

E, por minha causa, tínhamos acabado onde estávamos.

A Maggie levantou-se da cadeira e aproximou-se da cama. Sentou-se mesmo à minha frente.

Olhei para ela e voltei a sentir-me inebriado com a sua beleza.

Pus as mãos nas suas faces e puxei-a para mim.

As nossas testas tocaram ao de leve uma na outra e fechei os olhos antes de a beijar com ternura.

— Desculpa — pediu-me perdão, sussurrando contra a minha boca.

Abanei a cabeça, negativamente.

— Não é certo, pois não? — perguntei, tentando não me mostrar muito desesperado.

— As possibilidades são as mesmas... — disse com a voz estrangulada pela pena.

Voltei a abanar a cabeça.

— E se não o comprovarmos? E se, simplesmente, formos com isto para a frente?...

Eu sabia que isso não seria possível.

O Malcolm já tinha aparecido e já tinha contactado a Maggie para lhe pedir respostas. Sabia-o... Soube-o quando regressou a Londres pouco depois de a Maggie ter posto uma fotogra a nas redes sociais a anunciar a gravidez.

— Não vou fazer nenhum teste enquanto o bebé não tiver nascido.

— A Maggie foi rme em relação a isso.

Anuí com um aceno de cabeça, porque concordava com ela.

— Está bem, Maggs, não nos vamos preocupar antecipadamente, está bem? — rendi-me, sentindo o inevitável medo de que a bolha nos rebentasse na cara.

As últimas semanas com ela tinham sido um sonho... Era como se estivesse a ser a nossa segunda oportunidade, a oportunidade de emendar os erros do passado e de querermos bem um ao outro. Tê-la ali, em Londres, comigo... Não sabia o quanto precisava dela até ter experimentado viver com ela.

— Porque é que decidiste ser tão compreensivo agora? — perguntou-me, sorrindo contra os meus lábios.

Afastei-me um pouco.

— Porque me deixaste cego, cenoura — disse, acariciando-lhe o cabelo.

— Cego de amor? — provocou-me.

— Cego por todas as vezes em que me queimei por estragar a nossa relação. Acho que nalmente consigo olhar para a frente, mas precisamente porque não posso olhar, consigo fazer-me entender? — indaguei.

A Maggie soltou uma gargalhada.

— Estás louco.

— Louco por ti — repliquei, puxando-a e pondo-me em cima dela.

— Vamos praticar para quando tivermos de dar um irmãozinho ao Nate júnior.

A Maggie franziu o sobrolho.

— Não vai chamar-se assim.

— Não? — perguntei, ofendido, e afastando-me.

— Decidimos quando nascer. Agora, faz amor comigo, por favor —

pediu-me, puxando-me a camisola do pijama para cima numa tentativa vã de me passar por cima da cabeça.

— Que insistência, mulher — brinquei, ngindo-me cansado. — Por este andar, vais deixar-me sem soldadinhos para o futuro.

A Maggie riu-se novamente.

— Desde quando tens assim tanto interesse em formar uma família numerosa?

Sem querer dizer que era para me assegurar de que o lho que tivesse era cem por cento lho dos dois, encolhi os ombros.

— Para me assegurar de que alguém herda a empresa da família... Já quei escaldado quando vi quem se aliou aos Leighton.

A Maggie bateu-me no braço para eu não brincar com aquele assunto.

— Está bem, pronto — cedi. — Digamos que só gosto de praticar para chegar à perfeição.

Beijei-a antes de ela conseguir dizer alguma coisa e enredámo-nos nos braços um no outro, desejando-nos como melhor sabíamos fazer.

CAPÍTULO 35

NIKKI

Voltar a Bali foi como se me tivessem injetado oxigénio nas veias.

Foi como voltar a respirar. Os cheiros, a humidade, a areia debaixo dos pés, o mar, o sol radioso, as suas tempestades tão características, as oferendas, as ondas, o *surf*, o ioga... Voltei a sentir-me eu mesma.

Regressei a Bali, fugindo de tudo o que tinha encontrado em Londres. Entrei no primeiro avião que consegui mal descobri que o assassino dos meus pais tinha sido condenado a cem anos de prisão. O

Berenguer iria apodrecer numa cela e, apesar de achar que, nalmente, tinham tirado de cima dos meus ombros um peso enorme, não senti a felicidade que julguei que ia sentir. Não senti felicidade, porque isso não mos traria de volta, nada do que acontecesse em Londres faria com que a minha mãe, o meu pai, o meu irmão ou o meu tio voltassem para mim.

Quando cheguei à minha ilha, o Eko, o Gus e o *Batú* estavam à minha espera no porto, sentados na areia a aguardar que, por m, eu desembarcasse. Fiquei com os olhos rasos de lágrimas ao ver a minha verdadeira família à espera do meu regresso.

Corri pela areia, largando tudo a cada passo até chegar primeiro ao *Batú*, que tinha corrido para mim como um lince, quando sentira o meu cheiro no ar. Atirou-me ao chão com aquelas patorras enormes e ri-me quando começou a lamber-me a cara ao mesmo tempo que ladrava e abanava a cauda, louco de felicidade.

— Ajudem-me! — pedi aos meus amigos, porque o *Batú* nem me deixava levantar do chão.

— Estás muito engraçada — comentou o Eko, observando-me com um enorme sorriso no seu rosto bronzeado.

— Dá-me cá a mão, anda — pediu o Gus, que afastou o Eko e me ajudou a erguer.

Olhámo-nos a sorrir e fundimo-nos num abraço a três à medida que o *Batú* ladrava e corria em círculos à nossa volta.

— Tivemos saudades tuas — sussurrou-me o Gus ao ouvido e, pelo seu tom de voz, percebi que era verdade.

Observei-os com as lágrimas quase a escapar-se-me dos olhos.

Eles eram a minha família, os cinco éramos uma família: a Maggie, o Gus, o Eko, o *Batú* e eu. Era assim, era como se fôssemos irmãos, e nunca tínhamos estado tanto tempo separados.

Apanhámos as minhas malas para as levarmos para uma das motas e subi com o Eko até à minha casa no cimo de uma falésia. Voltar a atravessar aquelas ruas, voltar a sorrir àqueles rostos de pele cor de azeitona, olhos sorridentes com pés de galinha, provocados pelo sol, era a única coisa de que precisava naquele momento. Juntar-me novamente à minha avó e os meus cãesinhos deixar-me-ia de coração cheio, como se tivesse estado vazia.

Tudo continuava igual...

Em Londres, nada parecia igual, mesmo que se passasse pela mesma rua vezes sem conta. Tudo era mutável, tudo tinha cores diferentes. As pessoas eram sempre outras. O céu podia estar limpo, chuvoso, nublado, não havia um padrão regular, era sempre preciso irmos à janela para escolhermos muito bem a roupa antes de sair.

Ali, na minha ilha, todos me conheciam, todos sabiam quem eu era.

Era tão bonito saber que pertencia a um lugar concreto, que encaixava

como uma peça de um grande *puzzle* complexo.

Entrámos em casa, descalçámo-nos, deixando os sapatos à porta, e sentámo-nos nos sofás.

Olhei em volta... Uma camada de pó cobria tudo, teria de limpar, de fazer várias chamadas para recuperar os meus empregos antigos...

Não haveria problema, conheciam-me e sabiam que eu era boa e, apesar do que muitos pudessem pensar, tinha imensa vontade de voltar à minha rotina habitual.

— Como correu tudo em Londres? — perguntou o Gus, olhando-me sem conseguir disfarçar a preocupação.

Sorri sem que a alegria me chegasse aos olhos.

— Londres... Londres foi toda uma aventura — murmurei, sentindo um nó no estômago.

— Como está a Maggie? — indagou o Eko, retirando umas cervejas do frigorífico e estendendo uma a cada um.

Abri-a com a boca, como tinha aprendido a fazer há anos, o que provocou um olhar de reprovação dos meus dois amigos.

— A Maggie está cada vez mais gorda — disse a sorrir.

— Ontem, falei com ela... Estava preocupada, porque vai ter a criança quase no dia do nosso casamento — disse o Gus.

O casamento.

Outro avião.

Outra viagem.

Senti um calafrio só de pensar naquilo.

— Já o terá tido por essa altura, não é? — perguntei. Se não me enganava, eles queriam casar-se no dia catorze de abril, em Espanha.

— Temos andado a pensar adiantado um pouco... Queremos que a

Maggie esteja presente e as datas são muito próximas, ou apanha-a quase na altura do parto, o que complicaria a sua entrada no avião para ir para Espanha, ou apanha-a com um recém-nascido...

— Ena... E vocês ainda vão a tempo de mudar a data?

O Gus e o Eko entreolharam-se.

— Quer dizer... Na verdade, já a mudámos há algum tempo —
confessou o Eko.

— Com todos os vossos dramas, tínhamos que não pudessem ir, por isso, mudámo-la assim que fugiram para Londres.

Senti-me logo mal.

— Rapazes, vocês não deviam ter feito isso... — comecei por dizer, mas o Gus levantou uma mão para me fazer calar.

— Já está feito. Vamos esperar que a Maggie tenha o seu bebé. Não fazia muito sentido casarmos sem as nossas melhores amigas e o nosso sobrinho conseguirem assistir.

Sorri.

Eles eram incríveis.

Agradecia aquela mudança, porque precisava de recuperar antes de voltar a viajar para a Europa. Sabia que tínhamos de viajar para ir visitar a Maggie quando o seu bebé nascesse e devia preparar-me muito bem para quando chegasse esse momento.

Passámos o resto da tarde a conversar animadamente no meu terraço, contei-lhes tudo o que aconteceu no hipódromo, contei-lhes o que tinha descoberto e eles olharam para mim sem conseguirem acreditar em todos aqueles acontecimentos.

Enquanto lhes contava aquilo, também pensei que estava a falar da vida de outra pessoa e não da minha... Falei-lhes do meu tio Devon, com quem comecei qualquer coisa que podia tornar-se uma bonita

amizade, das semanas em que estive na sua mansão, da minha herança, que tinha estado guardada em deícomisso e à qual eu podia ter acedido a partir dos vinte e um anos. Falei-lhes do meu pai, do seu amor pelos cavalos, do sonho que partilhava com a minha mãe de ajudar os mais desfavorecidos e poder proporcionar vacinas às crianças do terceiro mundo...

Ficava muito orgulhosa a falar dos meus pais e, apesar de mal ter podido conhecê-los, nalmente sentia que os conhecia um pouco mais,

os sentia em mim, do mesmo modo que sentia o meu tio comigo a cuidar de mim, a guiar-me e a proteger-me...

Quando os rapazes se foram embora, fui visitar a minha avó.

Abracei-a durante aquilo que poderiam ser horas ou minutos, deixando-a acariciar-me o cabelo com as suas mãos frias e os seus dedos enrugados.

Não lhe contei o que descobri, não serviria de nada car a remoer naquele assunto e também não queria preocupá-la.

Escutei-a quando me contou os mexericos da ilha e, quando me levantou a cara com um dedo por baixo do queixo e cravou os seus olhos escuros nos meus, percebi que sabia mais do que alguma vez admitiria.

— Estás diferente — comentou simplesmente.

Sorri-lhe, tentando evitar que as lágrimas me corressem pelo rosto.

— Tu estás linda.

Sorriu-me também e o seu olhar sábio deixou-me entrever que talvez fosse ela quem me protegia, em vez do contrário.

Quando voltei para casa, caí na cama e quei a olhar para o teto.

Todo o entusiasmo, a euforia de ter voltado para casa dissipou-se assim que quei sozinha.

Pensei no Alex, na sua lha, em nós...

Uma pontada no coração obrigou-me a pressionar a zona com a palma da mão.

O amor doía...

Fechei os olhos e deixei que uma única lágrima escorresse pela minha face. Permiti-me esse momento de fragilidade, porque jurei que, depois daquela lágrima, nunca mais voltaria a chorar pelo Alexander Lenox.

Devia cingir-me ao caminho que tinha escolhido.

Devia olhar para a frente, para o futuro, um futuro em que ele não estaria.

As semanas passaram e, em seguida, os meses.

A minha vida voltou a reger-se por uma rotina quase meticulosa.

Trabalhava a dar aulas de ioga de manhã só pelo puro prazer de o fazer, depois, passava as horas na clínica veterinária, que, graças à minha herança, pudera remodelar completamente, comprando todo o tipo de materiais, medicamentos, macas, jaulas veterinárias, e até consegui construir um pequeno bloco operatório esterilizado onde eram realizadas todo o tipo de intervenções cirúrgicas.

Já não precisava que os meus clientes me pagassem, a clínica veterinária funcionava às mil maravilhas, mesmo sem gerar rendimentos e nanciava-se a si própria com os juros gerados por ter o dinheiro num banco britânico. Não vos vou dizer quanto herdei, porque cava zonha só de pensar nisso, mas a parte boa era que os animais da ilha podiam nalmente ter um tratamento de primeira.

Era tão feliz por poder dedicar-lhe o meu tempo todo. Ainda havia muito trabalho para fazer, mas a situação tinha mudado tanto que me tinham dado um prémio pelo trabalho de bene cência que realizava,

prémio esse que, com muito orgulho, tinha exposto atrás do pequeno balcão da entrada da clínica veterinária.

Embora tudo voltasse a correr sobre rodas, a data em que devia voltar a Londres aproximava-se perigosamente, à medida que a barriga da minha amiga ia cando cada vez maior.

O Gus e o Eko já tinham comprado os bilhetes de avião e todos os dias insistiam comigo para que zesse o mesmo.

A Maggie estava histérica e queria que viajássemos o quanto antes, porque não queria ter o bebé sem nós estarmos com ela.

O momento em que nalmente o comprei foi o momento em que me fui abaixo. Não estava preparada, não estava preparada para tornar a vê-lo.

Entrei no avião com os meus dois melhores amigos, tornei a despedir-me da minha avó e do *Batú* e z a mesma viagem que tinha jurado não voltar a fazer.

Ainda tinha medo de andar de avião, mas, pelo menos, já tinha a situação controlada. Chegar ao aeroporto e voltar a sentir o frio gélido transportou-me para o passado. Não importava que fosse quase verão,

que no resto da Europa estivesse calor, em Inglaterra, o tempo era meu inimigo.

Chegámos a Londres e aconteceu o inevitável.

A Maggie entrou em trabalho de parto.

Tínhamos arriscado demasiado ao irmos atrasando a nossa chegada.

A culpa era minha, verdade seja dita.

— O que fazemos? Vamos diretamente para o hospital? —

perguntou o Eko, nervoso e perdido. O assunto dos bebés e dos partos deixava-o nervoso.

— Quando enviou a mensagem? — perguntei, inclinando-me sobre ele para ver o telemóvel do meu amigo. — Mal entrámos no avião?

— Precisamente uma hora depois — contou o Gus.

— De certeza que já nasceu! — guinchei, entusiasmada. — Temos de ir já para lá!

Não estávamos cansados, porque tínhamos viajado em classe executiva. Se havia alguma coisa em que derreteria o dinheiro da minha herança era a comprar bilhetes em executiva, a minha saúde mental assim o exigia.

Apanhámos um táxi à porta e, com as malas e tudo, fomos diretamente para o hospital onde estava a nossa amiga, prestes a ser mãe ou a acabar de o ser.

À medida que nos íamos aproximando, também o meu nervosismo foi aumentando. Fiquei com o estômago apertado e o batimento cardíaco adquiriu um ritmo intenso que não diminuiu em momento algum.

Aproximámo-nos da receção do hospital e perguntámos onde era a ala da maternidade.

Subimos no elevador até ao terceiro andar e ali, a preparar-se para também entrar no elevador, encontrámo-nos com o Nate.

— Nathaniel! — cumprimentou-o o Eko com um sorriso.

O Nate arregalou os olhos, primeiro, surpreendido e, depois, abraçou-

nos aos três, apertando-nos com os seus braços de rapaz de um metro e oitenta.

— Já nasceu! — exclamou, emocionado.

Ri-me.

— Eu sabia! Como está a Maggie? Como está o bebé? — perguntei, emocionada.

— Venham, vou levar-vos ao quarto. Fui lá abaixo comprar fraldas, as que temos cam-lhe enormes. Não imaginam quão pequenino é... É do tamanho da minha mão — disse, estendendo-a à nossa frente.

O Eko, o Gus e eu entreolhámo-nos, contendo o riso.

A mão do Nate parecia a mão de um jogador de basquetebol.

O Eko deu duas palmadinhas nas costas do Nate.

— Com que então, pequeníssimo?

Rimo-nos diante do olhar perplexo do Nate, que não percebia nada, e, então, chegámos ao quarto da nossa melhor amiga.

O Nate abriu a porta devagar, sem fazer barulho. Quando entrei, a imagem que vi tocou-me muito fundo, no baú das boas recordações.

A minha amiga estava sentada na cama, com a almofada levantada para a manter erguida. Dormia com um bebé envolto como um *burrito* nos seus braços.

Sorri ao ver o tufo de cabelo ruivo sobressair do meio do lençol branco que o rodeava.

— É cenoura, como ela — brincou o Nate e, ao ouvi-lo falar, a Maggie abriu os olhos.

Assim que nos viu ali, os seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Vocês vieram! — guinchou sem conseguir conter as lágrimas.

Avançámos para ela e abraçámo-la com cuidado para não acordar o bebé. Tinha vestido um *body* que dizia «Nathaniel II» numa caligra a muito cuidada.

Sorri.

Será que aquilo signi cava que o bebé era do Nate?

Aquele era um assunto melindroso, um assunto que, até há poucos dias, fora impossível de resolver, ou pelo menos até o bebé nascer.

— É lindo, Maggie — elogiei-o, admirando as suas bochechas gordinhas e rosadas, o seu narizinho pequeno e arrebitado e as suas pestanas translúcidas. Até tinha as sobrancelhas de um cor de laranja claro.

— Não se pode negar que é teu lho, hum? — picou-a o Eko e um ambiente estranho apoderou-se da divisão.

— Então, Nate II? — perguntou o Gus.

O Nate sorriu com orgulho.

— Consegui convencê-la.

Sorri.

— É um nome muito bonito, muito aristocrático — disse-lhe a rir-me.

— É o herdeiro dos Olivieri, deve ter um nome a condizer com a família.

Olhei para a Maggie, fazendo um esforço para não parar de sorrir.

Acabámos por ter de os deixar, iam dar banho ao bebé pela primeira vez e estavam muito nervosos.

Assim que descemos no elevador e nos encaminhámos para a porta, detivemo-nos com a respiração suspensa ao vermos o Malcolm chegar ao hospital.

Olhou-nos, nervoso. Nos seus olhos podia ler-se que a incerteza de saber se era o pai estava a matá-lo por dentro. O seu olhar con rmou-me que ainda não tinham realizado nenhum teste de paternidade.

— Como estão? — perguntou ao ver-nos.

Fiquei sem saber o que dizer e deixei que o Eko respondesse pelos três.

— Contentes por termos conhecido o pequenino — a rmou o Eko,

tentando não pisar terreno pantanoso.

O Malcolm assentiu, sério.

— Ninguém diria que não é lho da Maggie.

Eu percebi a que se referia. O bebé era a cara chapada dela e, enquanto o Nate tinha o cabelo ruivo, o do Malcolm era castanho...

Nem a cor do cabelo podia ajudá-los a perceber qual dos dois era, de facto, o pai.

Será que o Malcolm sabia que o seu lho tinha o nome do Nate?

Aquilo não ia correr bem.

Despedimo-nos do ex-marido da minha amiga e fomos para o hotel.

Queríamos descansar e tomar um duche para depois podermos ir visitá-la novamente ao m da tarde.

Também teria de fazer uma visita ao meu tio nos dias em que estivesse em Londres, que não eram muitos, apenas uma semana.

Nervosa, tomei banho, mudei de roupa para vestir qualquer coisa que não cheirasse a aeroporto e rezei a todos os deuses para não me encontrar com o Alex durante as visitas que ia fazer à minha melhor amiga enquanto ali estivesse.

Não sabia como o meu coração ia reagir se voltasse a vê-lo. Não sabia como seria descobrir que talvez tivesse feito a sua vida com outra mulher, como seria se nalmente tivesse decidido seguir em frente.

Tentei não pensar em mais nada e deitei-me na cama para tentar descansar.

CAPÍTULO 36

ALEX

O meu melhor amigo tinha sido pai.

O sorriso que se formou nos meus lábios foi imediato assim que o Nate me mandou uma fotogra a dele a segurar um bebé pequeníssimo nos braços. O tufo de cabelo ruivo deixava bem claro que era lho da Maggie, não havia dúvida nenhuma.

Seria também lho do Nate?

Dei-lhe os parabéns e prometi-lhe passar pelo hospital assim que saísse do trabalho. Estávamos muito atarefados com o Berenguer na prisão, tínhamos conseguido provar que a nossa empresa de aviação não tinha tido nenhum tipo de problema, nem com os seus engenheiros, nem com as suas peças, o que permitiu esclarecer que os nossos aviões eram absolutamente seguros. Era aí que nos encontrávamos, estávamos a reabrir a empresa e a voltar a abastecer-nos a nós mesmos, o que levaria a meses de negociações, reuniões com a direção e muitas horas de trabalho. Cumpriria o sonho do meu irmão, devia-lhe isso.

Tinha conseguido contratar os melhores engenheiros aeronáuticos.

Não pensava poupar no dinheiro na hora de voltar a impulsionar a empresa com tudo com que começou, mas demoraríamos anos a voltar a estar no mercado, levar-nos-ia muito tempo e muita paciência a limpar o nosso nome.

Fechei o portátil e guardei-o na minha mala. Passei a mão pela cara, estava exausto, mas não podia não passar pelo hospital.

Peguei no casaco, que deixava atrás da cadeira da minha secretária, e desci para o parque de estacionamento.

Tinha prometido à Lilia que a levaria a ver o seu primo quando nascesse, mas era impossível ainda ir a Primrose Hill buscá-la e chegar antes do m da hora das visitas. Aquilo ia resultar numa birra, que aceitaria com estoicismo, porque lho tinha prometido e não ia cumprir a minha palavra.

Compensá-la-ia de outra maneira qualquer.

Cheguei ao hospital e estacionei sem problema. O Nate tinha-me dado o andar e o número do quarto, por isso, nem precisei de passar pela receção para saber para onde devia dirigir-me. Subi no elevador e, quando cheguei ao quarto, bati à porta antes de abrir.

Uma voz feminina disse-me para entrar.

Uma voz que não era a da Maggie.

Uma voz que reconheceria em qualquer lado, a qualquer hora e em que circunstância fosse.

Não estava à espera de que ela estivesse ali.

Não estava mesmo nada à espera de que estivesse ali.

Pelo menos, não tão depressa.

E ali estava.

A Nikki.

Primeiro, quei imóvel à porta assim que os nossos olhares se encontraram na distância que nos separava, que não era muita, porque o quarto era bastante pequeno.

Estava sentada num sofá, num canto, junto à janela, e segurava no bebé, para o qual tinha estado a fazer caretas um segundo antes.

Senti o coração acelerar ao mesmo tempo que ouvia os meus próprios batimentos cardíacos.

Fogo... Nikki.

A Nikki em Londres outra vez.

Não tinha sabido nada dela desde que lhe tinha mandado aquele *e-mail* e ao qual não obtive resposta. Perguntara-me muitas vezes o que teria acontecido se me tivesse ligado, se me tivesse dado uma oportunidade de lutar pela nossa relação, de lhe explicar que talvez tivesse um plano para nós os dois.

Nada.

Não quis saber de nada.

Franzi o sobrolho e comprimi os lábios com força.

Virei o olhar para a Maggie, que descansava na cama e me tava, expectante.

Aproximei-me dela e beijei-a no topo da cabeça.

— Parabéns, Maggs — disse-lhe com carinho.

Nos últimos seis meses, tínhamos partilhado muitos momentos juntos. O Nate e a Maggie estavam a viver um momento especial, estavam

apaixonados e isso tinha feito com que eu me tivesse habituado à presença da Maggie sempre que estava com o Nate. O

meu amigo tinha andado obcecado em não a perder de vista, não fosse acontecer alguma coisa a ela ou ao bebé.

A Lilia tinha criado um vínculo muito bonito e especial com a Maggie, que a adorava, e ela levava-a consigo sempre que ia comprar alguma coisa para o bebé.

Finalmente, a minha lha sentia-se em casa. Tínhamos criado uma relação que, apesar de ter alguns altos e baixos, funcionava.

— Queres pegar nele? — perguntou a Maggie, era evidente que estava tensa ao ver que nem a Nikki nem eu nos cumprimentávamos.

Assenti e aproximei-me, sem poder evitar olhar para ela, que se levantou para me estender o bebé.

Voltámos a entreolhar-nos, ela, nervosa, eu, a camu ar todos os meus sentimentos numa expressão que não deixava entrever nada.

— Olá — disse ela, rompendo o silêncio incómodo.

Assenti com a cabeça em jeito de cumprimento e odiei o formigueiro que me percorreu o corpo todo quando, ao passar-me o bebé, as nossas mãos roçaram uma na outra.

Virei-lhe as costas para ela não ver o quanto me afetava estar perto dela e concentrei-me no pequenino que tinha nos braços.

Era igual à Maggie.

Idêntico.

— Já sabes quem é o pai? — perguntei, talvez de uma maneira demasiado brusca.

Porra, estava nervoso e, às vezes, quando estava assim, o ltro cérebro-boca parecia não funcionar em condições.

— Entregam-nos os resultados amanhã — respondeu a Maggie, tranquilamente, apesar de ter visto nos seus olhos que estava tudo menos calma. Se o pai fosse o Malcolm, iam-se meter num imbróglio enorme.

Eu não tinha falado com o meu ex-amigo desde o encontro que

tínhamos tido em Bali. Tinha começado a questionar-me se a minha decisão de não voltar a falar com ele tinha sido a correta ou se ele também merecia que lhe perdoássemos como o Nate tinha feito com a Maggie.

Afastei aqueles pensamentos e tornei a dirigir a atenção para o bebé.

Era muito bonito, frágil.

Tão frágil que, de repente, precisei de voltar a entregá-lo à mãe, não fosse provocar-lhe algum tipo de dano.

— É lindo — disse enquanto lho estendia e foi então que chegou o Nate.

— Estás cá! — exclamou e, aborrecido, caminhou para onde eu estava ao lado da sua namorada. — Chiça, perdi isto!

Revirei os olhos.

— Não é nenhum espetáculo, Nate.

— Queria presenciar o momento em que te convertias num humano de carne e osso. Sabias que dizem que, quando pegas num bebé pela primeira vez, todos os teus problemas desaparecem?

— Cala-te, Nate — repreendi-o, sem conseguir evitar olhar para a Nikki.

Porra... Porque tinha de ser tão bonita? Tinha cortado o cabelo, porque o trazia solto e a cair-lhe à altura do peito, escondido por baixo de um *top* justo de manga curta, que vestia com uma saia larga daquelas que tantas vezes a tinha visto usar em Bali.

Ao deslizar os olhos pelo seu corpo, inevitavelmente, voltei a encontrar os seus. O seu rosto, tal como o meu, parecia estar a esconder os sentimentos como podia.

— Alex, queres falar um pouco a sós? — perguntou-me, então, e reparei no nervosismo na sua voz.

Olhei-a, sério, enquanto pensava se queria falar com ela ou não.

— É só um instante — insistiu.

Acabei por anuir e saímos do quarto. Mantive a porta aberta para a

deixar passar e, quando chegámos ao corredor, pareceu um pouco nervosa ao ver que aquele também não era um bom sítio para falarmos.

Suspirei e pedi-lhe para me seguir.

Não demorei muito a encontrar um quarto desocupado, entrámos e fechei a porta para que não nos pudessem ouvir, ou melhor, para que não nos mandassem embora dali.

— Foi uma grande surpresa encontrar-te aqui hoje — comecei por dizer num tom áspero.

A Nikki hesitou antes de falar.

— Julguei que a Maggie tinha comentado isso contigo — disse num tom de voz aparentemente controlado, mas conhecia-a su cientemente bem para saber que estava muito mais nervosa do que aparentava.

— Porque havias de me escrever, não é? — perguntei-lhe e, a cada segundo que passava, sentia-me cada vez mais incomodado. Tinha sido muito paciente com a Nikki, tinha tentado verdadeiramente respeitar a sua decisão e manter-me afastado, mas que voltasse a regressar a Londres e tivesse de a encontrar outra vez sem estar à espera...

Acho que merecia um tratamento diferente da sua parte.

— Alex, isto também não tem sido fácil para mim, sabes? —

retorquiu e atreveu-se a olhar-me nos olhos outra vez. — Tudo o que descobri sobre o teu pai, a implicação do Berenguer, saber que, a nal, o meu tio não tinha tido nada que ver com aquilo... Precisava de voltar para casa, precisava de...

— E, como sempre, fugiste sem me dar a oportunidade de te dizer tudo aquilo que teria gostado que soubesses antes de te ires embora.

— Para quê, Alex?! — exclamou, deixando descair os braços de ambos os lados das ancas. — Magoava-me ver-te, magoa-me ver-te agora. Estar aqui contigo está a matar-me, não percebes?

— E não achas que isso signi ca alguma coisa?! — exclamei. Perdi a paciência e senti uma espécie de alívio ao ver que não tinha sido o único a sentir-se assim durante todo aquele tempo.

A Nikki deu um passo atrás.

— Não importa o que isso signifi ca, é indiferente, porque eu vivo em Bali e tu vives em Londres.

— Porra, lá vem a mesma conversa de sempre! — exclamei. — Isto já parece a treta daquele lme *Pai para Mim... Mãe para Ti...* —

acrescentei. Pois é, a minha lha tinha-me obrigado a vê-lo.

— É a verdade!

— A verdade para quem? — repliquei, dando um passo em frente, encurtando a maldita distância que começava a criar-se entre nós. —

Para que seja a sociedade em que vivemos a dizer como devemos amar ou apaixonar-nos? Quero lá saber da verdade quando não consigo tirar-te da merda da cabeça, Nicole!

A Nikki respirou fundo, como se tivesse estado a reter a respiração.

— Não tornes isto mais difícil do que já é — murmurou. — Quando te disse para sermos amigos, não estava a mentir... Só precisei destes meses para...

— Superá-lo? — interrompi-a.

A Nikki calou-se e sorri sem qualquer tipo de alegria.

— Conseguieste?

— Estou a tentar — disse-me, como se fosse a única opção possível, como se fosse o único caminho para ambos, a amizade. A merda da amizade.

— Se eras assim tão minha amiga, então porque nunca mais voltei a saber absolutamente nada de ti?

Olhámo-nos em silêncio.

— Alex... — começou a falar, mas não soube como continuar.

— Vou-te explicar — prossegui com calma, aproximando-me mais, invadindo, sem conseguir evitá-lo, o seu espaço pessoal. — Tu e eu não podemos ser amigos, Nicole, e sabes porque não podemos sê-lo?

A Nikki engoliu a saliva sem desviar os olhos dos meus. Estendi a mão para passá-la pelo seu braço e a puxar para mim.

— Não podemos ser amigos, porque, assim que nos vemos, co logo duro e tu, molhada, sem que consigamos fazer nada para o evitar.

Levei a sua mão às minhas virilhas e ela percebeu quão duro eu estava.

Não me queria sentir assim. Odiava que o meu corpo me atraísse daquela forma tão primitiva, mas nem todo o maldito autocontrolo do mundo, nem as dez mil milhas que nos separavam, nem os malditos seis meses em que não nos vimos podiam fazer com que o meu corpo e a minha mente deixassem de explodir cada vez que a via.

— Eu amo-te — declarei, chateado, ao mesmo tempo que a puxava mais para mim. — Eu amo-te, o que vais fazer em relação a isso?

CAPÍTULO 37

NIKKI

Fiquei parada, gelada.

Nunca tinha esperado que aquelas palavras lhe saíssem da boca.

Julgava conhecê-lo su cientemente bem para saber que o Alexander Lenox não dizia «amo-te» a qualquer uma e tinha acabado de mo dizer a mim.

O que faria em relação àquilo?

Bolas... Desde que o tinha visto entrar por aquela porta, há uma hora, parecia que o meu cérebro tinha reduzido o seu funcionamento para vinte por cento. Desde que o tinha visto entrar, com o seu porte tão característico, com aquela facilidade inata que tinha de sugar toda a energia do quarto, com o seu olhar abrasador ao encontrar-me ali inesperadamente...

Claro que estava húmida, claro que o meu corpo reagia à sua presença e claro que só ele conseguia provocar isso.

Desde a última vez que tínhamos feito amor, já quase há um ano, não voltara a ser íntima daquela forma com ninguém... nem daquela forma, nem de nenhuma outra.

À noite, fantasiava com as suas mãos a percorrer-me o corpo, com os

seus dedos a introduzir-se dentro de mim daquela maneira tão deliciosa, com a sua boca a inundar-me toda, com a sua língua a saborear-me com doçura como se fosse o seu rebuçado preferido.

Pensei em como, apenas um segundo antes, tinha notado em quão

duro estava quando tivera o descaramento de me agarrar na mão para eu poder apalpar-lhe a ereção.

Onde tinham cado as suas irrepreensíveis maneiras inglesas?

Calculo que tivesse acabado por lhe esgotar a paciência.

— No que raio estás a pensar? — perguntou-me no mesmo tom chateado com que me tinha dito que me amava.

— Em nada — respondi como uma idiota.

Era como se me tivessem extraído violentamente o cérebro, sem mais nem menos.

— Nesse caso, vou-te dar qualquer coisa em que pensar. — Então, puxou-me para ele e cobriu a minha boca com a sua.

Sem me dar nenhum tipo de trégua, introduziu a sua língua com desejo. Sentou-se na beira da cama e puxou-me para ele, facilitando-me a tarefa de chegar à sua boca sem ter de me pôr em bicos de pés.

Aproximou-me mais, fazendo com que os nossos corpos se agarrassem como lapas, coordenando os nossos corações e competindo para ver qual conseguia bater mais depressa. As suas mãos envolveram o meu rabo com força ao mesmo tempo que as minhas mãos se agarravam aos seus ombros e desciam pelos seus braços... os seus braços incrivelmente musculados.

Pôs-se em pé, endireitou-se e a sua mão subiu pela minha cintura até os seus dedos me envolverem o pescoço suavemente. Caminhou para trás até as minhas costas chocarem contra a parede, ao mesmo tempo que me apertava, deixando-me espaço apenas para respirar, mas provocando em mim o prazer mais doce.

As suas mãos enredaram-se no meu cabelo, e a sua boca abriu-se para também me permitir aliciá-lo.

Sabia tão bem.

Todo ele era virilidade pura: a sua fragrância, a rmeza dos seus

músculos, os seus braços que me seguravam com força e faziam ao meu corpo o que bem lhes apetecia... Senti a sua ereção incrível pressionar o meu estômago e imaginei-me a introduzi-la na minha boca...

Em menos de um segundo, cara bastante excitada.

Foda-se.

Deixei de pensar, desta vez, a sério, e deixei-me levar pelo momento, encarregar-me-ia das consequências depois.

Os meus dedos chegaram ao seu cinto e desapertaram-no enquanto os seus beijos se tornavam mais profundos, mais exigentes.

Soltou um grunhido gutural quando a minha mão conseguiu retirar-lhe a ereção para fora das calças, apertei-a com força e reparei na sua rigidez, por incrível que pudesse parecer.

Seria eu a culpada pela reação tão animalésca que o seu corpo tinha quando estava perto dele? Seria verdade que só eu conseguia deixá-lo assim?

Afastou-se um pouco de mim e vi que fechava os olhos, inclinou a cabeça para trás quando os meus dedos começaram a acariciá-lo devagar, como eu sabia que gostava.

— Foda-se — disse, tremendo sob as minhas carícias.

Só esperava que ninguém entrasse, porque seríamos apanhados numa situação mais do que comprometedora.

Tornou a beijar-me e desceu as mãos até me subir a saia, enrolando-a à volta das minhas ancas.

— Quero saborear-te — a rmou, pondo-se de joelhos à minha frente. Desviou-me as cuecas para o lado e aproximou a boca da minha entrada, que tremia de pura antecipação. Passou a ponta da

língua pelo meio, de cima para baixo e beijou-me como se me beijasse os lábios.

Estremeci e tive de me agarrar com força aos seus braços.

— Não estava enganado — murmurou para si mesmo, mas nem sequer reagiu. Tinha desaparecido num feitiço de prazer in nito que ameaçava rasgar-me e arrasar tudo à sua passagem.

Reparei que um dos seus dedos se colava devagar ao meu interior para depois deixar entrar um segundo. Não demorou a começar a movê-los para dentro e para fora ao mesmo tempo que a sua língua me acariciava o clitóris com um sincronismo digno de uma medalha olímpica. Se existisse um desporto sexual onde fossem distribuídos prémios, só vos digo que o Alexander Lenox ganharia a medalha de ouro.

— Alex, Alex... — comecei a dizer, contendo a vontade enorme que tinha de me vir, porque ainda não o queria fazer, estava a gozar de mais.

— Queres que pare? — perguntou-me, intensi cando os movimentos.

— Sim — murmurei e parou. — Não! — gritei e um sorriso malicioso apareceu-lhe nos lábios.

Afastou a boca e levantou-se, continuando a torturar-me com os dedos.

— Não grites, ainda nos ouvem — advertiu-me, beijando-me de novo com os lábios húmidos da minha própria excitação. — Diz-me o que queres, Nikki — pediu-me, afastando-se da minha boca e sussurrando contra ela, deixando-me inebriada com o seu hálito delicioso.

Demorei a perceber o que estava a pedir-me.

— Diz-me, quero ouvi-lo dos teus lábios.

Não podia dizê-lo. Se o zesse, se admitisse o que queria, caria sem argumentos. Era a única coisa que faltava para tentar manter-me agarrada à decisão que já estava tomada.

Abanei a cabeça, recusando, e os seus olhos lançaram-me chispas de desejo e de irritação em partes iguais.

Retirou um preservativo da carteira e, sem desviar os olhos dos meus, colocou-o no seu membro, que o recebeu com relutância, custava a entrar de tão excitado que estava.

O Alex levantou-me e obrigou-me a envolver-lhe as ancas com as pernas. Agarrei-me aos seus ombros e, com a ajuda da parede que estava atrás das minhas costas, foi-se introduzindo aos poucos dentro de mim.

Fechei os olhos e a sua mão agarrou-me pelo queixo.

— Olha para mim — exigiu e foi isso que z. — Diz-me que me amas — voltou a repetir enquanto saía de mim, devagar, e tornava a cravar-se com força no meu interior quando eu abanava uma vez mais a cabeça, recusando-me a falar.

Os seus olhos in amaram-se, ao contrário dos meus, tornou a sair e voltou a exigir-me a mesma coisa. Recusei com um aceno, perdendo completamente o sentido perante o prazer incalculável que me dava.

Cravou-se tão fundo dentro de mim que se me escapou um grito.

Tapou-me a boca com a mão para impedir que qualquer outro som voltasse a sair-me dos lábios.

— Diz-me, raios te partam. Eu sei o que sentes por mim, sei que sentes o mesmo que eu. — Voltou a penetrar-me. Suava, tinha-me presa pelo rabo, levantando completamente o meu peso, mas não parecia querer mudar de posição. Queria continuar a penetrar-me

assim, porque percebia que chegava tão dentro de mim, sentindo-o no mais profundo do meu ser.

Não consegui aguentar mais.

Demasiado tempo, demasiados estímulos, demasiados meses sem nos vermos.

Atingi o orgasmo quando ele voltou a penetrar-me até ao fundo.

Com a sua boca, cobriu a minha, tragando os meus gritos enquanto acelerava os movimentos até também ele atingir o orgasmo.

Agarrou-me com força, mesmo depois de o ter atingido. Tremia contra mim, contra o meu corpo. As minhas mãos agarraram-se ao seu cabelo húmido, desejando dizer-lhe que o amava, desejando abraçá-lo e dizer-lhe as saudades que tinha tido dele.

No entanto, não z nenhuma dessas coisas.

Passados alguns minutos, saiu do meu interior e deixou-me deslizar com cuidado até os meus pés tocarem no chão.

Compus a roupa interior conforme deixava que a saia tornasse a cair por cima das minhas pernas.

O Alex passou a mão pelo cabelo, afastando-se de mim e compondo a roupa, tal como eu tinha feito.

Esteve um momento na casa de banho e eu penteei o meu cabelo com os dedos.

O que tínhamos feito?

Quando saiu, olhámo-nos sem saber o que dizer, ou, pelo menos, eu.

— Quando te permitires ter coragem, já será tarde de mais — disse, olhando-me com pena.

Contornou-me até sair do quarto, deixando-me ali sozinha com uma data de perguntas e pensamentos a rodopiar-me na cabeça como pássaros numa gaiola.

Porque tinha tanto medo de aceitar o que sentia por ele? Porque tinha tanto medo de deixar que me amasse?

Tornei a passar as mãos pela saia, olhando-me ao espelho, assegurei-me de que estava com um aspeto decente e saí para o corredor para fazer de conta que nada tinha acontecido.

CAPÍTULO 38

MAGGIE

O Malcolm era o pai do meu bebé.

Olhei para o sobrescrito com os resultados que tinham acabado de me trazer do laboratório. Estava sozinha no quarto, quer dizer, acompanhada pelo meu lho, que dormia placidamente nos meus braços.

Não acreditava.

Aquilo não podia ser verdade. Não quando as coisas com o Nate nalmente estavam a funcionar. Não quando nalmente éramos felizes.

Olhei para o meu lho enquanto os olhos se me enchiam de lágrimas. Acariciei-lhe a face com suavidade, tentando encontrar parecenças com o Malcolm, mas não via nenhuma. Era igualzinho à mãe.

O que diria o Nate? O que signi caria aquilo?

Pensei nas amigas que conhecia que tinham lhos e estavam separadas... Lembrei-me daquelas histórias que vamos ouvindo à medida que vamos crescendo: as guerras pelas custódias, os ns de semana repartidos, as noites acordadas, sabendo que talvez o teu bebé

doente não possa estar contigo, porque calha ao pai estar com ele, apesar de saberes que a única coisa que ele queria era estar nos teus braços.

Um sentimento de proteção in nito apoderou-se de mim e segurei o meu bebé com mais força.

Não queria isso para ele, não queria isso para mim.

A porta do quarto abriu-se e um Nate sorridente parou aos pés da minha cama.

O seu gesto gelou assim que me viu chorar em silêncio.

Desviou os olhos para o bebé, que ainda há poucos minutos considerava seu. Ouvi o seu coração estilhaçar-se em mil pedaços de onde eu estava, na cama, e quis ser a cola que voltaria a juntá-los um a um.

O Nate não merecia aquilo.

Nenhum de nós merecia aquilo.

Aproximou-se de mim e a sua mão contornou a cabecinha do Nate.

— Não chores, Maggie, vai correr tudo bem — consolou-me, limpando-me as lágrimas com os dedos e forçando um sorriso triste a surgir nos seus bonitos lábios. — Vou amá-lo como se fosse meu.

Escapou-se um soluço do mais fundo da minha alma e o Nate abraçou-me, continuando a insistir para que me acalmasse.

— Não chores, por favor — pediu-me, esmorecido.

— Não é justo — disse-lhe. Agora que o meu futuro mudava para um novo rumo em que o Malcolm passava a fazer parte da minha vida, sem que eu pudesse evitá-lo, em que os aniversários, os natais, as primeiras vezes, tudo... seria partilhado.

— Vai correr tudo bem, cenoura, não chores. Vai correr tudo bem...

— insistiu.

Limpei as lágrimas com as mãos e procurei-o com o olhar.

Ele tinha os olhos e as faces húmidos... Conforme me abraçava, me

apertava nos seus braços, também ele tinha estado a chorar.

— Nate... — comecei a dizer com a voz embargada. — Compreendo que não querias...

O Nate abanou a cabeça, negando-o.

— Isto não muda o que sinto por ti, nem o que sinto por ele. É meu lho, não me importa que seja eu o seu pai biológico ou não, serei um pai para ele! Sê-lo-ei mesmo que tenha de o partilhar.

Deixei que o ar me entrasse nos pulmões.

— Mas, Nate...

— Não voltei para ti por estares grávida, Maggie. Voltei para ti porque te amo, porque te z muito mal e sei que isto aconteceu em grande medida por minha causa. Este lho devia ser nosso e, se não o é, é porque te abandonei... Nunca me perdoo pelo que z, mas este é o momento que tenho para me redimir, para demonstrar que vou ser melhor pessoa. Tudo o que faz parte de ti, também faz parte de mim.

Soube que dizia a verdade. Soube que me amava quando vi a dor nos seus olhos ao sentir que o seu lho se lhe escapava e não podia fazer nada para mudar isso.

O Nate levantou o pequenino dos meus braços e apertou-o com força, mas com cuidado, beijando-lhe a cabecita.

— Vou falar com o Malcolm — disse, então, uma coisa que conseguiu voltar a surpreender-me. — Devemos resolver as nossas divergências agora que as nossas vidas seguiram pelo mesmo caminho.

Não era uma coisa que eu queria que acontecesse sem a minha presença. Não ia deixar que o Malcolm e o Nate se sentassem e falassem sobre como iam superar uma paternidade partilhada quando, há menos de três minutos, a única coisa que os unia era um ódio profundo, provocado por mim.

— Fomos amigos em tempos, Maggie — explicou-me com a voz um bocado magoada. — Alguma coisa tem de estar por baixo de todas as camadas de traição.

O Nate olhou para o meu bebé e percebi o que lhe passava pela cabeça.

Era o nosso lho que se ia encarregar de nos unir aos três. De uma maneira ou de outra, a partir desse momento, todos fazíamos parte da sua grande família.

CAPÍTULO 39

ALEX

A notícia de que o Malcolm era o pai do bebé da Maggie caiu como um balde de água gelada despejado sobre as cabeças de todos nós.

O meu amigo estava desanimado, triste e pouco podíamos fazer para o ajudar a superar a realidade de que, a nal, o seu lho não era seu.

Os pais da Maggie tinham voado da Turquia para a visitar e estar na festa de boas-vindas do bebé, que o Nate e a Nikki tinham organizado.

Eu estava convidado, claro, bem como a Lilia, que, naquele momento, dedilhava as estações de rádio do meu carro, tentando encontrar uma estação de música *pop*.

Não quis sequer imaginar como seria lidar com uma Lilia adolescente nos anos que se avizinhavam, mas sentia-me aliviado por ver que ainda continuava a ser uma menina... Bastava vê-la a dormir abraçada ao seu peluche.

— Mas não percebo — tornou a insistir. — Como podiam achar que o pai era o Nate e agora descobrem que é outra pessoa?

Explicar à minha lha de onze anos que a Maggie tinha ido para a cama com dois homens num período tão curto de tempo, ao ponto de não saber quem era o pai do lho, estava a ser complicadíssimo para mim.

— Quer dizer, às vezes, sabes, às vezes, quando gostas muito de duas pessoas...

A minha lha olhou-me com atenção.

— Queres dizer quando fazes sexo com duas pessoas, não é?

Fiquei quase chocado quando disse aquilo.

Olhei-a e um sorriso divertido apareceu no seu rosto.

— Estás a brincar comigo? — perguntei, estupefacto.

Deu uma gargalhada.

— A sério, achas que com onze anos ainda não sei como se fazem os bebés?

Raio da miúda.

— Não devias saber isso — disse-lhe, contraindo os lábios e retomando o caminho em direção à casa do Nate.

— O meu avô já teve essa conversa comigo no ano passado, escapaste por um triz — replicou, juntando os dois dedos e deixando um mísero espaço entre eles para enfatizar as suas palavras.

Não acrescentei mais nada, porque me sentia mais do que incomodado por estar a falar de sexo com a minha lha.

— O que não percebo... — recomeçou e não consegui deixar de revirar os olhos, um gesto que ela não viu por estar a olhar pela janela lá para fora.

— O que é que não percebes?

— Se tu zeste sexo com a Amanda... Porque é que ela não cou grávida?

Quase voltei a car chocado.

Será que o avô não lhe tinha falado na existência dos contracetivos?

Felizmente, consegui adiar aquela conversa, porque tínhamos acabado de chegar a casa do Nate, uma bonita mansão às portas de Londres, para onde se tinham mudado pouco antes do nascimento do menino.

— Estás com vontade de ver o bebé? — perguntei-lhe, mudando de assunto.

— Vão deixar-me pegar-lhe outra vez? — replicou e vi o entusiasmo nos seus olhos azuis.

O Nate e a Maggie tinham-se portado impecavelmente com a Lilia e faziam quase tudo o que ela lhes pedia.

— De certeza que sim — a rmei, desligando o motor.

Saímos do carro e dirigimo-nos para a porta.

Eu sabia que a Nikki estaria lá, como também sabia que, no dia seguinte, ia regressar a Bali.

Não nos tínhamos voltado a ver desde o nosso encontro no hospital.

Eu tinha tentado manter a distância, por exemplo, antes de ir visitar o meu amigo, assegurando-me de que a Nikki não estava lá. Chamem-me covarde, mas não conseguia superar o momento em que lhe tinha dito que a amava e não tinha obtido nenhuma resposta.

A casa do Nate era uma bonita vivenda, com terreno à volta, longe da cidade, mas suficientemente perto para continuarem a viver na cidade. Rodeada de árvores, era um sítio bonito para se criar um bebé.

O Nate tinha-me contado que a conversa com o Malcolm tinha sido muito tensa. Ele não estava satisfeito por ser pai, não era uma coisa a que tivesse aspirado, nem de longe, nem de perto, mas compreendia que devia responsabilizar-se por ele. Deixaram-no conhecer o menino e passar algum tempo com ele e, pouco depois disso, mal tinham voltado a falar-se.

Avizinhava-se um julgamento e, do que o Nate tinha conseguido sacar do Malcolm na conversa que tinham tido, ele parecia não querer impedir a Maggie de car com a custódia, desde que chegassem a um acordo quanto a visitas regulares.

A porta estava aberta e a música escapava para o jardim da frente.

— Vamos — incentivei a Lília a entrar.

Entrámos e deparámos com a típica festa de bebé, com balões azuis e brancos por todo o lado, um enorme cartaz a dizer «É um menino!»

pendurado no teto e com empregados de mesa a passarem com comida servida em bandejas a imitar as cores temáticas da festa.

Misturámo-nos com as pessoas e detive-me para cumprimentar os meus amigos e a família do Nate, que ainda não conseguiam acreditar que o herdeiro do império Olivieri tinha nalmente assentado.

— A Maggie está ali! — exclamou a Lília e desatou a correr para a antriã e o seu bebé, que, naquele momento, cumprimentava alguns convidados. Observei-a de longe e sorri quando chegou ao pé dela e perguntou logo se podia pegar no pequeno Nate.

A Maggie abanou a cabeça, dizendo-lhe que podia e olhando-a com carinho.

Continuei a percorrer todo o espaço com o olhar. Era evidente que

andava à procura dela e fui cando cada vez mais nervoso ao ver que não estava em lado nenhum.

Ter-se-ia ido embora mais cedo?

Teria mudado o voo por alguma razão que eu desconhecia?

Mas, depois, a porta da cozinha abriu-se e ela entrou no salão com uma bandeja de comida nas mãos.

Voltei a respirar fundo ao mesmo tempo que a dor de voltar a vê-la, sabendo que não era minha, eclipsava qualquer pensamento positivo na minha cabeça.

A janela aberta do salão deixava entrar uma brisa agradável, fazendo com que alguns os de cabelo escapassem da trança. Não acreditava que iria embora de Londres no dia seguinte, não acreditava

que voltaria a estar tão longe, não acreditava que podiam voltar a passar-se meses sem tornar a vê-la.

— Vê se deixas de olhar para ela como se fosse morrer amanhã —

disse-me o Nate. Pôs-se ao meu lado e observou a Nikki, que tinha começado a conversar com o Eko e o Gus.

— Cala-te — ordenei-lhe.

O Nate passou um braço pelos meus ombros.

— A Maggie contou-me que também ela está destroçada —

sussurrou-me ao ouvido.

Fitei-o e ele sorriu-me.

— No hospital? A sério? — perguntou, então, olhando-me com um sorriso malicioso. — Estares apaixonado fez-te perder a tua educação impecável...

— Deixa-me em paz — repliquei, afastando-me dele, mas claro que me seguiu. — Um copo de *chardonnay* — pedi ao empregado de mesa que servia num balcão improvisado no meio do salão.

— Celebras alguma coisa?

— Sim, o estalo que ainda te vou dar, se não parares de me perseguir.

O Nate riu e ergueu as mãos como se rendesse.

— Tu é que sabes, meu amigo, mas o meu conselho é que não percas tempo, porque não tarda dás por ti com um puto que não é teu.

Olhei-o, perplexo.

— Não sei se hei de car preocupado por já seres capaz de brincar com isso.

— O humor é uma excelente tática de evasão.

— Pois então boa sorte com isso — desejei-lhe, erguendo o copo e levando-o aos lábios para o esvaziar de um único trago.

Fiz sinal ao empregado para que me servisse outro.

— O teu amorzinho querido vem aí — anunciou o Nate.

Virei-me, para ver se o que dizia era verdade, e, de facto, a Nikki aproximava-se com dúvida estampada no olhar e um bonito vestido cor de cereja.

— Deixo-vos sozinhos — disse o Nate, afastando-se na direção contrária.

Tornei a virar-me para o balcão e senti-a parar ao meu lado.

— Olá — cumprimentou-me.

Olhei-a de lado e abanei a cabeça, esvaziando o copo novamente.

Ela suspirou e tornou a virar-se para o empregado.

— Pode trazer-me o mesmo que a ele? — perguntou com a característica amabilidade com que tratava toda a gente, porque ela era assim, amável por natureza, terna e doce.

Chiça.

— Podemos falar? — perguntou com a sua bonita voz, que chegou ao mais fundo do meu ser.

Virei-me para ela, encarando-a, por m.

— Sobre o quê? — repliquei.

A Nikki pareceu hesitar antes de falar.

— Vou-me embora amanhã e não queria ir e deixar as coisas assim...
— explicou.

Dei uma gargalhada seca e voltei a pedir para me encherem o copo.

Era uma sorte que tivesse de beber, pelo menos, dez daqueles copinhos ridículos para que o álcool me afetasse.

— Parece-me que não há mais nada para conversarmos, Nicole —
declarei, olhando para o fundo do meu copo e tornando a voltar-me para ela. — Tu vais-te embora e eu co.

A Nikki olhou-me, magoada, como também eu me sentia.

— Não me quero ir embora assim.

— E eu não quero que te vás embora — acrescentei. Não queria saber se voltava a insistir no mesmo assunto, tinha pouco a perder.

A Nikki soltou um suspiro entrecortado.

— Gostava que conseguisses perceber-me — desejou com tristeza.

— Perceber o quê? — questionei-a.

— Que o faço pelos dois. Faço-o para evitar que nos magoemos um ao outro. Faço-o, porque é o correto e é o que devíamos fazer —

insistiu.

Inclinei-me um pouco para ela.

— Não tomo as minhas decisões com base no que devia fazer, tomo-as com base no que desejo.

A Nikki encarou-me, sem hesitar.

— Isso é fácil de dizer quando sempre tiveste o que querias, bastando-te desejá-lo — cuspiu, contraindo os lábios com força.

— Essa é a diferença entre tu e eu... Sou eu quem dita o meu destino. Se me dás licença... — disse-lhe, contornando-a e afastando-me dela.

Não conseguia continuar a ter aquela conversa. Não queria insistir no

mesmo. Não queria voltar a sentir que me rejeitava vezes sem conta.

Saí para o jardim para me afastar de todos, julgando que estaria sozinho, mas ela veio atrás de mim.

— E qual é a tua ideia, hum, Alex? Diz-me qual é a tua magnífica ideia! — pediu aos gritos, irritada.

Encarei-a e olhei-a, furioso.

— A minha ideia é amar-te todos os dias da minha vida, é essa a minha ideia!

A Nikki abanou a cabeça, negando-o, enquanto os seus olhos se enchiam de lágrimas.

— Então, vais mudar-te para Bali comigo? — gritou. — Vens viver comigo na ilha? Que fácil deve ser planear uma vida quando não tens de renunciar a nada!

— Existem opções! — gritei-lhe e, por dentro, agradecia que ali fora ninguém nos conseguisse ouvir.

A lua e as estrelas eram testemunhas da nossa discussão conforme os restantes convidados continuavam a beber e a desfrutar da festa.

Apenas a luz da noite e a que vinha do interior da casa iluminavam as nossas caras.

— Opções essas que apenas serviriam durante um tempo! —

replicou. — Até vermos que já não conseguíamos aguentar mais, até a tua lha te pedir para vir viver para Londres, porque será normal que queira fazê-lo! Nessa altura, irás deixar-me, quando tiveres de regressar a cada cinco dias para trabalhar, quando toda a tua família estiver aqui. Irás deixar-me e eu não irei aguentar sozinha com o coração aos pedaços, a chorar por alguém que não vai voltar para junto de mim, porque já sabe o que isso implica e o que significa.

Escutei-a e odiei que, em parte, tivesse razão.

— Não sabes o que poderíamos fazer para que resultasse — a rmei, hesitando.

A Nikki soltou uma gargalhada amarga.

— Ages como uma criança que quer uma coisa que não pode ter —

censurou-me.

Dei um passo na sua direção, mas ela afastou-se, recuando um passo e levantando uma mão para me impedir de me aproximar.

— Não faça isso — ameaçou-me, muito séria. — Não o faça, porque vais fazer com que aceite. Farás com que eu que e que me deixes destruída.

Foi o meu coração que se partiu em mil pedaços ao perceber que ela tinha razão, que tinha toda a razão.

Continuámos a olhar-nos durante aquilo que poderiam ter sido horas ou minutos.

Então, um raio iluminou-nos, acompanhado de um trovão que nos sobressaltou a ambos e nos despertou da nossa letargia.

— Espero que sejas muito feliz, Alex — declarou a Nikki, dando um passo atrás e limpando as lágrimas que lhe caíam pela cara abaixo como uma fonte.

Por m, virou-me as costas e afastou-se até entrar em casa, comigo a observá-la.

Olhei para o céu com a alma partida em mil pedaços.

Estava a perdê-la... Estava a perdê-la e não podia fazer nada para o evitar.

CAPÍTULO 40

NIKKI

Vim-me embora de Londres na manhã seguinte.

Com os olhos congestionados de chorar e a cara inchada de tanto assoar o nariz, despedi-me da minha melhor amiga e do seu bebé.

Despedi-me do Nate, do Erik e de todas as pessoas maravilhosas que tinha conhecido naquela cidade caótica.

A Maggie iria visitar-nos dentro de poucos meses, por isso, o meu regresso a Londres caria adiado, deixando-me o espaço necessário para recuperar e aceitar que o Alex e eu tínhamos terminado.

O Eko e o Gus iam-se casar em Espanha, no ano seguinte, quando o pequeno Nate fosse suficientemente grande para poder levar as alianças e mostrar que, de facto, os nairs felizes existiam. Os meus amigos tinham encontrado os seus pares, tinham tomado as respetivas decisões para poderem estar juntos, e os seus caminhos desenhavam-se claramente diante dos seus olhos.

Mal cheguei ao porto da ilha, quei surpreendida por não ver o *Batú* à minha espera com a energia e a alegria habituais. Não sei como fazia aquilo, mas sabia sempre quando eu chegava, como se tivesse um dom especial que lhe permitisse farejar a minha chegada.

Mal pus os pés na areia, senti-me um pouco melhor, ainda que a angústia não desaparecesse e continuasse plantada no meio do meu peito.

— Acompanhamos-te a casa, Nikki? — perguntou o Gus, ajudando-me com a bagagem até chegarmos ao sítio onde tínhamos deixado as nossas motos.

Tendo viajado com uma mochila às costas, ainda conseguia carregá-la e ir para casa sozinha, pelo que o recusei com um meneio de cabeça.

Ambos tinham de ir trabalhar dali a apenas uma hora, já que faltava pouco para o entardecer e, como vocês já sabem, era a altura de maior afluência no bar.

Despedi-me dos meus amigos e subi para a moto.

Tinha de fazer imensas máquinas de lavar a roupa, ir visitar a minha avó Kuta, a quem eu tinha ligado antes de entrar no avião para lhe dizer que estava bem e chegaria no dia seguinte.

Percorri as ruas da minha ilha, cumprimentando novamente a minha gente, que cava alegre por me ver novamente.

Subi a colina, acelerando, e não pude deixar de pensar no Alex quando reparei em todos os motociclistas sem os respetivos capacetes.

Desde a sua insistência que eu não tinha conseguido voltar a subir para uma moto sem ele posto, e uma parte de mim também o odiava um bocadinho por causa disso.

Maldito sejas, Alexander Lenox...

Cheguei a casa e estacionei a moto. Saí dela quase a cambalear para trás por causa do peso da mochila.

— Queres que te ajude com isso? — ouvi uma voz atrás de mim.

Detive-me, quieta, deixando, inclusive, de respirar.

Virei-me devagar. Obviamente julgava que aquela voz tinha sido fruto da minha imaginação, mas não... ali estava, ali estava o Alex, de pés descalços nas escadas da minha casa, com os calções de verão e a camisa com as mangas arregaçadas, com o *Batú* sentado aos seus pés a abanar a cauda de um lado para o outro.

Ladrou para o ar quando me viu e desceu as escadas, correndo até mim.

— Não me largou desde que cheguei há poucas horas — contou-me, descendo as escadas, degrau a degrau.

Deixei cair a mochila no chão e quei a olhar para ele como se estivesse a ver uma miragem.

— Mas...

— Sabias que se demora metade do tempo se se viajar num avião privado? — perguntou-me.

Neguei-o, abanando a cabeça em silêncio, sem conseguir acreditar, sem acreditar mesmo que ele estava ali, em Bali, em minha casa e ainda por cima descalço.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas e o Alex aproximou-se até estar a meio metro de mim.

— Quero estar contigo, Nikki — declarou, olhando-me muito sério.

— Quero lá saber da distância, quero lá saber que Londres que longe de Bali. A única coisa que me importa nesta vida é estar ao teu lado e ver-te envelhecer. É a única coisa que eu quero.

— Mas... — foi a única palavra que consegui articular.

Então, tomou-me a cara nas suas mãos, aconchegando as minhas faces nas palmas das suas mãos e provocando estragos no meu coração acelerado.

— Podemos fazê-lo — insistiu, tando-me com uma segurança que

nunca lhe tinha visto até àquele momento. — Fá-lo-emos de qualquer maneira. Faremos com que resulte. Viajaremos muito, sim. Tens de perder o medo de andar de avião, porque te esperam viagens in nitas, mas dispomos dos meios para o fazer. Dividiremos o nosso tempo, viveremos seis meses aqui e seis meses lá. A Lilia não me preocupa, já

falei com ela. Quer que eu seja feliz. Quer continuar a conhecer-te e quer que lhe contes tudo sobre os teus animais, a tua ilha e a tua cultura. Já gosta de ti e nem sequer te conhece, mas gosta de ti, porque eu te amo e isso nunca irá mudar.

— Mas... — repeti, mais uma vez, mas ele calou-me com um beijo.

— Chega de «mas» — pediu-me, sussurrando contra a minha boca.

— Basta de «mas». Não me importa o que digas, fá-lo-emos, porque nos amamos, porque sei que me amas e sei que quando amamos alguém a queremos com toda a nossa alma e o nosso coração, e isso basta-me. Tem de bastar.

Limpou-me as lágrimas com os polegares, cando à espera de que eu acrescentasse alguma coisa.

Um sorriso desenhou-se nos meus lábios e outro igualmente bonito re etiu-se nos seus.

— Amo-te, Alex — confessei-lhe, inspirando pelo nariz, mas nalmente disse-lho.

Aquilo aumentou-lhe o sorriso, mostrando-me os dentes.

Ao nosso lado, o *Batú* ladrrou duas vezes, correndo em círculos à nossa volta.

— Estás preparada para a aventura? — perguntou-me e não pude fazer outra coisa senão assentir com um aceno de cabeça.

Inclinou-se para me beijar e levantou-me, fazendo-me girar.

O sol punha-se naquele mesmo instante no horizonte, oferecendo-nos o primeiro entardecer de todos os que partilharíamos durante o resto das nossas vidas.

EPÍLOGO

Quando o Alex me surpreendeu, aparecendo em minha casa assim que cheguei de Londres, não pôde car mais de uma semana, um tempo em

que nos dedicámos exclusivamente a dar-nos todo o amor que dantes não tínhamos podido dar.

Nos dois primeiros dias, nem saímos do meu quarto, deixei que zesse comigo o que queria, no melhor dos sentidos. Procurávamo-nos a meio da noite e a meio do dia, os nossos corpos pareciam não conseguir saciar-se o suficiente para fazermos outra coisa que não fosse perdermo-nos no corpo um do outro.

Os seus lábios voltaram a beijar cada recanto do meu corpo, encontraram novas rotas em terrenos até então desconhecidos e as suas mãos zeram a sua magia, como só ele sabia fazer.

No princípio, foi como se voltássemos a conhecer-nos, com timidez, fomos recordando aquilo de que gostávamos e o que podia vir a agradar-nos. Descobri que o Alex podia ser um homem muito paciente quanto a adiar o prazer, gostava de me levar ao limite para se deter e, de seguida, recomeçar.

— Para — pedi-lhe pela terceira vez, fechando os olhos e tremendo sob as suas carícias.

— Não posso — disse enquanto me acariciava, devagar, torturando-me e observando-me como se eu fosse um espetáculo digno de um espectador entusiasmado.

— Não aguento mais... — Peguei-lhe na mão e inclinei a cabeça para trás.

— Aguentas, sim — incentivou-me, pondo-se em cima de mim, pressionando o meu corpo com o seu, mas sem me esmagar. — Não sabes quão excitado co por te levar ao orgasmo várias vezes seguidas...

— Vais-me matar — retorqui, abrindo os olhos e tando o seu sorriso.

Levantei as mãos e pu-las nas faces. Reparei no entusiasmo do seu olhar, no brilho que conseguia ler claramente nos seus olhos cor de mel, como um menino na manhã de Natal.

— Podia car o dia inteiro a fazer isto, sem parar, sem comer, sem dormir...

— Pois, mas somos humanos e precisamos de descansar. Eu preciso de descansar.

Fez um sorriso matreiro.

— Haverá tempo para descansar. Agora, diz-mo outra vez.

Revirei os olhos, e, então, sem qualquer aviso, introduziu-se dentro de mim, surpreendendo-me e obrigando-me a agarrar os seus ombros com força.

Um suspiro de prazer escapou-se-me pelos lábios entreabertos.

— Diz-mo, Nicole — pediu, voltando a mexer-se.

A minha cabeça não bateu contra a cabeceira da cama, porque ele teve o cuidado de me proteger da pancada, com o braço estendido.

— Amo-te — cedi perante a insistência.

Já tinha perdido a conta às vezes que lho tinha dito, mas ele ainda não se tinha fartado de o ouvir.

— Também te amo — confessou-me, sorrindo contra a minha boca.

A sua língua moveu-se com a minha e os seus lábios mitigaram os meus gritos quando continuou a mexer-se com força. Abracei-me ao seu pescoço para o puxar para mim e afastei a minha boca da sua para enterrar a cara no seu pescoço, ao mesmo tempo que recebia as suas investidas. Daquela vez, foi ele quem acabou primeiro, mas não me importei com isso. Aguentei até deixar de se mexer com a respiração acelerada no meu ouvido e o seu corpo relaxou-se naquele mesmo instante.

Sorri, aliviada por poder fazer uma pausa.

O Alex levantou-se em cima do colchão, apoiando as mãos dos dois lados da minha cabeça. Continuava com a respiração acelerada quando cravou os olhos nos meus.

— Estás a rir-te de quê? — perguntou-me.

— De nada — respondi, tentando parar de sorrir.

— Achas que lá porque atingi o orgasmo primeiro te vou deixar sem acabar?

— Não preciso de voltar a acabar — esclareci, antecipando-me às suas intenções. — Já me vim três vezes.

Saíu muito devagar do meu interior e beijou-me o pescoço, depois, as mamas e continuou a descer até chegar ao meu estômago.

Fechei os olhos um segundo, sem querer.

— O propósito da minha vida é matar-te de prazer — disse, descendo um pouco mais. — E, por sorte, tenho muito tempo pela frente para poder aprender a fazê-lo.

Mordi o lábio e fechei os olhos assim que o senti chegar ao centro do meu corpo...

— Alex...

— Chiu — calou-me e soube que estava a olhar para mim. — Agora, diz-mo outra vez... Diz-me que me amas e pode ser que faça com que isto acabe depressa.

— Por favor... — pedi, movendo-me por baixo da sua boca, já tinha perdido qualquer tipo de vergonha.

— Primeiro, tens de mo dizer — repetiu, detendo-se outra vez e só me apeteceu mordê-lo.

— Amo-te, idiota — disse, fulminando-o com o olhar.

Sorriu-me com a cara toda antes de voltar a perder-se entre as minhas pernas.

Aqueles primeiros meses, foram os mais difíceis. Separar-nos depois de sete dias tão intensos não foi nada fácil.

— Quando tiver tudo organizado para os próximos meses, voltarei para cá — repetiu o Alex enquanto me abraçava com força. — Serão só duas semanas, depois, vais ter-me durante um mês inteiro para ti.

Eu não queria um mês inteiro, queria estar com ele as vinte e quatro horas do dia.

Voltou a beijar-me e, de seguida, chegou o momento de se ir embora.

Não foi fácil organizarmos as nossas vidas para passarmos meio ano na ilha e outro meio ano em Londres, mas lá conseguimos.

Em Bali, tivemos de nos mudar para uma casa maior, uma vivenda espetacular que o Alex comprou para me fazer uma surpresa e que

tinha três quartos, uma cozinha, piscina e um salão aberto com uma vista do mar de cortar a respiração. Num dos quartos, foi instalado um escritório para ele poder trabalhar a partir dali e, noutro, montámos o quarto da Lília.

A lha do Alex não tardou a vir à ilha, embora não a tivéssemos trazido enquanto não estávamos cem por cento seguros de que o nosso novo modelo de vida funcionava.

Os natais seriam os últimos dias que passaríamos ali até

regressarmos para Londres durante os seis meses seguintes e, apesar de ainda nos poder surpreender, estava entusiasmada com aquela mudança.

— Gosto muito de ir descalça para todo o lado! — gritou a Lília à medida que percorria a vivenda de cima para baixo e o *Batú* ladrava, seguindo-a pela casa toda.

Sorri, divertida.

A Lília era uma menina muito especial...

— Ainda nem está aqui há cinco dias e já se parece mais contigo do que comigo — disse o Alex, abraçando-me por trás, enquanto observávamos a menina a brincar com o *Batú* e a rir, entusiasmada.

— Dá-me um ano e transformo-a na maior surista e praticante de ioga que alguma vez existiu.

O Alex riu-se e apertou-me nos seus braços como única resposta.

*

Os natais foram diferentes para mim.

Pela minha religião e cultura, nunca tinha celebrado aquelas festividades com presentes, árvores de Natal, nem nada do género. A Lília e o Alex zeram os possíveis para que o meu primeiro Natal ocidental fosse uma experiência natalícia completamente imersiva.

Contactaram a Dona, a rapariga «Amazon humana» da ilha, e, com a sua ajuda, compraram todo o tipo de decorações.

Foi bonito e muito especial, sobretudo, porque o Nate e a Maggie viajaram até Bali para passarem as festas connosco.

A certa altura, naquela noite, apercebi-me da família que conseguimos reunir à volta da enorme mesa de jantar. A minha avó, que tinha conhecido o Alex, e, apesar da sua relutância inicial, já

começava a aceitá-lo, o Eko e o Gus, a Maggie, o Nate e o Nate júnior, que já tinha seis meses e não podia ser mais adorável e mais irrequieto, e, por fim, a Lília e o Alex.

— Estás a pensar em quê? — perguntou-me o Alex enquanto todos jantavam e conversavam animadamente.

Virei-me para ele com um sorriso.

— Estou feliz — disse simplesmente e ele pegou-me na mão por cima da mesa e acariciou o anel que, há poucos dias, me tinha posto na mão esquerda.

— Vamos ser as pessoas mais felizes do mundo, prometo-te.

Beijou-me nos lábios e todos se puseram a assobiar e a aplaudir.

Aí, além de celebrarmos o Natal, estávamos a celebrar o nosso noivado.

— Alexander, não estou a pensar entrar na cabina para te ver descolar neste avião — recusei, cruzando os braços na parte de trás de um dos aviões privados da empresa do Alex, que íamos usar para voar de Londres para Espanha para podermos assistir ao casamento do Gus e do Eko.

— Anda lá, Nikki — insistiu, usando todo o seu poder de persuasão, que era bastante importante, tendo em conta que era a primeira vez que o via vestido de piloto.

Como podia estar tão atraente? A camisa branca que usava e o fato azul-marinho com as três faixas douradas, tanto nas mangas como nos ombros, tornavam-no numa versão do Alex demasiado perigosa para a minha estabilidade mental... e as minhas hormonas. Se, naquele mesmo instante, não o quisesse matar com as minhas próprias mãos, ter-lhe-ia pedido para nos fecharmos na parte de trás do avião onde havia um pequeno quarto, para me deixar despi-lo e fazer-lhe

tudo.

— Vais adorar ver a descolagem daqui, acredita em mim — insistiu.

Neguei-o, abanando a cabeça, mas pegou-me na mão e puxou-me lá para dentro. O Nate era o seu copiloto e a Maggie, o Nate júnior e a Lilia estavam sentados na parte de trás do avião.

— É mesmo xe, Nikki, a sério! — tornou a dizer-me a Lilia, que já tinha viajado com o Alex no *cockpit*, pelo menos, em três ocasiões.

O Alex indicou-me onde podia sentar-me e, quando o z, reparei que ele e o Nate punham os auscultadores com microfone incorporado e começavam a tocar em todo o tipo de botões.

— Avião N22 5L, estou em posição no hangar três, autoriza-me a pôr-me em marcha? Estou em condições de repetir a autorização de trânsito — disse o Alex conforme olhava para a lista de veri cações e falava com o Nate sobre o estado da meteorologia.

— Agora, vou pôr o motor em marcha, Nikki — explicou-me o Alex ao mesmo tempo que começava a tocar num monte de botões luminosos.

Virou-se um momento para olhar para mim, ao ver que não dizia nada.

— Estás bem, meu amor? — perguntou-me com a preocupação a tingir-lhe os olhos cor de mel.

O Nate também se virou para me tar com curiosidade.

Talvez tivesse cado um bocado branca.

— Estou bem — tranquilizei-o, porque estava incrivelmente espantada por vê-lo movimentar-se como um peixe na água naquela situação tão difícil de assimilar pela minha cabeça.

Não vos vou negar que vê-lo tocar nos botões e falar com a torre de controlo me excitou mais do que qualquer outra coisa que o tivesse

visto fazer antes...

O Alex sorriu-me de esguelha, animando-me, e voltou a concentrar-se no que estava a fazer.

Depois de pedir autorização para se virar e experimentar todos os sistemas e equipamentos, o avião começou a deslocar-se.

Reparei em quão concentrado e sério estava. Observei, admirada, cada um dos seus movimentos. Vi que desfrutava de cada passo que dava e de cada controlo que realizava. Era como se o avião zesse parte dele,

como uma extensão de si próprio.

O Alex empurrou a alavanca de potência para a frente, o avião acelerou, segurei-me ao acento com força e, em poucos segundos, consegui levantar voo.

— A subir para os trinta e nove mil pés — informou o Alex às pessoas da torre de controlo, e observei, fascinada, as vistas impressionantes que tínhamos dali.

Tinham razão.

Aquilo era espetacular. Daquele sítio, via-se tudo. Sobrevoámos Londres e atravessámos as nuvens, como se zéssemos parte delas em vez de estarmos numa máquina de milhares de toneladas que levantava voo graças a um tal princípio de Bernoulli.

Sim, o Alex tinha-me dado umas pequenas aulas particulares de aeronáutica básica.

A certa altura, enquanto subíamos e passávamos por uma zona de nuvens bastante densas, o avião começou a abanar.

Fiquei tensa como uma corda de guitarra e comecei a rezar a todos os deuses que conhecia.

O Alex tornou a virar-se para me manter sob controlo.

— Tem calma — disse-me na sua voz tão calma que uma parte dela conseguiu entrar no meu sistema. — A turbulência é normal — continuou e esticou o braço para eu agarrar na mão que me estendia. Apertou a minha e acariciou-me os nós dos dedos com o polegar. — Está tudo bem, garanto-te.

Assenti em silêncio e tive de me largar para voltar a concentrar-se no seu trabalho. Poucos minutos depois, o avião estabilizou.

— A alcançar a altitude de cruzeiro — indicou o Alex e vi que soltava a alavanca e retirava os auscultadores para me observar com um sorriso radiante. — Gostaste? — perguntou-me e levantou-se para se aproximar do sítio onde eu estava.

Pelo canto do olho, vi que o Nate continuava a tocar em coisas.

Desapertei o cinto e levantei-me da cadeira, um bocado trémula.

Antes de o puxar para mim e o beijar nos lábios com desejo, comprovei que o Nate não nos estava a prestar atenção.

O Alex pôs as duas mãos na minha cintura e apertou-me com vontade de me devolver o beijo.

— Mesmo que não vos veja, ouço-vos perfeitamente — brincou então o Nate e separámo-nos, olhando-nos a sorrir.

O seu entusiasmo era o meu e vice-versa.

— Foi incrível — disse muito perto da sua boca.

O Alex sorriu com o olhar.

— Da próxima vez, deixo-te puxar a alavanca de potência.

Podem imaginar a minha cara. Quase tive um enfarte só de o imaginar.

O casamento dos meus amigos foi incrivelmente bonito e especial.

Dançámos, comemos, bebemos e cantámos até amanhecer. O Gus e o Eko estiveram radiantes e felizes e nós desfrutámos da partilha daquele dia tão especial com eles.

— Em que momento lhe disseste que sim? — perguntou-me o Alex enquanto nos afastávamos da zona da festa e percorríamos o caminho de volta ao hotel onde se tinha realizado a cerimónia. O Alex levava a Lilia, a dormir, nos braços, porque a coitadinha não tinha conseguido aguentar o sono.

— Disse-me que tu tinhas aceiteado! — respondi-lhe, indignada.

Chegámos à porta do quarto da Lilia. Abri-a para o Alex poder passar e corri para abrir a cama para ele poder deitá-la diretamente em cima do colchão.

A menina tinha aguentado até às duas da manhã, mas depois disso cara cheia de sono, cando a dormir em cima de uma das muitas mesas dos convidados.

O Alex deitou a Lilia em cima da cama, tirámos-lhe os sapatos e tapámo-la para que pudesse descansar.

Saímos do quarto sem fazer barulho e dirigimo-nos para o nosso, que cava do outro lado do corredor.

Já lá dentro, por m, o Alex falou:

— Prometi-lhe que a levava à Disneyland, sim, mas isso foi há muito tempo. Julguei que já se tinha esquecido!

— Pois, está visto que não — respondi enquanto atravessávamos o quarto até chegarmos à casa de banho.

Fui retirando os acessórios e abrindo os ganchos do cabelo à medida que o Alex se despia e abria a água do duche.

Metemo-nos na banheira para tomarmos banho juntos enquanto aquela maldita conversa continuava.

— Recuso-me a ir àquele sítio — zangou-se o Alex, lavando o cabelo com champô.

Fiquei embasbacada ao ver como lhe escorria pelo tronco

musculado.

— Estás a ouvir-me? — perguntou, interrompendo os meus pensamentos lascivos. — Não penso lá ir.

Olhei para ele durante alguns segundos.

— Eu caria entusiasmadíssima de lá ir — comentei, como quem não quer a coisa, e, então, o Alex mexeu-se debaixo de água e dirigiu toda a atenção para mim.

— Tu queres lá ir? — indagou, perplexo.

— Tenho muita vontade de conhecer o Rato Mickey, sim — respondi com um sorriso.

O Alex tou-me, indignado, mas acabou por soltar um suspiro profundo, sinal de que se resignava. Não era capaz de dizer que não a qualquer coisa que me deixasse entusiasmada, sobretudo, porque, segundo ele, eu nunca lhe pedia nada e, usando as suas próprias palavras, era «mortalmente complacente».

— Vais acabar comigo, mas, porra, está bem, eu levo-vos a ver o raio do Rato Mickey!

Aproximei-me para o abraçar e ele segurou-me com força entre os seus braços.

Quando me separei dele, olhei-o com curiosidade.

— Se alguma vez tivermos lhos, sabes que tens de ter muita paciência, não sabes? Sabes que será dez vezes pior do que aguentar a Lili?...

O modo como me olhou deixou bem claro que não estava à espera de que eu puxasse aquele assunto justamente naquele momento, enquanto tomávamos banho.

Olhou-me muito sério.

— Queres ter lhos? — perguntou-me, cautelosamente.

A sua pergunta surpreendeu-me.

— Claro que sim... Gostava de ter três.

Abriu tanto os olhos que o resultado teria sido cómico se não fosse sério, porque senti uma pontada de alarme dentro de mim ao ver quão assustado cava perante aquela ideia.

— Três? — replicou e, ao fazê-lo, engasgou-se com a água e desatou a tossir.

— Podia ceder e termos só dois, porque já temos a Lília, mas sim, gostava que tivéssemos três.

O Alex fechou a torneira, pegou na toalha, pô-la à volta da cintura e saiu da banheira.

Peguei na minha e z o mesmo.

— Nikki... — começou a dizer, mas interrompi-o.

— Tu não queres tê-los? — perguntei-lhe, observando com toda a atenção a sua reação à minha pergunta.

O Alex hesitou antes de responder.

— Não é uma coisa que alguma vez tenha desejado, é verdade. A Lili foi um choque inesperado e continuo a habituar-me a esta coisa de ser pai... Não sei se funcionaria com um bebé, não sei se teria a paciência...

Vi o medo nos seus olhos ao dizer aquilo e, em parte, quei mais tranquila.

— Ia correr muito bem, Alex — disse-lhe, aproximando-me dele e abraçando-o com força. — Também tenho medo, mas não há nada neste mundo que me deixe mais entusiasmada do que criar um bebé contigo.

Pôs-me o dedo debaixo do queixo para me levantar um bocadinho a cabeça e poder olhar-me nos olhos.

— Seria daqui a algum tempo, certo? Daqui a uns seis ou sete anos, quando a Lilia já estiver na faculdade... Ainda somos novos...

Sorri.

— Claro que sim... Não temos pressa, querido — aceitei, beijando-o no meio do peito.

Reparei em como todo o seu corpo se descontraía completamente.

Três anos depois

— É uma menina — confessei à Maggie quando nos sentámos num dos nossos cafés preferidos de Londres.

— Outra menina?! — exclamou, incrédula.

Anuí com um pouco de pena... Não por mim, mas pelo Alex.

— O que é que ele disse? — perguntou a minha amiga, abrindo muito os olhos.

— Ele está feliz, mas sei que ia car radiante se tivesse um rapaz —

respondi enquanto me virava para a Gracie e lhe punha o babete para não sujar a roupa.

A nossa primeira lha nasceu um ano depois de ter aquela conversa com o Alex na casa de banho. Podemos dizer que não foi planeada naquele momento das nossas vidas, mas foi a melhor notícia que, na altura, recebemos... O Alex demorou alguns meses a habituar-se à ideia, mas, ao contrário do que tinha ouvido a vida toda sobre os lhos separarem os casais, connosco tinha acontecido exatamente o contrário. Estávamos mais unidos do que nunca e adorávamos a nossa pequena Grace, com os seus caracóis escuros, a sua pele cor de azeitona e os seus olhos verdes bonitos. Era muito parecida comigo,

mas tinha os lábios e as pestanas do Alex.

— Claro que os espermatozoides dele não gostam muito de

trabalhar... — comentou a Maggie, sorrindo, ainda que a felicidade não lhe chegasse aos olhos.

O seu lho Nate estava a passar as férias com o Malcolm. Era a primeira vez, desde que tinha nascido, que o levava durante mais de dois dias seguidos e a minha amiga não estava a lidar muito bem com aquilo. Era normal, porque o Natie já tinha quase quatro anos.

— Estás contente? — perguntou-me nesse momento.

A verdade era que estava mesmo. Estava muito feliz por ter outra menina. Ser mãe da Gracie e da Lili era a melhor coisa que me tinha acontecido na vida. Acaricieei a barriga, que, nesta gravidez, parecia estar a crescer muito mais depressa do que na anterior, e sorri com ternura.

Outra menina...

Pouco depois, chegaram o Nate e o Alex. O primeiro inclinou-se para beijar a mulher nos lábios antes de nos cumprimentar, a mim e à pequenita. O Alex beijou-me no topo da cabeça e, depois, pegou na Gracie para a fazer voar pelo ar. A menina gritou, divertida, e eu quei a vê-los com um sorriso que me ocupava a cara toda.

O Alex sentou-se ao meu lado com a Gracie em cima dos joelhos.

— Já te contou? — perguntou o Alex, tando a Maggie.

O Nate sentou-se ao seu lado e olhou-nos, intrigado.

— Contou o quê? — quis saber.

A Maggie olhou para o Nate.

— Vão ter outra menina — respondeu, a sorrir.

O Nate abriu os olhos com surpresa e olhou para o amigo.

— Meu! Vais estar rodeado de mulheres!

O Alex olhou-me, divertido.

— Lá acabaste por conseguir o que querias — repreendeu-me,

fazendo cavalinho com o joelho em que a Grace estava sentada.

— Por mim, podemos continuar a tentar ter um rapaz... — disse-lhe e achei tanta graça à cara de pânico do Alex que não consegui deixar de me rir.

— Dissemos que era esta e pronto, lembrás-te, querida? —

acrescentou, suavizando o tom de voz no m da frase.

— Vamos lá ver... — repliquei, levando a chávena de café aos lábios.

Passámos aqueles natais em Bali, como já nos tínhamos habituado a fazer. Com as meninas, a nossa rotina de seis meses em Londres e outros seis meses em Bali não tinha sido assim tão simples de manter e íamos variando, dependendo das nossas necessidades. Havia vezes em que estávamos mais tempo na ilha e, outras, em que passávamos mais tempo em Londres. Não era fácil, mas conseguíamos fazê-lo.

À recém-chegada à família chamámos Anisa, como a minha mãe, embora todos comessem a tratá-la por Annie. Era muito pequena, tinha nascido um mês antes do termo e, ao contrário da Grace, era ruiva como a Lili.

Afastei o olhar da minha bebé e xei-o no Alex, que, naquele momento, colocava os enfeites de Natal com a Lili e a Grace, que estava presa à sua cadeirinha.

Alguém podia ser mais feliz?

O Alex deve ter sentido que eu estava a olhar para ele, porque levantou os olhos do que estava a fazer e, ao longe, procurou os meus.

Esboçou um sorriso tão grande que só consegui copiá-lo.

Tínhamos conseguido... Tínhamos conseguido fazer com que funcionasse, tínhamos construído uma família maravilhosa e o melhor de tudo era que nenhum de nós tivera de renunciar a nada que não estivesse disposto a renunciar.

Tínhamos encontrado o equilíbrio perfeito.

Tínhamos superado as dez mil milhas que nos separavam.

AGRADECIMENTOS

O meu décimo livro publicado! Quem diria? Quando penso nisso, nem

acredito, mas é tão real que tu, leitor, acabaste de o ler.

Concluí a escrita deste livro quando estavam a acontecer todo o tipo de coisas maravilhosas na minha vida. Foi escrito em Bali, foi escrito em comboios Sevilha-Madrid, quando viajei para lá para fazer a promoção do lme *Culpa Minha*, foi escrito em vários hotéis de Espanha, enquanto estava a promover *30 Sunsets*, foi escrito em aviões, a doze mil metros e foi terminado na Colômbia, com a minha editora a ita com a data de entrega e eu a ita com receio de não a conseguir cumprir.

E aqui estou eu a escrever os agradecimentos.

Depois de todas as horas, viagens e intermináveis dúvidas, chega o momento de entregar o livro tal como está e con ar nas pessoas que vão fazer dele a melhor versão de si próprio.

É por isso que tenho de agradecer à equipa incrível da Penguin Random House, por conseguir fazer com que as minhas histórias sejam o que são e voem tão alto como eu sempre quis que voassem.

Agradeço às minhas editoras, a Rosa e a Ada, por fazerem o impossível para ter mais tempo e fazerem com que chegássemos a tempo. Por acreditarem nesta história e fazer-lhe o lançamento com que sempre sonhei e com o qual vocês se superaram.

Agradeço à equipa de comunicação, à Melca e à Inma, por estarem aqui a acompanhar-me na promoção, nas viagens e a fazerem com que cada apresentação supere a anterior.

Agradeço à minha equipa do audiovisual, como lhes chamo, à Conxita, ao Jose e à Paula, por conseguirem fazer com que todos os meus sonhos se tenham realizado. Conseguimos o lme e conseguimos a tradução para inglês! Vocês são incríveis, a sério, faltam-me as palavras para descrever a qualidade do vosso trabalho.

Agradeço à minha família, à minha mãe, ao meu pai e às minhas irmãs por me apoiarem sempre, por continuarem ao meu lado nos meus momentos de fraqueza e me ajudarem a sonhar cada vez mais alto.

Agradeço ao meu futuro marido, Joaquín, por ter tido toda a paciência do mundo comigo e ter-se encarregado de todos os preparativos para o casamento enquanto eu concluía a escrita dos livros e lia os guiões. Sei que não foi fácil para ti, mas prometo que, a partir de agora, me vou

tornar na melhor *wedding planner* da história.

Agradeço às minhas leitoras zero, as minhas Belenes, a minha irmã e a minha amiga, vocês foram fundamentais neste livro. Ajudaram-me da forma mais inimaginável e zeram com que seja o melhor que alguma vez poderia ter feito. Obrigada.

Agradeço às minhas amigas, obrigada por continuarem a fazer parte da minha vida, e, em especial, à Eva e à Andrea, vocês são as minhas irmãs do coração, tal como a Nikki e a Maggie. Sei que, independentemente daquilo por que passar, estarão sempre lá como o pilar que me sustém nos piores momentos.

E, por último, mas não menos importante, agradeço-vos a vocês, leitores, obrigada por tudo o que fazem. Obrigada por recomendarem os meus livros, por formarem las intermináveis para conseguir um autógrafo, obrigada por falarem das minhas histórias no TikTok, por

terem tornado viral a estreia de *Minha Culpa* e por seguirem os meus passos com o mesmo entusiasmo do princípio. Este é um caminho que temos feito juntos e nunca conseguirei agradecer-vos o suficiente.

Vocês são os entardeceres de um sonho que espero que nunca termine.

Obrigada, obrigada e mil vezes obrigada.

Document Outline

- FICHA TÉCNICA
- PRÓLOGO
- CAPÍTULO 1
 - NIKKI
- CAPÍTULO 2
 - ALEX
- CAPÍTULO 3
 - NIKKI
- CAPÍTULO 4
 - ALEX
- CAPÍTULO 5
 - NIKKI
- CAPÍTULO 6
 - NATE
- CAPÍTULO 7
 - ALEX
- CAPÍTULO 8
 - NIKKI
- CAPÍTULO 9
 - MAGGIE
- CAPÍTULO 10
 - ALEX
- CAPÍTULO 11
 - NIKKI
- CAPÍTULO 12
 - MAGGIE
- CAPÍTULO 13
 - NATE
- CAPÍTULO 14
 - ALEX
- CAPÍTULO 15
 - NIKKI
- CAPÍTULO 16
 - NIKKI
- CAPÍTULO 17
 - ALEX
- CAPÍTULO 18
 - NIKKI
- CAPÍTULO 19
 - ALEX

- CAPÍTULO 20
 - MAGGIE
- CAPÍTULO 21
 - NIKKI
- CAPÍTULO 22
 - NIKKI
- CAPÍTULO 23
 - ALEX
- CAPÍTULO 24
 - NIKKI
- CAPÍTULO 25
 - NIKKI
- CAPÍTULO 26
 - MAGGIE
- CAPÍTULO 27
 - NATE
- CAPÍTULO 28
 - ALEX
- CAPÍTULO 29
 - NIKKI
- CAPÍTULO 30
 - ALEX
- CAPÍTULO 31
 - NIKKI
- CAPÍTULO 32
 - ALEX
- CAPÍTULO 33
 - NIKKI
- CAPÍTULO 34
 - NATE
- CAPÍTULO 35
 - NIKKI
- CAPÍTULO 36
 - ALEX
- CAPÍTULO 37
 - NIKKI
- CAPÍTULO 38
 - MAGGIE
- CAPÍTULO 39
 - ALEX
- CAPÍTULO 40
 - NIKKI
- EPÍLOGO
- AGRADECIMENTOS